

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO

**A LEITURA JORNALÍSTICA NA CONTEMPORANEIDADE:
NOVAS E VELHAS PRÁTICAS DOS LEITORES DE *ZEROHORA.COM***

Anna Paula Knewitz

Porto Alegre

2010

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO

**A LEITURA JORNALÍSTICA NA CONTEMPORANEIDADE:
NOVAS E VELHAS PRÁTICAS DOS LEITORES DE *ZEROHORA.COM***

Anna Paula Knewitz

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Comunicação e Informação.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Nilda Jacks

Porto Alegre

2010

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO

A banca examinadora, abaixo assinada, aprova a dissertação “A leitura jornalística na contemporaneidade: novas e velhas práticas dos leitores de *Zerohora.com*”, elaborada por Anna Paula Knewitz, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Comunicação e Informação.

Prof. Dr. Alex Primo – PPGCOM/ UFRGS

Prof^a. Dr^a. Jiani Adriana Bonin – UNISINOS

Prof^a. Dr^a. Virgínia Pradelina da Silveira Fonseca – PPGCOM/ UFRGS

Porto Alegre, 11 de maio de 2010.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, pelas oportunidades que sempre buscaram me proporcionar e pelo constante estímulo.

À Professora Nilda Jacks, pelo interesse, pelas pertinentes sugestões e, principalmente, pelo conhecimento compartilhado.

Ao Lourenço, pelo carinho e pela companhia nos momentos em que mais precisei.

Aos leitores entrevistados, pela disponibilidade e cooperação.

À Secretaria da Fazenda do Estado do Rio Grande do Sul, pelo apoio e flexibilidade.

É a própria noção de leitura que está em questão, [...] pois a visualidade eletrônica passou a ser parte constitutiva da visibilidade cultural, essa que é ao mesmo tempo meio tecnológico e novo imaginário.

Martín-Barbero

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo analisar a forma pela qual se dá a convivência entre as práticas relacionadas ao jornal impresso e ao webjornal, de modo a compreender a configuração da leitura jornalística contemporânea. Para tanto, tem-se como referencial a *Teoria das Mediações* de Martín-Barbero (2004), um aporte que se entende flexível o suficiente para acolher no âmbito dos Estudos Culturais um objeto tipicamente abordado nos domínios da Cibercultura. Tendo como objeto empírico o portal *Zerohora.com*, a presente pesquisa está estruturada em dois eixos de análise: um diacrônico (jornal impresso → jornal digital), preocupado em identificar rupturas e continuidades entre essas modalidades jornalísticas, e outro sincrônico (tecnicidades → ritualidades), destinado a examinar como as transformações que a tecnologia efetua nas linguagens e formatos, nas relações espaço-temporais e nas relações socioculturais são incorporadas no cotidiano dos leitores. Os dados que alimentam ambos os vetores de investigação foram coletados por entrevistas etnográficas. Como resultados, expõe-se uma série de práticas relativas a seis categorias analíticas: coordenadas de leitura, preferências de suporte, formas de participação, percursos de leitura, usos de multimídia e modos de atualização – traços que balizam, por fim, a proposição de uma tipologia de leitura.

ABSTRACT

The objective of this study is to analyse the way practices related to print newspaper and online newspaper coexist, so as to comprehend the configuration of the contemporary journalistic reading. In order to do so, the *Mediation Theory* of Martín-Barbero (2004) was taken as reference, a contribution considered to be flexible enough to accept within the scope of Cultural Studies an object typically approached in Cyberculture domains. The present research selected as empirical object *Zerohora.com* portal and was structured in two axes of analysis. A diachronic axis (print newspaper → digital newspaper), which was concerned with identifying ruptures and continuities between these two journalistic modalities; and a synchronic axis (technicalities → rituals), which was destined to examine how changes made by technology on languages and formats, in space-time and sociocultural relations were incorporated into the readers' everyday lives. The data that fed both vectors of investigation were collected by ethnographic interviews. The results are presented as a series of practices related to six analytical categories: reading coordinates, support preferences, reading pathways, participation forms, uses of multimedia resources and ways of updating – lines which finally delimited the proposition of a reading typology.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: <i>Homepage de Zerohora.com</i>	102
Figura 2: <i>ZH pelo Índice</i>	103
Figura 3: <i>ZH Virtual</i>	104
Figura 4: <i>Seção Participe</i>	105
Figura 5: <i>Representação Gráfica da Teoria das Mediações</i>	113
Figura 6: <i>Matriz de sistematização das falas dos leitores por categoria analítica</i>	119

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Perfil dos leitores entrevistados	123
Quadro 2: Pontos que os leitores entrevistados gostam e não gostam nas versões digital e impressa de Zero Hora	134
Quadro 3: Locais e horários de leitura dos entrevistados em jornal impresso e digital	137
Quadro 4: Suporte de preferência dos leitores entrevistados	148
Quadro 5: Exploração dos recursos de interação pelos leitores entrevistados	156
Quadro 6: Comparativo dos ritos de percurso dos leitores entrevistados em jornal impresso e digital	173
Quadro 7: Exploração dos recursos de áudio e vídeo pelos leitores entrevistados	183
Quadro 8: Resumo das características da <i>leitura de contextualização</i>	201
Quadro 9: Resumo das características da <i>leitura de atualização</i>	207
Quadro 10: Resumo das características da <i>leitura de projeção</i>	210

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 MEDIAÇÕES E USO SOCIAL DOS MEIOS	17
2.1 O Receptor: dos estudos culturais aos estudos ciberculturais	18
2.2 O lugar da tecnologia: dos meios às mediações	24
2.3 O diálogo das mediações: das tecnicidades às ritualidades	29
3 RITUALIDADES E (RE)CONFIGURAÇÕES CULTURAIS	34
3.1 O rito: do pragmático ao simbólico	35
3.2 As práticas midiáticas: da cultura de massas à cibercultura	46
3.3 O jornalismo: do impresso ao digital	51
4 TECNICIDADES E WEBJORNALISMO	59
4.1 A ação: da atividade à interatividade	62
4.2 A escrita: do texto ao hipertexto	71
4.3 A linguagem: da mídia à multimídia	80
4.4 O tempo: da cronologia à instantaneidade	87
5 ZEROHORA.COM E OS ESPAÇOS DOS LEITORES	100
5.1 Um breve histórico: de Zero Hora a <i>Zerohora.com</i>	100
5.2 Os espaços dos leitores: das cartas aos cliques	106
6 RECORTES E CONSTRUÇÕES METODOLÓGICAS	111
6.1 Os procedimentos: da teoria à prática	112
6.2 A entrevista etnográfica: da coleta à sistematização dos dados	116
7 OS LEITORES E SEUS RITOS	121
7.1 Os espaços e tempos: do momento ao acompanhamento	135
7.2 O suporte: do papel às telas	147
7.3 O uso dos recursos tecnológicos: dos prós aos contras	155
7.3.1 Os ritos de participação	155
7.3.2 Os ritos de percurso	169
7.3.3 Os ritos multimidiáticos	182
7.3.4 Os ritos de atualização	187
8 SUBSTITUIÇÕES E COMPLEMENTARIDADES DOS MEIOS	197
8.1 A leitura de contextualização	197
8.2 A leitura de atualização	202
8.3 A leitura de projeção	208
9 CONCLUSÕES	213
REFERÊNCIAS	221

1 INTRODUÇÃO

Os chamados *estudos de recepção* concentram-se, no Brasil, a partir da metade da década de 1980, mas já no início do século a relação entre o público e os veículos de comunicação era objeto de investigação na esfera internacional. Desde então, a concepção de receptor, acompanhando as sobreposições cronológicas e as constatações pendulares das teorias comunicacionais, foi tomando várias formas: o receptor-manipulado, o receptor-persuadido, o receptor-influenciado, o receptor-consumidor, o receptor-interpretante, o receptor-cultural, entre outras possíveis percepções. Depreende-se daí que o processo de recepção é vivo e coerente com o cenário social de cada momento histórico, necessitando, portanto, de constantes revisões e desdobramentos.

Mesmo diante dessas instabilidades, de acordo com Sousa (1995, p.13), alguns estudiosos vêem como “inócuo e desnecessário indagar hoje sobre o sujeito da recepção, e outros entendem que a questão da recepção é temática já exaurida”. Vista sob as lentes reducionistas das vertentes funcionalista e crítica, a recepção é realmente uma questão que apresenta restritas inovações. No entanto, com o reconhecimento das mediações culturais e com o surgimento de novas tecnologias, meios e formas de subjetivação, restaura-se o interesse acerca do receptor, e emerge a necessidade de revisitar práticas que o envolvem, bem como conceitos e métodos utilizados em sua

compreensão. O que este trabalho pretende é justamente adentrar essa discussão, inferindo daí influências que os rearranjos espaço-temporais, de linguagem e socioculturais, trazidos pela tecnologia, estão exercendo sobre o modo pelo qual os sujeitos se relacionam com formatos jornalísticos em sua vida cotidiana.

A descrita abordagem estará assentada, em especial, no webjornalismo¹, mais precisamente no portal *Zerohora.com*. A opção pelo webjornalismo se deu por ser um fenômeno crescente e também por propiciar um paralelo direto com o jornalismo impresso, uma comparação fundamental quando o que se busca enfatizar são as continuidades e as rupturas nas formas de acessar, ler e incorporar notícias. Já a escolha de *Zerohora.com* como objeto de análise justifica-se por ser o maior portal de notícias do sul do país, pela facilidade de acesso ao público que o lê, por apresentar um correlato em versão impressa e por ter características que permitem enquadrá-lo no que posteriormente será descrito como a terceira geração do webjornalismo.

A investigação de tal objeto se dará movida pelo seguinte questionamento: Como, hoje, está configurada a leitura jornalística? A resposta a essa pergunta será buscada em um mergulho empírico nas práticas de um grupo de leitores² do portal

¹ Tendo em vista a ausência de consenso acerca da terminologia a ser utilizada quando se faz referência ao jornalismo praticado na Internet, Mielniczuk (2003) problematiza algumas nomenclaturas não excludentes que podem ser utilizadas, chegando às seguintes definições: o jornalismo eletrônico é o que “utiliza de equipamentos e recursos eletrônicos”, o jornalismo digital ou multimídia é o que “emprega tecnologia digital, todo e qualquer procedimento que implica no tratamento de dados em forma de *bits*”, o ciberjornalismo “envolve tecnologias que utilizam o ciberespaço”, o jornalismo *on-line* “é desenvolvido utilizando tecnologias de transmissão de dados em rede e em tempo real” e o *webjornalismo* “diz respeito à utilização de uma parte específica da Internet, que é a *Web*” (MIELNICZUK, 2003, p.4).

² Como este trabalho analisará sujeitos que têm ou tiveram por hábito acessar notícias não só na *Web* com também em jornal impresso, optou-se por privilegiar o termo *leitor* para designá-los, reconhecendo, obviamente, que ler em papel e ler em tela são processos bastante distintos. Isso não significa desaprová-lo o uso de outras denominações em situações específicas. Natansohn (2007), ao problematizar a nomenclatura do sujeito da recepção da Internet, conclui que *usuário* é palavra mais adotada nos estudos da área. No que diz respeito aos leitores de jornalismo digital, Moherdau (2005) elege a expressão *usuário de notícias da Web* para nomeá-los. Além de referenciar outros autores que utilizam tal ou similar denominação, ela, ao justificar sua escolha, alega o fato de o termo *usuário* ser o utilizado pelos institutos que medem a frequência de navegação nos *sites*. Para a autora, “o usuário desempenha vários papéis, e entre eles está o da leitura” (p.25). Dessa afirmação, pode-se inferir que Moherdau (2005) considera *usuário* um conceito mais amplo que *leitor*. Este trabalho não fará essa diferenciação. Por outro lado, Primo (2003) alerta para as limitações do conceito de *usuário*: “Infelizmente, o termo ‘usuário’ que acabou substituindo ‘receptor’ é mais jovem, mas nasce com o mesmo espírito envelhecido” (PRIMO, 2003, p.132). Para ele, usuário é aquele que apenas usa um pacote pré-determinado de configurações, por isso propõe a expressão *interagente*. Da mesma maneira que *usuário*, *interagente* também será utilizado para fazer menção ao leitor que navega na Internet, sobretudo quando for recomendável destacar que se está falando de uma situação de interação. O termo *receptor*, por fim, mesmo com sua já clássica limitação semântica, agravada diante da mobilidade das redes, será adotado quando houver a necessidade de opor-se a *emissor*, no âmbito das teorias comunicacionais.

Zerohora.com que também lê ou costumava ler o jornal Zero Hora em papel. Fez-se questão de pesquisar sujeitos adeptos a ambas as versões por acreditar que ler jornal, na atualidade, envolve misturar propósitos, gestos, sensibilidades e habilidades dos formatos impresso e digital.

[Os gêneros e os meios] são hoje lugar de complexas tramas de resíduos e inovações, de anacronias e modernidades, de assimetrias comunicativas que envolvem, da parte dos produtores, sofisticadas “estratégias de antecipação” e, da parte dos espectadores, a ativação de novas e velhas competências de leitura (MARTÍN-BARBERO, 2004, p.236).

Ver como essas novas e velhas práticas coabitam e, ao mesmo tempo, compõem a leitura jornalística contemporânea é o principal objetivo deste estudo. Já como objetivos específicos destacam-se:

- a. Identificar, descrever e analisar novas e velhas práticas comunicacionais e socioculturais dos leitores de *Zerohora.com*;
- b. examinar como as questões tecnológicas estão alterando o relacionamento dos leitores com os formatos e conteúdos jornalísticos;
- c. investigar interferências da nova modalidade de jornalismo sobre a concepção das relações espaço-temporais e socioculturais;
- d. identificar novos sentidos de ler jornal, através das práticas dos leitores e da capacidade ritualística dos meios;
- e. aproximar os estudos culturais dos estudos ciberculturais para enfrentar com mais desenvoltura as implicações tecnológicas no âmbito das práticas culturais.

Para tanto, este trabalho está estruturado em oito capítulos. No capítulo 2, imediatamente posterior a este introdutório, será feita uma breve retomada do conceito de receptor, indo dos meios tradicionais até a Internet, onde os referenciais que até então eram utilizados para investigá-lo parecem embrenhar-se em uma zona turva, cheia de colapsos e inovações. Em meio a essa obscuridade, “parece ser oportuno abrir novas perspectivas de abrangência deste fenômeno comunicacional da aurora do século XXI, buscando na interdisciplinaridade a contribuição de cada parte para a compreensão do holograma” (MARTINS, 2007, pp.4-5). Assim, ainda neste capítulo, o *Modelo das Mediações*, de Martín-Barbero (2004), será apresentado e proposto como lugar de encontro para duas perspectivas que se acredita terem importantes contribuições a dar

ao estudo do leitor da *Web*: os Estudos Culturais e a Cibercultura. O entrelaçamento entre essas duas áreas se dará por meio do diálogo que se almeja promover entre duas mediações apropriadas do mapa barberiano: *tecnicidades* e *ritualidades*, sendo a primeira utilizada para abordar as inovações tecnológicas e a segunda para demonstrar como elas são incorporadas e reorganizam as práticas cotidianas.

No terceiro capítulo, o conceito de ritualidade será tensionado, de modo a destacar características que evidenciam seu papel de gerenciar e “negociar” a integração dos avanços tecnológicos no tecido cultural. Na sequência, em uma narrativa orientada pela trajetória da mídia, será demonstrado como essas “negociações” vêm se dando na prática, isto é, como as linguagens e sensibilidades despertadas pelos meios de comunicação vêm, através dos rituais de recepção, uso e consumo, inserindo-se no dia-a-dia das pessoas e consolidando, ao longo do tempo, diversas e cada vez mais complexas formulações culturais. Por fim, será lançado um olhar inicial sobre esses trâmites nos contornos do jornalismo, explanando resumidamente sua “evolução”.

Após delimitar o entendimento de ritualidade, será a vez de, no capítulo 4, delinear que mudanças de ordem técnica integrarão, neste trabalho, o âmbito das tecnicidades. Nesse sentido, empenha-se em expor uma série de transformações que as consagradas características do webjornalismo (interatividade, hipertextualidade, multimídia, atualização instantânea, personalização e memória) vêm introduzindo no modo de produzir, apresentar e, principalmente, ler o conteúdo jornalístico. Serão exploradas, sobretudo, permanências e renovações com relação ao jornalismo impresso, uma vez que essa mesma confrontação virá a perpassar toda a pesquisa.

Apresentar o objeto empírico, o portal *Zerohora.com*, é o objetivo do capítulo 5, e situá-lo na perspectiva de Martín-Barbero, o do capítulo 6. Com esse intento, serão traçados dois prismas de análise: um histórico, focado nas diferenças entre os processos de recepção, uso e consumo do jornal impresso e do jornal digital, e outro sincrônico, no qual se quer, por meio das tecnicidades e ritualidades, deduzir a ingerência da tecnologia sobre as práticas cotidianas dos leitores. Os dados qualitativos que alimentarão essas duas perspectivas de investigação serão recolhidos com entrevistas etnográficas realizadas junto a 16 leitores, de ambos os sexos e de variadas idades e áreas de formação. Ainda no citado capítulo, encontram-se expostos, de forma mais

detalhada, os procedimentos metodológicos da pesquisa empírica. Nos três últimos capítulos, conclusivamente, serão analisados e compartilhados os resultados alcançados.

Por essa pesquisa trabalhar permanentemente com duas lógicas, a lógica de leitura em formato impresso e a lógica de leitura em formato digital, optou-se por tomar emprestada a estrutura da expressão *Dos meios às mediações*, que Martín-Barbero (1997) utiliza ao introduzir sua primeira proposta acerca das mediações, para organizá-la. É importante esclarecer, contudo, que essa “dualidade” presente em alguns subtítulos foi criada meramente com finalidade didática e que, mantendo a intenção da expressão original, o que se defende é uma ampliação do ângulo de visão e não a exclusão de um conceito em função de outro. Não se está falando de uma lógica melhor que outra ou, muito menos, contrária à outra, tratam-se de lógicas que coexistem e se complementam. A ideia de “deslocamento” que, por vezes, pode ser inferida dessa escolha deve ser compreendida como um deslocamento de ênfase e jamais como um movimento dicotômico, uma vez que uma das coisas a que se dispõe aqui é justamente romper concepções polarizadas em busca de uma visão integrada das práticas dos leitores.

O leitor do mundo contemporâneo é ainda pouco conhecido, pois ele vem ancorado em um contexto em construção. Com a digitalização dos fluxos comunicacionais, a ordem midiática passa por transmutações no que diz respeito à velocidade de publicação de informações e à expansão do volume das mesmas, às práticas interativas, à escrita hipertextual, à eliminação de distâncias físicas, enfim, mudam as formas de produção, de apresentação e armazenamento, muda o produto midiático, muda a maneira de circulação e assimilação. O leitor se obriga, nessa conjuntura, a rever sua postura para driblar uma crescente e acelerada defasagem que se estabelece entre o ritmo das inovações nas práticas de comunicação e o ritmo social em que está inserido. Enquanto a sociedade busca adaptar-se a esse redesenho, cabe à academia investir um olhar crítico sobre a adesão a essa nova realidade, atentando para os descompassos que nela vieram embutidos.

Junto à mobilidade técnica trazida pela Internet, vem um novo modo de consolidar valores, de assimilar a realidade, de relacionar-se com os outros e consigo mesmo, de identificar-se com a comunidade, de perceber o passado, de vivenciar experiências, enfim, uma nova forma de organização social e, conseqüentemente, uma nova maneira de enxergar os processos de recepção e leitura. A *Web* apaga ou

transforma vários referenciais utilizados pelo leitor ao atribuir sentido (tempo, espaço, identidade, relacionamentos sociais etc.), tornando necessário que se repense diversos dados da trama cultural que ampara as significações. Estudos sobre essa nova sistemática são fundamentais para que se reinterprete a relação entre sujeitos e meios na atualidade.

A pesquisa acerca dessas mutações é, na verdade, importante para a compreensão de todo o processo de comunicação. O deslocamento do receptor passivo – premissa dos estudos críticos e funcionalistas – para um receptor ativo – reforçado pelos Estudos Culturais – já foi problematizado por décadas, mas a “transição” desse receptor ativo para o “receptor interativo” das redes ainda não está amadurecida. A Internet borra a fronteira entre as esferas de emissão e de recepção, fazendo com que o receptor saia de sua posição de atribuidor de sentido para interferir na própria construção da mensagem. Essa hibridação põe em questão o esquema clássico de comunicação. Silva (2000, p.117) defende que a *modalidade interativa* trouxe mudanças na pragmática e na própria teoria da comunicação: “a teoria da comunicação não será mais a mesma a partir dessa transformação que opera em seus fundamentos”. Nesse sentido, os dados levantados por este trabalho incluem-se nesse amplo movimento que vem buscando reconsiderar a lógica do processo comunicacional.

Finalmente, o estudo pode representar uma contribuição direta à prática dos jornalistas e *webdesigners*, visto que almeja fornecer novas informações sobre os leitores de portais de notícias. Segundo Natansohn (2007), são escassos os trabalhos que se dedicam a uma reflexão qualitativa dos processos de recepção, usos e consumo de produtos no ambiente da Internet. Andando no fluxo daqueles que se empenham para suprir essa deficiência da área, este trabalho, ao incrementar os dados existentes sobre leitores na *Web*, pode subsidiar os produtores na adequação dos formatos às expectativas e necessidades dos usuários.

2 MEDIAÇÕES E USO SOCIAL DOS MEIOS

Se até a década de 1970 os estudos de comunicação, ancorados no funcionalismo e nas ideias da Escola de Frankfurt, viam o receptor como um elemento passivo, nos anos 1980 essa posição é desmistificada pelos Estudos Culturais, que abordam as noções de texto polissêmico, de comunicação mediada e de sujeito histórico, culturalmente localizado. Passa-se a ver o receptor não como uma caixa vazia, mas como um polo criativo, que produz sentido a partir de seus referenciais.

Desde os anos 1990, e principalmente 2000, com a disseminação da nova mídia, essas noções parecem cair num cenário ambivalente, que, ao mesmo tempo em que as reforça, promove uma virada. A Internet não só corrobora a ideia de sujeito ativo, como faz com que essa *atividade* extrapole os processos mentais e ganhe materialidade através dos recursos interativos; não só corrobora a ideia de texto polissêmico, como, por meio do hipertexto e da multimidialidade, torna as opções interpretativas ainda mais vastas; não só corrobora a ideia de receptor culturalmente inserido, como recharacteriza o próprio cenário cultural.

Essa ambiguidade entre o que permanece e o que muda configura um desafio para o pesquisador, que precisa romper receitas teórico-metodológicas para investigar um cenário repleto de correlações ainda nebulosas. Faz-se necessário pensar num quadro teórico capaz de explorar os ensinamentos do campo para analisar o que há de

precedente no fenômeno, mas também flexível e prolongado o suficiente para abarcar suas inovações. Este trabalho busca enfrentar esse impasse a partir de um entrelaçamento dos legados dos Estudos Culturais, que historicamente vêm servindo de base para a maioria dos estudos de recepção na América Latina, com o aporte trazido pela Cibercultura, que vem sustentando pesquisas sobre “receptores” no ciberespaço. Neste capítulo pretende-se justificar a opção por aproximar essas duas áreas para pensar as práticas dos leitores contemporâneos, bem como apresentar a estratégia que será utilizada para estabelecer uma ponte entre elas.

2.1 O receptor: dos estudos culturais aos estudos ciberculturais

Desde suas origens, os estudos de comunicação foram fortemente influenciados pelos paradigmas positivista e marxista. Esses dois caminhos epistemológicos inspiraram, respectivamente, as teorias funcionalista e crítica, que, juntas, guiaram o modo de conceber o receptor por um período de aproximadamente meio século. Enquanto no funcionalismo, os meios de comunicação de massa são concebidos como instrumentos para o alcance de metas específicas, na teoria crítica são tidos como meros reprodutores das relações econômicas. Em comum, essas perspectivas apresentam uma limitação: “o fato de ambas se referirem a uma teoria informacional dos processos comunicativos” (WOLF, 2002, p.100), capaz de ver na “recepção unicamente um lugar de chegada e nunca um lugar de partida, isto é, também de produção de sentido” (MARTÍN-BARBERO, 1995, p. 41).

Nos anos 1980 é que se começa a incorporar uma terceira via paradigmática, de ordem antropológico-fenomenológica, que defende a interpretação da ação social dentro do contexto em que é vivenciada pelos indivíduos. Só a partir de então é que a dimensão cultural foi inserida nos estudos de comunicação. “Pensar a comunicação desde a cultura é fazer frente ao pensamento instrumental que tem dominado o campo da comunicação desde seu nascimento, e que hoje se autolegitima apoiado no otimismo tecnológico” (MARTÍN-BARBERO, 2004, p. 212). Esse reconhecimento da cultura colaborou não só para que se questionasse o papel passivo que se julgava ser exercido

pelo receptor, como para que se compreendesse que o sentido ultrapassa as formulações textuais. A recepção, com isso, deixa de ser tida como um polo apático de um processo *etapista*, passando, antagonicamente, a ser concebida como um polo ativo de um processo social.

O ingresso dos Estudos Culturais na trajetória da comunicação vem a reforçar essa virada. O receptor, tratado a partir das contribuições dos Estudos Culturais,

(...) ocupa um espaço contraditório, o da negociação, o da busca de significações e de produções incessantes de sentido na vida cotidiana. O receptor deixa de ser visto, mesmo empiricamente, como consumidor necessário de supérfluos culturais ou produto massificado apenas porque consome, mas resgata-se nele um espaço de produção cultural; é um receptor em situações e condições, e por isso mesmo cada vez mais a comunicação busca na cultura as formas de compreendê-lo, empírica e teoricamente (SOUSA, 1995, p. 26-27).

Emersos no final dos anos 1950 e começo dos anos 1960, na Inglaterra, os Estudos Culturais só explicitam interesse pelo tema da recepção, nos termos que hoje se conhece, em 1973, quando Stuart Hall publica o texto *Encoding and Decoding in Television Discourse*. Nele, o autor, por meio do conceito de *código negociado*, semeia a crença de que o sentido não advém exclusivamente do texto. Em 1980, o modelo de Hall ganha concretude com o trabalho *The Nationwide Audience*, de David Morley. A partir dessa obra que, segundo Escosteguy (2005), marca o ingresso do sujeito de “carne e osso” nos estudos de recepção, os pesquisadores, a fim de compreender o receptor em sua subjetividade, passam a mergulhar no seu ambiente doméstico e cultural.

Abrem-se, dessa forma, os caminhos para a etnografia de audiência. Partindo do pressuposto de que o acesso ao simbólico se dá pelas ações, a etnografia propõe uma análise profunda e uma descrição densa dos fenômenos socioculturais para extrair interpretações do discurso social e examinar como a cultura se traduz nas práticas cotidianas. Ver o mundo a partir dos sentidos dados pelos pesquisados e extrapolar a objetividade simplificadora do método quantitativo são algumas vantagens da opção pela etnografia. Gomes (2005) salienta ainda a importância da etnografia para tirar os estudos de recepção do âmbito especulativo. Para ela, essa técnica parece “oferecer solução à tensão que os Estudos Culturais viviam entre sua predileção pelas experiências vividas e sua propensão à teorização” (GOMES, 2005, p.200).

Mantendo essa insistência na pesquisa empírica e no uso de metodologias qualitativas de investigação, esses estudos de audiência começaram a internacionalizar-

se. Nesse momento, segundo Gomes (2005), as pesquisas de recepção, a que ela prefere chamar de pesquisas de consumo cultural, ramificam-se em uma vertente inglesa, preocupada com as “relações entre cultura, poder e sociedade e que, portanto, continua analisando o consumo cultural com referência ao contexto mais amplo das relações sociais” (GOMES, 2005, pp.190-191), e em uma vertente norte-americana, menos politizada e com a atenção voltada às práticas de consumo.

Na América Latina, que desde décadas anteriores vinha apostando na consciência política como forma de resgatar o receptor da dominação imposta pela perspectiva do imperialismo cultural, as pesquisas de recepção emergem, em meados dos anos 1980, estruturadas em torno das culturas populares e do conceito de *hegemonia*. Mais tarde, passam a ser regidas essencialmente pelo referencial teórico-metodológico construído por Martín-Barbero, que propõe um deslocamento analítico dos meios às mediações. “Esta é uma epistemologia que busca escapar aos dualismos e que busca também transcender a lógica de efeitos e instrumentos” (OROZCO, 2008, p. 138)³. Trata-se de “uma teoria que pretende compreender a complexidade e as contradições da experiência cultural nas sociedades contemporâneas, mirando os meios de comunicação não como um aparato ou instrumento, mas como constitutivos das práticas sociais” (GOMES, 2005, p.204), o que faz com que, para Martín-Barbero, a comunicação seja um lugar estratégico para se pensar a sociedade, e a instância da recepção seja um lugar estratégico para se repensar a comunicação.

Desse modo, a passos largos, chega-se aos anos 1990, quando, sobretudo em função da Internet, o mundo passa por reordenamentos que demandam dos Estudos Culturais mais atenção para as questões tecnológicas. Segundo Natansohn (2007), a aproximação entre temáticas vinculadas às tecnologias computacionais e ao campo das teorias críticas e culturais enfrentou algumas barreiras, pois “o debate sobre a tecnologia sofreu, até entrados os 90, de acusações fortemente ideologizadas, que denunciavam os efeitos homogeneizantes da tecnologia eletrônica” (Natansohn, 2007, p. 11). Hoje “a cibercultura tem mostrado que a oposição entre a cultura e a tecnologia não é mais sustentável” (LEMOS, 2007, p.262), mas a interface dessa área com os estudos de recepção, onde se acredita localizar as bases teórico-metodológicas para os estudos sobre o leitor na *Web*, ainda vem sendo lapidada.

³ Texto original: *Esta es una epistemología que busca escapar a los dualismos e que busca también transcender la lógica de efectos e instrumentos.*

No âmbito internacional, esse processo de aproximação começou já nos anos 1990, quando surgiram os primeiros estudos empíricos de Internet. Press e Livingstone (2007) destacam entre os pioneiros o trabalho *Life on the Screen: Identity in the Age of Internet* (1995), em que Sherry Turkle centra-se na discussão textual para estudar a fluidez identitária nas comunidades *on-line*. Segundo as autoras, esse trabalho surge em um momento em que os estudos em Internet se davam divididos em duas lógicas metodológicas: uma focada na vida em frente à tela e outra na vida na tela. Enquanto as pesquisas centradas na vida na tela, de acordo com elas, pecavam por não oferecer dados do contexto socioeconômico e cultural em que a recepção se dá, como é o caso do trabalho de Turkle, as centradas na vida em frente à tela deixavam em segundo plano o envolvimento das pessoas com o conteúdo *on-line*; buscavam compreender como as pessoas se apropriavam da Internet em sua vida cotidiana, mas entendendo-a como sinônimo de *computador*.

Em um segundo momento, já nos anos 2000, aparecem estudos contempladores desses dois pontos de vista, mas que, conforme Press e Livingstone (2006), pouco exploram a complementaridade entre eles. Apesar das deficiências, esses estudos abrem portas para uma instância inovadora das pesquisas de recepção, que Formas et al (*apud* PRESS e LIVINGSTONE, 2006, p.184) descrevem como

(...) um grupo em expansão de estudos ciberculturais, combinando mídia e estudos culturais com pesquisa na Internet. Esse campo, que vem crescendo rapidamente, atravessa e revisa certos limites tradicionais como os que envolvem identidades, comunidades, formas de recepção ou de uso da mídia, gêneros textuais, tipos de mídia, tecnologias e métodos de pesquisa⁴.

No Brasil esse campo vem se estruturando em um ritmo mais lento. Um panorama da pesquisa brasileira em comunicação sobre recepção na década de 1990, traçado por Jacks, Menezes e Piedras (2008), endossa essa afirmação. Ao analisarem teses e dissertações do período, as autoras evidenciam a não-representatividade da Internet entre as produções empíricas de abordagem sociocultural. Mostram que, enquanto o rádio figurou como objeto de 50 estudos e a televisão, o meio mais investigado no país na época, foi foco de análise em 136 trabalhos, a Internet ainda não aparecia como alvo dos pesquisadores da área.

⁴ Texto original: (...) *an expanding tribe of cyber-cultural studies, combining media and cultural studies with Internet research. This rapidly growing field crosses and reworks certain traditional borderlines such as those concerning identities, communities, forms of reception or media use, textual genres, media types, technologies, and research methods.*

No entanto, uma extensão dessa pesquisa para anos 2000-2005, sintetizada parcialmente no artigo *Pesquisa de Recepção: empírica por natureza* (Jacks et al, 2010), aponta para a Internet entrando em pauta. Na análise, efetuada pelo núcleo de pesquisa *Cultura e Recepção Midiática* da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, foram encontrados seis trabalhos empíricos de recepção, de cunho sociocultural, em ambientes virtuais (COSTA, 2002; RAMOS, 2002, ROCHA, 2003; SCOSS, 2003; MORAES, 2004; GOUVEIA, 2004). A constatação é de que, além de gradual, esse ingresso, ao longo da primeira meia década deste século, se deu sobre uma base teórico-metodológica ainda deficiente.

Por outro lado, Silva (2007) mostra que a recepção vem conquistando espaço entre os trabalhos da área da Cibercultura. Ao analisar os contornos que as pesquisas empíricas em Comunicação e Cibercultura foram tomando ao longo do tempo, ele situa os estudos de recepção dentro do que ele chama de *nós* ou *vetores-chaves* mais recorrentes, isto é, os “componentes mais centrais dos processos de comunicação no ciberespaço sobre os quais estão questões, problemas, dilemas, escolhas e caminhos adotados por um determinado estudo pragmático” (SILVA, 2007, p.9). Os quatro vetores-chaves mencionados pelo autor são: *design*, conteúdo, apropriação e fluxo comunicativo. Mesmo que as características e potencialidades comunicativas do canal (*design*), a estruturação simbólica e cognitiva das mensagens (conteúdo) e as regras da dinâmica de comunicação (fluxo) não sejam fatores alheios ao modo pelo qual as pessoas atribuem sentido aos conteúdos disponíveis na Internet, os estudos de recepção, segundo ele, localizam-se centralmente no vetor da *apropriação*, que dá conta de “como o conjunto de indivíduos consome o conteúdo ordenado no *medium* e quais as repercussões sociais disto” (SILVA, 2007, p.10).

Mesmo que o conceito de *apropriação* de Silva (2007) contemple concomitantemente conteúdo e repercussões sociais, Natansohn (2007) discorda que esses elementos tenham se mostrado fundamentalmente presentes nas atuais pesquisas de recepção na Internet. Em um estudo sobre o que há e o que falta nos estudos de recepção e leitura na *Web*, uma das conclusões da autora é que:

Parece haver um interesse empírico e instrumental, imediato, em saber o que faz o leitor na *Web*, abrindo-se uma região de sombra sobre os processos de percepção, reconhecimento, interpretação, em relação a processos mais globais, social, político e culturalmente significativos. Ainda, parece que o conteúdo foi deixado de lado porque a preocupação com a representação foi

esquecida, substituída pelas novidades que nos colocam as formas novas de comunicação (NATANSOHN, 2007, p. 6).

Natansohn (2007) detecta ainda que, talvez por essa ênfase desmedida na investigação sobre os usos do meio técnico, as pesquisas de recepção na *Web* optam prioritariamente pelo método quantitativo. “Os métodos quantitativos de medição da audiência são os mais validados e discutidos, deixando na escuridão a compreensão qualitativa dos processos de recepção, de uso e de consumo de produtos no ambiente digital” (NATANSOHN, 2007, p. 2). A autora descreve uma série de técnicas, focadas nos usuários (*user-centric*) ou nas visitas aos *sites* (*site-centric*), que conseguem evocar informações como o índice de leitura, *sites* mais visitados, horário de acesso, tempo de permanência na página, áreas mais focalizadas na tela, *links* mais clicados, ferramentas mais utilizadas, modos e eficiência da interação, mas que são insuficientes para transportar os estudos de recepção para o ambiente onde residem questões socioculturais. Sem desmerecer a importância dessas técnicas para outros propósitos, é preciso que se pondere que ver a recepção sob esse prisma torna-se uma opção reducionista.

Embora Santaella (2007b, p.34) diga que o campo do leitor da *Web* “por ser muito jovem, permanece quase virgem, reclamando por estudos específicos”, percebe-se que esse objeto vem sendo crescentemente explorado nos últimos anos. Contudo, como se apresentou, as pesquisas ainda buscam superar limitações tanto no âmbito teórico quanto no âmbito metodológico, pois muitas delas continuam refletindo, ao menos parcialmente, dicotomias que marcaram as pesquisas de recepção ao longo da história: entre meios e mediações, entre texto e contexto, entre micro e macro, entre teórico e empírico, entre interior e exterior à tela. A ausência de uma visão integrada dessas esferas parece ser uma das grandes precariedades ao se estudar o “receptor” em ambiente digital.

Isso provavelmente está atrelado à já mencionada dificuldade que os pesquisadores do assunto ainda têm para aliar a temática da cultura à da tecnologia, à dificuldade que têm em saber que referências das tradicionais pesquisas de audiência, orientadas pelos Estudos Culturais, continuam válidas e aqueles que precisam ser refutados, revisados ou atualizados a partir da perspectiva teórica trazida pela Cibercultura. É por isso que, para lançar um olhar ampliado aos leitores de *Zerohora.com*, este trabalho empreenderá esforços na aproximação dessas duas áreas.

2.2 O lugar da tecnologia: dos meios às mediações

As contribuições dos Estudos Culturais e da Cibercultura, que surgiram em trilhas paralelas, parecem encontrar na investigação da leitura na *Web* uma razão para convergir. Se os Estudos Culturais ensinam que “estudar a produção de sentido no espaço da recepção significa pensar os processos de comunicação a partir do âmbito da cultura” (GOMES, 2005, p.209), os “estudos ciberculturais” viabilizam a inclusão da nova face da cultura, despontada pelas tecnologias contemporâneas: a *ciber*.

A cibercultura é a matriz simbólica onde se dá a maior parte do ciclo de vida da informação na *Web*, mas, no momento da leitura, as mensagens extravasam a tela, colocando em choque duas lógicas sociais distintas. É preciso, entretanto, lembrar que essas duas lógicas são partes de um só mundo, e que o processo de recepção só pode ser compreendido quando ambas as frações dialogam entre si. Assim, sugere-se que, aqui, o solo para esse diálogo seja as mediações. “Pensar a comunicação sob a perspectiva das mediações significa entender que entre a produção e a recepção há um espaço em que a cultura cotidiana se concretiza” (WOTTRICH, SILVA e RONSINI, 2009, p.3).

[As mediações] articulam os processos de comunicação com as diferentes dinâmicas que estruturam a sociedade, desde as econômicas e políticas até a que estrutura o campo no qual se insere a comunicação, a cultura. Compreensão que supõe a desconstrução do conceito de cultura para desvelar os entrecruzamentos e as mudanças de sentido (MARTÍN-BARBERO, 2004, p.212).

A primeira versão do *Modelo das Mediações* foi publicada por Martín-Barbero, em 1987, em seu clássico *De los medios a las mediaciones*. O livro pode ser visto, segundo Ortiz (2008, p.133), como “um ensaio totalizador que se alimenta da Sociologia, da Antropologia, da História, da Literatura, da Ciência Política, no qual a comunicação constitui um objeto heurístico onde se entrelaçam diferentes dimensões das sociedades latino-americanas”⁵. Na obra, Martín-Barbero propõe que a comunicação seja estudada a partir dos processos que a atravessam, dos lugares onde se dá o enfrentamento entre receptores e meios, se organiza a percepção da realidade e se estabelece a apropriação de sentidos. “O sujeito da comunicação não é o meio, mas a

⁵ Texto original: *Un ensayo totalizador que se alimenta de la Sociología, la Antropología, la Historia, la Literatura, la Ciencia Política, en el que la comunicación constituye un objeto heurístico donde se entrelazan diferentes dimensiones de las sociedades latinoamericanas.*

relação. Importante não é o que diz o meio, mas o que fazem as pessoas com o que diz o meio, com o que elas veem, ouvem, leem. Esta é a mudança. E isso foi o que realmente produzi, o que propus”, explica o próprio autor (2009, p.9).

Para tanto, ele elencou, inicialmente, três instâncias mediadoras (para análise da televisão): a cotidianidade familiar, a temporalidade social e a competência cultural e, assim, inseriu o processo comunicativo dentro das práticas sociais. Isso permitiu que os fenômenos e conceitos pudessem ser analisados a partir das interferências que neles se inscrevem, deixando de ser compreendidos como verdades absolutas, estáticas e deterministas para se tornarem construções relacionais, dinâmicas e negociadas.

Ao entender assim a mediação, se abriu e se abre para a investigação da comunicação e da cultura um novo filão através do qual é possível explorar o que se sucede nos intercâmbios sociais cotidianos. O que se sucede tanto entre as audiências em seus intercâmbios midiáticos, como o que se sucede entre os membros e setores de uma sociedade e de uma cultura. Dessa maneira, a mediação “com maiúsculas” é a própria cultura, que em vez de contexto é produto da comunicação (OROZCO, 1998, p.94)⁶.

No entanto, enfático na tentativa de articular a comunicação com os movimentos sociais, Martín-Barbero foi mal interpretado por muitos. O que era para ser um olhar equilibrado entre o mundo da técnica e o da cultura: “explorar os meios de uma maneira integral, desde o contexto de suas mediações” (OROZCO, 1998, p. 100)⁷, acabou sendo entendido como um menosprezo ao papel dos meios, motivo pelo qual o autor foi criticado pelos pares. Em obra comemorativa dos dez anos de *De los medios a las mediciones*, Canclini (1998), ao observar que as questões centrais àquela época já haviam sido transformadas, incorporando uma dosagem cada vez maior de influências tecnológicas, chega a questionar uma possível inversão do deslocamento-chave introduzido pelo autor:

Sua obra foi decisiva nesses dez anos para que deixássemos de isolar os meios e concebêssemos a ação deles como parte das mediações sociais. No entanto, ao nos aproximarmos do final desta década, em que a globalização da economia e das comunicações se impõe, novos mediadores sociais (organismos ecológicos, de direitos humanos, movimentos étnicos, populares urbanos) ensaiam fórmulas inéditas para renovar o tecido social, mas não sabem o que fazer com os meios, como passar das ações microssociais a uma

⁶ Texto original: *Al entender así la mediación, se abrió y se abre para la investigación de la comunicación y la cultura una nueva veta a través de la cual es posible explorar lo que sucede en los intercambios sociales cotidianos. Lo que sucede tanto entre las audiencias en sus intercambios mediáticos, como lo que sucede entre los miembros y sectores de una sociedad y una cultura. De esta manera, la mediación “con mayúsculas” es la propia cultura que a la vez de contexto es producto de la comunicación.*

⁷ Texto original: *Explorar os meios de uma maneira integral, desde el contexto de sus mediciones.*

reorganização das políticas comunicacionais. Não é hora, então, de passar das mediações aos meios? (CANCLINI, 1998, pp.7-8) ⁸.

No prefácio da quinta edição de seu livro, ainda nos anos 1990, Martín-Barbero dá uma resposta às múltiplas vozes que o fazem a mesma pergunta. Ele recusa a inversão, em primeiro lugar, porque ele enxerga os meios, mesmo sem os condenar ou exaltar, contemplados em sua proposta. Em segundo lugar, porque vê nos dois movimentos, o de ida às mediações e o de retorno aos meios, projetos muito distintos para o devir social e, mais do que isso: entende o fortalecimento da lógica das mediações como uma forma de lutar contra o projeto hegemônico dos meios.

Pervertendo o sentido das demandas políticas e culturais, que encontram, de algum modo, expressão nos meios, se deslegitima qualquer questionamento de uma ordem social que somente o mercado e as tecnologias permitiriam dar forma. É este último projeto, o hegemônico, que nos submerge em uma crescente onda de fatalismo tecnológico, e frente ao qual resulta mais necessário que nunca manter a epistemológica e politicamente estratégica tensão entre as mediações históricas, que dotam de sentido e alcance social os meios e o papel de mediadores que eles podem estar desempenhando hoje (MARTÍN-BARBERO, 2008, p.43) ⁹.

Porém, no livro *Ofício de Cartógrafo – Travessias latino-americanas da comunicação na cultura*, o autor, em parte, cede diante das mudanças no âmbito da tecnicidade: “Confundir a comunicação com as técnicas é tão deformante quanto pensar que eles [meios] são exteriores e acessórios à (verdade da) comunicação, o que equivaleria a desconhecer a materialidade histórica das mediações discursivas na qual ela se produz” (MARTÍN-BARBERO, 2004, p.235). Sendo assim, ele entende a tecnologia como um dos principais motivadores para reordenar alguns conceitos que vinha trabalhando, de modo a estruturar um novo e mais complexo tecido de mediações,

⁸ Texto original: *Su obra fue decisiva en estos diez años para que dejáramos de aislar a los medios y concibiéramos la acción de estos como parte de las mediaciones sociales. Sin embargo, al acercarnos al fin de esta década, en que la globalización de la economía y de las comunicaciones se impone, nuevos mediadores sociales (organismo ecológicos, de derechos humanos, movimientos étnicos, populares urbanos) ensayan fórmulas inéditas para renovar el tejido social, pero no saben qué hacer con los medios, cómo pasar de las acciones microsociales a una reorganización de las políticas comunicacionales. ¿No es hora, entonces de pasar de las mediaciones a los medios?*

⁹ Texto original: *Pervirtiendo el sentido de las demandas políticas y culturales, que encuentran de algún modo expresión en los medios, se deslegitima cualquier cuestionamiento de un orden social que sólo el mercado y las tecnologías permitirían darse forma. Es este último proyecto, el hegemónico, que nos sumerge en una creciente oleada de fatalismo tecnológico, y frente al cual resulta más necesario que nunca mantener la epistemológica y políticamente estratégica tensión entre las mediaciones históricas que dotan de sentido y alcance social a los medios y el papel de mediadores que ellos pueden estar jugando hoy.*

um novo mapa, que será o adotado como modelo teórico-metodológico da presente pesquisa:

Um mapa que se movimenta sobre dois eixos: um diacrônico, ou histórico, de larga duração – tensionado entre as Matrizes Culturais (MC) e os Formatos Industriais (FI) – e outro sincrônico, tensionado pelas Lógicas de Produção (LP) em sua relação com as Competências de Recepção ou Consumo (CR). Por sua vez, as relações entre as MC e as LP se acham mediadas por diferentes regimes de Institucionalidade, enquanto as relações entre as MC e as CR estão mediadas por diversas formas de Socialidade. Entre as LP e os FI medeiam as Tecnicidades, e entre os FI e as CR as Ritualidades (MARTÍN-BARBERO, 2004, p.230) ¹⁰.

Ao incluir espaços para se pensar os formatos midiáticos, Martín-Barbero explicita que as tecnicidades também são um lugar constitutivo da comunicação na cultura e remedia a deficiência da proposta anterior. O melhor é que o faz sem incorrer no *midia-centrismo*, uma vez que o mapa favorece uma análise interdisciplinar, que ajuda a alertar para a dimensão societal dos aparatos. O modelo carrega uma ponderação que o autor sempre quis deixar clara: “Uma coisa é reconhecer o peso decisivo dos processos e das tecnologias de comunicação na transformação da sociedade e outra bem distinta é afirmar aquela enganosa centralidade e suas pretensões de totalização do social” (MARTÍN-BARBERO, 1990, p.10) ¹¹.

Sendo assim, o principal benefício do modelo refeito de Martín-Barbero para o estudo da leitura na Internet é que ele reserva um lugar especial para a tecnologia (o quadrante das tecnicidades), mas a assimila de forma integrada, isto é, sem aliená-la de todo o sistema intangível de fluxos socioculturais por onde circulam os sentidos. Ao invés de puramente alimentar as presunções que se assentam sobre as performances técnicas, o modelo permite pensar a tecnologia num cenário multidimensional, partilhando influências com eventos de outras esferas da sociedade. O autor deixa manifesto que “a própria existência dos meios tecnológicos de comunicação depende de complexas mediações culturais produzidas por sociedades humanas” (GIRARDI JÚNIOR, 2009, p.121) e, assim, consegue assimilar os aparatos sem desmerecer seus

¹⁰ Em entrevista prestada à Revista Pesquisa Fapesq, em setembro de 2009, Martín-Barbero introduz algumas reestruturações que já vem implementando nesse mapa: “Eu junto em meu mapa tecnicidade e identidade, ponho ritualidade ao lado de cognitividade. Retiro dele as duas mediações que eram mais “tradicionais”, institucionalidade e socialidade, para colocar a transformação” (MARTÍN-BARBERO, 2009, p.11)

¹¹ Texto original: *Una cosa es reconocer el peso decisivo de los procesos y de las tecnologías de comunicación en la transformación de la sociedad y otra bien distinta es afirmar aquella enganosa centralidad y sus pretensiones de totalización del social.*

impactos, mas também sem cair em otimismo exacerbados. A manifestação de Orozco revigora essa prudência:

O que prefiro chamar “mediação tecnológica” impacta claramente de variadas formas tudo aquilo que toca. Não se trata de negar nem de diminuir ou simplesmente relativizar este impacto. Trata-se de vê-lo como um impacto importante, mas que necessariamente compete com outros, em situações diversas, em diferentes cenários cujas conseqüências não são só causadas por ele (OROZCO, 2006, 87).

Mesmo sabendo que a tecnologia não age sozinha, não há como negar que ela é um dos fatores que mais pesa na diferenciação entre os estudos de recepção na mídia tradicional e na nova mídia. Desse modo, entende-se que a adoção da proposta barberiana para o estudo das práticas comunicacionais e socioculturais dos leitores da *Web* requer como ponto de partida a mediação das tecnicidades. Nessa priorização tecnológica germina um ponto de contato entre o que foi mantido e o que mudou nos processos de comunicação, entre os conceitos dos Estudos culturais e da Cibercultura, entre as faces *on-line* e *off-line* do mundo.

Essas intersecções são fundamentais para que a pretendida identificação, descrição e análise das práticas dos usuários do portal *Zerohora.com* se dê a partir de uma visão menos unilateral possível. Como defende Natansohn (2007, p.3), “uma compreensão ampla do fenômeno dos usos, das leituras e do consumo da *Web* exige (...) aproximar tradições de pesquisa bastante diversas”. A aproximação entre estudos culturais e ciberculturais em torno das mediações de cunho tecnológico possibilita que se faça uso de boa parte da bagagem teórico-metodológica que vinha sendo utilizada nos estudos de recepção de televisão, rádio e impressos; da mesma forma, traz elementos necessários para assimilar alguns redesenhos conceituais, como os de “texto, leitura e atividade, temas clássicos dos estudos de recepção, [que agora] precisam de redefinições orientadas para o hipertexto, a navegação e a interação” (NATANSOHN, 2007, p.1).

Para que não se incorra em tecnicismos, pretende-se olhar tanto para as tecnicidades quanto para as ritualidades, ou melhor, para a relação entre essas duas dimensões mediadoras. Mesmo que a tecnicidade seja “o que na sociedade não é só da ordem do instrumento, mas também da ordem da sedimentação de saberes e da constituição das práticas” (MARTÍN-BARBERO, 2004, p.235), entende-se que ela melhor fundamenta, no caso deste trabalho, o estudo dos processos entre o leitor e a

tela. Já a análise da ritualidade ajuda a situar esses processos no cenário social mais amplo, fora da tela, onde se encontram os usuários ao efetuarem o consumo midiático. A forma pela qual se pretende estabelecer a conversação entre essas mediações propostas por Martín-Barbero será descrita a seguir.

2.3 O diálogo das mediações: das tecnicidades às ritualidades

A riqueza do suporte conceitual que Martín-Barbero oferece para o estudo dos usos sociais dos meios está em sua amplitude e nas inúmeras inter-relações que ele permite que se estabeleçam entre as partes constituintes do mapa por ele desenhado. Contudo, na hora de apropriar-se desse modelo, torna-se necessário recortá-lo, sobretudo quando se tem a intenção de tomá-lo como referencial para uma investigação empírica.

Dentro das pesquisas de recepção, as mediações culturais se constituem apenas num modelo ou numa perspectiva de compreensão da relação entre cultura e meios de comunicação. Elas não são vias pavimentadas, fixas e prontas disponíveis à explicação de um determinado fenômeno. Trata-se de um caminho novo, dinâmico e em construção, no qual o próprio objeto de estudo é quem revela quais as mediações que estão interferindo no processo e que irão compor o trajeto (ROSINI e SANTI, 2008, p.65).

Nesse sentido, segundo acima explanado, entende-se que o objeto de estudo deste trabalho apontou para um recorte que engloba o domínio das tecnicidades e das ritualidades. Evidentemente, elas não são as únicas mediações que cruzam o tema aqui debatido, mas acredita-se que por meio delas mais facilmente se pode visualizar a forte ingerência das tecnologias da comunicação sobre as práticas socioculturais contemporâneas.

Enquanto o quadrante das tecnicidades permite pensar a absorção de novos produtos culturais, o quadrante das ritualidades deixa ver se essas novidades engendram ou não repetições simbólicas, consolidando-se como uma prática semantizada, um rito. Ou seja, enquanto as tecnicidades subsidiam o estudo da forma com que os sujeitos se relacionam com os suportes, com os formatos e com os conteúdos, as ritualidades subsidiam o estudo da forma com que os sujeitos incorporam e dão sentido a esses

elementos em seu dia-a-dia. É pensando essas duas mediações em complementaridade que se pretende avançar na compreensão de como o “novo jornalismo” vem reestruturando as práticas direta ou indiretamente relacionadas aos processos de leitura.

Os estudos comunicacionais sempre andaram lado a lado com a tecnologia. A própria teorização do campo veio a reboque do desenvolvimento dos meios de comunicação e de questões de ordem pragmática que lhes foram subsequentes. Assim, as primeiras pesquisas voltadas ao comportamento das audiências, indissociáveis dessa lógica, foram motivadas por orientações instrumentais. A começar que o modelo informacional, que sustentou as décadas iniciais dos estudos na esfera da recepção, não sendo até hoje totalmente superado, é um modelo de cunho assumidamente técnico, que sufoca as dimensões humanística e social do ato comunicacional, refletindo as aspirações de um período histórico que Lemos (2007), ao narrar a evolução tecnológica, classifica como *fase do conforto*¹². Trata-se de um momento em que se deposita na técnica as expectativas de progresso humano.

Ao longo da consolidação da área da Comunicação, no entanto, foi percebendo-se a necessidade de atentar não só para questões técnicas como também para as culturais, de forma que na sociedade atual esse elo é inquestionável. O modo de conceber e utilizar a técnica hoje traz consigo fenômenos até então desconhecidos, que não simplesmente tomam o lugar das antigas concepções, mas que vão somando-se a elas e mixando-se. Ao acomodar esses novos fenômenos, a realidade é reorganizada; efetua prolongamentos de diversas ordens em diversas direções: funde modernidade e pós-modernidade; sociedade de massa e sociedade em rede; comunicação unidirecional (um - todos) e bidirecional (todos - todos); memórias, projeções e o aqui e agora; raízes locais e fluxos globais; indivíduo atomizado e coletividade conectada; real e virtual; tecnocultura e cibercultura. Ou seja, “o surgimento de um novo sistema eletrônico de comunicação caracterizado pelo seu alcance global, integração de todos os meios de

¹² O autor propõe que se pense a história do desenvolvimento tecnológico em três fases: a *fase da indiferença* (até a Idade Média), a *fase do conforto* (modernidade) e a *fase da ubiquidade* (pós-modernidade). Na primeira, a técnica não possui autonomia e muito menos um estatuto privilegiado com relação a outras esferas da cultura. Na segunda, a técnica é um instrumento de dominação da natureza e de reformulação social, o caminho para que o homem execute a administração racional do mundo. Na *fase da ubiquidade*, por fim, a técnica parece fundir-se à comunicação para explorar “todos os poderes de transcendência e de controle simbólicos do espaço e do tempo” (p.53).

comunicação e interatividade potencial está mudando e mudará para sempre a nossa cultura” (CASTELLS, 2002, 414).

Há, portanto, uma relação estreita e recíproca entre técnica e cultura. Rüdiger (2007, p.38) explica que a cultura transcende a técnica, mas que precisa dela para se expressar. Isso porque “tecnicidade é competência da linguagem” (MARTÍN-BARBERO, 2004, p.235) e, conforme Postaman (*apud* CASTELLS, 2002, 414), as linguagens têm o importante papel de intermediar a concepção de realidade: “são nossos meios de comunicação. Nossos meios de comunicação são nossas metáforas. Nossas metáforas criam o conteúdo de nossa cultura”. A cultura, por sua vez, estimula o desenvolvimento de novas técnicas e, desse modo, técnica e cultura alimentam uma dinâmica de autotransformação e de transformações mútuas. “O imaginário social e as escolhas tecnológicas da humanidade trabalham como um sistema de espelhamento. A sociedade escolhe e valida a tecnologia e esta auxilia na construção de um novo imaginário” (MALLMANN, 2005, p. 20).

Esses intercâmbios, contudo, não trazem resultados imediatos e, tampouco, são livres de discrepâncias. As transformações “demoram a se manifestar, justamente porque não só o instrumental está envolvido (...), mas, sobretudo, o sociocultural, e (...) também e especialmente, o perceptivo” (OROZCO, 2006, p. 85). E é por envolver a percepção da sociedade, que nem sempre acompanha a velocidade das revoluções técnicas, que essa dinâmica entre tecnologia e cultura pode mostrar-se descompassada. Daí deriva a importância da ritualidade. Ao buscar fazer da assimilação das novas tecnologias um processo gradual e consolidado, ela luta contra esse descompasso. Na tecnicidade muitas referências são transformadas e é a ritualidade “que vai refletindo graus de apropriação ou de abandono dessas referências. Processos que supõem familiaridade e tempo” (OROZCO, 2006, 88).

Pode-se, pois, considerar que as ritualidades medeiam a incorporação do tecnológico pela cultura, dado que permitem “entrever o jogo entre cotidianidade e experiências do estranho, (...) entre inércias e atividades, entre hábitos e iniciativas do olhar e ver” (MARTÍN-BARBERO, 2004, p.233). Esquemáticamente falando, a tecnicidade desenha novas práticas; se essas práticas passam a repetir-se, viram rotinas; se essas rotinas ganham sentido simbólico, viram ritos; os ritos são o combustível das culturas, e as culturas são a plataforma em que se ancoram e se negociam as

significações de uma sociedade. Assim, por meio dessa relação complexa (apesar de rápida e simplificada e exposta) de absorções e recusas, a ritualidade vai acomodando continuidades e rupturas em um mesmo cenário, e, por consequência, reforçando a ordem cultural ao mesmo tempo em que gerencia as reconfigurações que nela ocorrem.

Sabe-se que a técnica não é neutra; intervém nas relações políticas, econômicas, culturais, sociais e é interferida por elas. No entanto, “é apenas uma forma de saber, existe sempre encarnada e, por isso, não pode ser separada de seu uso concreto, mesmo no momento de sua origem, visto que essa origem é sempre o homem em condições históricas e sociais determinadas” (RÜDIGER, 2007, pp.15-16). Compreende-se, então, que estudar as mediações tecnológicas pelo olhar das ritualidades é ver a técnica encarnada, neste caso, encarnada nas formas de produção jornalística, nas práticas dos leitores, em seus cotidianos, na forma pela qual percebem a realidade. É focar em como a sociedade vem se apropriando da técnica e não apenas em como a técnica vem atuando na sociedade.

Para Martín-Barbero, é essencialmente pela via da linguagem e das sensibilidades que técnica e sociedade estabelecem suas mútuas intervenções. Ao longo do tempo, saberes narrativos, hábitos e técnicas expressivas se consolidam pelos sujeitos sociais, engendrando gramáticas discursivas. À medida que novas funcionalidades tecnológicas surgem, introduzindo suas linguagens, essas gramáticas se alteram, pois mudanças de linguagem impactam todos os sistemas através dos quais se dá a produção de sentido: neurológicos, sociais e culturais. A tecnicidade, nesse sentido, nada mais é que o lugar onde essa revisão acontece, “o espaço da transformação das competências perceptivas dos sujeitos das práticas” (OROZCO, 1998, pp.95-96)¹³. Por isso mesmo, falar em tecnicidade é ir além de algo que aponta para máquinas, ela está relacionada a modos de pensar, ver, sentir, narrar e interpretar.

Enquanto “organizador perceptivo”, a tecnicidade será, nas práticas sociais, aquela dimensão que articula a inovação à discursividade. Pois, mais do que objetos adquiríveis ou atividades especializadas, a tecnicidade é parte

¹³ Texto original: *El espacio de la transformación de las competencias perceptivas de los sujetos de las prácticas.*

fundamental do desenho de novas práticas, mais que artefato é “competência de linguagem” (MARTÍN-BARBERO, 1990, p.13)¹⁴.

O que ocorre na atualidade é que, nas redes informáticas, as inovações, impulsionadas por demandas do mercado, tornam-se mais frequentes e rápidas. Novos gêneros, formatos, estratégias de circulação, aparelhos e escritas surgem a todo instante, acelerando forçosamente o desabrochar de novas sensibilidades. Parece, assim, que as percepções, práticas e sentidos tornam-se mais inconstantes, renovando a importância das intenções duradouras das ritualidades, que, em meio a esse cenário volátil, reformulam consensos, reedificam imaginários, reestabilizam os significados coletivos, realinham as práticas aos cada vez mais efêmeros espaços e tempos e reconstróem gramáticas discursivas.

Em sua relação com os FI [formatos industriais] (discursos, gêneros, programas e grades ou palimpsestos) as Ritualidades constituem gramáticas da ação – do ver, do escutar, do ler –, que regulam a interação entre os espaços e tempos da vida cotidiana e os espaços e tempos que conforma meios (MARTÍN-BARBERO, 2008, p.47)¹⁵.

Desse modo, as ritualidades contribuem para a sedimentação das proposições do domínio das tecnicidades e mobilizam transformações culturais. A cultura humana é estruturada pela repetição de comportamentos e adaptada na medida em que novos comportamentos surgem; é resultado “de interação incessante de tradição e mudança, persistência e transformação” (SANTAELLA, 2003, p.57). Interações estas que encontram na ritualidade um espaço acolhedor para perfazerem-se, uma vez que ritualidade “é o que na comunicação há de permanente reconstrução do nexó simbólico: ao mesmo tempo repetição e inovação, âncora na memória e horizonte aberto. É o que no intercâmbio há de *forma* e de *ritmo*” (MARTÍN-BARBERO, 2004, p.231). A ritualidade é um lugar onde rotinas são transformadas, mas também onde transformações constituem novas rotinas. Explorar a versatilidade e outras características da ritualidade é um dos desafios do capítulo 3.

¹⁴ Texto original: *En cuanto “organizador perceptivo” la tecnicidad será en las prácticas sociales aquella dimensión que articula la innovación a la discursividad. Pues más que objetos adquiribles o actividades especializadas la tecnicidad es parte fundamental del diseño de nuevas prácticas, más que artefacto es “competencia en el lenguaje”.*

¹⁵ Texto original: *En su relación con los FI (discursos, géneros, programas y parrillas o palimpsestos) las Ritualidades constituyen gramáticas de la acción – del mirar, del escuchar, del leer–, que regulan la interacción entre los espacios y tiempos de la vida cotidiana y los espacios y tiempos que conforman los medios.*

3 RITUALIDADES E (RE)CONFIGURAÇÕES CULTURAIS

Definir rito é uma tarefa difícil. Em primeiro lugar porque é um conceito bastante dinâmico e multidisciplinar, que foi epistemologicamente tratado de formas muito variadas ao longo do tempo e dos diferentes campos do saber. Ele é estudado pelas perspectivas teológica, fenomenológica, histórico-religiosa, antropológica, linguística, psicológica, sociológica, etológica e biológica, e “o fato de o rito abarcar todos esses âmbitos e poder ser interpretado segundo cada uma dessas dimensões faz dele uma realidade poliédrica, que o aproxima do conceito mesmo de ‘cultura’” (TERRIN, 2004, p. 17). Em segundo lugar, não é fácil definir rito porque, conforme será mostrado a seguir, é um conceito que carrega ideias propositalmente ambíguas.

A complexidade e a amplitude do termo se tornam evidentes já em uma retomada etimológica:

Se formos buscar a origem no latim, encontraremos a palavra *ritus* com a acepção de ordem estabelecida, ordem prescrita. Podemos procurar uma associação com o grego, e lá a palavra prescrição aparece como *artus*, que por sua vez refere a *ararisko*, indicando a ação de harmonizar, adaptar, e também a *artmos*, elo, junção. Caminhando um pouco mais, iremos até a língua sânscrita. Nela encontramos *ar*, que indica a disposição organizada das partes no todo, que no indo-europeu védico é indicativa da ordem do cosmo, como também da ordem das relações entre os deuses e os seres humanos e aquelas dos seres humanos entre si. De raiz indo-européia está o *ri*, que aponta para ritmo, rima, rio, água que flui e se espalha fecundando a terra, portanto gerando vida. Por sua vez, no iraniano, está a palavra *arta*, que em nossa língua liga-se à idéia de harmonia restauradora. O rito refere-se, pois, à

ordem prescrita, à ordem do cosmo, à ordem das relações entre deuses e seres humanos e dos seres humanos entre si. Reporta-se ao que rima e ao ritmo da vida, à harmonia restauradora, à junção, às relações entre as partes e o todo, ao fluir, ao movimento, à vida acontecendo (VILHENA, 2005, pp.2-3).

Diante disso, o intuito deste capítulo é, inicialmente, eleger alguns desses traços a serem problematizados, de modo a expor, sobretudo, a capacidade que os rituais midiáticos têm de atribuir sentido às práticas do dia-a-dia e, assim, atuarem como permanentes construtores da cultura. Em seguida, quer-se mostrar como essas ritualidades foram incorporando as inovações técnicas ao longo da história da mídia e ajudando a sedimentar configurações culturais típicas de cada momento. Por fim, pretende-se abordar como dadas transformações tecnoculturais vêm se estabelecendo no âmbito específico do jornalismo. Na verdade, essa última seção é inevitavelmente inacabada, apenas introduz e contextualiza teoricamente uma das principais questões que esta pesquisa se propõe a desenvolver em caráter empírico: identificar como o webjornalismo intervém nas ritualidades que habitam o cotidiano dos leitores de Zero Hora na contemporaneidade, uma missão que só se completa com as análises efetuadas nos capítulos 7 e 8.

3.1 O rito: do pragmático ao simbólico

Conforme anteriormente tratado, diante de qualquer definição de rito corre-se o risco de limitar sua rica significação. Dessa forma, entre começar este texto fechando-se em uma conceituação ou abrindo-se em uma caracterização, optou-se por esta segunda via, contando, para tanto, com a ajuda de Vilhena (2005, p. 11), que elenca inúmeras características comuns aos rituais:

Regularidade, ordem, seqüência das ações, regras e, conseqüentemente, controle social, comportamentos previstos, improvisação, irrupção de uma nova configuração social, criação e transcendência de um tempo com quebra da cotidianidade, sistemas simbólicos, adesão a valores, sentimentos profundos de pertença, amores, paixões, rivalidade, corpos em ação, construção de significados, intencionalidades, compromissos, recriação periódica do tônus social e relacional, reunião de pessoas e grupos, delegação de funções e papéis, criatividade, imaginação, protagonismos teatralizados, comunicação, mensagens, tensões, efervescência, trocas, exaltação, celebração, dimensão sacral (VILHENA,).

O que se almeja aqui é ver como essas características dos ritos, principalmente diante da mídia, agregam carga simbólica às ações cotidianas, convertendo-as em células constitutivas da cultura. Mas como o cotidiano nem sempre foi reconhecido como a morada dos ritos, antes de prosseguir com o mencionado propósito, torna-se importante fazer alguns apontamentos sobre outros lugares e funções que os ritos ocuparam no passado. Afinal, “cada época tem os ritos que merece. O importante é compreender que eles são o resultado de situações sociais específicas” (SEGALEN, 2002, p. 38).

Para dar início a essa breve e descontínua retrospectiva, toma-se como referências as obras de Terrin (2004) e Segalen (2002). Esses autores, como muitos outros que estudam o tema, têm como um dos marcos iniciais da teorização sobre o rito a obra *As Formas Elementares da Vida Religiosa*, escrita por Émile Durkheim, em 1912. Eles contam que, em estudos com aborígenes da Austrália e sociedades indígenas da América do Norte, Durkheim buscou traços estruturais que pudessem ser comuns a qualquer religião e acabou concluindo que a premissa para a existência da religião era a distinção entre sagrado e profano, uma distinção estabelecida pelos ritos, os responsáveis por agregar algo de transcendental e extraordinário à natureza. O rito, sob esse olhar, fundamenta a religião, e esta fundamenta o homem enquanto ser social, ou seja, o rito, nas comunidades primitivas, é o pilar simbólico das práticas religiosas e da consciência coletiva. Pode-se dizer, então, que nascia aí uma vinculação obrigatória e basilar entre ritualidade e sacralidade, que permearia boa parte dos estudos subsequentes deste e de outros autores.

Hoje esse elo não é mais condição existencial do rito: “A noção abrange um conjunto amplo e heterogêneo de eventos presente na vida contemporânea, sejam estes sagrados ou profanos” (LANGDON, 2007, p.1). Foi na década de 1960 que a relação entre rito e religião passou a ser mais profundamente questionada e revisada. Segalen (2002) destaca, nesse contexto, os trabalhos de Mary Douglas, que ampliam o entendimento de rito ao defender que as práticas ordinárias também constituem, permeiam, expressam, reforçam e modificam a experiência social. “Para Mary Douglas, o termo rito é freqüentemente sinônimo de símbolo, e nesta acepção poderemos classificar gestos do cotidiano, sob a condição de significarem algo diferente daquilo que são ou fazem. (...) O rito existe onde se produz sentido” (SEGALEN, 2002, p.29).

Os esforços acadêmicos de Douglas e de outros pesquisadores que ajudaram a estender a concepção de rito para aspectos mais mundanos são, na verdade, frutos de uma nova realidade social, cultural e histórica que surgia, na qual o sagrado, nos moldes vivenciados pelas antigas sociedades, não mais fazia sentido. As instituições religiosas perdiam poder e prestígio diante das explicações científicas que se fortaleciam e do “surgimento de vários centros organizadores (religiosos, científicos, políticos, sociais, inclusive a mídia) em concorrência mútua, uns com os outros, como ‘modelos’ e ‘germes’ do sentido do mundo” (PATIAS, 2007, p.4). Mais do que lógico, parecia inevitável um deslizamento dos ritos religiosos para os ritos seculares e profanos, assim descritos por Patias (2007, p.6):

1. o rito profano encontra a sua lógica no momento em que se realiza e se satisfaz em sua intensidade emocional (uma partida de futebol, um capítulo de novela, um concerto) sem outro projeto a não ser aquele da própria realização e sem nenhuma ligação com o mito, mas, só com alguns valores.
2. o rito se emancipa do contexto religioso no qual até então era obrigatoriamente percebido e é reconhecido como forma geral de expressão da sociedade e da cultura.

Se é consensual considerar o estilo de vida da modernidade como o responsável pela dessacralização do rito, fala-se hoje, na pós-modernidade, em crise do rito, uma vez que ocorre a desconstrução dos conceitos absolutos de verdade que supostamente o norteariam. Há, no entanto, autores que defendem o oposto: que em meio à ausência de sentido gerada pelo colapso das promessas modernas, as ritualidades têm revisados seus traços e revigorada a sua importância. “A falência do modelo de racionalidade proposto pela modernidade abre espaço para o retorno da imagem, do contágio emocional, de maneira que o recurso buscado nesses múltiplos simbolismos serve de matriz à socialidade nascente” (PICCININ, 2006, pp. 2-3).

Essa socialidade emergente, diferentemente da que configurou os tempos modernos, é constituída por engajamentos mais superficiais e momentâneos, não se funda na historicidade e, tampouco, tem finalidades duradouras. Ela admite valores múltiplos e efêmeros e laços fracos de relacionamento, desafiando as estruturas cristalizadas pelo modelo clássico de socialização – Igreja, Estado, família, partidos políticos, escola, trabalho, etc. Ela desperta novas condições para a atuação desses corpos intermediários, que têm extintos ou modificados alguns de seus já ritualizados papéis. Sublinha-se, dessa forma, maior autonomia do sujeito frente a seus nexos

estruturantes. Depois da religião e, em um segundo momento, a ciência, o novo centro organizador da sociedade passa a ser o “eu”.

Um novo (velho) centro organizador que é o “eu” individual, passa da periferia da circunferência para o seu centro, enquanto que os centros organizadores passam a gravitar ao seu redor. A distância sacrificial do eu ao “centro organizador”, agora ele próprio, se tornou nula. Deste modo, depois da decomposição do religioso que conduziu a uma diminuição da intensidade do(s) centro(s) sagrado(s) sacrificiais, veio uma recomposição do religioso (sob outro aspecto) na qual o ser humano passou a ser o centro de um novo sagrado (pouco ou não sacrificial). Isso representa uma mudança de paradigma, uma vez que a verdade das religiões sofreu uma fragmentação em muitas pequenas verdades individuais (PATIAS, 2007, p.4).

Dessa forma, “cada um relata os seus mitos e os vive segundo a sua experiencialidade e receptividade. Tornam-se ritos subjetivos” (TERRIN, 2004, p. 399). Por outro lado, com essa “atomização da verdade, a nossa cultura – consciente da limitação de qualquer afirmação de verdade – torna-se mais sensível às verdades dos outros (...). Parece que acontece um verdadeiro *new entry*: a necessidade de dar ‘hospitalidade’ a novas performances” (TERRIN, 2004, p.375).

Em meio a esse ambiente em que novas *performances* surgem e se autodestroem e em que se tornam comuns o pertencimento comunitário inconsistente e as práticas hedônicas, entende-se que o rito refortalece e complexifica suas funções, entre elas a de promover a coesão social. “A força unificadora da ação ritual é como que um transcendental que resiste a todas as tentativas de desagregação” (TERRIN, 2004, p. 416). Apesar de hoje já se admitir que um rito pode ser vivenciado individualmente, ele, para que se caracterize como tal, precisa preservar sua essência coletiva.

O ritual cria um sentimento maior de algo que excede o individual, e que o conecta à sociedade, restabelecendo e/ou redefinindo sua relação em relação a esse todo. Prosseguindo nesta linha, são os rituais cotidianos que, com ou sem apoio dos *media*, mantêm a sociedade unida, isto é: a regulação constante do comportamento que conecta os indivíduos a um mundo social no qual a posição de um é constantemente reconfirmada e negociada (LARSEN E TUFTE, 2000, p.77).

A diferença é que, antes, essas reconfirmações e negociações, das quais resulta a noção de identidade, ocorriam apenas em espaços físicos, enquanto hoje, “graças à tecnologia de comunicação, a frequência dos espaços urbanos, o ir às praças, às ruas, e até mesmos às igrejas e templos, está sendo substituída pelos espaços virtuais” (PATIAS, 2007, p.14). Ou seja, muda a maneira pela qual o ser humano constitui vínculos com o seu grupo e também com o seu território – nação, regiões, bairros, clubes, escolas, etc..

Com a reformulação dessas relações fundantes, os ritos perdem boa parte de sua materialidade e, sem essa armadura, mais facilmente caem na dinâmica simbólica dos meios. “As mídias e as redes eletrônicas estão se constituindo em mediadores da trama de imaginários que configura a identidade das cidades e das regiões, do espaço local e do bairro” (MARTÍN-BARBERO, 2006, p.69), ou seja, “o que se desordena é justamente o ordenamento tradicional das mediações. Neste jogo, a mediação tecnológica adquire uma importância talvez desmedida, ao mesmo tempo em que outras mediações quase desaparecem” (OROZCO, 2006, p. 89).

E é aqui que surge a necessidade de diálogo entre tecnicidade e ritualidade hodiernamente. Quando a técnica abala as tradicionais noções de espaço, de tempo, de relações sociais, de linguagem, de valores e, portanto, de cultura, novas noções precisam ser criadas e validadas, e, nessa tarefa, os ritos têm muito a colaborar. “O ritual faz sentido, visto que ordena a desordem, atribui sentido ao acidental e ao incompreensível” (SEGALEN, 2002, p.31). De acordo com Wottrich, Silva e Ronsini, (2009, p.6), “assim como nas sociedades tribais, nas sociedades contemporâneas os rituais vão estabilizar os significados”. Como? Entende-se que principalmente por meio da articulação de três de suas características: a repetitividade, a transcendência e a plasticidade. Começa-se explorando a primeira:

Justamente pela repetitividade, o rito deve ser pensado como uma ação que tem um significado pré-pragmático e ultra-significante. Quando uma ação é repetida e invariavelmente repetida, a sua estilização assume um significado simbólico de confirmação do mundo, porquanto não pode mais ter uma simples função instrumental e o seu valor deve se inscrever no âmbito da expressividade pura. As ações normalmente levam-nos a realizar alguma coisa. Quando a ação não realiza nada, suspeita-se de que tenha em si outras finalidades ou de que seja a sua própria ritualidade. Torna-se, de algum modo, simbólica e expressiva de outras realidades; subentende aquela idéia (...) segundo a qual o rito precede o pensamento, ou melhor, é o *background* em que o pensamento se assenta (TERRIN, 2004, pp. 164-165).

Segundo Terrin (2004, p. 394), as performances pós-modernas são uma “experimentação sem alma, onde o símbolo é um sinal retórico (...) de um mundo que é proposto por pura curiosidade, com a tentativa de passar a ‘não-mensagem’ como ‘mensagem’, sem que exista um contexto significativo que legitime o ritual”. Ou seja, a regra parece ser justamente a ausência de sentido e, por isso, as práticas se tornam esvaziadas de conteúdo simbólico. É nesse contexto que o autor exalta a função da ritualidade enquanto forma. Por meio de sua repetição, a ritualidade cria matrizes de comportamento, modelos para uma classe de ações, isto é, faz da ação algo mais

significativo do que seria sua finalidade operacional, faz emergir o lado “transcendental da ação ritual”, colocando em cena a segunda característica acima destacada. A defesa de Terrin (2004) é de que essa forma ou “transcendental da ação ritual” ajuda a semantizar o mundo contemporâneo: “Parece que desta vez será a forma que possibilitará encontrar o conteúdo. O transcendental da ação ritual é que possibilitará encontrar o conteúdo, para além do sentido perdido” (TERRIN, 2004, p. 415).

A ritualidade é (...) o que nas práticas sociais fala da repetição e da operabilidade. Ao religar a ação aos ritmos do tempo e aos eixos do espaço, a ritualidade põe regra ao jogo da significação, introduzindo gramaticalidade e tornando assim possível a expressão do sentido. E ao ativar o ciclo – que não é nunca mera repetição ou inércia, senão entrelaçamento e coordenação de ações – a ritualidade torna possível que a ação não se esgote no significar e se converta em operação (MARTÍN-BARBERO, 1990, pp.12-13)¹⁶.

Há portanto, duas faces na ritualidade: uma ação não-instrumental e mística e um fato concreto, que se expressa pelos espaços, tempos, gestos, objetos e relações interpessoais. Essa faces, de acordo com Larsen e Tufte (2000, p.75), coexistem e se misturam: “é praticamente impossível, no ritual, identificar quais ações sociais estão relacionadas com aquilo que é mais imediatamente objetivo e quais delas se relacionam com os projetos de longo termo, que são inerentes à vida cotidiana”.

Para Terrin (2004), essa mistura ocorre porque o pragmático encena o simbólico. “O rito revela-se um ‘transcendental’ no nível da ação. A ‘dizibilidade’ do mundo é levada à sua expressividade através do agir estilizado e ordenado, como percepção imediata da coordenação com o mundo mesmo” (TERRIN, 2004, p.162). Isso proporciona que, no caos e na fragmentação da pós-modernidade, a forma do rito fie regularidade, classificação, prioridade, gramaticalidade, coerência, previsibilidade, e essa condição não só permite o compartilhamento de sentidos como orienta e significa a experiência do homem no mundo. “ O rito assume, nesse sentido, um valor epistemológico: ensina a agir de maneira ordenada, para se pensar de maneira ordenada” (TERRIN, 2004, p.12).

Segalen (2002) também enxerga uma dualidade no ritual. A autora afirma que “a repetitividade é condição necessária, mas não suficiente para determinar um rito” (pp.

¹⁶ Texto original: *La ritualidad es (...) lo que en las prácticas sociales habla de la repetición y de la operabilidad. Al religar la acción a los ritmos del tiempo y los ejes del espacio, la ritualidad pone reglas al juego de la significación introduciendo gramaticalidad y haciendo así posible la expresión del sentido. Y al activar el ciclo – que no es nunca mera repetición o inercia sino entrelazamiento y coordinación de acciones – la ritualidad hace posible que la acción no se agote en el significar y se convierta en operación.*

13-14). Ela entende que mais do que repetidas, as ações, para que se convertam em ritos, precisam portar uma dimensão simbólica convencionada nas relações sociais e que, do contrário, poder-se-ia cometer um engano: pensar que não só os homens como os animais têm comportamentos rituais. Essa dupla premissa de existência fica evidente na descrição que a autora faz de rito:

O rito ou ritual é um conjunto de atos formalizados, expressivos, portadores de uma dimensão simbólica. O rito é caracterizado por uma configuração espaço-temporal específica, pelo recurso a uma série de objetos, por sistemas de linguagens e comportamentos específicos e por signos emblemáticos cujo sentido codificado constitui um dos bens comuns de um grupo (SEGALEN, 2002, p.31).

Martín-Barbero (2008) traz essas duas perspectivas dos rituais para a esfera da comunicação, concluindo que “uma coisa é a significação da mensagem, e outra aquilo a que alude a pragmática quando propõe a pergunta pelo sentido que para o receptor tem a ação de ouvir rádio ou ver televisão” (2008, p.47) ¹⁷. No caso do jornal, por exemplo, conforme afirmam Borelli e Fausto Neto (2006, p.4), os sentidos “não estão na notícia, nem no leitor, mas nas relações, nos vínculos, como um jogo de associações. O sentido está nos rituais, nas estratégias, nas interações entre o leitor e o jornal. Através desta interação, é que os sentidos se estabelecem”.

Isso constitui uma vantagem para quem se propõe a pesquisar ritos, uma vez que pela análise do pragmático, pode captar deixas do simbólico, ou, em outras palavras, por meio das práticas pode acessar o mundo dos sentidos. “É através da ritualidade que o pesquisador, com a observação contínua da assistência a determinado produto midiático, pode apreender os usos sociais dos meios e as diferentes leituras realizadas pelo receptor” (WOTTRICH, SILVA e RONSINI, 2009, p.7). Dessa forma, a ritualidade permite ver como as transformações ocorridas no âmbito das tecnicidades vão sendo incorporadas à cultura, traz “a possibilidade de explorar empiricamente a expressão dos novos sentidos produzidos pelos sujeitos sociais” (OROZCO, 1998, p.95) ¹⁸.

Larsen e Tufte (2000), ao seguirem por esse caminho da exploração empírica para compreender algumas funções dos usos da mídia na vida ordinária, constataram

¹⁷ Texto original: *Una cosa es la significación del mensaje, y otra aquello a lo que alude la pragmática cuando plantea la pregunta por el sentido que para el receptor tiene la acción de oír radio o ver televisión.*

¹⁸ Texto original: *La posibilidad de explorar empíricamente la expresión de los nuevos sentidos producidos por los sujetos sociales.*

que “o conteúdo exato dos meios não provê uma explicação satisfatória para o uso dos *media*. Este uso é ‘mais’ que a pura informação escolhida para fins racionais, e que resulta em relações atentas entre leitores e textos” (p.63). Para os autores, os rituais midiáticos não só excedem os conteúdos, como vão além das intenções pessoais dos receptores: “O ritual transcende as situações sociais particulares e conecta a ordinariade do dia-a-dia com os aspectos cósmicos mais largos, assim como os significados da vida” (LARSEN E TUFTE, 2000, p.72). No que diz respeito ao ato de acessar conteúdos noticiosos, por exemplo, eles demonstram que um sentido coletivo sobrepõe-se a um sentido individual: “Não é apenas receber as últimas informações acerca de um conflito internacional, mas também concerne ao indivíduo enquanto alguém que deve, como cidadão, ser obrigatoriamente informado” (LARSEN E TUFTE, 2000, p.71). Girardi Júnior (2009, p.126) também aborda a transcendência que os ritos agregam aos usos dos meios de comunicação:

Ver televisão torna-se um processo cultural muito mais complexo do que pode ser normalmente avaliado. A televisão ganha a vida cotidiana, ocupa o espaço das conversações diárias, torna-se foco de atenção. A presença da televisão se faz mesmo antes de se ligar o aparelho, dada a familiaridade que os espectadores já estabeleceram com esse meio, sua grade de horário e seus gêneros. Uma verdadeira rotina midiática é instaurada, regulando e ritualizando o uso do tempo no interior do espaço doméstico. Se a relação com a televisão ocorre muito antes de se ligar o aparelho, essa relação é prolongada mesmo depois de ele ter sido desligado. Ela ocupa a conversa com a esposa, o conselho aos filhos, as piadas no trabalho, a indignação pública com a personagem e o seu papel no horário nobre etc.

Observa-se, assim, que a capacidade ritualística da mídia ajuda a atribuir ou a revisar os sentidos dos espaços, tempos e relações sociais. No que diz respeito às relações sociais, por exemplo, conforme Tufte e Jacks (1998), elas podem ser até mesmo mais importantes que o conteúdo na hora do processo de recepção ou uso dos meios:

Talvez o importante nem seja tanto o conteúdo concreto do programa, mas o sentimento de reunir-se em torno da ficção diária ou dos noticiários e, assim, fazer parte de uma unidade social, seja esta uma família, uma nação, um grupo de amigos ou outras unidades sociais (TUFTE e JACKS, 1998, p.61)

Já sobre a relação entre tempo e rito, Terrin (2004) afirma que é de interdependência e até mesmo de derivação. “O tempo, por si mesmo, teria uma

¹⁹ Texto original: *It might not be so much the concrete programme contents that are important as it may be the feeling of gathering around the daily fiction or news programmes and thereby becoming part of a social unity, be it a family, a nation, a group of friends or other social unities.*

fisionomia anônima, seria opaco, homogêneo, indeciso, se o rito não transformasse o “tempo em tempo” (TERRIN, 2004, p. 226). Para o autor, portanto, “o tempo é sempre uma experiência que se faz do tempo” (2004, p. 229). Da mesma forma, Tufte e Jacks (1998, p. 61) deixam implícito que são também as experiências que constituem o espaço: “O conceito de espaço é uma abstração que se diferencia de uma denominação física. (...) Um espaço não existe sempre, mas é constituído na interação de agentes sociais com tempo e relações sociais”²⁰. Os meios de comunicação intervêm na experiência espaço-temporal, na medida em que para usá-los as pessoas inconscientemente criam normas que ajudam a sacralizar ambientes e a ritmar o cotidiano.

Assim sendo, a significação que os rituais midiáticos dão às práticas cotidianas estão ligados não só à sua transcendência, como também à sua repetitividade. Por meio da diagramação dos jornais, da narratividade de cada produto televisivo ou da interface dos *sites*, por exemplo, padrões de organização são criados. Segundo Contrera (2005), deriva daí uma previsibilidade que confere “uma espécie de sensação de controle simbólico do homem sobre o mundo; além de gerar uma sensação aumentada de poder quando algo que se previu realmente acontece, o que resulta em enorme prazer para o ego” (2005, p.120). Para ela, trata-se da função de apaziguamento da ansiedade humana que os ritos proporcionam, algo que se aproxima do conceito de *segurança ontológica*.

O que se desprende do cotidiano é organizado em um sistema de significado constituído em rituais, hábitos, rotinas, tradições e normas. É no fluxo diário das relações sociais e objetos, dos ritmos temporais e das seqüências espaciais que está a busca constante pelo estabelecimento da segurança ontológica. Nessa batalha, a mídia entra como um agente natural ou mediador (TUFTE e JACKS, 1998, p.60)²¹.

Se por um lado os ritos trabalham para a consolidação de uma ordem, por outro, mantêm-se abertos a transformações, e é dessa ambiguidade que advém a terceira característica que faz dos ritos construtores de sentidos e mobilizadores da cultura: a plasticidade. “Uma das principais características do rito é a sua plasticidade, a sua capacidade de ser polissêmico, de acomodar-se à mudança social” (SEGALEN, 2002,

²⁰ Texto original: *The concept of space is an abstraction that differs from a physical denomination. (...) A space does not exist always, but is constituted in the interaction of social agents with time and social relations.*

²¹ Texto original: *The parts of the everyday life that are understood are organized in a system of meaning constituted in rituals, habits, routines, traditions and norms. It is in the everyday flow of social relations and objects, time rhythms and spacial sequences that the ontological security constantly is sought to be established. In this struggle, the media enter as a natural agent or mediator.*

p.15). Ao comentar o entendimento que Martín-Barbero tem de ritualidade, Orozco (1998, p.95) mostra que repetição e criatividade podem habitar um mesmo conceito:

Se em algumas situações a ritualidade implica certa dose de mecanismo, de mera repetição, seu desdobramento supõe também uma boa dose de criatividade e reflexividade, na medida em que as situações em que se manifesta a ritualidade nunca são exatamente iguais, levam elementos novos, inesperados, que demandam reajustes e certa improvisação²².

Victor Turner, em sua *Teoria da Estrutura e da Antiestrutura*, já na década de 1970 destacava o poder que os ritos têm tanto para reiterar determinado *status* (estrutura) como para criativamente formular outros (antiestrutura). Conforme explica o autor, seu trabalho aprofunda o de Arnold Van Gennep, que em 1909, ao idealizar a concepção de rito de passagem, via o rito como portador de antíteses e promotor de movimentações sociais, uma vez que articula três fases sequenciais: separação, margem e agregação. Para Turner (1974) os ritos também são trifásicos: um conflito irrompe a cena social, abalando seu equilíbrio e disparando um deslocamento da fase de *desestruturação* para uma fase denominada *liminaridade* ou *marginalidade*, “um domínio cultural que tem poucos, ou quase nenhum, dos atributos do passado ou do estado futuro” (TURNER, 1974, p. 117). Há, por fim, a fase da *reestruturação*, que não se trata de um retorno ao *status* inicial, mas de uma estrutura revitalizada, enriquecida com as experiências da fase intermediária.

A liminaridade é “considerada como um tempo e um lugar de retiro dos modos normais de ação social, pode [, portanto,] ser encarada como sendo potencialmente um período de exame dos valores e axiomas centrais da cultura em que ocorre” (TURNER, 1974, p. 202). Em contrapartida, age como uma força renovadora, pois tem o poder de suspender esses axiomas e valores, questioná-los, contrapô-los e transcendê-los. Acredita-se, assim, que a cultura midiática atual, com as intervenções dos meios digitais, esteja em uma dessas fases liminares: os sentidos que fundamentam as ações cotidianas diante dos meios tradicionais não parecem suficientes para amparam as práticas da nova mídia, por outro lado, novos sentidos ainda não estão consolidados.

²² Texto original: *Si en algunas situaciones la ritualidad conlleva cierta dosis de mecanismo, de mera repetición, su despliegue supone también una buena dosis de creatividad y reflexividad en la medida en que las situaciones en que se manifiesta la ritualidad nunca son exactamente iguales, conllevan elementos nuevos, inesperados, que demandan reajustes y cierta improvisación.*

Ainda não se tem claro o que permaneceu e o que mudou em meio a essa instabilidade, e supõe-se que o rito pode ser revelador dessa nova condição que se formula.

O rito, como construção humana, nasce e fala precisamente das necessidades, buscas, esperanças, angústias, ilusões enraizadas na história de cada ser humano em particular e na história coletiva. No rito estão recolhidas e são atualizadas explicações encontradas, tradições conservadas, novidades propostas. Nele o presente é interpretado e ganha sentido, e o futuro é antecipado por meio de desejos que, ao serem expressos no contexto ritual, objetivam simbólica e historicamente suas concretizações. Pela tensão que nele se estabelece entre o passado, o presente e o futuro, pode-se afirmar, mais uma vez, seu caráter transcendente e instaurador (VILHENA, 2005, p. 13).

Por ser forjado em meio a essa tensão de temporalidades, o rito torna-se ainda mais adequado para subsidiar estudos como este, que se localizam intrincados em continuidades e rupturas. Os rituais são ambíguos, “eles expressam um ordenamento, mesmo que velem um conflito” (ROSA, 2007, p.3), mostram-se contrapostos a própria estrutura que buscam atestar, envolvem hábitos e iniciativas, movimentos e repousos. De acordo com as demandas sociais “novos ritos podem ser criados, ou re-criados ou re-significados, e outros ainda podem desaparecer (...). O rito situa-se, portanto, na articulação entre tradição, memória, conservação e transformação” (VILHENA, 2005, p. 4). Ao mesmo tempo em que os ritos estabelecem, validam e fortalecem a ordem social vigente, atualizam visões da realidade, renovam experiências e regem transformações nessa mesma ordem.

Isso dá ao rito a flexibilidade necessária para operar em momentos de crise, estranhamento e reconfiguração, como se entende ser o momento contemporâneo, em que ainda não é possível assegurar até que ponto e como a vida será transformada pelas tecnologias da comunicação e da informação. Se os ritos midiáticos de fato estão habitando uma fase de transitoriedade, como defendido anteriormente, crê-se que eles têm a capacidade de precoce e intensamente sentir as mutações ou, ainda antes, de promovê-las. Isso faz do rito um orientador para a compreensão do novo na cultura, afinal, “a cultura nasce como um conjunto de protocolos, do qual o rito é a primeira e mais importante composição” (TERRIN, 2004, p. 164).

Os ritos são, assim, o lugar onde as experiências se tornam simbólicas antes mesmo de poderem ser expressas pelos sistemas de linguagem. Focar no estudo da mediação barberiana da ritualidade, por consequência, parece ser uma estratégia adequada para compreender processos emergentes, que ainda não são claramente

visualizados e, portanto, precisamente verbalizados pela sociedade contemporânea, como as práticas relacionadas à *Web*. “Se a ritualidade é o espelho no qual se reflete a história e a vivência do homem e de uma comunidade, no nível religioso e cultural, é necessário que isso seja tematizado, sobretudo hoje, em que temos a urgência de redescobrir ‘quem somos e como vivemos’” (TERRIN, 2004, p. 8). Vilhena (2005, p.12) concorda que a expressividade da ação ritual pode auxiliar nessa redescoberta, pois:

Na multiplicidade de formas e conteúdos da ação ritual, a partir de elementos e características postos à sua disposição na cultura, que os seres humanos dizem quem são, ou imaginam ser – o que, no fim, dá no mesmo –, como é o mundo, o cosmo, o universo. Narram a história deste mundo em suas dimensões visíveis e invisíveis e as relações que no dia-a-dia estabelecem entre ambas; contam sua história pessoal e a de seu grupo, falam de seus anseios, medos, necessidades, conquistas (VILHENA, 2005, p.12).

Como inicialmente falado, não é simples abordar o rito, uma vez que é naturalmente polissêmico e dinâmico. Por isso mesmo, trabalhou-se aqui com um pequeno recorte, um recorte direcionado a apresentá-lo como “a expressão nuclear do constituir-se da cultura” (TERRIN, 2004, p. 164). Buscou-se especialmente mostrar como o rito, a partir de suas características de repetitividade, transcendência e plasticidade, torna-se capaz de gerenciar paradoxos e prescrever a dinâmica cultural; de servir tanto para estabilizar a estrutura cotidiana quando para renová-la continuamente. Sendo assim, o próximo passo é mostrar como as ritualidades, estimuladas pelas técnicas, vêm coordenando esse processo de validações e metamorfoses culturais ao longo da evolução dos suportes midiáticos.

3.2 As práticas midiáticas: da cultura de massas à cibercultura

Através do entrelaçamento entre tecnicidades e ritualidades, diversas experiências comunicacionais e socioculturais foram inseridas e transformadas no cotidiano dos receptores, ou ainda excluídas dele. Logo, atentando-se para esse enlace, torna-se possível perceber as mutações pelas quais as práticas midiáticas vêm passando ao longo do tempo. Algumas delas serão aqui expostas à medida que serão perpassadas

diversas formatações que a cultura foi adquirindo em função dos meios de comunicação.

De acordo com Santaella (2003), o conceito de cultura que vigorou no século XIX era antropocêntrico; com base no pressuposto de que parte da vida humana é vivida no natural e outra parte no social, definia cultura como esta segunda fração, a feita pelo homem. A autora posiciona-se ao lado daqueles que julgam fundamental reconceber a relação entre natural e cultural e entre biológico e tecnológico, uma vez que “as fronteiras entre ambiente externo (mídias, tecnologias) e ambiente interno (percepção, cognição, modelização) caminham para uma radical abolição” (SANTAELLA, 2003, p.218). O homem e a sociedade derivam, segundo ela, do processo de artificialização do mundo por meio da técnica.

Partindo dessa premissa e da gradativa introdução histórica de novas formas de produção, armazenamento, transmissão e recepção de informações na vida social, a autora descreve a complexidade cultural contemporânea como resultado da coexistência de seis formações: a cultura oral, a cultura escrita, a cultura impressa, a cultura de massas, a cultura das mídias e a cultura digital. Não se tratam de períodos lineares, mas de um processo cumulativo, em que cada era, impregnada por suas injunções econômicas e políticas, vai se integrando e provocando reajustes na anterior, tornando a malha cultural cada vez mais híbrida e densa. “As diferentes linguagens não concorrem num jogo de soma zero, mas sua diferenciação leva a uma ‘riqueza maior’, a um tipo de cultura multi e plurifuncional, com limites muito amplos de interpretação” (STOCKINGER, 2004, p.13).

Colocando-se todas as camadas juntas, a paisagem midiática atual apresenta uma multiplicidade de características: inovativa, transformativa, convergente, multimodal, global, em rede, móvel, apropriativa, participativa, colaborativa, diversificada, domesticada, geracional, desigual (SANTAELLA, 2007a, pp.122-123).

Para o propósito desta pesquisa, interessa especialmente essa mais recente configuração do tecido cultural: a cultura digital, mas julga-se válido retornar rapidamente ao ponto de “transição” da cultura impressa para a cultura de massas, pois é nesse momento que surge o jornal tradicional, que, conforme já explicado, ao longo deste trabalho ajudará a caracterizar o webjornal em tudo aquilo que lhe é peculiar. Por motivos óbvios, o desenvolvimento dessa narrativa enfatizará a esfera da recepção.

Como afirma Chartier (1999, p.77), “os gestos mudam segundo os tempos e lugares, os objetos lidos e as razões de ler. Novas atitudes são inventadas, outras se extinguem”, ou seja, as práticas de leitura são atravessadas pelos princípios que regem a sociedade e a cultura em cada período histórico (ritualidades), bem como pelos suportes midiáticos (tecnicidades). Sendo assim, das pedras de argila, passando pelos rolos de pergaminhos, pelas folhas soltas e pelos cadernos, até chegar às telas, o texto foi tendo transformadas sua apresentação e as posturas envolvidas em sua leitura. Mesmo dentro de um mesmo estágio cultural, é possível visualizar bruscas mudanças, como é o caso do códex, que ao suplantando os rolos de texto, revolucionou alguns rituais da cultura escrita.

Com a nova materialidade do livro, gestos impossíveis tornavam-se comuns: assim, escrever enquanto se lê, folhear uma obra, encontrar um dado trecho. Os dispositivos próprios do códex transformaram profundamente os usos dos textos. A invenção da página, as localizações garantidas pela paginação e pela indexação, a nova relação estabelecida entre a obra e o objeto que é o suporte de sua transmissão tornaram possível uma relação inédita entre o leitor e seus livros (CHARTIER, 2002, p. 106).

Surgida a possibilidade de impressão, o livro manteve-se desenhado por esse novo regramento que fragmentou o texto, ordenou páginas, criou índices e possibilitou informações remissivas, mas teve agregada a capacidade de rápida reprodutibilidade do conteúdo. Com custos reduzidos e alta velocidade de produção e circulação, os livros passaram a protagonizar a cultura impressa.

Chartier (1999) conta que nos séculos XVII e XVIII os jornais tinham a mesma estrutura de um livro, mas que quando passa a ser vendido nas ruas e adquire distribuição ampla, instaura novos ritos; desperta “uma atitude mais livre: o jornal é carregado, dobrado, rasgado, lido por muitos” (CHARTIER, 1999, p. 82). É esse fato de ser lido por muitos, propiciado tanto pelo baixo custo quanto pelo tipo de informação veiculada nesse meio, que leva o jornal a inaugurar a formação comunicativa e cultural das massas. Ao mesmo tempo em que os sujeitos julgam-se autônomos por lerem sozinhos, eles são também homogeneizados e bastante despersonalizados por lerem as mesmas coisas. Santaella (2003, p.79) caracteriza a cultura de massas, cuja consolidação se dá predominantemente em torno da televisão, a partir de seu vínculo com a lógica de difusão, em que o “padrão de energia viajava num só sentido, na direção do receptor, para ser consumido com uma resistência mínima”.

Essa resistência tende a aumentar quando, a partir da década de 1970, a lógica de funcionamento da cultura de massas é minada por “novas formas de consumo cultural propiciadas pelas tecnologias comunicacionais do disponível e do descartável: as fotocópias, videocassetes, videoclips, videogames, o controle remoto, seguido pela indústria dos CDs e a TV a cabo” (SANTAELLA, 2003, p.67), além das câmeras de vídeo e do *walkman*. Essas novidades são segmentadoras e diversificadoras; permitem que os conteúdos sejam fragmentados e retocados de acordo com as idiosincrasias dos sujeitos receptores. É o processo de subjetivação dos ritos, narrado por Terrin (2004), que se torna manifesto nos processos comunicacionais. Os meios começam a atuar em complementaridade, de acordo com os gostos pessoais e as escolhas; nasce o *narrowcasting* e a *cultura das mídias* (SANTAELLA, 2003).

A convivência dessa multiplicidade de meios ampliou, acelerou, misturou e diversificou os fluxos culturais; aumentou o número de fontes, de mensagens e de possibilidades de recepção. Os receptores supostamente inertes e uniformes que figuraram na cultura de massas começaram a dar lugar a receptores mais seletivos, individualizados. Estes, por sua vez, prepararam o terreno para o surgimento dos ainda mais atuantes receptores da cultura digital, que começaram a ritualizar outras práticas: criam, compõem, montam, apresentam e difundem seus próprios produtos. Essas pessoas desapoderam a sistemática massiva ao valorizarem materiais bastante segmentados que estão capilarizados na Rede, alimentando, assim, o fenômeno conhecido como “cauda longa” (ANDERSON, 2006).

Foram os processos comunicativos constitutivos da cultura das mídias

que nos arrancaram da inércia da recepção de mensagens impostas de fora e nos treinaram para a busca da informação e de entretenimento que desejamos encontrar. Por isso mesmo, foram esses meios e os processos de recepção que eles engendram que prepararam a sensibilidade dos usuários para a chegada dos meios digitais cuja marca principal está na busca dispersa, alinear, fragmentada, mas certamente uma busca individualizada da mensagem e da informação (SANTAELLA, 2003, p.16).

É como se os princípios semeados pela cultura de mídias brotasse na cibercultura em sua manifestação mais intensa. A comunicação, que se expandia, ganha alcance planetário pelas redes telemáticas; os substratos, que começavam a abrir-se para edições de conteúdos, perdem sua conexão com a mensagem em função da desmaterialização dos dados; a noção de autoria que ia desarraigando-se em meio aos recortes efetuados pelo público, é muitas vezes abdicada em prol da construção de uma

inteligência coletiva; os meios, que estreitavam sua convivência, culminam na convergência midiática; as preferências individuais que se salientavam, reúnem-se em comunidades virtuais hedônicas, que transformam o planeta “em várias e idiossincráticas aldeias globais” (LEMOS, 2007, p.71).

Eis a entrada de uma “terceira era midiática”, conforme descreve Santaella (2003). Uma era não mais habitada só pelo sujeito moderno, fundado na ordem, no progresso, na individualidade e na estabilidade, mas também por indivíduos alinhados à dita pós-modernidade, que se prendem no presente e não na dimensão histórica do futuro, sendo, pois, inacabados, mutáveis, fragmentados e difusos. Uma era em que meios de comunicação e tecnologias digitais, “em sua relação direta e simbiótica com a dinâmica social, [vêm] redefinindo, indubitavelmente, em nossas sociedades contemporâneas, a noção de espaço e tempo, sujeito e objeto, comunidade e indivíduo, natureza e artifício, real e virtual” (LEMOS, 2007, p.259).

É a cultura da interatividade, do hipertexto, da hipermídia, do ciberespaço, do tempo real, dos relacionamentos efêmeros, da realidade simulada, da troca do uso frio da tecnologia, como descreve Lemos (2007), por sua apropriação social e criativa. Uma cultura que, na verdade, desde sua emergência não parou de mudar; agregou, nos últimos anos, atributos como mobilidade e cooperação. É a cultura da mobilidade (SANTAELLA, 2008), porque, com a ajuda de aparelhos como celulares e *laptops*, possibilita às pessoas conexão *full-time*, misturando espaços físicos e ciberespaços em uma nova urdidura, a que Santaella (2007a, 2008) se refere como *espaços intersticiais*. É a cultura da cooperação, porque, em função da *Web 2.0*, a comunicação passa a fluir de usuário a usuário, fazendo da Internet uma plataforma de criação de bens públicos. Dentro da própria cibercultura ocorre uma virada da ênfase da publicação para a participação, exemplificada por Primo (2007, p.3):

Blogs com comentários e sistema de assinaturas em vez de home-pages estáticas e atomizadas; em vez de álbuns virtuais, prefere-se o *Flickr*, onde os internautas além de publicar suas imagens e organizá-las através de associações livres podem buscar fotos em todo o sistema; como alternativas aos diretórios, enciclopédias online e jornais online, surgem sistemas de organização de informações (*del.icio.us* e *Technorati*, por exemplo), enciclopédias escritas colaborativamente (como a *Wikipédia*) e *sites* de webjornalismo participativo (como *OhmyNews*, *Wikinews* e *Slashdot*).

Essas rápidas, bruscas e constantes transformações indicam que novos ciclos culturais virão, por outro lado, a experiência histórica mostra que isso não significa a

extinção de ciclos culturais anteriores. Basta olhar para a cultura contemporânea – que segundo Santaella (2007a, p.131) é, ao mesmo tempo, global, mundializada e glocal, híbrida e cíbrida²³, conectada, ubíqua e nômade, líquida, fluida, volátil e mutante – para perceber isso.

Hoje vivemos uma verdadeira confraternização geral de todas as formas de cultura, em um caldeirão imenso de misturas: a cultura oral que ainda persiste com força indiscutível, intensificada pela sua integração nos meios audiovisuais, principalmente o cinema e a televisão; a escrita, que se evidencia na multiplicidade das manifestações dos tipos gráficos e do *design*; a cultura impressa, que povoa as bibliotecas e os quiosques com suas profusões de manchetes e capas coloridas, fignando a atenção de transeuntes apressados; a cultura de massas, que, longe de perder o seu poder, aprendeu a conviver com as suas competidoras, tanto a cultura das mídias, que é a cultura do disponível, quanto a cibercultura, que é a cultura do acesso. Todas essas formações culturais coexistem num jogo complexo de sobreposições e complementaridades (SANTAELLA, 2007a, p.128).

Se esse jogo de tradições e inovações existe na cena midiática, é porque a entrada das novidades tecnológicas na cultura passa pelas ritualidades, responsáveis por retercer permanentemente as práticas cotidianas. As ritualidades têm nesse caso uma dupla função: a de manter vivos, mesmo que refuncionalizados, os traços das culturas passadas e a de “amortecer” o ingresso social de novos traços culturais. Sua gramaticalidade costura consolidações e transformações e lhe dá o poder de “negociar” a construção cultural. Ao impulsionar o que *foi* e ao preparar a sociedade para o que *será*, as ritualidades, muito mais precisamente do que as tecnicidades, delineiam o que é cultura. A cultura não é o que as tecnicidades impõem, mas os usos que as ritualidades espelham e os sentidos que elas constroem.

3.3 O jornalismo: do impresso ao digital

Tendo visto que a mídia contemporânea é uma composição intrincada de meios, e que a cultura contemporânea, em decorrência, abarca práticas advindas de todos eles, pretende-se mostrar agora que o jornalismo contemporâneo também comporta um

²³ Termo “formado pela conjunção de ciber e híbrido, [que] foi batizado por Peter Anders para destacar a capacidade que as novas tecnologias nos dão para habitar dois mundos simultaneamente” (SANTAELLA, 2007a, p. 132).

complexo de suportes que foram historicamente introduzidos, e que as ritualidades a ele relacionadas, portanto, reúnem velhas e novas práticas. Como essas práticas foram empiricamente buscadas e serão apresentadas em momento posterior, detêm-se aqui em estabelecer um primeiro contato com o objeto para demonstrar em que contexto essa busca se pautou.

Assim, da mesma forma como se tomou a revolução tecnológica como fio condutor para descrever algumas mudanças culturais e comunicacionais dos últimos séculos, utiliza-se aqui também o eixo técnico para balizar uma abordagem que almeja enquadrar o jornalismo em meio a todas essas transmutações. Tendo sempre em mente, no entanto, que

o que a revolução tecnológica introduz em nossa sociedade não é tanto uma quantidade inusitada de novas máquinas, mas, sim, um novo modo de relação entre os processos simbólicos – que constituem o cultural – e as formas de produção e distribuição dos bens e serviços: um novo modo de produzir, confusamente associado a um novo modo de comunicar (MARTÍN-BARBERO, 2006, p.54).

Ao narrar a trajetória do jornalismo, Mallmann (2005) atribui seu nascimento a dois fatores: à necessidade de trocas de informação e ao advento da prensa. Segundo a autora, a história do jornal remonta à organização das antigas civilizações, em especial a romana, onde pontífices começaram a fazer uso de murais secretos e públicos para divulgar conteúdos político-religiosos ao povo. No governo de Júlio César, foi criada a *Acta Diurna*, que em um primeiro momento trazia assuntos políticos, mas, mais tarde, passou a diversificar seus temas e a retratar a vida privada do imperador. Esse modelo de comunicação introduziu elementos como variedade, atualidade e periodicidade, além de esboçar uma ampliação da área de circulação dos conteúdos, uma vez que copistas reproduziam os textos dos murais para leitura em outros espaços.

Mallmann (2005) conta, contudo, que, com a queda do Império Romano, em 476, essas práticas comunicacionais tiveram de ser abandonadas, sendo retomadas, com outras características, somente no século XII, a partir das demandas mercantilistas. Neste período, os correios eram os carros-chefe da comunicação e a velocidade nas trocas comunicacionais formulava-se como uma meta a ser perseguida.

No Renascimento, essa meta passa a ter a seu favor a reprodução rápida e em grande escala possibilitada pelo surgimento da impressão, mesmo que ainda detida no âmbito dos livros. O jornal, por ora manuscrito, recém estava começando a se

estabelecer, sendo fruto da consolidação das profissões de copista e correspondente pagos. Pequenos jornais viriam a ser impressos somente entre os séculos XVI e XVII.

A convergência da técnica de impressão (a prensa), dos correios e da experiência de produzir informações atuais, variadas e diárias construiu o esboço do jornalismo moderno. A capacidade de inserir, inicialmente, textos tipo-a-tipo (letra por letra) e depois imagens, copiadas a mão e impressas, determinou as linguagens utilizadas no jornal impresso (MALLMANN, 2005, p.34).

Com essas melhorias em sua produção, apresentação e distribuição, aliadas à sua inerente mobilidade, os jornais tomaram as ruas, as praças, os cafés, implantando a cultura de massa. Entretanto, em função das limitações do tempo de transporte, seguiu enfrentando problemas para transmitir suas notícias. Essa deficiência seria em boa parte resolvida com a invenção do telégrafo, na segunda metade do século XIX.

Junto com o telégrafo, com seu potencial para a transmissão da informação a distância, a invenção da fotografia, com seu poder documental, levou à explosão do jornal, uma explosão que foi exponenciada pela passagem da prensa manual para a prensa mecânica. O telégrafo fez do jornal uma rede global de correspondentes cujos nós partiam de jornais metropolitanos. A conexão entre estes nós, nos quais a informação era coletada e disseminada, era o sistema telegráfico internacional, enquanto a conexão com os leitores era dada pelo jornal diário cujas notícias não tinham mais do que vinte e quatro horas (SANTAELLA, 2007a, p.287).

Passadas algumas décadas, mesmo que inicialmente arraigado ao modelo da imprensa, o jornalismo começa a tomar novos contornos em função do rádio. As apostas fundavam-se na oralidade e no encurtamento da periodicidade. Na sequência, é a vez da televisão imprimir suas marcas audiovisuais e, hoje, a produção jornalística vem sendo reformulada pelos recursos da era da Internet. É importante lembrar, no entanto, que o emprego das facilidades proporcionadas pela digitalização não se restringe a alavancar o jornalismo *on-line*. Os editores de texto e imagem, as câmeras digitais e os parques gráficos de alta tecnologia²⁴, por exemplo, estão aprimorando as demais modalidades de jornalismo. Isso demonstra que o deslocamento de um formato a outro não é um processo linear. Da mesma forma que o jornalismo impresso já vinha coexistindo com o rádio e telejornalismo nas décadas passadas, tende agora a dividir espaço com uma nova categoria: o webjornalismo.

²⁴A própria Zero Hora, em junho de 2009, ao completar 45 anos, investiu R\$ 70 milhões na construção de seu novo parque gráfico. As novas máquinas permitiram a ampliação do número de páginas em cor, o aumento da velocidade de impressão e a automatização do processo de colocação de encartes. Além disso, na mesma semana, o jornal teve seu projeto gráfico alterado para tornar a “leitura mais fácil e atraente”, conforme descreve a capa da edição de 27 de junho de 2009.

O desenvolvimento do jornalismo na *Web* costuma ser narrado, por Palacios, (2002), Mielniczuk (2002) e por outros autores, em três fases. A primeira consiste na transposição parcial de algumas matérias das versões impressas dos grandes jornais para espaços digitais, reproduzindo em tela o formato e a organização adotados em suporte material. Na etapa da metáfora, manifestada no final da década de 1990, os produtos permanecem atrelados ao modelo de jornal em papel, mas despertam para a experimentação de algumas ferramentas oferecidas pela rede: são utilizados alguns recursos hipermídia; “começam a surgir *links* com chamadas para notícias de fatos que acontecem no período entre as edições; o *e-mail* passa a ser utilizado como uma possibilidade de comunicação entre jornalista e leitor ou entre os leitores, através de fóruns de debates” (MIELNICZUK, 2002, p.4). Na terceira fase, inicia-se efetivamente a aplicação das potencialidades da Rede e a construção de um jornalismo que extrapola o que seria uma versão *on-line* do jornalismo impresso. Nessa fase, a Internet não mais é reconhecida meramente como um espaço, é tratada como um novo meio de comunicação, o que repercute em produções desenvolvidas com exclusividade para esse ambiente.

Distingue-se a terceira - e atual – geração de desenvolvimento do jornalismo digital como uma fase de base tecnológica ampliada, acesso expandido por meio de conexões banda larga, proliferação de plataformas móveis, redação descentralizada, uso de bases de dados, *blogs*, tecnologias imersivas, adoção de sistemas que permitam a participação do usuário, produtos criados originalmente para veiculação no ciberespaço, conteúdos dinâmicos formatados em narrativas multimídia, e experimentação de novos elementos conceituais para organização da informação, assim como de novos gêneros (BARBOSA, 2006, pp.2-3).

Por fim, fala-se já na edificação de uma quarta geração, a do jornalismo digital baseado em bancos de dados inteligentes, trazendo vantagens como a recuperação rápida de informações, a ininterruptão do fluxo informacional e um enriquecimento nos modos de construir e apreender as narrativas: “o texto webjornalístico, incrementado pelo banco de dados, pode viabilizar vários caminhos a determinados conteúdos e o usuário pode acessá-los a qualquer momento” (DALMONTE, 2007, p.4). Para Schwingel (2005) esse momento representaria a industrialização de processos ainda executados de forma intuitiva e artesanal:

(...) consolidaria a utilização de bancos de dados complexos (relacionais, voltados a objetos) através da utilização de ferramentas automatizadas e diferenciadas (sistemas para a apuração, a edição e a veiculação das informações) na produção de produtos jornalísticos. Tais ferramentas vinculariam diferentes plataformas (*Web*, *e-mail*, *WAP*) e distintos ambientes

(*web chats*, fóruns), utilizando-se de tecnologias também diferenciadas (SCHWINGEL, 2005, pp.10-11).

Existem ainda outros ordenamentos semelhantes para esquematizar o desenvolvimento do webjornalismo, que, apesar de concordarem com a essência de cada uma das fases descritas acima, detêm-se em parâmetros mais específicos. Silva Jr. (2002), por exemplo, se centra no estudo das interfaces dos *sites* para categorizá-las nos estágios transpositivo, perceptivo e hipermidiático. Ribas (2004) se baseia no uso que os *sites* de notícia fazem do hipertexto para classificar seus modelos narrativos em linear, hipertextual básico e hipertextual avançado. Já Moherdau (2005) vincula cada uma das instâncias do webjornalismo à perspectiva da recepção, dividindo a função do usuário em ações: “1) usuário que apenas lê; 2) usuário que lê, envia *e-mail* e sugere pautas; 3) usuário que lê, envia *e-mail*, sugere pautas e participa da produção de conteúdo” (p.26). De acordo com a autora, na quarta geração surge uma nova função para o usuário: a de autoperсонаlização do conteúdo. Quadros (2005), por sua vez, referencia-se no grau de interatividade ao propor seis fases de aprimoramento:

Na primeira fase, (...) o usuário envia um *e-mail* à redação digital e não obtém resposta, apenas a disponibilização do seu conteúdo editado em um espaço definido para os leitores tal como ocorre nas seções de cartas dos jornais impressos. Na segunda fase, o usuário tem a oportunidade de escolher mais caminhos possíveis com o uso ainda incipiente do hipertexto. Com sorte, em alguns jornais, ele consegue enviar *e-mails* diretamente aos jornalistas e receber uma resposta. São oferecidas algumas possibilidades de escolha, normalmente, dispostas em formulários estanques. Na terceira fase, são marcadas conversas esporádicas com jornalistas e personalidades famosas. (...). Na quarta fase, na qual já se proliferam os *blogs*, alguns jornais digitais adotam a possibilidade de enviar comentários sobre os assuntos em pauta. (...) A capacidade de memória do usuário é estendida por meio do banco de dados, que faz o elo entre informações fragmentadas ao relacionar o conhecimento humano. Na quinta fase, o público ganha o direito de produzir uma matéria com o apoio do mediador (...). Na quinta fase, o usuário também adquire o direito de disponibilizar conteúdos audiovisuais. Parece mais um *paparazi* do que um cidadão-repórter, consciente das suas responsabilidades, como o da sexta fase. Nesta fase, emissores e receptores invertem os papéis para construir de modo interativo uma história (QUADROS, 2005, pp.13-14).

Apesar de sugerirem um processo evolutivo, todos esses estágios relatados não são excludentes, “podemos encontrar publicações jornalísticas para a *Web* que se enquadram em diferentes gerações e, em uma mesma publicação, podemos encontrar aspectos que remetem a gerações distintas” (MIELNICZUK, 2003, p.6). De qualquer forma, a descrição desses avanços ajuda a perceber que, ao longo de sua trajetória na Internet, o jornal agregou características que o foram desenhando como um novo meio de comunicação. Até o presente momento, seis são as características convencionalmente

atreladas ao webjornalismo: interatividade, hipertextualidade, multimídia, instantaneidade, personalização e memória.

A interatividade permite a inclusão do usuário no processo jornalístico a partir da utilização de recursos como *e-mail*, espaços para comentários, enquetes, fóruns e *chats*. A hipertextualidade está relacionada à interconexão de textos através de *links*, interferindo na estrutura e apresentação dos conteúdos. O hipertexto pode ser utilizado, conforme Toldo e Gonçalves (2008, pp.2-3), como organizador da narrativa, “elemento de navegação no conteúdo (*menu*), indicação de conteúdo extra (mais informação, fotos, arquivos de som, vídeo, animações, arquivos texto), material publicitário (*banner*) ou *link* externo”. Por multimídia, entende-se “a convergência dos formatos das mídias tradicionais (imagem, texto e som) na narração do fato jornalístico” (MIELNICZUK, 2001, p.4). Graças a essa característica, vídeos, áudios, fotos, infográficos, animações e outros elementos podem ser reunidos em um mesmo suporte.

Já a atualização contínua é decorrente da facilidade, trazida pelas tecnologias telemáticas, de produzir e disponibilizar notícias. A agilidade alcançada é tamanha, que se fala hoje em notícias em tempo real. A memória, por sua vez, faz referência ao armazenamento e disponibilização de materiais antigos de forma econômica e versátil, uma vez que dispensa arquivos físicos e, com ajuda dos bancos de dados, permite que os conteúdos sejam acessados a partir de diretrizes traçadas pelo usuário, introduzindo, finalmente, a última característica: a personalização. A personalização ocorre quando o produto jornalístico é configurado por quem o utiliza.

As possibilidades de configuração podem ser apresentadas nas opções de pré-seleção de assuntos de interesse carregados automaticamente ao entrar no *site*; disponibilização do serviço de *newsletter* a partir do cadastro do usuário, que pode escolher assuntos sobre os quais deseja receber notícias por *e-mail*; seleção do *site* como tela de abertura do navegador; e configuração de exibição do conteúdo do *site* com escolha de cores, tamanho de fonte e disposição das informações (TOLDO e GONÇALVES, 2008, p.2).

Apesar de, por questões técnicas, por inexperiência dos jornalistas ou mesmo por falta de maturidade do mercado, essas características ainda não serem adequadamente exploradas pelas páginas jornalísticas, elas vêm, aos poucos, fazendo com que o jornalismo na Internet cresça “não como outro do mesmo, mas como algo em si mesmo, ou seja, tendo nos *media* ‘reais’ não um modelo, mas apenas uma inspiração” (MOURA, 2002, p. 4). Isso porque os atributos elencados já podiam ser identificados em outros suportes, mas, agora, conforme destacam Mielniczuk e Palacios (2001),

foram potencializados e há a “combinação dessas características potencializadas, gerando novos efeitos” (PALACIOS, 2003, p.8).

Mesmo que o webjornalismo venha consolidando uma identidade própria ao longo de sua existência, quando o assunto é a relação entre o jornalismo em meios analógicos e em meios digitais, mais correto do que falar em rompimento, oposição ou ameaça é falar em reconfiguração:

Entendido o movimento de constituição de novos formatos mediáticos não como um processo evolucionário linear de superação de suportes anteriores por suportes novos, mas como uma articulação complexa e dinâmica de diversos formatos jornalísticos, em diversos suportes, “em convivência” e complementação no espaço mediático, as características do jornalismo na *Web* aparecem majoritariamente como continuidades e potencializações e não, necessariamente, como rupturas com relação ao jornalismo praticado em suportes anteriores (PALACIOS, 2002, pp. 5-6).

Percebe-se que não se está diante de uma ideia simplista de sucessão tanto pelo fato de facilmente se encontrar marcas do jornalismo impresso no webjornalismo, como porque o jornal em papel também vem tomando emprestadas as inovações do jornal digital. Os formatos não ascendem numa escala progressiva em função de algum determinismo tecnológico. A relação é de troca e complementaridade: “os jornais impressos exploram alguns recursos textuais, visuais e mediáticos implantados pelos diários na *Web*. Por sua vez, os diários impressos renovados também podem contribuir para o desenvolvimento do webjornalismo” (LARANJEIRA e QUADROS, 2007, p.3).

Todos os meios, velhos e novos, assim como as diversas tecnologias videoeletrônicas e digitais que os tornam possíveis, coexistem, conformando ou não convergências em sentido estrito, porém constituindo ecossistemas comunicativos cada vez mais complexos. A chegada de um novo meio ou tecnologia não supõe necessariamente nem tampouco imediatamente, a suplantação do anterior. E isto por várias razões. Primeiro, porque cada meio ou tecnologia é muito mais que isso. Sua transformação então envolve outros fatores, além dos estritamente técnicos ou instrumentais (OROZCO, 2006, p. 84)

Pensando-se desse modo, pode-se concluir que “uma nova mídia é aquela que abre novos caminhos estéticos e permite criar estratégias de difusão e veiculação de conteúdos, mas que também pode dialogar com as que a precederam” (DALMONTE, 2007, p.2). Por isso, quando este trabalho se propõe a estudar as práticas dos leitores diante do que se pode considerar um novo meio, significa que quer, a partir das ritualidades, ver como esse diálogo está acontecendo e como as pessoas vêm reagindo diante dele. Enfatizando justamente os “outros fatores” mencionados por Orozco, busca-se entender o que permaneceu, o que desapareceu e o que mudou em função das

transformações que a tecnologia incita no jornalismo. Antes disso, entretanto, torna-se necessário saber que transformações são essas. O próximo capítulo tem por finalidade apresentar algumas delas.

4 TECNICIDADES E WEBJORNALISMO

Com o uso do computador, uma série de práticas foram inseridas no cenário cultural: o folhear papel passou a compartilhar seu espaço com o clicar em telas; o escrever, com o programar; o ler, com o navegar. Mudanças que parecem simples, mas que ajudam a mostrar que “a tecnologia remete hoje não à novidade de alguns aparelhos, mas a novos modos de percepção e de linguagem, a novas sensibilidades e escritas” (MARTÍN-BARBERO, 2004, p.229).

A linguagem que circula na *Web* é, na verdade, uma multilinguagem, visto que é capaz de absorver características de todos os outros meios, constituindo muito mais que um somatório entre as potencialidades do texto, do som e da imagem, mas um modo inédito de configuração discursiva: a hipermídia, que é a combinação de hipertexto com multimídia.

Longe de ser apenas uma nova técnica, um novo meio para a transmissão de conteúdos preexistentes, a hipermídia é, na realidade, uma nova linguagem que nasce da criação de hipersintaxes capazes de refuncionalizar linguagens (textuais, sonoras, visuais) que antes só muito canhestramente poderiam estar juntas, combinando-as e retecendo-as em uma mesma malha multidimensional (SANTAELLA, 2007a, p.320).

Deriva daí uma forma particular de narrar, que no caso do webjornalismo, além de ser híbrida, caracteriza-se por ser:

a) fragmentada, na medida em que é proposta em hipertexto; b) individualizada ou personalizada, por ser fruto da construção particularizada de cada leitor; c) efêmera, por ser circunstancial e dificilmente reconstruída exatamente da mesma forma por leitores diferentes ou até mesmo pelo mesmo leitor em momentos distintos (MIELNICZUK, 2002, p.14).

A essa escrita emergente corresponde um novo conceito de leitura, que deixa de ser pura e simplesmente decifração de palavras, para dilatar-se por toda a complexidade que envolve o ato de navegar pelo intrincado mundo de signos da Rede Mundial de Computadores. No ciberespaço, a leitura passa a demandar a reconstrução dos jeitos de sentir, perceber e pensar. Essas transformações vão impactar na interpretação dos conteúdos digitais, o que faz com que revisar algumas questões de linguagem se torne fundamental para abordar as práticas do receptor na Internet. Aqui isso não significa esmiuçar construções textuais ou, muito menos, esquemas mentais, mas destacar algumas macromudanças que a mediação tecnológica vem impingindo ao relacionamento leitor/meio.

No ambiente da *Web*, os processos mentais parecem mais do que nunca estar relacionados ao sinestésico: “por trás do instantâneo movimento nervoso do mouse e do hipnotismo ocular, processam-se inferências lógicas sintonizadas com processos perceptivos complexos, numa junção inconsútil das atividades mentais com atividades perceptivo-corporais” (SANTAELLA, 2007b, p.14). Prontidão perceptiva e polissensorialidade, juntamente com uma boa competência semiótica, são, portanto, segundo Santaella (2007b), requisitos fundamentais para o que a autora denomina leitura imersiva. Alfabetizar-se para circular pelas infovias da rede implica ao receptor a compreensão do modo de operação do computador e o desenvolvimento de novas habilidades motoras, sensórias, perceptivas, de identificação, de seleção e de memória, enfim, para estar habilitado a navegar nos labirintos hipertextuais e interativos, o usuário precisa replanejar sua teia de raciocínio.

Esse replanejar inclui também resituar-se no tempo e no espaço. Nesta dita era pós-moderna, a apropriação técnica faz com que as dimensões espaço-temporais tenham alteradas suas espessuras semânticas. O espaço é ampliado a ponto de desenraizar-se dos limites geográficos dos mapas, enquanto que o tempo se encurta e se sobrepõe a ponto de desafiar a representação cronológica dos relógios e calendários. Como tempo e espaço não são apenas panos de fundo estáticos para a sociedade, suas transformações trazem uma gama de novos valores e interpretações, afetam a representação do mundo e

de nós mesmos, implicam “alterações em questões culturais, operacionais, de linguagem, de imaginário, enfim, mudanças importantes no histórico social humano” (MALLMANN, 2005, p. 19). Logo, entender a temporalidade e a espacialidade da hipermídia também é uma etapa importante quando se pretende estudar as ritualidades midiáticas na contemporaneidade.

O objetivo desse capítulo é aprofundar essas questões, delineando o que aqui será entendido por tecnicidade, ou melhor, é recortar e descrever as mediações técnicas que serão levadas em consideração na proposta empírica de revisão das práticas comunicacionais e socioculturais dos leitores. Segundo Fellippi (2006, p.31), a tecnicidade “está ligada à capacidade que os meios têm de inovar tecnicamente seus formatos”. Dessa forma, busca-se identificar essas inovações a partir da análise de quatro movimentos: da atividade à interatividade, do texto ao hipertexto, da mídia à multimídia e da cronologia à instantaneidade.

Conforme já esclarecido, não se quer sugerir que esses deslocamentos sejam lineares e substitutivos, mas fortalecer a ideia de que hoje muitas potencialidades de ordem técnica tiveram seus usos expandidos e intensificados, a ponto de trazerem importantes reconfigurações culturais. O fluxo que rege os mencionados movimentos é, portanto, o que se direciona de uma vida pré-Internet para uma nova “camada” tecnocultural autorizada pelas redes, que não necessariamente elimina elementos midiáticos antecessores, mas complexifica o ambiente sociocomunicacional e dinamiza algumas lógicas de análise. Por fim, é importante destacar que ao explorar esses movimentos, o foco não recairá em questões conceituais, sobretudo porque não se tratam de conceitos propriamente novos, mas em questões relacionais. Pretende-se ver como a tecnologia vem impactando o webjornalismo e, mais precisamente, as ações cotidianas de seus leitores.

4.1 A ação: da atividade à interatividade

A ideia de interatividade não é nova; já na era do rádio ela era alvo de questionamentos. Pensadores como Brecht (2005), ao perceberem o potencial dialógico do rádio, criticavam o seu uso unidirecional e não-democrático. O autor via no rádio uma ferramenta política, que deveria ser colocada a serviço da comunidade; dar voz aos que não eram ouvidos, ao invés de ser usada para fins de mera reprodução. Ele insistia que era “preciso transformar o rádio, convertê-lo de aparelho de distribuição em aparelho de comunicação. (...) A radiodifusão deveria, conseqüentemente, afastar-se dos que a abastecem e constituir os radiouvintes como abastecedores” (p.42).

Essa guerra contra a unidirecionalidade dos meios foi fortalecida na década de 1960, quando os frankfurtianos contestavam a estruturação hierárquica entre produtores e receptores no fluxo um-todos da comunicação de massa. Silva (2000), ao fazer uma retrospectiva sobre a emergência e consolidação da interatividade, também fala sobre o papel de Raymond Willians, que, contra essa mesma lógica de superioridade da emissão com relação à recepção, dizia que os produtos tecnológicos ditos *interativos*, eram apenas *reativos*, visto que o papel do receptor diante deles se limitava à escolha de alternativas pré-definidas. Foi no final dos anos 1960, segundo Silva (2000), que, em grande parte estimulados pelo ambiente contracultural da época, começaram a surgir experimentos que exercitavam criativamente a bidirecionalidade dos meios. Mas o termo *interatividade* só teria surgido no fim dos anos 1970, na França, contrapondo-se ao conceito de *difusão*.

Foi, no entanto, a Internet que, ao mesmo tempo em que permitiu que um número maior de informações chegasse a um maior número de pessoas, ampliou o potencial dialógico dos meios e popularizou a interatividade enquanto modelo comunicacional. Na *Web*, “interatividade é mais do que uma simples característica, podendo ser lida como um dispositivo: algo que marca, condiciona e determina processos que interferem na produção, no produto e na recepção” (MIENILCZUK, 2000, p.1). Outro diferencial, é que Internet promove “um contato privado entre interlocutores que é, ao mesmo tempo mediado pelo lugar público que constitui a rede” (MARTÍN-BARBERO, 2006, pp. 69-70), ou seja, na *Web*, a interatividade passa, de forma inédita na história da mídia, a conviver com a massividade, desmistificando o

antagonismo e a exclusão que se acreditava, até então, reger a relação entre esses dois padrões comunicacionais.

Nos últimos 150 anos, dispusemos essencialmente de dois meios de comunicação: de um para muitos (livros, jornais, rádios e televisão) e de um para um (cartas, telégrafo e telefone). Pela primeira vez, a Internet permite-nos dispor de comunicações de muitos para muitos e de alguns para alguns, o que tem vastas implicações para os antigos receptores e para produtores de notícias, na medida em que a diferença entre as duas categorias começa a tornar-se difícil de estabelecer (GILLMOR, 2005, p.42).

Ao contrário do que se vê no modelo da comunicação puramente massiva (fluxo unidirecional, hierárquico e orientado pela lógica da oferta), onde sempre protagonizou o emissor, nesta nova perspectiva (fluxo bidirecional, horizontal e orientado pela lógica da demanda), a esfera destinatária também ganha valor. O receptor pode, graças a essas transformações, atuar de forma multi-interativa (MIELNICZUK, 1998), isto é, interagindo tanto com a máquina, como com a publicação e com as pessoas (autores e outros leitores).

Primo (2000) propõe uma diferenciação entre esses tipos plurais de contato. Segundo o autor, essas interações variam qualitativamente, podendo ser classificadas em reativa ou mútua. A primeira se refere a uma troca programada em sistema fechado, em que aos mesmos *inputs* corresponderão sempre os mesmos *outputs*, ou seja, em que as possibilidades estão previamente roteirizadas, sendo ativadas linearmente num mecanismo de causa e efeito; uma ação estimula uma reação automática, limitada, previsível e isolada. A segunda, ao contrário, traz respostas abertas e concatenadas, negociadas entre os interagentes em caráter momentâneo e relacional, durante a dinâmica da comunicação. As ações dos envolvidos são interdependentes, impactando recursivamente o processo de interação, seus participantes e o produto em construção.

Uma interação mútua (...) vai além da ação de um e da reação de outro. Tal automatismo dá lugar ao complexo de relações que ocorrem entre os interagentes (onde os comportamentos de um afetam os do outro). Vai além do *input* determinado e único, já que a interação mútua leva em conta uma complexidade global de comportamentos (intencionais ou não e verbais ou não), além de contextos sociais, físicos, culturais, temporais, etc. Por outro lado, os sistemas reativos, por trabalharem no automatismo, não podem perceber (ou o fazem com grandes limitações) a maioria das informações dessa complexidade, nem tampouco elementos meta-comunicacionais (PRIMO, 2000, p.91).

Um mais, outro menos, mas ambos os tipos de interação geram certo embaralhamento nas funções dos polos emissor e receptor. Por isso, “pensar a comunicação, em especial o webjornalismo, a partir das novas mídias requer um

empenho para se observar um reordenamento dos papéis das instâncias de produção e recepção/consumo” (DALMONTE, 2007, p.13).

Na modalidade interativa de comunicação, o emissor se torna um construtor de espaços multimidiáticos e probabilísticos a serem explorados pelo receptor. Utiliza-se do aporte do hipertexto, mais profundamente abordado a seguir, para criar uma arquitetura labiríntica, em que informações sobrepõem-se e bifurcam-se, colocando em potencial várias versões de leitura de uma mesma escrita. A escrita é, pois, originalmente não-linear, múltipla, provisória e polissêmica. Dessa forma, mesmo o autor do texto desconhece a consumação de sua obra, pois faz proposições indeterminadas e virtuais, que vão definindo-se a partir da atualização do leitor, sem com isso deixar de estar aberta a outras reapropriações.

Isso significa que, antes da ação do receptor, a mensagem se apresenta como um conjunto de caminhos alternativos. É um processo e não um conteúdo final, uma estruturação complexa, incompleta, móvel, mutável, pronta para rearranjos coordenados pela imaginação e responsabilidade do leitor, que age com relativa autonomia, combinando, alterando e acrescentando dados. A mensagem é um espaço intuitivo, dialético e participativo que só se perfaz na hora da leitura, permitindo ao receptor experiências próprias da informação estocada.

Diz-se, assim, que receptor está deixando de ser passivo para se tornar ativo. É certo que o termo *passivo* aplicado por alguns autores é por demais radical, pois, como afirma Lévy (2000, p. 79), “um receptor da informação, a menos que esteja morto, nunca é passivo”. Mas, certamente, o caráter ativo que surge nesse contexto ultrapassa o papel de produtor de sentido, referindo-se à oportunidade de intervenção na criação da mensagem, de coautoria.

O emissor não emite mais no sentido que se entende habitualmente. Ele não propõe mais uma mensagem fechada, ao contrário, oferece um leque de possibilidades, que ele coloca no mesmo nível, conferindo a elas um mesmo valor e um mesmo estatuto. O receptor não está mais em posição de recepção clássica. A mensagem só toma todo o seu significado sob a sua intervenção. Ele se torna de certa maneira criador. Enfim, a mensagem que agora pode ser recomposta, reorganizada, modificada em permanência sob o impacto cruzado das intervenções do receptor e dos ditames do sistema, perde seu estatuto de mensagem “emitida” (MARCHAND *apud* SILVA, 2000, p. 114).

Vê-se, pois, que a relação emissor-mensagem-receptor, antes interpretada como um trio de lugares lógicos estanques, tem suas divisas mescladas. Todo emissor passa a

ser potencialmente um receptor e vice-versa, e a mensagem é o resultado dinâmico e contextual dessa reversibilidade. O esquema clássico de comunicação é posto em questão, visto que seu ordenamento caduca frente à flexibilidade e à complexidade que a mídia interativa proporciona. “Parece que a comunicação estava sustentada por um modelo teórico já evaporado (...). Foi somente a comunicação de massa transformar-se em redes comunicacionais informáticas para o modelo consolidado fracassar” (MARTINS, 2007, p.4).

[O receptor] não se senta passivamente diante da TV ou não abre simplesmente um jornal ou uma revista para consumir as mensagens que os *gatekeepers* prepararam para ele naquela edição ou naquela hora. O receptor agora tem o controle, o poder de acessar uma infinidade de fontes, sem as barreiras de tempo e espaço que limitavam sua ação até o advento da *Web* (ALVES, 2006, p. 96).

Mais do que isso, agora ele pode, no caso do jornalismo, interferir no *status* das notícias, comentando-as, questionando-as, alterando-as, avaliando-as; pode redigir e publicar suas notícias em *sites* jornalísticos; pode, por fim, criar seu *blog* e nele publicar aquilo que julgar interessante em sua vivência, determinando ele próprio seu ângulo de análise, seu estilo de linguagem e suas ênfases. Trata-se do chamado webjornalismo participativo, também conhecido como jornalismo cidadão, jornalismo *open source*, jornalismo 2.0 ou jornalismo *peer-to-peer*. Primo e Träsel (2006, p.47) definem o webjornalismo participativo como “práticas desenvolvidas em seções ou na totalidade de um periódico noticioso na *Web*, onde a fronteira entre produção e leitura de notícias não pode ser claramente demarcada ou não existe”. É a abertura da prática jornalística a todos, oportunizando os cidadãos a trazerem para dentro das notícias traços de sua vida cotidiana. É o ciberespaço ampliando a liberdade de expressão.

Entre as condições que favoreceram o desenvolvimento do webjornalismo participativo estão: “maior acesso à Internet e interfaces simplificadas para publicação e cooperação online; popularização e miniaturização de câmeras digitais e celulares; a ‘filosofia *hacker*’ como espírito de época; insatisfação com os veículos jornalísticos e a herança da imprensa alternativa” (PRIMO e TRÄSEL, 2006, p.40). Outro incentivo a ser citado é de ordem mercadológica, isto é, a participação é uma forma de criar novos espaços publicitários, ampliar o público-consumidor e tornar o webjornal mais rentável. “Havendo demanda crescente e recorrente a essas páginas, elas ganham importante valor de venda a anunciantes, interessados em posicionar suas mensagens publicitárias em espaços de trânsito intenso” (PRIMO e TRÄSEL, 2006, p.50). Fonseca e

Lindemann (2007, p.91) somam a essas motivações a pré-disposição do público, ou seja, sua vontade de se ver na mídia, e a vontade das empresas de comunicação de ampliar o raio de cobertura.

É importante lembrar que essas mesmas ferramentas de interação que fomentam a produção coletiva e uma representação múltipla da realidade também, e de certa forma contraditoriamente, instrumentalizam a personalização. Diante do imenso leque de opções ofertadas pela Internet, os usuários podem efetuar decisões individuais, abrindo caminhos para uma comunicação *eu-cêntrica*:

A comunicação se torna eu-cêntrica porque tenho acesso somente ao que eu quero, na hora em que eu quero, no formato em que eu quero e onde eu quero. Trata-se, sobretudo, de uma transferência importante de poder ou de privilégio, que passa do emissor para o receptor, numa evidente ruptura dos modelos fechados que se conheciam até agora (ALVES, 2006, pp. 96-97).

Se por um lado o consumo personalizado de informações *on-line* pode ser mais prazeroso para o leitor, por outro, conforme alertam Prado e Brito [s.d], altera o papel social do jornalismo:

Poderíamos dizer que os jornais impressos contribuem em grande parte para reforçar algumas das características mais importantes de uma comunidade no sentido clássico: o sentimento de pertencimento, a territorialidade (reforçando o vínculo com a cidade e, ao mesmo tempo, funcionando como territorialidade simbólica daquela cidade), a permanência (o jornal aciona mecanismos simbólicos para reforçar o pertencimento àquela comunidade), o caráter cooperativo e a existência de um projeto comum (p. 8).

O consumo individualizado e fragmentado de informações, segundo as autoras, pode colaborar para a crise da noção de cidadania, uma vez que desconecta os indivíduos das demandas mais coletivas, deixando “ainda mais aberto o flanco para que a cidade se desintegre como núcleo gerador de cultura e que seus atores se reúnam em tribos identitárias cada vez mais fragmentadas, que se articularão em torno de objetivos e interesses mais pontuais” (p.8). Vendo o webjornal como um meio complementar e não substitutivo do jornal tradicional, julga-se que a preocupação das autoras é um pouco exagerada, mas não pode deixar de ser considerada, pois interfere em questões diretamente relacionadas com a produção de sentido, como é o caso da noção de identidade.

Almeida (2008) também faz menção aos prós e contras do uso customizado das informações:

Dizer não aos produtos e conteúdos distribuídos de forma massiva pode significar o desejo de se superar o “lugar comum” e se incentivar a criatividade e a democratização da produção, todavia, pode também apontar a busca pela criação de um estilo individual de consumo, alheio ao praticado pelos demais indivíduos, o que poderia, em longo prazo, construir um mundo de sujeitos isolados, que defendem os próprios interesses e não compartilham as necessidades e experiências de uma dada sociedade. Seria esta uma nova forma de alienação na cultura digital? (ALMEIDA, 2008, p.6).

A crise da cidadania e o risco de alienação são apenas alguns entre os medos que vieram a reboque das possibilidades trazidas pelas práticas interativas no jornalismo. Alguns temem a migração das audiências dos jornais para os *blogs*, uma vez que os últimos já nasceram inseridos nessa nova lógica comunicacional; outros temem não mais diferenciar fatos e boatos, em função da participação “irresponsável” dos leitores; muitos, ainda, levantam polêmicas sobre o fim da profissão de jornalista, posto que as atividades que antes lhe eram exclusivamente relacionadas, são agora compartilhadas com amadores.

A nova modalidade tem contribuído para que o jornalista venha assumindo um papel mais passivo e acomodado no processo, perdendo algumas das características que sempre compuseram o seu perfil profissional, como a preocupação constante com a ética, a verdade, a busca da objetividade, a participação nos processos de elaboração e apuração da notícia, como reuniões de pauta (onde se dá o trabalho do *gatekeeper*), saída a campo, investigação, contato com as fontes, cruzamento de informações, redação das matérias, produção de fotos, revisão e diagramação. Ora, com a prática do jornalismo participativo na Internet, o trabalho dos jornalistas – quando há – resume-se ao *gatewatching*, ou seja, à vigilância dos materiais enviados pelos internautas (na sua maioria, desconhecidos), nos quais é depositada a confiança de que estão relatando a verdade acima de tudo (um dos princípios legitimadores do jornalismo) (FONSECA E LINDEMANN, 2007, p.91).

Não há dúvidas de que as rotinas produtivas do jornalismo estão sendo transformadas, mas Primo e Träsel (2006, p.40) lembram que “o papel principal do webjornalismo participativo é cobrir o vácuo deixado pela mídia tradicional” (PRIMO e TRÄSEL, 2006, p.45), complementá-la, fiscalizá-la, diversificá-la. Nesse sentido, não creem que a razão de existir do jornalista tenda a ser exterminada. Para os autores, abre-se, com o webjornalismo participativo, um novo campo de atuação para esse profissional, que consiste, por exemplo, em criar suas próprias publicações, em editar textos enviados por colaboradores, em ensinar técnicas jornalísticas aos cidadãos interessados em participar de reportagens colaborativas. Além disso, emerge, com a Internet, a necessidade de se tornar produtor de conteúdos multimídia, de estar sempre conectado para buscar e trocar informações, de se habituar a múltiplos horários de fechamento, a novos desenhos de redação, a novas prioridades, a novos *softwares* e

aparelhos. Sob esse ponto de vista, pode-se pensar que as atividades do jornalista não só foram modificadas como também ampliadas.

Enquanto essas mudanças ainda buscam acomodar-se, diversas iniciativas, com diferentes motivações, vêm driblando temores e expectativas e experimentando o que seriam novos modos de fazer jornalismo. Entre as mais destacadas está o *Slashdot* (<http://www.slashdot.org>). Fundado em 1997, esse *site* marca, de acordo com Moura (2002), o que muitos consideram o início da era do jornalismo *open source*. Conforme esclarece o *slogan* “*News for Nerds. Stuff that Matters*”, seu objetivo é abordar um assunto específico: tecnologia informática e, em função da grande abertura a comentários e pela qualidade dos mesmos, acabou configurando-se como um grupo de discussão especializado, com informações amplas, aprofundadas e confiáveis. “Ler os comentários pode muitas vezes ser mais produtivo que ler o próprio artigo (...). [Além disso], dados falsos ou infundados são normalmente detectados com rapidez pela comunidade. Conseqüentemente, a falsa informação é rara” (MOURA, 2002, pp. 2-3).

Primo e Träsel (2006) apontam como outro diferencial do *site* o seu sistema de moderação compartilhada. Explicam eles:

O software sorteia randomicamente 400 moderadores por vez entre os leitores cadastrados. Estes podem votar na relevância de cada comentário relacionado ao tópico em questão, com valores entre -1 e +5. Os critérios para escolha dos moderadores são antigüidade, assiduidade e qualidade das contribuições. A tarefa dura três dias. Estes moderadores são monitorados por “metamoderadores” escolhidos entre os mais antigos participantes do fórum, que decidem se as avaliações foram justas ou injustas. Ao mesmo tempo, cada moderador — ou seja, cada participante registrado — é avaliado no sistema conhecido como “carma”, em que entram em jogo tanto a quantidade e qualidade da participação nas discussões, quanto a qualidade das avaliações feitas sob papel de moderador ou metamoderador. Colaboradores que tenham seu carma avaliado como “ruim” ou “terrível” não podem participar da moderação ou metamoderação. O objetivo de todo este sistema é tanto garantir que nenhum colaborador atrapalhe a discussão, quanto impedir que moderadores façam avaliações injustas (p.51)

Autoun e Pecini (2007, p.11) lembram, contudo, que a complexidade desse sistema de avaliação, não garante diversidade, uma vez que os mais bem cotados tendem a aumentar sua pontuação, enquanto os de mais baixa pontuação, pouco são lidos, tendo, portanto, reduzidas as chances de receber avaliações positivas e reverter sua reputação. Quadros (2005, p.7) complementa: “a classificação dos comentários já determina um controle, uma proposta de leitura e a falta de igualdade de direitos”. A autora também comenta o caso dos usuários anônimos, que além de terem suas

mensagens assinadas obrigatoriamente como *anonymous cowards (AC's)* e de não poderem atuar como moderadores, são, geralmente, pouco lidos e pior avaliados. “Pelo baixo índice de leitura de seu comentário fica difícil checar a veracidade do fato, ao contrário do que ocorre quando um jornalista recebe uma informação em *off*” (QUADROS, 2005, p.7).

Outros dois exemplos de webjornalismo participativo bastante citados são o *Mídia Independente (CMI)* ou *Indymedia* (<http://www.indymedia.org>) e o *Ohmynews* (<http://www.ohmynews.com>), ambos criados por motivação de cunho político. O *CMI* surgiu em 1999, a partir de um grupo de ativistas envolvidos na cobertura das manifestações contra a Organização Mundial do Comércio (OMC), em Seattle. Com seus computadores, câmeras e gravadores, os voluntários forneceram uma cobertura notória e alternativa à da mídia tradicional. Carregando a idéia *Don't hate the media, become the media*, a proposta é uma agência de notícias democrática, gratuita descentralizada e sem censura. Nesse *site*, “ou os artigos são aceitos como estão, ou são enviados para a seção ‘artigos escondidos’” (PRIMO e TRÄSEL, 2006, p. 52).

De forma similar, o *Ohmynews* foi criado em 2000 por um jornalista sul-coreano que, insatisfeito com o conservadorismo dos jornais que controlavam a mídia de seu país no período de redemocratização, resolveu abrir um canal para as manifestações da sociedade civil. Em 2004, o *site* passou a ser editado também em inglês, ganhando a denominação de *OhmyNews International* (<http://english.ohmynews.com>) e estendendo para o âmbito mundial a defesa de que “todo cidadão é um repórter” (Brambilla, 2006). “O princípio era permitir que os habitantes do país enviassem artigos com informações locais, o que redundava na exposição de problemas ausentes dos outros jornais” (PRIMO e TRÄSEL, 2006, p. 42). As notícias enviadas são avaliadas e editadas por uma equipe de jornalistas, sendo que os autores das notícias publicadas, que são invariavelmente cadastrados, são recompensados em dinheiro.

Grau maior de liberdade experimentam os leitores do *Wikinews* (<http://www.wikinews.org>). Com suas primeiras edições lançadas em 2004, o *site* é peculiar por ser uma proposta livre de colaboração, baseada no modelo *wiki*, em que os participantes podem tanto enviar notícias como corrigir, ampliar e modificar textos já publicados por outros colaboradores. As alterações ficam registradas em um histórico da notícia, podendo ser revertidas. Conforme explicam Primo e Träsel (2006, p.52), o *site* não

conta com moderação, e a atuação de seus administradores é bastante restrita, “seu papel é principalmente manter as ferramentas funcionando ou intervir em casos extremos de vandalismo”.

No Brasil, Schimitt, Oliveira e Fialho (2008) mencionam os exemplos *Folha.com* e *Oglobo.globo.com*, que permitem que as notícias sejam comentadas e avaliadas. Fonseca e Lindemann (2007) acrescentam o *Overmundo* (<http://www.overmundo.com.br>), um webjornal segmentado que se preocupa em abordar a diversidade da cultura brasileira. Mencionam também a seção *FotoRepórter* (<http://fotos.estadao.com.br/fotoreporter>) do grupo de comunicação *O Estado de São Paulo*, que publica fotos submetidas pelos leitores, havendo a possibilidade de essas fotos integrarem as versões impressas dos jornais do grupo. O canal *Vc Repórter* (www.terra.com.br/vcreporter), que recebe materiais jornalísticos produzidos por leitores via *e-mail* ou celular, é outro caso levantado pelas autoras. Como esses, muitos outros exemplos nacionais e internacionais poderiam ser citados.²⁵

É importante destacar, contudo, que a existência desses sistemas interativos não é garantia de interação. Apesar de a *Web 2.0*, ao potencializar o caráter colaborativo das redes, incentivando a abertura e a horizontalização da comunicação, viabilizar tecnicamente uma revolução digital, a real democratização da esfera pública fica limitada por fatores como a concentração do mercado mundial de comunicação nas mãos de poucas megacorporações e a exclusão digital (LINDEMANN, 2007). Mesmo que nos últimos anos o número de internautas venha crescendo “e o Brasil seja o primeiro colocado em quantidade de internautas na América Latina, o contingente de analfabetos digitais ainda responde, seguramente, por mais que a metade de todos os brasileiros” (BECKER e LIMA, 2007, p.16).

É por essa razão que Prado e Brito ([s.d], p. 11) sugerem

caminhar na contramão de uma certa visão exageradamente otimista dos resultados que este uso criativo possa proporcionar. Visão que resulta tão instrumental como a das teorias da manipulação informativa pelos media, pois parece ignorar as determinações sociais que condicionam a circulação dos discursos na Internet, cultuando o avanço tecnológico da eletrônica como a “varinha de condão” para resolver os problemas da democracia, da solidariedade social, da participação política etc.

²⁵ O potencial participativo do jornal *Zerohora.com*, objeto empírico deste trabalho, será descrito no capítulo 5.

Estão semeadas algumas possibilidades de inserir perspectivas mais heterogêneas no jornalismo, mas o terreno para desenvolvê-las, conforme mencionado, parece recém estar sendo preparado. O que se procurou mostrar nessa seção é que, mesmo que em diferentes velocidades, a tecnologia vem alterando os princípios da comunicação e algumas práticas socioculturais. Se os “atrasos” do campo socioeconômico não permitem delinear muitos dos impactos do potencial interativo da comunicação jornalística, quis-se aqui expor alguns que já são perceptíveis: que está ocorrendo a descentralização do emissor, que as mensagens estão ganhando vitalidade e que vem sendo edificado em torno do leitor um papel diferenciado, em que reina a maior liberdade de escolha, a possibilidade de tornar públicas as impressões diante do conteúdo lido e ainda a própria construção de conteúdos.

4.2 A escrita: do texto ao hipertexto

Assim como a interatividade, a noção de hipertextualidade não nasce com a Internet. Conforme Primo e Recuero (2006), a noção remonta aos séculos XVI e XVII, quando os leitores acrescentavam e compartilhavam anotações nas margens dos livros: as *marginálias*.

Estas seriam como índices pessoais, citações de textos, remissões a outras partes ou outros textos feitas pelos leitores dos livros da época, anotadas nos cantos das páginas destes e depois transferidas para um caderno de “lugares comuns”, para que posteriormente pudessem ser consultadas (AQUINO, 2006, p.2).

Mesmo com essas experiências em suporte material, costuma-se atrelar a leitura hipertextual e o próprio conceito de hipertexto à tecnologia digital. Ribeiro (2006a) atribui esse vínculo ao fato de “a pretensa novidade do hipertexto ter suas origens na história da informática e da engenharia de computação” (p.21). O marco inicial seria o ano de 1945²⁶, quando Vannevar Bush idealizou um sistema de microfichas

²⁶ Santaella (2007a), ao retomar a história do hipertexto, retorna ainda mais no tempo, referindo-se ao trabalho de Paul Otlet que, nos anos 1930, procurou na Classificação Decimal Universal (C.D.U) uma nova perspectiva para documentar as informações armazenadas no Instituto Internacional de Bibliografia de Bruxelas. O C.D.U entende o universo das coisas como dividido em dez partes, que, na busca por precisão, se subdividem em outras dez partes, e assim por diante.

denominado *Memex*. Incomodado com o modo sequencial e hierárquico com que os documentos científicos eram organizados, ele elaborou uma proposta alternativa, mais próxima do modo associativo de pensar dos seres humanos. No início dos anos 1960, essa ideia foi adaptada ao computador por Douglas Engelbart, que criou um programa hipertextual denominado *Augment*. A invenção abriu caminhos para que Theodore Nelson criasse um sistema de informações em rede denominado *Xanadu*, que inspiraria a criação do termo *hipertext*.

Se a primeira aplicação do termo *hipertexto* foi no contexto da informática, Ribeiro (2006a) insiste que a leitura hipertextual seja compreendida de forma mais ampla, “como modo de operar não-linearmente, algo que a mente faz de forma balística e natural na leitura de qualquer texto, seja ele oral, impresso ou digital, linear ou não-linear em sua aparência” (p.20). Aquino (2006) também comenta que a hipertextualidade não é privilégio dos textos em tela. Concordando com Ribeiro e com todos aqueles que defendem que qualquer leitura é hipertextual, a autora pergunta: “qual o indivíduo que não remete seus pensamentos a outros textos e até mesmo situações vividas e os associa ao texto atual que está lendo?” (p.6). Pensando dessa forma, “texto e hipertexto podem ser, do ponto de vista do processamento mental da leitura, uma mesma coisa” (RIBEIRO, 2006a, p.29).

O que vem mudando é que, ao longo da história, os processos mentais de leitura passaram a ser acionados por novos formatos. E se muitas vezes a diagramação é suficiente para romper a linearidade textual, ou em outras palavras, “se o leitor também ‘lê’ as letras (fontes e corpo de fonte), não se pode dizer que leia o texto como um ente separado dos formatos que lhe são dados pelo manuscrito, pela máquina ou pelo computador” (RIBEIRO, 2006a, p.8). É por isso que as práticas dos leitores foram mudando com os suportes, e que hoje a Internet chama um olhar renovado sobre a hipertextualidade.

A informática não fez surgir, do nada, um leitor ativo e incisivo. Esse leitor, mesmo que quieto e em silêncio, já operava complexa e ativamente. O leitor de jornal, por exemplo, opera de forma a ter expectativas, comportamentos e gestos específicos para aqueles textos naquele suporte, o que não é inato, mas, sim, aprendido em sociedade e aperfeiçoado com o uso. Essa mesma forma de ler não é estanque, mas compartilhada e empregada quando da leitura de outros produtos, quais sejam: revistas, enciclopédias, todos exemplos de hipertextos impressos. Também é importante lembrar que, mediante a experiência e as demandas do leitor, o jornal modificou-se ao longo do tempo, ganhando formato, papel, fonte e diagramação adequados ao conforto de um leitor que não foi e não é passivo. Essas reformulações

também ocorrem e devem ocorrer ao longo da história dos novos suportes, tanto em relação ao meio digital, quanto em relação às interfaces e até mesmo aos gêneros de texto específicos delas (RIBEIRO, 2006a, p.25).

Landow (1992) fala que o que surge com o hipertexto digital é um novo sentido de leitor ativo: “O hipertexto proporciona um sistema que pode centra-se uma e outra vez e cujo centro de atenção provisório depende do leitor, que se converte, assim, em um verdadeiro leitor ativo, em um sentido novo da palavra” (LANDOW, 1992, p.24)²⁷. Para o autor, quando os textos impressos são convertidos em hipertextos, são fragmentados em lexias que, conectados por nexos, permitem diversos trajetos de leitura. Como esses blocos de texto são dispostos sem hierarquia, sem eixo primário de organização, cabe ao leitor decidir um começo e um fim, o caminho a seguir. Ele acrescenta ainda que “os leitores não só podem escolher vários pontos onde terminar, mas podem ainda seguir ampliando o texto, estendê-lo, deixá-lo mais longo do que era quando começaram a ler” (LANDOW, 1992, p.80)²⁸. Ademais, Landow (1992) lembra que nessas extensões, os textos, atomizados e organizados em rede, podem associar-se a elementos verbais ou não-verbais, internos ou externos ao texto original, do mesmo ou de outro autor. Dessa forma, inferem-se diversas características do conteúdo hipertextual digital: multivocalidade, intra/intertextualidade, multimidialidade, incompletude, fragmentação, multilinearidade, descentralização.

Os estudos sobre hipertexto podem, segundo Ribeiro (2006b), ser divididos em duas matrizes. A primeira delas é a norte-americana, da qual Landow é o grande protagonista. Segundo a autora, os pesquisadores americanos destacam que os “caminhos e sentidos múltiplos, construídos pelo usuário à medida que opta por determinados *links* e não por outros, e a participação do usuário na edição do texto ajustam a nova textualidade ao que se quer considerar como uma revolução” (p.7). A outra matriz, da qual Chartier é um dos principais representantes, é a européia. Possivelmente por ser a Europa berço da escrita, do livro e da imprensa, as concepções lá desenvolvidas geralmente partem de um viés histórico. Chartier (2002, p.9) acredita que “entre as lamentações nostálgicas e os entusiasmos ingênuos suscitados pelas novas tecnologias, a perspectiva histórica pode traçar um caminho mais sensato, por ser mais

²⁷ Texto original: *El hipertexto proporciona un sistema que puede centrarse una y otra vez y cuyo centro de atención provisional depende del lector, que se convierte así en un verdadero lector activo, en un sentido nuevo de la palabra.*

²⁸ Texto original: *Los lectores no sólo pueden escoger varios puntos donde terminar, sino que pueden además seguir ampliando el texto, extenderlo, dejarlo más largo de cómo era cuando empezaron a leer.*

bem informado”. É por isso que ao invés de conceber o hipertexto digital como algo revolucionário, o autor o vê como mais um dispositivo que, assim como outros já fizeram anteriormente, vem alterando as práticas de escrita e leitura.

Independente da visão adotada, é consensual o reconhecimento de que há diferença entre o hipertexto digital e o hipertexto manuscrito/impresso, diferença que, conforme Mielniczuk e Palacios (2001), está no *link*, que potencializa a aplicação da hipertextualidade no ambiente da Internet. Esse subsídio técnico permite que o emissor formule uma escrita ainda mais híbrida, dinâmica, elástica, que mistura formatos e se reconfigura a cada instante, armazenando em si uma pluralidade de enfoques. Os textos, que podem estar fisicamente dispersos e disponíveis em diferentes suportes, são postos em perspectiva, em camadas de profundidade, sem que pesos lhe sejam *a priori* atribuídos, isto é, não é prescrita uma sequência de leitura preferencial, mas algoritmos que dão a ilusão de trajetórias infinitas. “O sistema permite não só o armazenamento de grande quantidade de informações, mas também ampla liberdade para combiná-las (permutabilidade) e produzir narrativas possíveis (potencialidade)” (SILVA, 2000, p. 137).

Do ponto de vista de Canavilhas (2008) também é o *link* que torna o hipertexto digital peculiar e, por consequência, que estabelece uma das principais distinções entre o jornalismo impresso e o webjornalismo.

A sua influência [do hipertexto] faz-se sentir em todas as áreas do webjornalismo porque interfere com a linguagem, os gêneros e com a forma como os receptores se relacionam com os conteúdos através da interatividade. Esta característica é particularmente importante porque marca uma diferença fundamental em relação às notícias da imprensa escrita, não pelo fato de ser hipertextual, mas porque implica uma ação, o *clic* num *link*. A partir do momento em que o receptor desencadeia uma ação, todo o sentido muda, pois o utilizador tomou uma decisão em função de uma determinada percepção e pode ter optado por um percurso de leitura diferente do que foi escolhido por outros utilizadores (pp.2-3).

Em outras palavras, pode-se dizer que, mais do que antes, é a linha de raciocínio do receptor que vai determinar a experiência de leitura, produzindo, talvez, um processamento inédito do conteúdo. Para Prado e Brito ([s.d], p.7), essa é uma das principais rupturas trazidas pelo texto digital, “já que teria alterado radicalmente a verticalidade na relação escritor-leitor, rompendo todo um sistema de poder sobre o qual a experiência literária está fundada”.

É baseando-se nessa possibilidade que o leitor tem de, entre blocos híbridos de informação, escolher sua própria trajetória, que Mielniczuk e Palacios (2001) consideram que multimídia, personalização e interatividade são características constitutivas da hipertextualidade no webjornalismo. Primo e Träsel (2006) não contradizem tal afirmação, mas alertam que a mera decisão entre alternativas pré-formuladas não permite a máxima exploração das características expostas por Mielniczuk e Palacios, e, muito menos, garante a horizontalização da relação escritor-leitor, como defendem Prado e Brito.

No caso do webjornalismo, a simples navegação por entre as páginas digitais do *site* já é um processo interativo. No entanto, trata-se de uma interação reativa (Primo, 2004), pois cada clique chama uma lexia ou desperta uma função previamente programada no código. Nos noticiários online fechados à intervenção, o internauta não pode transformar o conteúdo, deixar suas marcas. É um processo interativo, mas cujas trocas encontram-se pré-determinadas no par ação-reação (PRIMO e TRÄSEL, 2006, p.46).

Se para muitos autores a interação reativa já é suficiente para configurar o conceito de coautoria, outros, como Primo e Recuero (2003), ponderam que a hierarquia entre escritor e leitor não pode ser considerada rompida se este último não tem a possibilidade de intervir no conteúdo, de criar novos *links* e abrir novos caminhos. Eles convidam a “tratar de autoria não apenas no que toca a leitura ou escolha entre alternativas pré-configuradas, mas fundamentalmente no que se refere à própria redação hipertextual” (PRIMO e RECUERO, 2003, p.55).

Em consonância com essa distinção, Primo (2003) classifica o hipertexto em potencial, colagem e cooperativo. No hipertexto potencial, a interação se limita a um navegar por caminhos preestabelecidos por um programador, sendo vedada a inclusão de conteúdos por parte do visitante. A percepção do leitor pode mudar, mas o produto digital preserva suas características originais durante a interação. No hipertexto colagem, o interagente pode intervir na estrutura das trilhas associativas, porém suas ações permanecem isoladas. Sendo assim, esse tipo de recurso permite a redação hipertextual, mas uma redação sem debates, em que as partes são criadas separadamente para depois, com auxílio de administradores/mediadores, serem unidas. O resultado se faz coletivo em função de encaixes de segmentos e não de discussões contínuas que modificam o produto no decorrer de sua construção, como no caso do hipertexto cooperativo. Neste último tipo de hipertexto, “todos os envolvidos compartilham a invenção do texto comum, à medida que exercem e recebem impacto do grupo, do

relacionamento que constroem e do próprio produto criativo em andamento” (PRIMO e TRÄSEL, 2006, p.49).

Seria essa a chamada terceira geração do hipertexto, que se estabelece com a *Web 2.0*, cuja principal característica é a cooperação. Depois de figurar em rodapés, índices e remissões das folhas de papel e, em um segundo momento, adentrar a *Web*, onde passou a propiciar não mais que uma navegação rápida e multilinear, o hipertexto assume, nesta terceira fase, a função de auxiliar a construção coletiva. “Quando Berners-Lee cria as páginas *Web* o hipertexto vê seu potencial coletivo desaparecer, já que a forma como veio a ser praticado nessas páginas não passava de unilateral, construído somente por seus programadores” (AQUINO, 2006, p.8). Agora, o hipertexto parece recuperar parte importante de sua capacidade.

Esse modo revigorado de empregar o hipertexto é que vem trazendo os impactos mais notáveis à prática jornalística, uma vez que se põe como essência do webjornalismo participativo. Ele permite que qualquer pessoa, mesmo sem conhecimento da linguagem HTML²⁹, interfira na morfologia hipertextual. No caso dos *blogs*, por exemplo, o hipertexto cooperativo permite o acompanhamento e a intervenção em discussões através de comentários, a criação de *links* indicando fontes, recomendando a leitura de materiais correlatos intra ou extra *blog*, enfim,

(...) a ação do internauta aqui, portanto, não se restringe a percorrer trilhas entre os *links* na *Web*, a simplesmente navegar. Ela é construída de forma conjunta, modificando a estrutura da própria *Web*. Trata-se de uma ação coletiva e construída de complexificação e transformação da rede hipertextual pela ação de *blogueiros* e leitores, que terminam por participar também como autores (PRIMO e RECUERO, 2003, p.57).

Primo e Träsel (2006) estendem essa análise para outros casos de webjornalismo participativo mencionados na seção anterior, concluindo que:

No *Wikinews* e *OhmyNews* se tem claramente um hipertexto cooperativo, visto que ou o autor precisa negociar seus textos com o editor, como no último, ou com todos os outros colaboradores, como no primeiro. Já o *Slashdot* e o *CMI* estariam mais próximos do hipertexto colagem, pois cada autor escreve independentemente seu texto, que posteriormente é publicado junto a outros textos escritos independentemente. O caso *Slashdot* pode, no entanto, ser problematizado, pois nele os comentários, inclusive com a sugestão de novos *links* e fontes, são mais importantes que o tópico inicial e se tornam uma parte integrante de um grande texto, revelando-se pois um hipertexto cooperativo (p. 51).

²⁹ *HyperText Markup Language*.

Ribas (2004), segundo referido em capítulo precedente, também faz uma categorização dos modelos narrativos empregados do webjornalismo a partir do modo pelo qual exploram a hipertextualidade, classificando-os em: linear, hipertextual básico e hipertextual avançado. O primeiro modelo corresponde ao aplicado na fase da transposição, quando as webnotícias ainda não apresentavam correlações e níveis de profundidade, e os *links* eram utilizados apenas para passar de uma editoria a outra. O segundo modelo surge no estágio da metáfora e é marcado pela exploração dos *links* como maneira de organizar as informações e por experiências incipientes de interatividade. O último modelo refere-se ao momento atual do webjornalismo, quando a hipertextualidade alia-se à interatividade e à multimidialidade para compor um estilo narrativo verdadeiramente inovador. Da mesma forma que as fases do webjornalismo, conforme previamente explicado, não se sucedem, mas coexistem, esses modelos descritos pela autora também se encontram sobrepostos.

Como narrativas que envolvem o hipertexto cooperativo – e mesmo aquelas que de forma menos sofisticada trabalham o modelo hipertextual avançado – ainda estão longe de ser regra, torna-se importante também deter-se em mais algumas transformações que o hipertexto, em suas classificações menos complexas, já proporciona ao jornalismo.

Pode-se começar pela apresentação do conteúdo noticioso. No impresso, o leitor tem em mãos uma edição completa e esse acesso prévio à íntegra do documento pode sugerir uma sensação de controle sobre o todo. Na versão digital, onde os textos estão em teia, não havendo começo e fim, isso se perde. Ademais, as webnotícias são expostas de forma mais desordenada e fragmentada. Em vez de um produto acabado, são propostas ao leitor frações textuais de certa forma independentes do que foi lido antes e do que será lido depois. “A narrativa de um fato jornalístico que, no impresso, é apresentada como um bloco de texto único e coeso, no hipertexto é apresentada como um texto pulverizado e rizomático” (MIELNICZUK, 2002, p.11). Esses blocos autônomos ganham unidade de acordo como o itinerário de leitura traçado pelo usuário, o que significa “que o jornalista não é mais o único a determinar o que é o mais importante na narrativa do fato jornalístico” (MIELNICZUK, 2002, p.12).

Na verdade, os textos noticiosos sempre se mostraram segmentados, primeiramente porque “a notícia é um recorte no espaço e no tempo em relação a

processos sociais mais amplos” (FRANCISCATO, 2000, p.9), mas também porque a limitação de espaço nos jornais escritos faz com que muitas vezes a ordem da diagramação defina a do discurso. O que ocorre no caso do webjornalismo é que, com os *links*, a fragmentação é acentuada e os blocos se autonomizam ainda mais, alterando a arquitetura da notícia e permitindo o fornecimento de mais informações de contexto.

O recurso a este tipo de ligação permite a construção de uma notícia com diferentes níveis de leitura: o leitor mais exigente pode aprofundar os seus conhecimentos sobre determinado tema, saltando de bloco em bloco de informação até aos níveis mais profundos, ao passo que os utilizadores com menos tempo ou um reduzido grau de exigência em relação ao tema podem aceder apenas aos dados mais importantes, ficando por um nível de informação mais superficial, interagindo menos com o conteúdo (CANAVILHAS, 2008, p. 3-4).

Mielniczuk (2002) mostra que a multimidialidade também vem colaborando para esse rearranjo na estrutura das notícias. Som, imagem e texto escrito começam a atuar em equilíbrio na composição das células informativas, competindo equitativamente na hierarquia dos elementos mais importantes dentro da narrativa. Em função disso, autores dividem opiniões sobre a manutenção ou não da *Pirâmide Invertida* como modelo para os textos jornalísticos na *Web* e, muitos deles, inclusive, estudam novas formas de dispor as notícias na tela. Mielniczuk (2002) entende que no jornalismo impresso é adequado que as informações mais relevantes estejam no topo da notícia (*Pirâmide Invertida*), mas que no jornalismo digital “o mais importante está lado a lado (ocupando um espaço tridimensional e nem sempre visível na tela) com outras informações” (MIELNICZUK, 2002, p.11).

A percepção do que é recomendado como primordial pode, assim, ficar menos nítida. “Estamos diante de um sistema organizado de forma policêntrica, em que as noções de interior e exterior, central e periférico, principal e secundário deixam de fazer sentido” (VENTURA, 2007, p.3). Onde nada é central, o relevante acaba sendo o que está no foco da atenção do leitor: “No hipertexto, o centro, assim como a beleza e a relevância, se encontram na mente de quem completa” (LANDOW, 1992, p.93)³⁰. Desse modo, ao mesmo tempo em que as fontes e a apresentação do conteúdo tornam-se mais dispersas, a “recepção” parece tornar-se mais individualizada. O sujeito da recepção “não mais recebe informações homogêneas de um centro ‘editor-coletor-distribuidor’,

³⁰ Texto original: *En hipertexto, el centro, así como la belleza y la relevancia, se encuentran en la mente del que contempla.*

mas de forma caótica, multidirecional, entrópica, coletiva e, ao mesmo tempo, personalizada” (LEMOS, 2007, p.80).

Dentro desse campo complexo e fluido, os conteúdos ficam em estado de virtualidade, até que o leitor defina seus rumos, dê seus saltos receptivos pelos nexos remissivos, faça as associações de acordo com seu mapa cognitivo e lhes vá atribuindo sentido. Dessa forma, “páginas, cadernos, editorias, esses conceitos oriundos da tradição do jornalismo impresso, na *Web* tomam forma à medida que o leitor navega por espaços que vão sendo construídos interativamente, com base nas possibilidades oferecidas pelo veículo em questão” (DALMONTE, 2007, p.4). A participação do leitor torna-se mais intensa e decisiva.

Isso não significa, contudo, que o hipertexto venha automaticamente diversificando as vozes do discurso jornalístico. Träsel (2007) e Dalmonte (2005) lamentam que, constrangidas pela concorrência do mercado, as empresas jornalísticas costumam temer a criação de *links* com direcionamentos externos, tendendo a colher os benefícios da desobstrução espaço-temporal trazida pela hipertextualidade de forma isolada. A ruptura das barreiras entre os produtos fica limitada, visto que os veículos não chegam a romper sua “moldura” para agregar outras narrativas e sentidos.

O hipertexto, que em sua essência traz a proposta de uma textualidade capaz de romper as barreiras impostas por limitações como a falta de espaço, no caso da mídia impressa, quando aplicado à *Web*, poderia oferecer um percurso por meio do qual o leitor poderia agregar novas informações, a partir de um itinerário estabelecido segundo zonas de interesse pertinentes a esse leitor. O que se tem visto na verdade é a manutenção de um modelo “monovocal/monofônico”, que ao invés de proporcionar uma real intertextualidade, na verdade opera com a intratextualidade, assegurando ao mesmo tempo que o leitor não saia do quadrado proposto e não vá gerar *page views* no espaço do concorrente (DALMONTE, 2005, p.16).

Esse é apenas um dos pontos a serem aprimorados nas práticas hipertextuais em *sites* de notícias. Aquino (2006, p.8) traz outros: “A unilateralidade na criação dos *links* ainda prevalece não permitindo que os usuários da Rede incluam *links* nas páginas da *Web*. A interação muitas vezes permanece reativa e o hipertexto, conseqüentemente, se desloca entre potencial e colagem”. Palacios et al (2002) reforçam essa constatação de exploração ainda discreta do hipertexto. Ao pesquisarem a hipertextualidade e outras quatro características do webjornalismo em 44 jornais *on-line* brasileiros, os autores concluem que o hipertexto é mais utilizado como um recurso para organizar a publicação do que como um recurso a ser empregado na narrativa do fato jornalístico.

Canavilhas (2008), ao fazer um estudo comparativo entre a leitura de uma notícia redigida em texto corrido e a leitura da mesma notícia constituída com ligações hipertextuais, evidencia que entre o grupo que leu a notícia com hipertextos os níveis de satisfação e de presunção de compreensão foram mais elevados. O autor, contudo, também destaca o uso ainda restrito de tal recurso e levanta a falta de tempo dos jornalistas para organizar os dados em rede e o receio de que os leitores não aceitem bem uma leitura multilinear como possíveis causas dessa subutilização. A redação em hipertexto exige que “o leitor faça o esforço suplementar de interagir com o conteúdo, seguindo *links* e saltando de texto em texto, algo que pode ser um obstáculo.” (CANAVILHAS, 2008, p.1). Conforme pesquisa apresentada por Ribeiro (2006a), em que se buscaram marcas da leitura em tela entre leitores proficientes em leitura impressa e vice-versa, de fato o é, mas isso tem mais “relação com nosso apego à cultura do impresso do que aos novos suportes em si mesmos” (RIBEIRO, 2006a, p.17).

Ou seja, mais uma vez se tem a técnica correndo à frente das adaptações culturais e, portanto, incertezas sobre as novas práticas sociais. “As mutações na ordem das práticas são geralmente mais lentas do que as revoluções das técnicas e sempre em defasagem em relação a elas. Da invenção da imprensa não decorreram imediatamente novas maneiras de ler” (CHARTIER, 2002, p. 112) e o mesmo *gap* tende a ocorrer na *Web*. Isso não impediu, entretanto, que nessa seção fossem apresentados alguns indícios. Mostrou-se que a hipertextualidade vem alterando não só a linearidade dos textos, como também sua estrutura de prioridades, seu modo de contextualizar os dados, de interligar linguagens e de abrir-se para os mais variados graus de interação com o leitor, indo desde a simples navegação a experiências de escrita cooperativa.

4.3 A linguagem: da mídia à multimídia

Depois de séculos de era das letras, vive-se hoje uma era de hibridismos de linguagem. Nos jornais impressos, já se observava desenhos e depois fotografias rompendo a preeminência que o texto exercia como difusor da cultura. Nas revistas, verbal e visual passaram a conviver ainda em maior harmonia. Com o cinema, a

imagem encontrou-se com o sonoro e, mais tarde, na televisão, parecia ter definitivamente desbancando o escrito.

O texto escrito parecia o grande deserdado, como se os meios de comunicação de massa estivessem, por fim, vingando-se da hegemonia por ele exercida séculos a fio. Eis, portanto, a grande reviravolta instaurada pelo videotexto, que seria, mais tarde, intensificada pelos PCs com seus editores de textos e, logo depois, pelas hipermídias em CD-ROM e internet: o texto escrito saltou do papel impresso para o sistema alfanumérico das telas eletrônicas. E aqui começa uma nova história do texto, e de sua absorção na hipermídia e sua conseqüente transmutação de sólido para líquido, de fixo para escorregadio, instável, volátil (SANTAELLA, 2007a, p.293).

Nessa nova instância, os textos não só coexistem como engendram-se com fotos, desenhos, gráficos, vídeos, músicas, ruídos, animações, programas informáticos, construindo sintaxes miscigenadas numa modalidade discursiva única. Isso é possível porque no computador todos esses tipos de informação “falam” a mesma língua: a linguagem dos zeros e uns, ou, como se refere Santaella (2007a, p.307), “uma espécie de esperanto das máquinas”. A digitalização permitiu a mixagem de tecnologias e a convergência das mídias, unificando meios e suportes de transmissão e permitindo produções intersemióticas de qualidade a custos geralmente reduzidos. “O computador se transformou em um laboratório experimental no qual diferentes mídias podem se encontrar e suas técnicas e estéticas se combinam na geração de novas espécies sígnicas” (SANTAELLA, 2007a, p.265). Consolidou-se, então, um processo de misturas que já vinha acelerando-se com a chamada *cultura das mídias*.

Foram assim fundidas em um único setor do todo digital as quatro formas principais de comunicação humana: o documento escrito (livros, periódicos científicos, jornais, revistas); o audiovisual (televisão, vídeo, cinema); as telecomunicações (telefone, satélite, cabo); e a informática (computadores e programas informáticos). É esse processo que tem sido referido através da expressão “convergência das mídias” (SANTAELLA, 2007a, p.319).

Desse modo, juntamente com a interatividade e com a hipertextualidade, o uso de multilinguagens viabiliza a criação de uma narrativa peculiar à Internet: a hipermídia:

Na hipermídia fotos, desenhos, gráficos, sinais de trânsito interno, formas em multiluz-cor, texturas, sombras e luzes lá estão para orquestrar sentidos. Palavra, texto, imagens fixas e animadas podem complementar-se e intercambiar funções na trama em um tecido comum. Como se isso não bastasse, a hipermídia pode importar sons, vozes, música, ruídos e vídeos. Tudo isso é então orquestrado em ambientes 3D em cujas arquiteturas o receptor imerge em processos de busca propositada ou aventureira. (SANTAELLA, 2007a, p.318).

Para Santaella (2007b), existem quatro traços definidores fundamentais da hipermídia: 1. a hibridização de linguagens, processos sígnicos, códigos e mídias; 2. a organização reticular dos fluxos informacionais em arquiteturas hipertextuais; 3. a existência de nexos ou conexões e 4. a interatividade. Tendo já falado brevemente das influências dos traços 4, 3 e 2 para a produção e a recepção das webnotícias, enfatizam-se aqui os efeitos do primeiro traço definidor – a multimídia – na prática jornalística.

Uma das consequências primordiais é que ler jornal passa a invocar novas sensibilidades: “Texto, áudio, vídeo, fotografias, animações, simulações podem fazer parte da narrativa webjornalística de maneira complementar, constituindo uma estrutura plural que explora os diferentes sentidos da percepção humana” (RIBAS, 2004, p.5).

Um dos mais claros sinais da profundidade da mudança nas relações entre cultura, tecnologia e comunicação encontra-se na reintegração cultural da dimensão separada e desvalorizada pela racionalidade dominante no Ocidente desde a invenção da escrita e do discurso lógico, isto é, a do mundo dos sons e das imagens relegado ao âmbito das emoções e das expressões (MARTÍN-BARBERO, 2006, p.57).

Para Martín-Barbero (2006), essa fusão de sons, imagens e textos escritos, conjuga a densidade simbólica com a abstração numérica, promovendo o reencontro de duas partes do cérebro, antes vistas como antagônicas e “desmontando a hegemonia racionalista do dualismo que até então opunha o inteligível ao sensível e ao emocional, a razão à imaginação, a ciência à arte, e também a cultura à técnica, e o livro aos meios audiovisuais” (pp.52-53).

Outra consequência é que os códigos passam a atuar sem hierarquias, e isso faz com que as imagens, que no jornalismo tradicional apenas acompanhavam ideias expostas com autonomia pelos textos, desprendam-se dessa função subsidiária e redundante e passem a resguardar em si mesmas informações que ampliam o conteúdo noticioso e diversificam as possibilidades de interpretações. Buitoni (2007, p.10) afirma que a fotografia, por exemplo, “não é só ilustração; ela é letra e chave para hipertextos”, ela pode falar com seus próprios argumentos.

O mesmo ocorre com a infografia (texto + imagem), que, segundo Ribas (2004), em alguns casos, torna-se a informação principal de uma notícia, quando não a própria

notícia. A autora acredita que o infográfico multimídia³¹ venha a adonar-se do protagonismo que no jornalismo impresso era conferido ao texto:

A infografia multimídia traduz as aspirações de uma estética própria do webjornalismo. Encaixa-se perfeitamente como modelo específico de composição de notícias na *Web*, oferecendo ao usuário todos os elementos de uma notícia potencializada pelas características do meio. Com isso, não desconsideramos a importância do texto como modelo de notícia, mas acreditamos que na conjuntura de uma nova formação cultural, o texto torna-se complementar ao modelo infográfico multimídia, assim como a fotografia, a imagem em movimento, a gravação em sonora, a ilustração e os demais códigos comunicativos (RIBAS, 2004, p.10).

Outros ganhos do uso combinatório dos formatos midiáticos são descritos por Canavilhas (1999). Ele fala da potencialidade das palavras, dos ruídos e do silêncio para a criação de ambientes e imagens sonoras e para a descrição de estados emocionais; da objetividade e da veracidade que a veiculação de sons e de imagens originais pode agregar à narrativa; da possibilidade de fazer simulações em 3D de fatos que não puderam ser registrados, entre outros empregos. Entretanto, o autor reclama do emprego inexpressivo dessa complementaridade entre linguagens na construção de narrativas, uma lástima ainda hoje, uma década depois, compartilhada com outros estudiosos da área. Becker e Lima (2007) pensam que em parte essa deficiência pode ser atribuída a questões de ordem financeira. Conforme os autores, os webjornais têm se detido em investir na elaboração de novas formas de aliar texto e imagem porque os custos de produção e distribuição de conteúdos audiovisuais são elevados. Mencionam também que o próprio acesso é mais oneroso, uma vez que esse tipo de produção requer banda larga e, muitas vezes, programas específicos.

Buitoni (2007) é outra que concorda que a exploração da multimidialidade pelos webjornais é ainda ingênua: “As fotos são muito parecidas – quando não iguais – às publicadas no veículo impresso. A edição dos vídeos quase sempre é muito simples, com câmera parada: a imagem não acrescenta informação, serve apenas de suporte às emissões” (p.3). Ela destaca, contudo, o uso criativo que o webjornal argentino *Clarín.com* vem fazendo dessa possibilidade. Centrada na descrição de uma matéria publicada no *site* – denominada *Borges en Clarín* - sobre o escritor Jorge Luis Borges, a

³¹ Ela (pp. 8-9) propõe uma classificação para o infográfico multimídia enquanto modelo de composição webjornalístico. Quanto ao tipo, ele pode ser autônomo (é a própria notícia) ou complementar (adjunto); quanto ao estado, pode ser de atualidade (construído no momento do acontecimento) ou de memória (é um arquivo) e, quanto às categorias, pode ser sequencial (demonstra um acontecimento, processo ou fenômeno em sequência), relacional (permite escolhas que desencadeiam e desenvolvem determinados processos) ou espacial (reconstitui ambientes, permitindo um “passeio virtual”).

autora traz alguns exemplos de apropriações diferenciadas dos recursos linguísticos: fotos, que ao ilustrarem áudios de entrevistas, parecem mover-se em função do *zoom* que focaliza a cada momento um detalhe da expressão ou do vestuário do entrevistado; trilhas sonoras que fazem fundo a narrativas orais, ilustradas por fotos, caricaturas e textos que deslizam na tela, servindo muitos deles como *links* para outros audiovisuais ou textos; audiovisuais que são exibidos no sentido horizontal da tela, entre outros.

Unindo séries literárias, históricas, jornalísticas, possibilitando ao leitor-ouvinte diferentes fruições, muitas vezes simultâneas – ouvir a música ao fundo; a voz de cada um dos entrevistados, reconhecendo auditivamente a passagem de um para outro; ler a reprodução das falas; ver as fotos de Jorge Luis Borges de várias épocas; ver e reconhecer fotos de personagens citados (...); interromper o fluxo para ouvir a declamação de um poema ou para ler este ou aquele texto do grande escritor – essa matéria (matéria?) do *Clarín.com* traz uma construção que se afasta muito dos conteúdos jornalísticos convencionais transmitidos pela Internet. Estamos diante de imagens complexas. As fotos não são apenas ilustrações de um conhecimento expressado mediante a linguagem verbal; a imagem visual é co-gestora do conhecimento, junto com a palavra. É difícil classificar “Borges em Clarín”. Seria um videoclipe, um ensaio, uma reportagem, um artigo? (BUTONI, 2007, pp.8-9).

Essa dificuldade de classificação ocorre porque as linguagens libertaram-se de seus substratos, criando obras de estilos mistos. “Linguagens antes consideradas do tempo – verbo, som, vídeo – espacializam-se nas cartografias líquidas e invisíveis do ciberespaço, assim como as linguagens espaciais – imagens, diagramas, fotos – fluidificam-se nas enxurradas e circunvoluções dos fluxos” (SANTAELLA, 2007a, p.24). Se antes da informatização da comunicação o lugar da foto era a película química ou o filme, o do vídeo e o do som era a fita magnética e o do texto era o papel ou outro suporte físico, na tela do computador esses códigos atuam todos dentro de uma raiz comum, misturando-se já no ato da construção da obra.

Na cultura impressa, uma percepção imediata associa um tipo de objeto, uma classe de textos e usos particulares. A ordem dos discursos é assim estabelecida a partir da materialidade própria de seus suportes: a carta, o jornal, a revista, o livro, o arquivo etc. Isso não acontece mais no mundo digital, onde todos os textos, sejam eles quais forem, são entregues à leitura num mesmo suporte (a tela do computador) e nas mesmas formas (geralmente as que são decididas pelo leitor). É assim criada uma continuidade que não mais distingue os diferentes gêneros ou repertórios textuais que se tornaram semelhantes em sua aparência e equivalentes em suas autoridades (CHARTIER, 2002, p. 109).

Por parte do jornalista, essa grande compatibilidade entre os formatos acaba lhe exigindo maior flexibilidade. Ele deve estar apto a lidar com todos eles conjuntamente e, conforme lembra Schwingel (2008), abandonando o modo bidimensional de pensar o

texto. A autora mostra que em função da tecnologia os sistemas de apuração, produção e circulação estão passando por fortes mudanças tanto no jornalismo impresso quanto no webjornalismo. No que diz respeito ao processo de composição da matéria na Internet, ela destaca que o jornalista, conforme antes mencionado, precisa desenvolver a habilidade de estruturar a contextualização e a especificidade da informação espacial e temporalmente, colocando os conteúdos em camadas de acordo com os valores-notícia. Além disso, é necessário que saiba vincular recursos multimidiáticos à narrativa e à arquitetura da informação de forma lógica e criativa. Essa complexificação da produção se traduz nos créditos da matéria multimídia apresentada por Buitoni (2007, p.9), que traz as seguintes categorias: edição e produção jornalística, desenvolvimento de multimídia, edição de multimídia, fotografia, direção de multimídia, gerente de conteúdo e editor geral.

Saad (2005, p. 317) inclui essa mudança de postura dos jornalistas em sua listagem de aspectos, procedimentos e atitudes que podem contribuir para o aproveitamento eficaz dos recursos na construção da narrativa jornalística em meio digital. Para ela, é importante que o jornalista se converta em um profissional mais generalista, capaz de atuar como “produtor de correlações”. Além disso, é fundamental que saiba replanejar a rotina redacional, atentando para questões de usabilidade, hipertextualidade, multimidialidade, ferramentas de busca, bancos de dados e para a possibilidade de “crescimento” contínuo da notícia.

Já por parte do receptor, essa unificação do suporte pode gerar uma desnaturalização do processo de leitura. É o que defende Santaella (2007a), baseando-se em um estudo desenvolvido por Robert Logan, que explica que ler é uma atividade executada pelo lado esquerdo do cérebro enquanto converter os impulsos de luz emanados de monitores em imagem é um processamento efetuado pelo lóbulo direito. Ler em formato digital gera, portanto, um conflito cognitivo, que no caso da leitura em formato material não se percebe. Provavelmente esse é o motivo para que a leitura em tela seja “uma atividade 25% mais cansativa do que a leitura em papel” (BALDESSAR e LONGHI, 2008, p.130).

Outra transformação é que o leitor, na *Web*, tem que assumir uma postura multissensorial e mais decisiva, pois “na hipermídia, a leitura é tudo e a mensagem só

vai se escrevendo na medida em que os nexos são acionados pelo leitor-produtor” (SANTAELLA, 2007b, p. 175). Logo, é necessária uma nova competência semiótica:

Essa competência semiótica implica vigilância, receptividade, escolha, colaboração, controle, desvios, reenquadramentos em estados de imprevisibilidade ou de acaso, desordens, adaptabilidades, que são, entre outras, as condições exigidas para quem prevê um sistema interativo e para quem o experimenta (SANTAELLA, 2007a, p.80).

Santaella, em seu livro *Navegar no Ciberespaço*, fala justamente sobre esse renovado processo de recepção, sobre as novas disposições e competências de leitura que estão surgindo no seio das configurações hipermediáticas das redes e conexões eletrônicas. Tomando por base os tipos de habilidades sensoriais, perceptivas e cognitivas envolvidas no ato da leitura, Santaella (2007b) classifica o leitor em três tipos: o contemplativo, o movente e o imersivo. O primeiro é o leitor

meditativo da idade pré-industrial, o leitor da era do livro impresso e da imagem expositiva, fixa (...). O segundo é o leitor do mundo em movimento, dinâmico, mundo híbrido, de misturas sógnicas, um leitor que é filho da Revolução Industrial e do aparecimento dos grandes centros urbanos: o homem da multidão. Esse leitor nasce com a explosão do jornal e com o universo reprodutivo da fotografia e do cinema, atravessa não só a era industrial, mas também suas características básicas quando se dá o advento da revolução eletrônica, era do apogeu da televisão. O terceiro tipo de leitor é aquele que começa a emergir nos novos espaços incorpóreos da virtualidade (SANTAELLA, 2007b, p.19).

No que diz respeito a esse último tipo, o leitor das telas digitais, a autora, diz que, de acordo com a situação e com o grau de familiaridade com o ato de navegação, ele pode ocupar três diferentes perfis cognitivos: o de *navegador errante*, o de *navegador detetive* e o de *navegador previdente*. O primeiro é aquele que abduz, isto é, que, mixando racionalidade e instinto, levanta hipóteses explicativas plausíveis; que, querendo entender, explora por adivinhação; que navega ao acaso, sem rumos definidos, movido pelo prazer descomprometido; aquele cujo campo associativo da mente assemelha-se ao de um *brainstorm*. O segundo é aquele que induz, ou seja, que, a partir de casos isolados observados e de um resultado verificado, chega a uma conclusão generalizada, a uma regra a ser aplicada quando surgirem situações similares; que busca indícios na experiência para efetuar suposições teóricas e gerar afirmação prováveis; que fareja pistas, sempre movido pela busca. O terceiro é o que deduz, ou, em outras palavras, o que parte de uma regra geral e de um caso isolado observado e extrai disso uma propriedade desse caso isolado; aquele que antecipa as consequências de suas ações; que reconhece de imediato a classe de situação que tem diante de si, adapta-se a

ela e executa os procedimentos quase que automaticamente, dentro de um processo chamado de *navegação de rotina*.

Assim, são múltiplos processos inferenciais acontecendo em um ambiente movediço e infindável, habitado por um emaranhado de formas híbridas de signos, unidas por nós redirecionadores, que são acionados à escolha do usuário, através dos recursos interativos. O resultado parece inevitável: sentidos evanescentes, personalizados e intransferíveis. Se no modelo de comunicação de massa a mensagem circula pronta, reduzindo a amplitude dos sentidos às diferentes referências culturais de cada receptor, na comunicação hipermidiática a produção de sentido se torna mais flexível, pois precisa ser efetuada em um cenário dinâmico, onde a relação emissor-receptor é desenrijecida e a mensagem passa “a ser construídas coletivamente, em um processo no qual todas as variáveis, inclusive o canal, tendem a ser ativas.” (ALZAMORA, 2003, p.5).

4.4 O tempo: da cronologia à instantaneidade

Mais do que um conceito físico, o tempo, bem como o espaço, é uma construção simbólica e histórica. Assim, suas características e seu valor variam em consonância com a percepção que fatores socioculturais e técnicos moldam a cada época. Nas sociedades orais, o compartilhamento de uma mesma esfera espaço-temporal era pré-requisito para o ato da comunicação. Com o advento da escrita e, posteriormente, da impressão, a informação, materializada em um dispositivo, ganhou maior alcance, podendo ser consumida em temporalidades e espacialidades distintas daquela em que foi produzida. Com o desenvolvimento da eletricidade e dos instrumentos de teledifusão, essa dilatação das distâncias consolidou-se e adquiriu celeridade, e hoje, na era eletrônica, essa nova condição extremou-se, de forma a sugerir a dissolução das coordenadas espaço-temporais. O espaço superou os limites geográficos para ser elaborado segundo a lógica dos *bytes*, enquanto o tempo, a ele atrelado, vem encolhendo-se para atender às demandas do simbolismo ciberespacial.

As tecnologias digitais e as redes telemáticas rompem, portanto, com a concepção linear e progressiva da história. Para Martín-Barbero (2004), depois do tempo cíclico das origens e do tempo linear da história cronológica, “entramos em um tempo esférico que, ao desrealizar o espaço, liquida a memória, sua espessura geológica e sua carga histórica” (p. 270). Lemos (2007) também descreve essa mudança na perspectiva temporal:

Na modernidade, o tempo é linear (progresso e história) e o espaço é naturalizado e explorado enquanto lugar de coisas (direção, distância, forma, volume). Na modernidade, o tempo é um modo de esculpir o espaço, já que o progresso, a encarnação do tempo linear, implica a conquista do espaço físico. Na pós-modernidade, o sentimento é de compressão do espaço e do tempo, onde o tempo real (imediato) e as redes telemáticas desterritorializam (desespacializam) a cultura, tendo um forte impacto nas estruturas econômicas, sociais, políticas e culturais. O tempo é, assim, um modo de aniquilar o espaço. Este é o ambiente comunicacional da cibercultura (pp.67-68).

Essa mesma tendência é constatada por Castells (2002), para quem a sociedade em rede se dá em um cenário em que o homem parece ter o poder de decidir o momento e o lugar a ser vivenciado, uma vez que o tempo é intemporal e o espaço é de fluxos. O tempo intemporal é aquele dilatado, fragmentado e sobreposto, que mistura passado, presente e futuro e se efetiva sob demanda, no instante desejável; que utiliza a tecnologia “para fugir dos contextos de sua existência e para apropriar, de maneira seletiva, qualquer valor que cada contexto possa oferecer ao presente eterno” (CASTELLS, 2002, p. 460). Quanto ao espaço, o autor diz que no novo sistema de comunicação “localidades ficam despojadas de seu sentido cultural, histórico e geográfico e reintegram-se em redes funcionais ou em colagens de imagens, ocasionando um espaço de fluxos que substitui o espaço de lugares” (2002, p. 466). Para ele, o espaço de fluxos e o tempo intemporal estruturam uma nova cultura, “que transcende e inclui a diversidade dos sistemas de representação historicamente transmitidos” (2002, p.466)

Diretamente relacionado aos modos de idealizar e assimilar o tempo e o espaço (tanto na posição de influenciado como na de influenciador), o jornalismo também passa por transformações. Segundo Franciscato (2000), a temporalidade, mais precisamente a atualidade, é um dos principais demarcadores que singularizam o discurso jornalístico entre os conteúdos dos demais saberes sociais. E esse vínculo é de longa data. O autor conta que já nos séculos XVII e XVIII o fator temporal foi decisivo para que se constatasse a necessidade de inscrever na sociedade a prática social de

relatar o cotidiano e que, no século XIX, a temporalidade orientou a institucionalização do fazer jornalístico e de seus produtos.

A temporalidade dá uma forma cultural ao principal produto jornalístico, a notícia, tornando-a reconhecível e estabelecendo os seus limites de sentido, atuação e existência social. A notícia tem um tempo de existência efêmero, seja em consequência da velocidade do movimento do mundo que desatualiza o relato jornalístico, seja pelos modos como a organização jornalística aplica a esta volatilidade mecanismos para sua substituição regular ou sua permanência em desdobramentos sucessivos. A notícia traz, normalmente de forma explícita, marcas do presente que afirmam sua singularidade temporal, sua duração breve na expressão de um presente que se esvai (FRANCISCATO, 2004, p.4).

Para além dessas situações já apresentadas (de introdução e de institucionalização do jornalismo), o tempo presente, entendido como “fenômeno social composto por práticas sociais, relações de sentido e atributos inscritos em produtos culturais” (FRANCISCATO, 2004, p.2), é considerado um aspecto essencial da atividade jornalística na medida em que o jornalismo não só o relata como o ajuda a construir e experienciar.

Além da definição temporal dos eventos jornalísticos, o jornalismo produz um sentido temporal no momento de sua circulação social, ao contribuir para que discussões, formulações ou execuções de ações sociais ocorram de uma forma específica no tempo presente. O conteúdo jornalístico e suas formas expressivas fornecem um conjunto de informações que subsidiam a construção de ações sociais, seja na formação de agendas, estímulo a debates ou formulação e condução de decisões públicas (FRANCISCATO, 2004, p.5).

Portanto, a noção de atualidade jornalística perpassa tanto aspectos operacionais de produção quanto aspectos culturais relativos às formas intersubjetivas de vivenciar o presente. Por meio dessas duas interfaces, tempo e jornalismo estabelecem uma relação interdependente: “não é apenas o jornalismo que contribui para a experiência social do tempo. Ele também depende, para existir, de certa percepção temporal” (MATHEUS, 2009, p.1). Os critérios de noticiabilidade são manejados a partir de sentidos construídos culturalmente e as notícias auxiliam na elaboração do cotidiano.

Dessa recursividade, deriva outro complexificador do entendimento da atualidade jornalística, que diz respeito ao fato de ela não estar relacionada apenas ao presente, mas também ao passado e ao futuro. Está relacionada ao passado no sentido de que para julgar um conteúdo atual, o leitor faz uso das informações já contidas em seu estoque cultural, onde se encontram acumulados conteúdos midiáticos consumidos

anteriormente. E está relacionada ao futuro no sentido de que só é digna de ser enunciada uma notícia que contribua para a organização de novas experiências.

Na tentativa de organizar essa multiplicidade de expressões da atualidade, Franciscato (2004) propõe cinco categorias descritivas de relações temporais que o jornalismo desencadeia: instantaneidade, simultaneidade, periodicidade, novidade e revelação pública. O autor enfatiza, contudo, que não se deve entender atualidade jornalística como uma soma dessas categorias, e sim, como um imbricamento entre elas. E é dessa forma, entrecruzada, que se pretende abordá-las a partir de agora, procurando já direcionar a problematização para os parâmetros de tempo e espaço que regem o webjornalismo.

Palacios (2003) considera a dissolução dos limites de espaço e tempo que o jornalista tem a seu dispor para a disponibilização do material noticioso a maior ruptura trazida pelo jornalismo na *Web*. Isso vem fazendo com que o ambiente comunicacional se torne cada vez mais abrangente e imediatista. As informações tornam-se velozes, globais, excessivas e, conseqüentemente, muitas vezes incompatíveis com a capacidade de absorção das pessoas. O receptor é impingido a acelerar sua rotina e a desenvolver novas habilidades para acolher o mundo em seu fluxo.

Já com o jornal impresso nascia um “leitor fugaz, novidadeiro, de memória curta, mas ágil. Um leitor que precisa esquecer, pelo excesso de estímulos, e na falta de tempo para retê-los. Um leitor de fragmentos, leitor de tiras de jornal e fatias de realidade” (SANTAELLA, 2007b, p.29). Mas nos últimos anos, com o surgimento do webjornalismo, todas essas características do leitor se potencializam, pois o acompanhamento dos assuntos é contínuo, em regime de plantão, fazendo com que o atual dure cada vez menos. Mesmo diante de uma leitura mais complexa, conforme apresentado na seção prévia, o usuário precisa efetuar processamentos mais rápidos sob o risco de suas interpretações já nascerem invalidadas pela mobilidade das informações.

Soma-se a isso a interatividade proporcionada pela *Web*, que faz com que a necessidade de resposta seja aproximada do receptor. Camuflada nesse progresso, está uma grande preocupação: boa parte do que o receptor passa a ganhar em tempo, com a necessidade de responder movido pela racionalidade do instante, ele corre o risco de negligenciar em profundidade, podendo reforçar uma composição ambivalente,

defendida por vários autores: “mais notícias e menos interpretações, mais mobilidade nas transmissões e mais quietismo dos espectadores” (MORAES, 2006, p. 43).

O imenso volume de informação e de possibilidades que a *Web* e as tecnologias digitais oferecem muitas vezes torna os indivíduos confusos, imóveis. Se por um lado a quantidade de escolhas que o usuário é levado a fazer ao adentrar neste mundo *on-line* é instigante, por outro amedronta, já que pressiona o indivíduo a administrar ele mesmo o tempo (ALMEIDA, 2008, p.5).

É nesse sentido que Primo e Träsel (2006) propõem que não se invalide o papel de filtragem exercido pelo jornalista, mas que o repense. Se não há limitações de espaço, não há mais a necessidade de descartar informações (*gatekeeper*), porém, mais do que nunca, surge a necessidade de avaliá-las (*gatewatcher*). Conforme pesquisa da *Nielsen Norman Group* (maio/2008), apresentada por Almeida (2008), “agora (2008) as pessoas estão conseguindo atingir mais suas metas ao utilizarem a *Web*, em relação a 1999 (75% de sucesso, contra 60% anos atrás) e estão deixando de navegar ‘à deriva’ pelos *sites*, dirigindo-se diretamente à informação procurada” (ALMEIDA, 2008, p.1). As pessoas estão mais impacientes ao acessarem a *Web*, optando por respostas imediatas às suas buscas. O jornalismo, portanto, precisa estar alinhado a essa demanda por uma navegação objetiva, e a validação dos conteúdos pelos profissionais da mídia torna-se uma estratégia que pode conduzir a isso.

Contudo, quando essa impaciência ultrapassa a fase do acesso, fazendo-se presente também no momento da recepção, ela pode influenciar na produção de sentido. Para Wolton (2004), a comunicação se dá em três tempos: ao vivo, quando as respostas são quase que instintivas; em médio prazo, quando o receptor apela “para suas próprias lembranças, representações, ideologias, para situar no seu próprio contexto espaço-temporal as informações recebidas” (pp. 86-87) e em longo prazo, momento em que “se organiza a coabitação dos valores da modernidade com os valores dos demais universos simbólicos” (p.87). Como as neotecnologias imprimem um ritmo hiperacelerado ao cotidiano, colocando o presente em constante processo de esvaziamento e desuso, muitas vezes o receptor tem que desabilitar algumas reflexões, não alcançando esse terceiro nível de profundidade. Um caráter volúvel e a-histórico, dessa forma, vai impregnando os acontecimentos.

O mais comum no ciberespaço parece ser a produção de sentido em curto prazo:

No ciberespaço, a informação transita à velocidade da luz. As reações motoras, perceptivas e mentais também se fazem acompanhar por uma mudança de ritmo que é visível na agilidade dos movimentos multidirecionais, zigzagueantes na horizontal, na vertical, na diagonal com que o olhar do infonauta varre ininterruptamente a tela, na movimentação multiativa do ponteiro do *mouse* e na velocidade com que a navegação é executada. Não há mais tempo para a contemplação (SANTAELLA, 2007b, pp. 181-182).

Essa afirmação pode, de certa forma, ser contradita pelos dados trazidos por Baldessar (2008), que aponta que, segundo relatório divulgado em 2007 pelo *Instituto Poynter*, como parte do projeto *Eyetrack*, que estuda o comportamento cerebral dos navegadores rastreando o movimento do globo ocular, “os internautas são leitores mais detalhistas do que os de jornais impressos: [em testes realizados,] eles leram 77% do texto das notícias publicadas *online* enquanto os leitores de jornais tamanho *standard*, 62%, e os dos tablóides, 57%” (p.5). Canavilhas (1999) atenta, porém, para a qualidade dessa leitura. Baseando-se em estudo efetuado por Nielsen e Morkes, ele afirma que 79% das pessoas que navegam na Internet não leem as notícias palavra por palavra, limitando-se a fazer uma leitura por varrimento visual. De acordo com resultados alcançados pela Associação para Investigação dos Meios de Comunicação, na Espanha, ao investigar 600 usuários que leram webnotícias por 9.000 minutos em sessões de 15, pode-se inferir que esse “varrimento visual” é mais condizente com o perfil masculino de leitura: “Enquanto os homens lêem em forma de ziguezague, as mulheres lêem de forma vertical. Em ambos os casos o que chama a atenção dos leitores são os conteúdos gráficos, distraindo a leitura” (BALDESSAR e LONGHI, 2008, p.130).

Tal informação torna-se ainda mais relevante se levar-se em consideração que, conforme alerta Franciscato (2007, p.11), “a atualidade de um produto jornalístico depende também dos procedimentos dos leitores ao repercutirem o conteúdo das notícias ou conversações. Ou seja, há um ‘tempo dos leitores’” :

A temporalidade jornalística possui pelo menos três pólos: um está no objeto noticiado, cujo movimento orienta os procedimentos da atividade jornalística; um segundo pólo é o da própria instituição, que possui seus movimentos próprios, suas regras, princípios, exigências e possibilidades; o terceiro é o tempo do leitor, relacionado às formas individuais e coletivas de experiência do tempo, as quais são construídas também pela intervenção da instituição jornalística (FRANCISCATO, 2007, p.2).

Esse “tempo dos leitores” seria o tempo da discussão pública, dos comentários, da avaliação dos conteúdos. “Isto significa dizer que o alcance do que é jornalisticamente atual depende dos tipos de relações significativas que os receptores

pretendem ou conseguem realizar entre fatos e contextos” (FRANCISCATO, 2000, p.12). Uma vez voltada para práticas enunciativas do usuário, essa temporalidade tende a inflar com as possibilidades participativas emersas com a *Web 2.0*. Entretanto, se o tempo do usuário for reduzido a um passar de olhos pelo conteúdo noticioso, como sugerem as pesquisas recém mencionadas, torna-se ainda mais provável o perecimento prematuro dos fatos.

Assim, em relação de reciprocidade, jornalistas e leitores parecem encurtar o sentido de novidade, encaminhando-se para a filiação à crença de que “a duração não é mais uma segurança, é uma imprudência. Tudo o que se solidifica a ponto de comprometer o versátil, o móvel e o fluxo da rede são entaves à nova ordem” (NUNES, 2005, p.37). Os leitores muitas vezes deixam-se reger pela lógica do consumo descartável, enquanto os megaportais de notícias entram em uma disputa acirrada por quem publica segundos antes.

Nos *blogs*, a concorrência parece ser mais amena, mas isso não os imuniza das pressões temporais. Dados de meia década atrás já evidenciavam isso:

A “onda dos *blogs*” teria ingressado em uma “fase de calma”, visto que dos 4,12 milhões de *blogs* criados nos oito principais serviços de hospedagem do mundo, 2,72 milhões (ou 66%) estavam praticamente abandonados, pois não tinham sido atualizados nos últimos dois meses. A média de atualização costuma ser de 14 dias, apenas 106,5 mil são atualizados pelo menos uma vez por semana e menos de 50 mil o fazem diariamente (SIBILIA, 2005, pp.47-48).

Não descolar a produção de notícias do tempo presente sempre foi uma preocupação inerente ao jornalismo e, com as inovações tecnológicas, essa defasagem entre o tempo do ocorrido e o do relato vem, sem dúvidas, encolhendo-se. A preocupação que surge, então, é a de que, na ânsia de não ficar para trás do movimento do mundo, o discurso jornalístico avance mais rápido do que o próprio ritmo social, como podem sinalizar algumas das informações previamente expostas.

Martín-Barbero (2006) refere-se a esse fenômeno como *destempo*. Para ele, as pessoas “podem assimilar com certa facilidade as imagens da modernização que as mudanças tecnológicas propõem, mas é em outro ritmo, bem mais lento e doloroso, que podem recompor seus sistemas de valores, de normas éticas e virtudes cívicas” (p. 56). Com essa assincronia, esses sistemas, que teoricamente constituem o mais sólido suporte das condições de recepção, “passam a existir num quadro de rápida

obsolescência e de definitiva incerteza quanto a seu sentido” (SODRÉ, 2006, p. 199). Ou seja, “o charme da instantaneidade carrega, em contrapartida, as ambigüidades preocupantes da falta de referenciais” (WOLTON, 2004, 84).

Transpondo essa questão para a esfera da emissão, pode-se observar que nela o descompasso entre tecnologia e sociedade também requer atenção. Pesquisa desenvolvida por Soster (2003), tendo como objeto empírico a cobertura das eleições presidenciais brasileiras no *link* UOL Eleições 2002, mostrou que, em função do entusiasmo com as novas possibilidades técnicas, o jornalismo “acaba por gerar um ambiente que relega a um segundo plano justamente o que vinha alimentando sua credibilidade: o rigor na informação” (SOSTER, 2003, p.317). O autor, ao deparar-se com 1.392 lapsos em 468 matérias, conclui que errar parece ser a regra nos cada vez mais concisos textos jornalísticos e que, portanto, a velocidade requerida nas publicações abala a precisão. Esses erros exercem algum impacto negativo na percepção que o leitor possui da empresa jornalística, bem como do conteúdo oferecido por ela. O valor da notícia passa a residir em sua instantaneidade e não em sua credibilidade. “Mais rápido, mais errado e menos confiável parece ser a equação mais perigosa para o campo jornalístico dos últimos tempos” (SOSTER e MACHADO, 2003, p.10).

Graças à tecnologia, “mais abrangente” também se torna uma característica do jornalismo contemporâneo, uma vez que, no ciberespaço, diferentes grupos de pessoas, das mais distantes localidades podem desfrutar simultaneamente de uma mesma condição espaço-temporal. Esse compartilhamento leva o leitor a conviver em um contexto dobrado, composto pelo presente que figura na tela do computador e pelo presente em frente à tela. A fronteira entre os estados de presença e ausência, em decorrência, perde sua nitidez. “Presença e ausência intercambiam-se, sobrepõem-se em um mesmo espaço, gerando a vivência da ubiquidade: estar lá, de onde me chamam, e estar aqui, onde sou chamado, ao mesmo tempo” (SANTAELLA, 2007a, p.139).

Ao estar concomitantemente em dois lugares, o leitor obriga-se a bifurcar sua atenção, podendo cair no que Santaella (2007a) chama de *atenção parcial contínua*, que significa estar permanentemente com uma fração de si conectada, em estado de alerta. A autora destaca que isso “conduz à perda da capacidade de diferenciação entre as situações que exigem alta densidade de atenção e as que impõem pouca densidade de

atenção, de modo que todas as situações acabam se neutralizando em um mesmo diapasão” (SANTAELLA, 2007a, p.239).

Canavilhas (1999) parte dessa interpenetração entre espaços físicos e ciberespaços para problematizar outra faceta da temporalidade jornalística: a periodicidade. Para ele, “por estar *online*, o webjornal está acessível à escala global, a utilizadores de diferentes fusos horários e, portanto, não se justifica acorrentar a cadência noticiosa ao ciclo biológico das pessoas que o utilizam” (p.7). O leitor não mais precisa alinhar-se aos intervalos regulares de geralmente um dia, que são tão característicos do jornal tradicional a ponto de, como lembra Matheus (2009), inspirarem seu próprio nome (*journal*). Isso não significa, entretanto, a extinção da noção de periodicidade, mas a troca de sua unidade de medida, que deixa de ser as semanas ou os dias para se tornar os minutos ou os segundos.

Moherdauí (2005), ao estudar o *Último Segundo* (<http://ultimosegundo.ig.com.br>), diz que o *site* disponibiliza uma notícia a cada 90 segundos ou em intervalos ainda menores, totalizando cerca de mil notícias por dia. Soster e Machado (2003) apontam também o caso do *Últimas Notícias* do UOL (<http://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias>), onde as informações são atualizadas a cada minuto, somando, em média, 1.440 notícias por dia. “É um número surpreendentemente grande, principalmente se comparado à quantidade de matérias veiculadas em dias da semana na edição analógica do jornal Folha de São Paulo, entre 100 e 200 textos por edição de segunda a sexta-feira” (SOSTER e MACHADO, 2003, p.9).

[Nos primórdios], a periodização dos jornais direcionou modos de definir e dar forma à notícia. O intervalo de tempo entre duas edições sucessivas surge como uma fronteira para demarcar a atualidade dos eventos, indicando a sua validade temporal como potencialmente noticiáveis. Produzir uma notícia implicou em fragmentar eventos em cortes temporais conforme a periodicidade da publicação. Em uma dimensão macro-social, esta forma de operar a temporalidade do evento contribui para a redefinição da temporalidade pública: mútuas influências entre a atividade jornalística e a sociedade fazem com que o produto jornalístico esteja associado tanto aos ritmos da vida cotidiana quanto da organização jornalística (FRANCISCATO, 2004, p.11).

Na *Web*, esses ritmos da organização jornalística e da vida cotidiana apresentam-se ambos mais frenéticos, e a noção de edição perdeu sentido, logo, se vive uma grande mudança na temporalidade pública. No webjornalismo, a revelação pública se tornou mais frequente e isso vem permitindo que os eventos sejam acompanhados em seu decorrer. As ágeis atualizações propiciadas pela digitalização da informação e pelas

tecnologias telemáticas fazem da webnotícia um texto em constante construção, que depois de postado pode ser corrigido, ampliado, removido, lincado com outros textos, comentado, ainda com o diferencial de, no caso do webjornalismo participativo, isso tudo ocorrer de forma descentralizada. Esses desdobramentos estimulam no leitor um envolvimento continuado com os acontecimentos, uma apropriação bem mais incisiva do que o permitiam fazer os meios tradicionais.

Alguns marcadores de periodicidade nas mídias tradicionais (jornal impresso, rádio e televisão) geraram uma institucionalização tão significativa de um sentido temporal (o jornal diário matutino criando a impressão de nos relatar o 'ontem' ou os telejornais da noite com a intenção de apresentar um 'resumo das notícias do dia') que conseguiam representar simbolicamente, por meio da aplicação de técnicas de apuração e construção discursiva, uma unidade temporal em seu conteúdo e, em consequência, dar indicadores mais concretos para que o público sentisse estar em contato com eventos do tempo presente (FRANCISCATO, 2007, p.4).

É importante lembrar que a periodicidade tradicional e a instantânea não se anulam, pelo contrário, complementar ou concorrencialmente, adensam ainda mais a plataforma de múltiplas dimensões temporais abertas pelas narrativas jornalísticas. Franciscato (2000, p.13) exemplifica essas sobreposições com os jornais *on-line*, “que oferecem tanto a edição diária com notícias do ‘dia anterior’ quanto ‘notícias em tempo real’ ou *links* para edições anteriores, permitindo que os ‘leitores’ façam seus próprios recortes e relações temporais”.

Essa questão das edições anteriores introduz um último fator temporal que se pretende abordar: a memória. “As notícias que nos alcançam pelos mais variados meios, em tempo real, na velocidade com que se sucedem e apagam mutuamente, (...) colaboram para produzir efeitos de esquecimento” (FERRAZ, 2008, p.2). Segundo Sarlo (2001), essa duração passageira das coisas faz com que a memória volte a exercer um importante papel na leitura do mundo, visto que cabe a ela compensar a efemeridade do presente e atribuir-lhe um sentido. “O novo milênio se abre sobre esta contradição entre um tempo acelerado que impede o transcorrer do presente e uma memória que busca dar solidez a esse presente fulminante que desaparece comendo-se a si mesmo” (SARLO, 2001, p.98)³². Enquanto a tendência parece ser a valorização dos efeitos dos fatos noticiados, a memória insiste que suas causas não sejam abandonadas.

³² Texto original: *El nuevo milenio se abre sobre esta contradicción entre un tiempo acelerado que impide el transcurrir del presente, y una memoria que busca dar solidez a ese presente fulminante que desaparece comiéndose a sí mismo.*

Nesse quesito, o webjornalismo tem uma grande vantagem com relação ao jornalismo impresso, pois dispensa espaços físicos para armazenar sua história e, por meio de bancos de dados, consegue, com baixo custo e grande organização, deixar o passado acessível ao lado do presente, diferindo o tempo e ampliando contextos. Para Palacios (2002), a capacidade de armazenar e recuperar as notícias, expandindo a sobrevivência do presente e mixando-o com passado e futuro, é a grande diferença entre os jornalismo digital e impresso. “Sem limitações de espaço, numa situação de extrema rapidez de acesso e alimentação (Instantaneidade e Interactividade) e de grande flexibilidade combinatória (Hipertextualidade), o Jornalismo tem na *Web* a sua primeira forma de Memória Múltipla, Instantânea e Cumulativa” (PALACIOS, 2002, p. 7).

Essa memória permite que muitas lembranças sejam disponibilizadas em estado de virtualidade, e que, a elas, o leitor possa, com ajuda dos sistemas de indexação e recuperação, aplicar vários filtros, estabelecendo diferentes percepções e fazendo com que a apreensão dos sentidos se torne um processo mais bem elaborado, contextualizado e prolongado. Em outras palavras, os bancos de dados viabilizam tecnicamente o gerenciamento de recordações e esquecimentos com base em um estoque imenso de informações.

Num produto jornalístico construído em bases de dados, as possibilidades combinatórias entre os itens ou notícias inseridas podem gerar mais conhecimento com valor noticioso, produzindo diferentes configurações para as informações e, inclusive, novas tematizações ou elementos conceituais para a organização e apresentação dos conteúdos (BARBOSA, 2005, p.1).

De acordo com Barbosa (2006), essa nova forma de criar, classificar, apresentar, documentar, atualizar e articular as informações jornalísticas requer “outro tratamento, conformado a partir das noções de: resolução semântica, metadados, relato imersivo ou narrativa multimídia e jornalismo participativo” (p.1). Isso significa que a estruturação das informações em banco de dados permite narrativas mais densas, interligadas, criativas e cooperativas.

A partir da apuração e da contextualização do acontecimento, a densidade semântica vai aumentando progressivamente. Se considerarmos a participação dos usuários – o que denomina-se jornalismo participativo - acrescentando comentários, complementos à informação, críticas e sugestões, bem como a inserção de áudios de entrevistas, imagens fixas e em movimento, e infográficos multimídia ou interativos, teremos um aumento contínuo da resolução semântica, cuja meta a atingir seria o estado em que todas as informações sobre o evento estariam disponíveis (BARBOSA, 2006, p. 9).

Quanto mais alta for a resolução semântica, maior a probabilidade de cada leitor evocar recortes distintos de acordo com seus interesses e condições e efetuar uma leitura customizada. Isso porque as possibilidades de cruzamento em bancos de dados são amplamente flexíveis. Essas bases não trazem definidos os polos de uma correlação, mas o tipo de relação que pode ser estabelecida entre os dados ou campos. Desse modo “qualquer elemento da notícia, desde a fonte e jornalista até o destaque dado às notícias ou ao corpo de letra em que surge, pode ser uma característica da notícia, e como tal uma classificação que permite a constituição de relações com outras notícias” (FIDALGO, 2003, p.3).

Numa notícia entram pessoas, tempos, locais, acontecimentos, ligações a eventos passados e a expectativas de consequências futuras. Ora cada uma destas componentes da notícia pode perfeitamente servir para a classificar num mesmo grupo com notícias que poderiam apenas ter em comum essa única característica. Num jornal impresso podem perfeitamente surgir notícias ocorridas num mesmo país estrangeiro, mas que são agrupadas consoante a divisão habitual do jornal, as notícias de desporto na secção de desporto e as de economia nas da respectiva secção, todavia nunca numa secção relativa a esse país (FIDALGO, 2003, p.2).

Portanto, a vantagem dos bancos de dados no jornalismo extrapola a simples possibilidade de consultar conteúdos suspensos: proporciona a geração de novos conteúdos, a diversificação dos temas, a produção de narrativas mais criativas e envolventes e um processo de leitura mais autêntico. Fidalgo (2003) destaca ainda a relevância dessa arquitetura de dados para o desenrijecimento da edição, que passa a ser gerada automaticamente por meio de pesquisa à base de informações. “A aparência primeira de um jornal deixa de ser a de uma edição fixa para se tornar na ponta de um *iceberg* em que o que jaz submerso pode ser sempre trazido à superfície” (p.4). O autor também menciona os ganhos que os bancos de dados podem trazer para a credibilidade das notícias: “mesmo sem uma verificação semântica, basta ter em conta a sintaxe das notícias para um apuramento não só da consistência das notícias entre si, mas também da sua completude” (p.10), afirma ele.

A partir de todas essas abordagens, se quis mostrar que a nova forma de fazer jornalismo vem desafiando e redimensionando as noções de tempo e de espaço, que circunscrevem e ditam ritmo ao cotidiano. Da mesma forma, as novas relações habituais e simbólicas construídas no dia-a-dia vêm dando contornos a novas formas de entender o jornalismo, pois a atualidade na qual ele se centra “é uma construção cultural intersubjetiva constituída, em boa parte, com base em referenciais (estoques simbólicos) presentes no mundo da vida cotidiana” (FRANCISCATO, 2000, p.14). Se é a dimensão

histórica de experimentação do cotidiano que formula a percepção da realidade sociocultural e espelha as significações atribuídas pelas pessoas, acredita-se que se tem nessas diversas transformações levantadas pontos importantes para se pensar as novas práticas e rotinas dos leitores.

5 ZEROHORA.COM E OS ESPAÇOS DOS LEITORES

Tendo abordado as noções de ritualidade e de tecnicidade, apresenta-se agora o objeto empírico em que se busca investigar o entrelaçamento desses dois conceitos: o *Zerohora.com*. Na primeira seção almeja-se contextualizar brevemente o surgimento do *site* de notícias e expor alguns traços de sua estrutura e *layout*, com foco na descrição da *homepage*. Na sequência, uma explanação mais detalhada será feita dos espaços dos leitores, isto é, das possibilidades de interação e participação ofertadas pelo portal. Esse capítulo não visa, portanto, a uma caracterização exaustiva do objeto, mas a trazer informações referenciais direcionadas a subsidiar a satisfatória compreensão das análises empíricas efetuadas posteriormente.

5.1 Breve histórico: de Zero Hora a Zerohora.com

Criado em 4 de maio de 1964, o jornal Zero Hora ingressaria na *Web* 33 anos depois, com a publicação do *site Zero Hora Digital*, notadamente marcado por traços do que aqui foi descrito como primeiras fases do webjornalismo, o momento histórico em

que jornais tradicionais buscavam inserções experimentais no meio digital a partir da mera transposição do conteúdo ofertado em suas versões impressas. Em 1999, quando diversas empresas encorajavam-se a investir no potencial da Internet e grandes portais de notícias *on-line* já começavam a se popularizar, o *site* passou a integrar o portal ClicRBS, um espaço onde o grupo de comunicação a que pertence Zero Hora, o Grupo RBS, reunia materiais oriundos de sua produção impressa, radiofônica e televisiva.

Nos anos 2005 e 2006, a diminuição das vendas do jornal impresso foi se tornando mais representativa. Motivada a superar essa situação que se agravava, Zero Hora, bem como outras grandes marcas do jornalismo brasileiro, tratou de estruturar um jornal digital que efetivamente explorasse as especificidades da *Web*. Sendo assim, segundo Pedro Lopes, editor-chefe de *Zerohora.com*³³, em outubro de 2006, o diretor do jornal Zero Hora na época, Marcelo Rech, trouxe novas ideias para que o veículo fizesse sua parte nesse período de mudanças e orientou a criação de uma equipe de três jornalistas para pensar um portal de webnotícias.

De março a setembro do ano seguinte, enquanto o *Zerohora.com* estava em processo de criação, diversos treinamentos foram dados para que os jornalistas se familiarizassem com os *softwares* e com os novos procedimentos e jargões da profissão. Operação da Câmera de Vídeo, Operação do *Software Adobe Premiere* e *Soundbooth*, *Softwares 3D Studio*, *Flash*, *Pacote Adobe CS4*, Postura e Apresentação em Vídeo, Técnicas de Filmagem e Edição e Infografia Avançada são exemplos de cursos oferecidos pela empresa, além de uma capacitação conceitual, em que os funcionários tiveram contatos com temas como ética, legislação, precisão jornalística etc. em relação ao novo produto. O período coincidiu com uma importante reforma física na redação para que houvesse espaço para abrigar os jornalistas que viriam a integrar “o *on-line*”.

Inaugurado em 19 de setembro de 2007, *Zerohora.com* conta, atualmente, com uma equipe de cerca de 30 pessoas, entre redatores, editores e assistentes de conteúdo (sem contar diretoria) e funciona 24 horas por dia, durante todos os dias da semana. A receita do portal é proveniente de anúncios já que todo o conteúdo do *site* é aberto a não-assinantes. O número de visitas mensais, que no mês de lançamento foi de 5,2

³³ Os dados desta seção foram concedidos pelo editor-chefe de *Zerohora.com* em entrevistas realizadas entre os dias 20 e 25 de abril de 2009 pelos alunos que acompanharam o desenvolvimento do presente projeto na disciplina *Laboratório de Pesquisa*, ofertada na Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

milhões, já se aproxima de 7,8 milhões³⁴, e a página mais acessada é a *homepage*. O horário de maior visitação se concentra entre 8h e 17h, sendo que durante esse período quase não há variação.

O portal é dividido em quatro espaços: um cabeçalho; um *menu*, à esquerda; uma área central, onde ficam as notícias; e uma coluna, à direita, especialmente composta por *banners* de publicidade. A figura abaixo traz a capa de *Zerohora.com*:

Figura 1: Homepage de Zerohora.com.

³⁴ Audiência em março de 2010, segundo o *Google Analytics*: 7.768.520 visitas; 1.962.555 visitantes únicos e 26.469.047 exibições de página.

Na parte superior do cabeçalho, como se observa na figura acima, encontram-se atalhos para outros *sites* do mesmo grupo de comunicação e a ferramenta de busca, na qual o usuário dispõe de um espaço para digitar a palavra-chave e de um campo de seleção para a escolha do veículo em que a busca deve ocorrer³⁵. Imediatamente a seguir, há um *banner* animado que ocupa toda a largura da tela e, na parte inferior do cabeçalho, junto ao título do jornal, há, do lado esquerdo, a data, a temperatura e a previsão do tempo, e, à direita, o atalho para a versão impressa.

A versão impressa pode ser consultada de duas maneiras: *ZH pelo índice* e *ZH virtual*. No primeiro modo de acesso, uma sequência de *links* conduz os usuários às notícias da edição em papel, segundo demonstra a **Figura 2**:

The screenshot displays the Zero Hora website interface. At the top, there's a search bar and navigation links. The main content area is titled 'ZH PELO ÍNDICE' and features several news articles. The first article is 'Sindicância detalha falhas no controle de salários da Assembleia' with a photo of a man. Below it are other articles like 'Inter de Fossati humilhado' and 'Jovem morre em cirurgia plástica'. The right sidebar contains various services and advertisements, including 'Show', 'Guia', and 'Ofertas'.

Figura 2: *ZH pelo Índice.*

³⁵ Na tela de resultados da busca, o usuário pode ainda especificar o período a ser considerado, contando com as seguintes opções: o dia, a última semana, o último mês, os últimos três meses ou cada um dos últimos dez anos. O *site* traz os resultados discriminados por veículo do grupo ou por formato, podendo este ser *texto*, *foto*, *vídeo*, *áudio* e *infográficos*. Tais resultados podem ser ordenados por dois critérios: *mais recentes* ou *mais relevantes*.

No canto superior direito da imagem apresentada, pode-se observar um *link* para o outro modo de acesso da versão impressa: *ZH Virtual*, no qual o leitor conta com uma versão idêntica à em papel, conforme expõe a **Figura 3**. Nela ele pode simular o movimento de folhear, aumentar e reduzir o *zoom*, entre outras possibilidades. No começo desta pesquisa, qualquer um podia acessar essa versão livremente, mas agora é necessário um cadastro prévio que requer o preenchimento obrigatório de 15 tópicos pessoais.

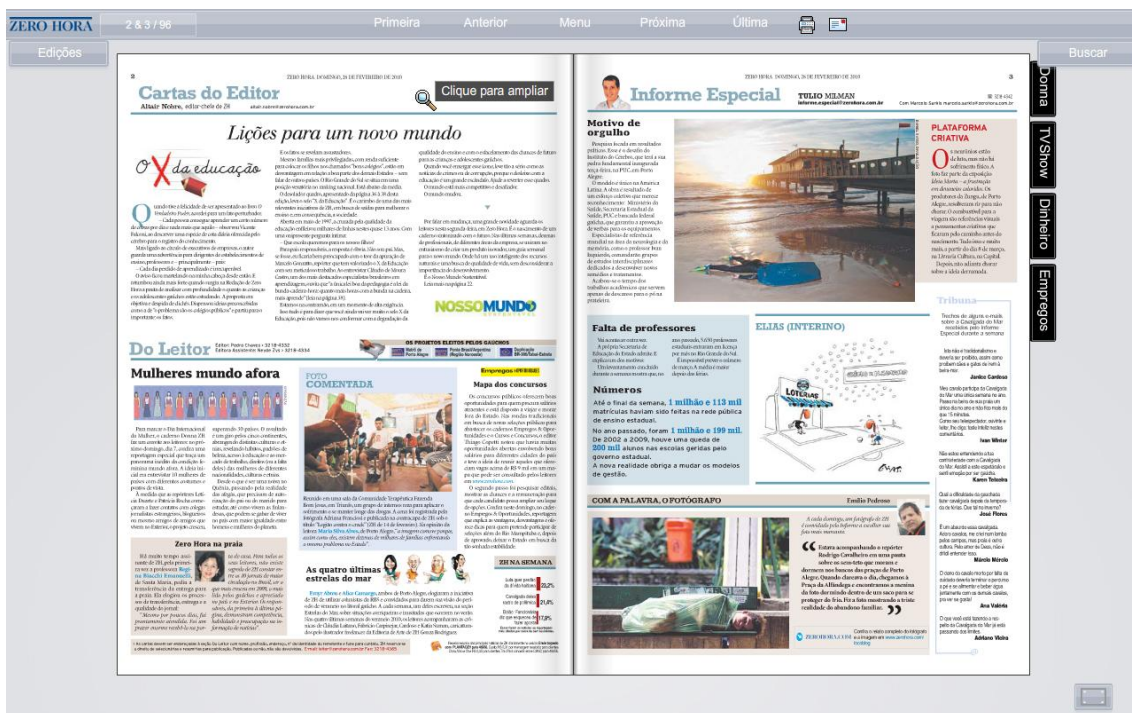


Figura 3: ZH Virtual.

Já o *menu* é dividido em três partes: uma azul, uma bordô e uma verde (**Figura 1**). Na parte azul estão dispostos os atalhos para as seções (e respectivas subseções) de notícias: *Capa*, *Plantão*, *Blogs*, *Esportes*, *Economia*, *Variedades*, *Cadernos ZH*, *Mostra Casa & Cia* e *Obituário*. Na área bordô há um *link* para a seção *Participe*, apresentada na **Figura 4**, que traz diversas possibilidades de colaboração para o leitor. Há também um *link* denominado *Multimídia*, que conduz às galerias de gráficos de gráficos, *audioslides*, vídeos e fotos; outro, o *Especiais*, que oferece opções de reportagens especiais sobre diversos temas; um atalho para o *Painel RBS*; e, ainda, o *link* RSS, que dá instruções sobre o serviço RSS (*Really Simple Syndication*) e disponibiliza o endereço de alguns agregadores. A divisão verde, por fim, é direcionada a serviços. Nela encontram-se os

links Assinaturas, Classificados Online, Classificados jornal, Celular, Fale conosco e Compra de fotos.

Figura 4: Seção *Participe*.

O topo e a base do *menu* são destinados à publicidade, mas é na coluna da direita do portal que a maioria dos *banners* de divulgação de produtos e serviços ficam dispostos (Figura 1). Além dessas peças publicitárias que divulgam, sobretudo, outros *sites* do Grupo RBS, existe, na altura central da coluna, um espaço específico para compras *on-line*, o *clicShopping*. Abaixo, são dados atalhos para alguns espaços de participação e para alguns serviços que o *site* de notícias oferece: a criação de um *widget*³⁶, a conversão de *Zerohora.com* em página inicial do navegador e a

³⁶ *Zerohora.com* assim define os *widgets*: “São aplicativos que você pode inserir no seu *site* ou *blog* para exibir informações e conteúdos produzidos por outros *sites* e *blogs*”.

possibilidade de acompanhar Zero Hora no *Twitter*, no *Facebook*, no celular e no *Kindle*³⁷.

Na posição central da página, por fim, encontra-se o conteúdo noticioso, sendo que no topo, dispostas em duas colunas, ficam as notícias de última hora e um quadro fixo com as informações do *Plantão*. A metade inferior da página³⁸, por seu turno, é dividida em três colunas e dedica-se a outros destaques retirados dos *blogs* e de seções específicas do jornal. Embora o número de notícias e a estrutura de disposição das mesmas não variem muito, os assuntos da capa encontram-se misturados, sem respeitar um ordenamento temático fixo.

5.2 Os espaços dos leitores: das cartas aos cliques

A busca pela interação com o público não é novidade em Zero Hora. A seção de cartas dos leitores, intitulada *Espaço Livre*, já existia na década de 1960, quando o jornal foi criado. Em 1992, o *Espaço Livre* passou a ocupar uma página nobre, e uma nova seção colaborativa foi criada: *O Rio Grande Reclama*. Em 1997, esta passou a ser chamada de *Palavra do Leitor* e foram incluídas as seções *SobreZH* e *O Rio Grande Pergunta*, sendo a última substituída pela *O Rio Grande Quer saber*, em 2005. Destaca-se ainda a criação de uma editoria voltada especificamente para o atendimento ao leitor, nos anos 1990, e do Conselho do Leitor, em 2000³⁹. Atualmente, a página 2 do jornal, como seu próprio título informa, é *Do Leitor*, trazendo textos e fotos enviadas pelo público.

³⁷ O aparelho, lançado pela *Amazon*, possui formato similar ao de um livro, pesa 290g e tem capacidade de 2Gb de armazenamento. Os conteúdos a serem lidos podem ser acessados via Internet ou USB. Para ler Zero Hora nessa tela, os leitores precisam assinar o serviço de notícias ou pagar por edições avulsas. Entre as vantagens do meio estão a mobilidade, a existência de um dispositivo eletrônico que evita fadiga ocular e diversos outros recursos que facilitam a leitura, como a possibilidade de alterar o tamanho da fonte, de buscar por palavras-chaves, de fazer anotações pessoais e de salvar o ponto em que a leitura foi interrompida.

³⁸ Essa parte não está contemplada na **Figura 1**, pois, para garantir boa visualização, a imagem precisou ser cortada.

³⁹ Dados publicados no site *Zerohora.com* em 2 de outubro de 2008 e acessados no dia 4 de dezembro de 2008.

Na versão digital do jornal, Belochio (2009, p. 107) levanta oito categorias do que ela chama de caminhos interativos do portal em questão: a) Espaço *Plantão*; b) Ferramenta de comentários; c) Ferramenta de correções; d) Enquete; e) Seção *Participe*; f) *Blogs*; g) Seção *Pelas Ruas*; h) Seção *Leitor-Repórter*. Acrescenta-se ainda os murais, que embora citados em outros momentos pela autora, não estiveram presentes na listagem mencionada. Como nesses espaços a participação do leitor é especialmente ativa e diferenciada de sua participação em mídia impressa, torna-se relevante ater-se na descrição⁴⁰ das possibilidades de interação desses canais.

a) Espaço *Plantão* - O *Plantão* é o espaço destinado a postagens de todos os tipos de notícias durante 24 horas, todos os dias da semana. A administração das notícias é feita pelos redatores de *Zerohora.com* com o apoio da equipe da agência de notícias. As informações, recebidas de várias agências do país – como Folha de São Paulo, Estadão, Gazeta – e internacionais – como EFE (Espanha) e *Association Press* (EUA) – vão sendo armazenadas automaticamente, separadas por agência, para serem analisadas e, então, postadas ou não no *site*. Na seção, pode-se escolher ler as matérias de acordo com o horário de sua postagem, filtradas por tema ou ainda adotando critérios como: as mais lidas, as mais comentadas ou as destacadas pelo editor.

Breve observação, realizada nos dias 25 e 26 de abril de 2009, revelou que, mesmo não havendo jogos com os principais times gaúchos durante esses dias, o tema mais abordado e comentado no *Plantão* foi o Esporte. Foram 30 postagens separadas em assuntos como futebol, Inter, Grêmio, entre outros. Em segundo lugar apareceu o tema *Mundo*, com 23 *links*, depois *Geral* e *Polícia*, com 21 e 20 textos, respectivamente. Quanto ao fluxo das postagens, observou-se uma média de quatro postagens por hora, com reduções durante a madrugada.

b) Ferramenta de comentários - Quase todas as matérias e *posts* de *blogs* do *site Zerohora.com* possuem espaço para comentários, críticas, sugestões, correções e discussões sobre o conteúdo publicado. Ao longo de sua implantação, essa ferramenta de interatividade, de acordo com o editor-chefe do portal, se mostrou um dos principais problemas do *site*, na medida em que não havia um grupo de funcionários específico para a liberação dos comentários, o que provocava a demora na postagem e a insatisfação dos leitores. Atualmente, diversos setores da redação têm se dividido na

⁴⁰ Descrição feita a partir das já mencionadas entrevistas com o editor-chefe, da consulta ao trabalho de Belochio (2009) e da observação direta ao portal.

tarefa de avaliação dos comentários para conseguir publicar todos os dias todos os comentários aprovados.

Zero Hora impõe alguns termos e condições aos comentários, sendo assim, ao encaminhar sua publicação, o leitor precisa, além de enviar seus dados pessoais (pelo menos nome e *e-mail*), manifestar concordância com as regras propostas pelo jornal. O formulário de envio de comentários também traz uma possibilidade para que leitor opte por receber um retorno da Zero Hora assim que tiver seu comentário publicado.

c) Ferramenta de correções - O envio de correções, assim como envio de comentários, se dá via formulário, destacada a diferença de que as correções podem ser anônimas. Só na seção Plantão, durante o mês de abril de 2009, foram postadas 21 correções, estando os erros mais recorrentes relacionados à troca de nomes e números. Ao longo do dia, os editores se reúnem para discutir as correções que devem ser feitas, dessa forma, elas só são destacadas quando o erro é mais grave, envolvendo a apuração da informação. Na maioria das vezes as correções são feitas apenas no corpo do texto da matéria, por exemplo, quando ocorrem erros de português, não sendo postado novo *link* para a notícia ressaltando a correção. As postagens de correção informam o período em que a notícia ficou com a informação errada e quem postou. O *link* está em vermelho com um símbolo ao lado da palavra correção, dessa forma ela se diferencia das demais postagens.

d) Enquete e mural - Todos os dias *Zerohora.com* dirige ao público perguntas sobre temas que estão em pauta. As enquetes permitem fazer um levantamento estatístico sobre o parecer dos leitores acerca de determinadas questões. Nesse caso, os leitores só podem interagir reativamente, isto é, escolhendo entre opções pré-determinadas (PRIMO, 2000). Já os murais, funcionam como fóruns, isto é, permitem o debate coletivo por meio de manifestações textuais, expressando qualitativamente as opiniões dos leitores.

e) Seção *Participe* - Essa seção reúne uma série de canais colaborativos ofertados a leitores cadastrados. Por meio dela é possível sugerir pautas; enviar notícias, artigos, crônicas, poesias, fotos, desenhos, dicas, dúvidas e críticas; responder a enquetes e murais; acessar *blogs* e o *Leitor-Repórter*; participar de promoções, entre outras funcionalidades demonstradas na **Figura 4**, anteriormente compartilhada.

f) *Blogs* - *Zerohora.com* conta, atualmente, com mais de 130 *blogs*. Ao descrever os *blogs* do portal, Belochio (2009) os divide em duas categorias: os escritos por integrantes do Grupo RBS e os escritos por pessoas convidadas pelos editores do webjornal. Ela esclarece ainda que, segundo o editor-chefe, “os blogueiros são convidados para hospedarem *blogs* que têm temáticas pré-definidas pela direção do jornal digital e período de duração limitado. A maioria dos textos passa por prévia revisão de uma equipe de edição, antes de ser liberado para a publicação” (BELOCHIO, 2009, p.114).

g) Seção *Pelas Ruas* - Essa seção expõe notícias criadas pelos redatores do jornal a partir de pautas sugeridas pelos leitores via ligação telefônica ou SMS. Um fotógrafo permanece em uma unidade móvel, pronto para flagrar cenas indicadas pelo público.

h) Seção *Leitor-Repórter* - Nesse espaço, o leitor é também um produtor de notícias. Conforme texto descritivo publicado na própria seção, a ideia do *Leitor-Repórter* é promover uma aproximação entre Zero Hora e o cotidiano de seus leitores:

Em nosso canal de jornalismo participativo, colabore enviando textos, fotos, áudios e vídeos sobre os fatos que estão acontecendo em seu bairro, cidade ou região. É uma oportunidade de registrar as notícias ao seu redor. Aproveite e mostre a cara da sua comunidade! ⁴¹

As matérias enviadas pelos leitores têm título obrigatório, com limite de 100 caracteres, e corpo do texto com limite de dez mil caracteres. Elas são separadas por editorias, que são escolhidas por quem publica na hora em que envia o material. Para garantir notícias adequadas e de qualidade, a seção oferece botões (*Envie uma matéria* e *Como participar*) que trazem recomendações de jornalistas do Grupo RBS: “Descubra quais temas têm a preferência no *site*, como apurar as informações e redigir um bom texto, o que é preciso na hora de obter uma boa fotografia e os cuidados necessários ao se fazer uma reportagem em vídeo”, diz o *link*. Antes de serem publicadas, as produções passam pela avaliação de uma equipe editorial, que deve, no prazo de 48 horas, dar um veredicto sobre a publicação ou não do material. Essa regra fica explícita nas explicações contidas no *link Como Participar*.

⁴¹ <http://zerohora.clicrbs.com.br/zerohora/jsp/home.jsp?localizador=Zero+Hora/Zero+Hora/Leitor-Reporter&secao=lista§ion=Leitor-Repórter>.

Após enviar o material, o participante recebe etiquetas visíveis somente para si com os seguintes *status*: em edição, publicado, em revisão, despublicado ou rejeitado. Não há limite de matérias aprovadas e publicadas por dia. O número em geral varia muito, ficando entre três matérias nos dias mais fracos (ou nenhuma, em alguns dias) e até dez nas épocas de grande agitação. Uma vez postadas, as notícias, assim como as demais notícias do portal, podem ser comentadas e denunciadas. A publicação se dá em ordem cronológica inversa, estando a informação mais atual no topo da tela.

Para participar do espaço *Leitor-Repórter* é preciso cadastrar-se no *site* do jornal Zero Hora, informando nome, data de nascimento, endereço, *e-mail*, telefone, profissão, entre outros dados. No entanto, apenas o nome, a idade, o sexo e a cidade de residência serão publicados obrigatoriamente junto à notícia enviada. A divulgação do *e-mail* é opcional, assim como a anexação de uma foto ao perfil do leitor-repórter. Quando o leitor clica no nome de quem publicou a notícia presente no *site*, poderá ver também as últimas participações dessa pessoa.

A primeira publicação no espaço *Leitor-Repórter* foi no dia 19 de setembro de 2007, às 17h34. O leitor José Cláudio Vicente Dias publicou um texto, com o título *Dengue*, na editoria *Outros Assuntos*, dizendo: “Água parada ‘sempre’ na rua Paraiba quase esq. com Farrapos, fonte de MOSQUITOS”⁴².

Conforme já foi dito, as possibilidades de interação entre público e mídia não surgem com o webjornalismo, mas é inegável que são ampliadas e facilitadas por ele. Dessa forma, pode-se afirmar que a presença do leitor se torna mais patente em meio aos conteúdos *on-line*. Entende-se que essa maior exposição da esfera da recepção não seja a única diferença entre os processos de leitura nos formatos impresso e digital, mas se acredita que a análise dos usos que os usuários fazem dessas possibilidades interativas pode ser reveladora de inúmeras novas e velhas práticas de leitura jornalística.

⁴² http://zerohora.clicrbs.com.br/zerohora/jsp/home.jsp?localizador=Zero+Hora/Zero+Hora/Leitor-reporter&secao=lista&from=1025&to=1030&order=ATTR_10+DESC&uf=1&local=1§ion=Leitor-Rep%F3rter&mode=fullaccess

6 RECORTES E CONSTRUÇÕES METODOLÓGICAS

No âmbito teórico, por razões problematizadas no capítulo 2, elegeu-se a *Teoria das Mediações* como ancoradouro para se pensar de forma conjunta tecnologia e cultura, estudos culturais e ciberculturais, tecnicidades e ritualidades, meios e práticas sociais. Aterrissar essas questões em solo metodológico é a proposta deste capítulo. Para tanto, parte-se do uso de uma vinculação já bastante explorada na área da recepção quando estudada a partir das mediações:

A simbiose que foi gestada entre a recepção e as mediações, comparável à que existe entre o caracol e o caranguejo, permitiu combinar uma estratégia de investigação, “análise qualitativa da recepção dos meios”, essencialmente metodológica, com uma proposta teórica de exploração, “estudo das mediações e os usos sociais da comunicação”, essencialmente conceitual (OROZCO, 1998, p. 97)⁴³.

Como essa combinação exposta por Orozco é uma diretriz genérica, que deve ser moldada a partir das peculiaridades de cada objeto de estudo, pretende-se aqui descrever a forma como foi incorporada para o intuito de desvendar as práticas dos leitores de notícias na contemporaneidade.

⁴³ Texto original: *La simbiosis que se ha gestado entre la recepción y las mediaciones, comparable a la que existe entre el caracol y el cangrejo, ha permitido combinar una estrategia de investigación, “análisis cualitativo de la recepción de los medios”, esencialmente metodológica, con una propuesta teórica de exploración, “estudios de las mediciones y los usos sociales de la comunicación”, esencialmente conceptual.*

6.1 Os procedimentos: da teoria à prática

Na dimensão empírica deste trabalho, de acordo com o que se delineou no capítulo 4, o que se tem por tecnicidade são as práticas geradas em torno dos recursos técnicos utilizados na constituição da narrativa jornalística. Em outras palavras, o somatório do uso que *Zerohora.com* faz das ferramentas de interação, do hipertexto, da linguagem multimídia e das possibilidades de rápida atualização dos conteúdos com o uso que os leitores fazem das oportunidades oferecidas pelo portal. Já as ritualidades, como apresentado no capítulo 3, são interpretadas como os sentidos e hábitos que vêm resultando da incorporação do webjornalismo no cotidiano dos leitores; como as ressignificações que os sujeitos analisados vêm fazendo dos tempos, espaços, relações sociais e ações em função da mídia.

Entende-se que se deslocar de uma a outra dessas duas mediações representa a construção do que no mapa barberiano, exposto no capítulo 2, pode ser chamado de eixo sincrônico. Isso significa que, em uma perspectiva contemporânea, se busca averiguar o modo como as tecnicidades vêm gerando novas ritualidades; como os recursos tecnológicos vêm alterando as práticas dos leitores no que diz respeito ao relacionamento com a linguagem e às percepções de espaço, tempo e cultura. Horizontalmente, essa análise é cortada por um eixo histórico, que busca detectar diferenças no processo de leitura decorrentes da extensão do jornal impresso para o formato digital. A **Figura 5**, apresentada a seguir, melhor esclarece os dois trajetos que esta pesquisa empiricamente percorre.

Para viabilizar o estudo do movimento do quadrante das tecnicidades para o das ritualidades, bem como do deslocamento diacrônico pelos formatos jornalísticos, partiu-se de um corte etnográfico. Primeiramente porque, como será mostrado, “a etnografia é o instrumento adequado para ordenar a composição tempo-espacial da vida social” (CÁCERES, 1990, 11) ⁴⁴ e, em segundo lugar, porque quando se fala em leitura, neste trabalho, não se está falando exclusivamente de textos, mas também, e principalmente, de contextos: “As formas de uso midiático dependem tanto da mídia como das

⁴⁴ Texto original: *La etnografía es el instrumento adecuado para ordenar la composición tiempo-espacial de la vida social.*

trajetórias de vida, e mais, sincronicamente, do período do dia, da situação social e espacial” (JACKS e CAPPARELLI, 2006, p.183).



Figura 5: Representação Gráfica da *Teoria das Mediações* (baseada em Martín-Barbero , 2008).

Ou seja, não interessa, aqui, analisar apenas a relação do leitor com o que está na tela do computador, mas, outrossim, seu cotidiano, buscando verificar os ritos que o envolvem também fora da tela. Conforme Jacks e Escosteguy (2005, p.66), quando se quer olhar a comunicação pelas mediações de Martín-Barbero, o cotidiano é o “espaço primordial de pesquisa, (...) pois o cotidiano tem valor histórico para compreender a sociedade”. Dessa forma, tornou-se essencial fazer escolhas metodológicas que dessem conta de relacionar as práticas midiáticas com as práticas socioculturais do dia-a-dia, como é o caso da etnografia de audiência: “O ponto de partida empírico para a Etnografia de Audiência é a vida cotidiana: conhecer as práticas sociais e culturais, os rituais e as rotinas de grupos sociais particulares” (JACKS e CAPPARELLI, 2006, p.167).

Pelo fato de usuários de webjornal atuarem dispersamente, isto é, sem se concentrarem em um único local onde possam ser observados conjunta e profundamente pelo pesquisador, optou-se pela adoção à entrevista etnográfica, um dos instrumentos explorados pela etnografia. Entende-se por entrevista etnográfica aquela que busca

acessar a realidade micro e macro dos investigados por meio de relatos da vida cotidiana, mantendo, neste caso, o foco nas transformações da vida social e do uso midiático.

Cáceres (1998) destaca três princípios essenciais que fundamentam a pertinência do uso da entrevista qualitativa na investigação social:

a) Os cenários ou as pessoas não são sempre acessíveis em seus contextos naturais através da observação participante, de modo que o recurso à entrevista aberta permite a reconstrução de acontecimentos do passado que de outro modo não se poderia acessar. (...) b) A entrevista permite esclarecer as experiências humanas subjetivas do ponto de vista dos próprios atores sociais. (...) c) Com a entrevista se consegue um emprego mais eficiente do tempo limitado do investigador, habitualmente, por demais exíguo (CÁCERES, 1998, pp. 308-309) ⁴⁵.

O autor não só reconhece essas vantagens do contato indireto com o objeto investigado, como defende que a entrevista deve estar no centro do trabalho de investigação etnográfica. Para ele, a comunicação é o ponto de partida para se pensar as demais formas de coleta de dados. O grande ganho dessa estratégia, segundo Cáceres (1997), é que além de obter informações necessárias acerca do mundo do entrevistado, o pesquisador amplia sua percepção por contar com o olhar crítico do próprio informante sobre as informações prestadas. O informante, nessa opção técnica, tem um papel central: ao expor-se para o pesquisador como mediador do evento, ele traz suas ações para um nível consciente, tornando-se um analista de si mesmo. Assim, “a entrevista é um encontro de subjetividades onde a objetividade é descoberta” (CÁCERES, 1997, p.175) ⁴⁶.

No que diz respeito ao uso da entrevista especificamente para o estudo da recepção, Vilela (2006) destaca dois grandes benefícios. Um deles é que a entrevista reconstitui a oralidade, onde, segunda a autora, a recepção está inscrita. Partindo do princípio de que “a recepção em geral não deixa marcas, objetivos, rastros físicos nos que o pesquisador pode apoiar-se” (VILELA, 2006, p.49), ela acredita que o seu entendimento deve ser buscado nas conversas cotidianas, e que a técnica de entrevista

⁴⁵ Texto original: *a) Los escenarios o las personas no son siempre accesibles en sus contextos naturales a través de la observación participante, por lo que el recurso a la entrevista abierta permite la reconstrucción de acontecimientos del pasado a los que de otro modo no se podría acceder. (...) b) La entrevista permite esclarecer las experiencias humanas subjetivas desde el punto de vista de los propios actores sociales. (...) c) Con la entrevista se consigue un empleo más eficiente del tiempo limitado del investigador, por lo demás habitualmente exiguo.*

⁴⁶ Texto original: *La entrevista es un encuentro de subjetividades donde la objetividad es descubierta.*

qualitativa é que permite que essas falas sejam refeitas. O outro, é que a entrevista revela a trama de sentidos de que faz uso o pesquisado. As experiências dos entrevistados são relatadas em seus próprios termos, trazendo à tona os conceitos que compartilham; a urdidura que ampara suas significações. “Esta técnica é fiel ao enfoque fenomenológico que sustenta a investigação qualitativa para a qual o que a pessoa diz e faz é produto de como define o seu mundo” (VILELA, 2006, p.48).

Além disso, Vilela (2006) salienta a adequação da entrevista etnográfica para a compreensão do horizonte desde o qual o receptor toma contato com o produto. Como a recepção é um processo que vai muito além do instante de consumo, esse horizonte de que fala a autora se refere a duas dimensões: “uma dimensão histórica – o horizonte desde o qual leio, compreendo, interpreto é tecido pelos saberes subjetivos e intersubjetivos que o constituem ao longo da experiência vital – e uma dimensão presente, a da situação atual na que se produz contato” (VILELA, 2006, p.44). Para a autora, essas duas dimensões convergem e ficam evidentes nas manifestações dos sujeitos. O sujeito é, segundo ela, “um espaço interdiscursivo conformado pelos discursos com os que se encontrou ao longo da sua história e aqueles que dispõem na atualidade” (VILELA, 2006, p.52). Como na entrevista as pessoas constroem sentido sobre si mesmas, a partir da identidade e da rede de representações que lhes são próprias, sua narratividade permite entrever essa diversidade de discursos por que são atravessadas.

Cáceres (1997) também reconhece um foco contemporâneo e outro histórico no trabalho etnográfico. Para ele, o material informativo deve ser organizado em dois vetores: “um que se dirige em direção à vida social atual e suas perspectivas, e outro que se orienta em direção ao passado” (1997, p.187)⁴⁷. Foi exatamente dessa forma que se organizou esta pesquisa para que contemplasse ambos os eixos do modelo barberiano. No vetor diacrônico (passado → presente), foram alocadas e analisadas as informações que pudessem colaborar para a diferenciação do processo de leitura em jornal impresso e em jornal digital, e em torno do vetor sincrônico (somente presente) foram estruturados os dados que ajudassem a descrever e a detalhar as práticas contemporâneas dos leitores em tudo aquilo que lhe é sem precedentes. Ao longo da

⁴⁷ Texto original: *Uno que dirige hacia la vida social actual y sus perspectivas, y el otro que se orienta hacia el pasado.*

apresentação dos resultados, contudo, essas duas raízes foram propositalmente amalgamadas a fim de trazer uma visão mais completa do fenômeno estudado.

6.2 A entrevista etnográfica: da coleta à sistematização dos dados

Quando se dispõe a trabalhar como o método etnográfico, o pesquisador não propõe hipóteses a serem testadas, abre-se para a exploração de um fenômeno social. “A descrição detalhada do mundo presente e a reelaboração do marco organizador do mundo passado são a base do trabalho etnográfico” (CÁCERES, 1997, p.184)⁴⁸. Dessa forma, o objetivo da fase de coletas de dados deste trabalho foi, por meio de entrevistas etnográficas, levantar o maior número de dados possíveis sobre os dois fluxos descritos acima, o diacrônico e o sincrônico, sem nenhuma intenção ou direcionamento previamente determinados, que não alimentar uma descrição supostamente densa e livre.

A coleta de dados para a construção do eixo de análise histórico se deu a partir do relato dos leitores sobre a inserção da tecnologia em suas vidas. Procurou-se, pela perspectiva dos próprios entrevistados, saber como foi o ingresso no mundo da Internet e como se estabeleceu, em suas rotinas, a convivência do jornalismo impresso e do webjornalismo. Já a construção do eixo sincrônico foi balizada por dois tópicos: as influências dos espaços e tempos nas práticas de leitura e apropriação dos recursos técnicos disponíveis no portal de notícias estudado. O intuito, nesse segundo vetor analítico, foi verificar como os sujeitos vêm adaptando-se às mudanças socioculturais, espaço-temporais e comunicacionais decorrentes da aplicação intensa das tecnologias às narrativas jornalísticas; ver como as tecnicidades vêm adentrando a rotina dos pesquisados e introduzindo novas práticas e ritos.

A situação que a pessoa vivencia a cada etapa de vida determina ritmos e disposições temporais, espaciais e sociais, e é fundamental para entender os ritos de passagem vivenciados pelo indivíduo em um período particular, o

⁴⁸ Texto original: *La descripción detallada del mundo presente y la reelaboración del marco organizativo del mundo pasado son la base de trabajo etnográfico.*

que pode ser refletido diretamente nos usos da mídia, nas formas e conteúdos de seu uso ritualizado (JACKS e CAPPARELLI, 2006, p.195).

Na tentativa de entender esses ritos de passagem, foram entrevistadas 16 pessoas. O grupo foi constituído pela técnica da *bola de neve*, isto é, uma pessoa indica outra “pelas redes sociais naturais. É através de amigos, parentes, contatos pessoais e conhecidos que alcançamos captar os atores objetos da investigação” (CÁCERES, 1998, p.312) ⁴⁹. O único pré-quesito requerido foi que as pessoas indicadas não só lessem *Zerohora.com*, como também tivessem, no presente ou no passado, o hábito de ler a versão impressa de Zero Hora. Essa exigência se deu porque se crê que a caracterização dos formatos midiáticos atuais e de seus respectivos receptores pode partir da comparação com formatos anteriores.

A fim de que os dados se tornassem mais ricos, priorizou-se a escolha de sujeitos de diferentes perfis. Procurou-se abarcar ambos os sexos, diversas áreas de formação e, sobretudo, variadas idades, pois se acredita que o fator etário é bastante determinante do momento em que os leitores estão situados no processo de familiarização com a tecnologia e da relação que eles estabelecem entre os usos dos jornais impresso e digital. O perfil das pessoas analisadas será detalhado no próximo capítulo.

Quanto ao número de entrevistas e de entrevistados, foi definido ao longo da fase de coleta de dados, conforme recomenda Cáceres (1998, p.312):

A priori, o investigador não pode fixar o número de entrevistas necessárias para o desenvolvimento da investigação. Se o procedimento de estudo da metodologia qualitativa se caracteriza mais por ser um processo de encontro do que de busca performativa, o investigador terá que determinar, no próprio processo de captura da informação, a amostra que abarque seu estudo⁵⁰.

Dessa forma, as entrevistas só foram interrompidas quando começaram a ser identificados padrões; quando se percebeu que as informações coletas mais reforçavam constatações do que agregavam descobertas inéditas, um efeito denominado *saturação*. “Este critério implica que o número de entrevistas passa a ser adequado quando a

⁴⁹ Texto original: *Por las redes sociales naturales. Es a traves de amigos, parientes, contactos personales y conocidos como accedemos a capturar los actores objeto de la investigación.*

⁵⁰ Texto original: *A priori, el investigador no puede fijar el número de entrevistas necesarias para el desarrollo de la investigación. Si el procedimiento de estudio de la metodología cualitativa se caracteriza más por ser un proceso de encuentro que de búsqueda performativa, el investigador tendrá que determinar, en el proceso mismo de captura de la información, la muestra que abarque su estudio.*

redundância é maior que a nova informação” (SUNKEL, 2002, p.51) ⁵¹. Em consonância com esse princípio da saturação, as entrevistas também não tiveram duração fixa, sendo que a mais curta durou 50 minutos e a mais longa aproximadamente 2 horas. Houve um esforço para que todas elas ocorressem no local onde os sujeitos costumam acessar o jornal, porém, em dois casos, por justificativas particulares dos leitores, isso não foi possível.

Com relação aos assuntos abordados, foram relativamente flexíveis, uma vez que se primou que os informantes conduzissem a conversação. Contudo, alguns tópicos principais, roteirizados apenas mentalmente, foram levantados de antemão, com base no conteúdo dos capítulos teóricos, para garantir que, mesmo que em diferentes profundidades, todos os leitores dessem seu parecer sobre as questões centrais.

Em cada caso a entrevista foi tomando rumos próprios, mas em geral pautou-se por temáticas como: o ingresso e a familiarização na Internet; a rotina midiática; os usos da *Web* e sua influência na organização dos espaços e tempos; o ambiente e os procedimentos de leitura em ambas as versões; a adaptação à rápida atualização e à fragmentação dos conteúdos; a profundidade e a memorização na leitura; a adaptação ao suporte digital; as práticas de navegação; a exploração dos recursos de interatividade e multimídia; as impressões sobre o portal *Zerohora.com*; as seções e temas mais acessados; enfim, assuntos que ajudassem a perceber como, juntos, jornal impresso e webjornal, vêm gerenciando novos e antigos ritos e constituindo o atual cenário da leitura jornalística.

As entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas. Tendo todo o material em forma de texto, o primeiro passo foi identificar os assuntos que se mostraram mais salientes, sendo que se chegou, inicialmente, a 14 categorias. Num segundo momento, esses assuntos foram recategorizados, buscando maior alinhamento com os conceitos abordados na construção teórica. Alguns temas foram desmembrados, outros foram fundidos, de modo a compor seis categorias analíticas finais: coordenadas de leitura, preferências de suporte, formas de participação, percursos de leitura, usos de multimídia e modos de atualização. O terceiro procedimento foi selecionar as falas mais relevantes de cada sujeito investigado acerca de cada uma dessas categorias, que,

⁵¹ Texto original: *Este critério implica que el número de entrevistas pasa a ser adecuado cuando la redundancia es mayor que la nueva información.*

conforme previamente ressaltado, não foram determinadas *a priori*, mas edificadas em torno dos próprios discursos dos entrevistados. Para tanto, foi estruturada uma matriz como a representada abaixo. Com o intuito de facilitar a organização das informações, a opinião de cada leitor levou uma cor diferente.

Categoria analítica	Leitor 1	Leitora 2	Leitor 3	Leitor...
Categoria 1				
Categoria 2				
Categoria 3				
Categoria...				

Figura 6: Matriz de sistematização das falas dos leitores por categoria analítica.

Devido à abrangência de cada categoria, foi necessário que os depoimentos passassem por um segundo refinamento, ou seja, que fossem criadas subcategorias. Assim, seis matrizes (uma para cada categoria analítica), iguais à anteriormente apresentada, foram criadas, porém trazendo na primeira coluna, dessa vez, as subcategorias. Nessa disposição detalhada, ficou mais fácil identificar os consensos e excepcionalidades acerca de cada item, mesmo que, em função da liberdade que se deu aos leitores na hora da entrevista, nem todos tenham falado sobre todos os microtemas. Essa etapa serviu mais para organização preliminar ou informal do trabalho, uma vez que, na hora da exposição dos dados, as fronteiras dessas subcategorias foram dissolvidas.

Por fim, durante a apresentação dos resultados procurou-se manter permanente atenção na intersecção que constitui o cerne da proposta teórico-metodológica deste trabalho: o vetor sincrônico técnicas → ritualidades e o vetor diacrônico jornalismo impresso → webjornalismo. Mesmo que, como já dito, para tentar preservar a integridade e a complexidade do fenômeno analisado, optou-se por olhar para esses elementos conjuntamente, acredita-se estar perceptível que todas as categorias analisadas portam uma ideia de (re)configuração de ritualidades impulsionada tanto por técnicas do jornal impresso quanto pelas inovações tecnológicas do jornal digital.

Como forma de reunir e lapidar as constatações alcançadas, propôs-se, ao final, uma tipologia de leituras. Os tipos de leitura arquitetados, para configurarem-se

enquanto tal, foram avaliados segundo cada uma das seis categorias de análise. Evidentemente, essa tipologia já nasce com a limitação de ter sido formulada a partir do relato de poucas pessoas, mas, como lembra Vilela (2006, p.51), “as narrações dos entrevistados estão construídas por códigos compartilhados, remetem a significações que respondem à singularidade do entrevistado, mas que constituem o âmbito social no qual transcorreu sua história e aquele no qual se inscreve atualmente”, logo, as individualidades carregam um sentido histórico e coletivo.

Isso não deixa de apontar, contudo, que cada escolha metodológica carrega vantagens e desvantagens. Ao optar pelo método qualitativo e pela técnica da entrevista etnográfica, por exemplo, abre-se espaço para defasagens entre a fala do entrevistado e a interpretação do entrevistador e se sujeita a uma visão mediada e parcial do evento, embora essa seja a sina das Ciências Sociais e Humanas. Por outro lado, alcança-se uma profundidade e riqueza de detalhes que, segundo Natansohn (2007), é a grande carência das pesquisas de leitura na *Web*. Ao falar sobre os métodos quanti e qualitativo, Orozco (2000, p.40) afirma que “nos existe desenvolvimento epistemológico que permita integrar ambas as perspectivas de conhecimento”⁵², mas destaca a possibilidade de utilizá-las de forma combinada. Aqui fica evidente a importância dessa complementaridade, no sentido de validar os resultados encontrados perante um grupo maior de pessoas, desafio por demais extenso para esse momento, mas promissor para trabalhos futuros.

⁵² Texto original: *No existe el desarrollo epistemológico que permita integrar ambas perspectivas de conocimiento.*

7 OS LEITORES E SEUS RITOS

Neste capítulo serão descritas as práticas comunicacionais e socioculturais que foram identificadas ao longo da pesquisa empírica. Primeiramente, serão exploradas algumas influências temporais e espaciais nos ritos de recepção dos conteúdos noticiosos. O segundo momento é dedicado a expor considerações acerca dos suportes de leitura. A seção subsequente, por fim, busca verificar como os leitores vêm se apropriando das possibilidades tecnológicas debatidas no capítulo 4. Antes, entretanto, com a intenção de situar os resultados, será apresentado o perfil dos leitores entrevistados, centrando-se em seu histórico na Internet e no relacionamento que estabelecem com a marca Zero Hora e com seus produtos.

Quando se faz um estudo qualitativo, procura-se respeitar a subjetividade. É inerente a essa opção metodológica o reconhecimento de que os dados têm donos e de que seus donos têm uma história. Obviamente não se aspira nesse espaço esmiuçar a individualidade de cada um dos leitores entrevistados, mas compartilhar algumas informações que permitam uma contextualização mínima de seus pontos de vista, afinal,

(...) as ritualidades remetem aos múltiplos trajetos de leitura ligados às condições sociais do gosto, marcado pelos níveis e qualidades da educação, os deveres e saberes constituídos na memória étnica, de classe ou de gênero, o os hábitos familiares de convivência com a cultura letrada, a oral ou a

audiovisual, que carregam a experiência do ver sobre o ler ou vice-versa (MARTÍN-BARBERO, 2008, p.47)⁵³.

Justamente por entender que todos esses elementos interferem nos usos sociais que as pessoas fazem dos meios é que se buscou analisar um grupo heterogêneo. Como já exposto, procurou-se diversificar principalmente no quesito idade. Entendendo a faixa etária como um dos fatores que mais diferencia os usos que as pessoas fazem da Internet, optou-se inclusive por referir-se aos entrevistados de acordo tal critério, acreditando, com isso, auxiliar na compreensão das falas apresentadas. Assim, em ordem crescente, a leitora 1, de 20 anos, é a mais jovem, e o leitor 16, de 62, é o mais velho. Entre os demais, dois têm de 21 a 25 anos; quatro têm de 26 a 30 anos; quatro têm de 31 a 35; dois têm de 36 a 40; um tem de 41 a 45 e outro tem de 46 a 50, totalizando uma idade média de 33,5 anos, um número não muito distante daquele que o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)⁵⁴ aponta como a idade média das pessoas que utilizam a Internet para ler jornais e revistas na região Sul do Brasil: 30,9 anos.

No que diz respeito ao sexo, o IBGE constatou que 50% dos homens pesquisados na região Sul do país (que haviam navegado na Internet nos últimos três meses) acessaram a Internet para leitura de jornais e revistas, ao passo que entre as mulheres esse número caiu para 48%⁵⁵. Buscando alinhar-se a esses dados, o ideal seria que pelo menos sete pessoas da amostra fossem do gênero feminino, porém a utilização da técnica de seleção da *bola de neve* encaminhou para uma maior disparidade, de modo que a proporção final foi de dez homens e seis mulheres. Houve intenção de melhor equilibrar os sexos, mas as demais voluntárias, indicadas por distintas pessoas, eram todas da área da Comunicação, ou seja, ajudariam a equiparar o critério *sexo*, mas levariam a uma grave homogeneização no critério *formação*. Evidentemente não se pode generalizar essa informação, mas, no caso deste trabalho, a maioria das mulheres

⁵³ Texto original: (...) *las ritualidades remiten a los múltiples trayectos de lectura ligados a las condiciones sociales del gusto, marcado por los niveles y calidades de la educación, los haberes y saberes constituidos en la memoria étnica, de clase o de género, y los hábitos familiares de convivencia con la cultura letrada, la oral o la audio-visual, que cargan la experiencia del ver sobre el leer o viceversa.*

⁵⁴ Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2005/2008.

⁵⁵ Mesmo que essa diferença de dois pontos percentuais possa parecer pequena, ela é pelo menos duas vezes maior que a diferença detectada nas demais regiões brasileiras pela pesquisa supracitada.

convidadas, que não as comunicadoras, só liam jornal impresso, sobretudo as de mais idade.

Quanto ao grau de instrução formal, a mesma pesquisa feita pelo IBGE revelou que a região Sul é a única na qual o grau de instrução médio dos leitores de revistas e jornais digitais ultrapassa a média brasileira de 11,2 anos de estudo⁵⁶. Assim, todos os entrevistados estão cursando nível superior ou já têm graduação, alguns até mesmo duas ou curso de pós-graduação⁵⁷. Procurou-se, contudo, conforme antecipado, reunir variadas áreas de atuação, de forma que o grupo contou com a participação de profissionais da Agronomia, da Arquitetura, das Ciências Naturais, das Ciências Sociais, da Computação, do Direito, da Economia, do Jornalismo, da Pedagogia, da Psicologia e da Publicidade. O **Quadro 1** organiza visualmente essas informações e ainda permite compará-las com dados referentes à inclusão digital de cada um dos entrevistados:

Quadro 1: Perfil dos leitores entrevistados.

Leitor	Idade/ Nascimento	Área de formação	Idade/ano do primeiro contato com computador	Idade/ano de ingresso na Internet
Leitora 1	20 (1989).	Jornalismo.	12 (2001).	16 (2005).
Leitora 2	23 (1986).	Pedagogia.	11 (1997).	11 (1997).
Leitor 3	23 (1986).	Pedagogia.	13 (1999).	13 (1999).
Leitor 4	27 (1982).	Publicidade.	13 (1995).	14 (1996).
Leitor 5	28 (1981).	Computação.	16 (1997).	16 (1997).
Leitora 6	29 (1980).	Arquitetura.	11 (1991).	15 (1995).
Leitora 7	30 (1979).	Publicidade.	16 (1995).	18 (1997).

⁵⁶ A pesquisa mostra, inclusive, que a região Sul do Brasil é que apresenta maior desigualdade de acesso à Internet em função da instrução. Entre os entrevistados que na época da pesquisa haviam acessado a Internet (para qualquer finalidade) nos últimos três meses, apenas 3,7% das pessoas possuíam menos de quatro anos de instrução, enquanto que 57,2% já haviam estudado por pelo menos 11 anos.

⁵⁷ Cabe acrescentar que esse dado mostra-se coerente com os resultados de pesquisa IBOPE realizada entre janeiro e março de 2009 junto a leitores da versão impressa de Zero Hora, que identificou que 67,86% do público do jornal pertence às classes A e B.

Leitor 8	31 (1978).	Computação.	15 (1993).	17 (1995).
Leitor 9	32 (1977).	Direito.	16 (1993).	18 (1995).
Leitora 10	32 (1977).	Publicidade.	14 (1991).	20 (1997).
Leitor 11	35 (1974).	Economia e Jornalismo.	16 (1990).	21 (1995).
Leitora 12	36 (1973).	Psicologia e Jornalismo.	14 (1987).	21 (1994).
Leitor 13	37 (1972).	Ciências Sociais e Direito.	16 (1988).	22 (1994).
Leitor 14	42 (1967).	Direito.	19 (1986).	26 (1993).
Leitor 15	49 (1960).	Agronomia.	28 (1988).	39 (1999).
Leitor 16	62 (1947).	Ciências Naturais.	59 (2006).	59 (2006).

A leitora 1 mora com seus pais, um marceneiro e uma costureira, em uma cidade da Grande Porto Alegre; cursou o primeiro e o segundo grau em escola pública e, atualmente, estuda em uma universidade particular porque ganhou uma bolsa em um processo seletivo. Seu primeiro contato com o computador e com a Internet ocorreu na casa de sua prima. Em seu lar, só teve computador e acesso à *Web* depois que ingressou no mundo acadêmico. Seu *hobby* é a música (rock) e o estudo é um dos grandes valores de sua vida, motivo que a faz ter orgulho de ser o primeiro membro da família a ter nível superior. A leitora 2 mora em um bairro nobre de Porto Alegre com sua família (pai, irmã e sobrinho). Ela é órfã de mãe, por isso foi criada pelo pai e pelas tias. Não enfrenta problemas financeiros, mas tem dificuldades de superar a perda materna. Ela se interessa bastante pelo mundo das celebridades e, atualmente, estuda em uma faculdade particular. Seu primeiro contato com computador e com Internet ocorreu no colégio.

O leitor 3 também mora com sua família, estuda em universidade particular e, como as duas leitoras citadas acima, é estagiário. Destacou-se por ser o entrevistado mais “dependente” da mídia. Ele gosta muito de conversar e acredita que estando bem informado sempre terá assuntos para fortalecer suas relações interpessoais. Sua inclusão digital começou no colégio, mas logo já teve computador com Internet em sua residência. Ele se considera muito curioso e diz ter mandado consertar seu computador

muitas vezes em função de ter alterado configurações sem ter conhecimento técnico para isso. O leitor 4 tem como *hobby* jogar *hockey* e os usos que faz da Internet sempre estiveram bastante relacionados a isso. Ele conta que antes da Internet era difícil acessar informações sobre esse esporte ainda incomum no Brasil, e que a Rede permitiu que ele se apropriasse de regras e de outros dados, de modo que hoje, além de jogador, ele é treinador nessa modalidade esportiva. Pelo seu reconhecimento, foi convidado a ter um *blog* sobre o assunto abrigado em um portal de notícias gaúcho. Desde pequeno habitou uma cidade da Grande Porto Alegre, mas no último ano mudou-se para a capital, onde mora com a namorada. Há alguns anos tinha uma banda, mas agora trabalha em uma agência de publicidade, como diretor de arte, o que o faz ter interesse pelos anúncios do jornal. A paixão pelo *design*, segundo ele, começou com o programa *Paint Brush*, um dos principais usos que fazia do computador assim que o comprou. Ele relata ser o primeiro entre os seus amigos a ter tanto computador quanto Internet.

O leitor 5 ingressou no mundo da informática e da Internet um pouco mais tarde, mas não quis mais sair, tanto que no ano seguinte fez vestibular nessa área e, atualmente, trabalha num centro de processamento de dados. Os assuntos que mais tem interesse quando lê jornal são esportes e política. Da mesma forma que o leitor 4, recentemente abandonou uma cidade metropolitana para morar com a namorada em Porto Alegre. A leitora 6 nasceu no interior do estado e veio para a capital quando ingressou na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Nesse período, ela estava iniciando um processo de familiarização com a Internet, que recém se popularizava, mas o computador há bastante tempo já fazia parte de sua vida, em função da profissão de seu pai. Ela, contudo, não tinha interesse em operar a máquina, pois, ao contrário dos entrevistados já apresentados, que conheceram o computador com *Windows*, ela começou seu processo de inclusão em um computador *MSX*, que comportava um sistema operacional nada intuitivo. Hoje a informante é mestre em Arquitetura, trabalha em um escritório e mora com seu noivo.

A leitora 7 e o leitor 8 são namorados e, há poucos meses, passaram a dividir o mesmo lar, em Porto Alegre. Ela nasceu na capital, trabalha em um órgão público e diz ter interesse por notícias culturais e de entretenimento. Assim como o namorado, graduou-se em universidade pública e gratuita. Ele habitou três diferentes cidades do interior do estado antes de morar em Porto Alegre. Desde seu primeiro emprego, trabalhou com engenheiro de computação, área na qual agora é mestre. Assim como o

leitor 4, considera-se um precursor entre os amigos. Ela conta que logo que teve seu próprio computador nem mesmo as empresas do ramo sabiam resolver muitos problemas técnicos, e que isso o levou a avançar rápido em seu processo autodidata, o que teve, mais tarde, influência na sua escolha profissional. Seus contatos iniciais com o computador foram motivados pelos jogos. O principal tema que acessa em jornais é esportes, uma vez que futebol é seu *hobby*.

O leitor 9 é filho de um empresário e morou em diversos estados do Brasil. Atualmente reside em Porto Alegre, juntamente com sua namorada. Além de advogado, é sócio-proprietário de um requintado restaurante da capital. Salientou-se como o mais obcecado leitor de jornais, chegando a ler quatro diferentes jornais impressos por dia, além de uma variedade de webjornais. Segundo ele, sua profissão exige que esteja permanentemente bem informado. A leitora 10 é do interior do estado e, em razão de seus estudos, já habitou em três diferentes cidades. Ela tem especialização e mestrado em comunicação, mora com o seu namorado e demonstrou grande apego à cultura gaúcha. Também foi uma das entrevistadas que mais nitidamente expressou predileção pelos ritos do jornal impresso e por conteúdos locais. Da mesma forma que o leitor 9, a leitora 10 conheceu o computador no colégio e a Internet só na faculdade. Enquanto que para os leitores mais jovens esses dois fatos foram quase que simultâneos, pode-se notar que da leitora 10 em diante há uma grande descompasso entre eles, o que se justifica pelo fato de a Internet ainda não estar popularizada no círculo social dos sujeitos analisados no momento em que tiveram seus contatos iniciais com o computador.

O leitor 11 nasceu no interior do Rio Grande do Sul e veio à capital para estudar na época do vestibular. Apesar de formado também em jornalismo, sua atuação profissional está mais vinculada à área de economia, na qual é mestre. Por essa razão, economia é o tema que mais procura em jornais, seguido de política. Ele é funcionário público, mora com sua namorada e considera-se uma pessoa bastante crítica. A leitora 12 também é jornalista, pós-graduada, inclusive, e, no período em que participou desta pesquisa, estava prestes a formar-se em psicologia. Já atuou como professora acadêmica, mas no último ano dedicou-se exclusivamente a dar esporádicas aulas de língua inglesa e a concluir seu curso. Ela é casada, mas mora com os pais, pois seu marido está vivendo no Canadá há um ano. Quando entrevistada, a leitora estava às vésperas de mudar-se para esse país também. Há mais de duas décadas, quando tinha 14 anos, ela já adorava computadores e, em meados dos anos 1990, quando ingressou no

mundo da Internet, passou a adorar mais ainda. Ela conta que, assim que soube da possibilidade de conectar computadores, não parou de fazer experiências exploratórias, sempre motivada pela vontade de conhecer pessoas. Dessa forma, seu principal uso da Internet, nos primórdios, eram os *chats*; atualmente, contudo, são os webjornais e *blogs*, sendo que seu interesse é, sobretudo, tecnologia. Esta entrevistada considerava-se muito participativa, mas reconhece andar bastante desmotivada com essas práticas, tendo, até mesmo, parado de atualizar o *blog* que mantinha.

O leitor 13 também ingressou na Internet pelos *chats* e hoje prioriza o acesso a webjornais. Na verdade, ele foi o único que já na década de 1990 acessava jornais digitais. Esse entrevistado é uruguaio, mas veio para o Brasil na adolescência. Ele é bastante crítico e engajado e se sente atraído pela política. Por ter esse perfil, é bastante envolvido com as atividades sindicais da categoria que atua no setor público. Cientista social, agora ele cursa a faculdade de Direito. É casado e tem uma filha de menos de dois anos. O leitor 14 também tem uma filha (6 anos). Ele é sócio-proprietário em um escritório de advocacia, mas, antes de cursar Direito, teve uma rápida passagem pelo curso de Engenharia Elétrica, onde estabeleceu seu primeiro contato com o computador. Como todos os entrevistados que começaram a utilizar o computador na década de 1980, ele traz relatos muito diferentes da realidade que se tem hoje do mundo da informática: disquetes gigantes, interação por linha de comando, memória limitada, a TV como monitor, ausência de imagens e cores, a desnecessidade do *mouse*, entre outras características. Os temas que mais lhe interessam no jornal são política e esportes. Esse leitor foi o que mais elogiou a qualidade do jornal Zero Hora, seguido do leitor 15.

O leitor 15 é gaúcho, mas atualmente mora no Distrito Federal. A razão da mudança foi sua aprovação em um concurso público na área em que atua: agronomia. Lá ele mora com a esposa, com seu neto e com dois de seus filhos. O primogênito, de 28 anos, mudou-se para a Europa em 2007, mas há mais de dez anos já não dividia o mesmo lar em função de seus estudos. Ao contrário dos demais leitores, que conheceram o computador ainda quando estudantes, este já era formado e, portanto, estabeleceu contato em ambiente profissional. Mas o que motivou a compra de um computador particular, por volta do ano de 1995, foram os filhos. Ele conta, inclusive, que foi criticado pelos familiares quando elegeu o computador como prioridade, pois, como quase todo mundo naquele período, essas pessoas subestimavam a importância

que a informática teria nos anos seguintes. Hoje ele usa a *Web* para comunicar-se com seu filho, para atividades profissionais e para ler jornais. Além de considerar Zero Hora um dos melhores jornais do país, ele o lê para manter-se informado sobre o Rio Grande do Sul, o estado onde deixou toda a sua história.

O leitor 16, finalmente, por já estar aposentado em sua carreira de professor quando o computador adentrou o cotidiano das pessoas, não teve um processo de inclusão digital gradativo, como teve o leitor 15. Esse distanciamento fez com que o computador e, posteriormente, a Internet fossem se tornando cada vez mais amedrontadores. Contudo, com o tempo, esse entrevistado começou a sentir-se alienado e, motivado justamente pela leitura de jornais, resolveu “enfrentar” a *Web*, contando, para isso, com a ajuda de suas filhas, ambas com mais de trinta anos. O primeiro contato (como usuário) com o computador e com a Internet, nesse caso, ocorreu no mesmo dia, aos 59 anos. Hoje, com 62, considera-se ainda em fase de aprendizado, mas se orgulha de não ter mais medo e, por tentativa e erro, vir notando seu progresso diariamente. Sua ocupação profissional atual é administrar sua própria fazenda, dedicada à agricultura, logo, cotação de grãos e previsão do tempo são os assuntos que mais o prendem à Internet, apesar de adorar ler e interessar-se por todos os assuntos noticiados nos jornais.

No que tange ao contato dos entrevistados com Zero Hora, começou ainda no tempo em que a marca só dispunha o jornal na versão impressa. Muitos lembram que já na infância o jornal fazia parte de suas vidas: “Foi uma coisa que sempre teve na minha casa, desde sempre. E tanto que quando eu me mudei para Porto Alegre, a gente ficou um tempo sem e eu sentia muita falta”, conta a leitora 6⁵⁸. A leitora 1 não recorda se lia ou não, mas diz que gostava de olhar Zero Hora: “Quando era criança, meus pais tinham costume de comprar nos finais de semana. E eu folhava, não lembro se eu lia muita coisa, mas eu olhava sempre”, afirma ela. O leitor 15 também relembra os velhos tempos com nostalgia:

Desde criança, quando ainda a Zero Hora era só um informativo das classes mais elevada da sociedade, já tinham uns encartes no meio. Hoje eles colocam alguns de time de futebol; na minha infância eles colocavam outros... Eram uns pôsteres coloridos no meio do encarte central, com personagens de histórias em quadrinhos, que eu gostava muito. Então, naquela época era uma inovação muito grande. Bah, quando a gente conseguia que o pai ou a mãe comprasse uma Zero Hora era aquela felicidade, só para pegar o pôster e colar na parede.

⁵⁸ Todas as falas que integram as análises foram transcritas sem correções de linguagem.

Outros leitores que não tinham a assinatura ou o hábito de comprar também contam desde cedo estabelecer contato com o jornal: “Eu lembro que eu ia todos os finais de semana na minha vó, pegava a Zero Hora de domingo e olhava toda. Eu me lembro, assim, que eu adorava, porque era um jornal grandão, daí eu ficava folheando feliz, porque não era uma coisa comum pra mim”, diz o leitor 4. No caso da leitora 2, o contato começou na casa das tias: “Quando a gente ia pra casa das minhas tias, eu lia a Zero Hora. Eu sempre preferi a Zero Hora, mas não tinha em casa”, afirma ela.

Dessa forma, os leitores foram crescendo influenciados por essas práticas e ritos e, quando entraram na faculdade, onde dizem ter descoberto ou reforçado a necessidade do hábito de ler jornais, todos, sem exceção, pediram para que seus pais assinassem, começaram a assinar por conta ou começaram a ler o jornal impresso em ambiente profissional. “Eu sempre gostei de me inteirar das coisas, mas não tinha o que eu tenho hoje de me sentir meio obrigada a ler. Jornal era uma coisa que eu lia muito pouco quando adolescente, mas a faculdade fez eu me cobrar mais”, conta a leitora 1, ao compreender o sentido que a leitura sempre teve para seus pais e que passaria, naquele momento, a ter para ela própria, mesmo que com algumas adaptações à sua realidade.

À época da faculdade, os 13 entrevistados mais jovens já utilizavam a Internet; para a maioria, inclusive, o ingresso na *Web* se deu no meio acadêmico. A leitora 1, que, até mesmo por questões de ordem financeira, teve uma inserção tecnológica tardia (apenas em 2005), conta que entrou no mundo da Internet e no mundo universitário mais ou mesmo na mesma época: “A Internet coincidiu com a época que eu comecei naturalmente a me interessar por coisas diversas, fora da rotina de criança/adolescente. Ela me ajudou a me aprofundar em coisas que eu gostava e que não tinha orientação dentro de casa ou na escola”, fala ela.

Para os outros três entrevistados, os três mais velhos, o acesso inicial à Rede se deu em ambiente residencial ou profissional: “Eu precisava de *e-mail* para lidar com as vendas dos agroquímicos e também precisava pesquisar muito”, conta o leitor 15, que teve acesso há uma década, quando tinha 39 anos. O leitor 16, aposentado, lamenta não ter estado conectado em momentos anteriores: “Ah, sinto não ter Internet, não ter computador quando eu lecionava, seria uma mão na roda!”, afirma ele, que se consagrou um internauta somente há três anos.

A maioria dos entrevistados, dez deles, teve o primeiro contato com o computador na década de 1990, mas para dois, a mais nova e o mais velho, a aproximação se deu só a partir de 2000, e para outros quatro, já no final dos anos 1980. De lá para cá, quase todos, principalmente esses últimos, dizem que muita coisa mudou. Os leitores 14 e 15 falam que antes do *Windows* tinham muita dificuldade para operar o computador: “A informática se inseriu na vida cotidiana só quando entrou o *Windows* e o PC. Antes não tinha os programas mais fáceis, tinha que ter um estudo mesmo de informática para tu poder fazer as tarefas mínimas no computador. E muito mais paciência”, diz o leitor 14. O relato do leitor 15 corrobora essa opinião: “Não era uma coisa popular, era difícil. Ou você sabia exatamente como entrar, como executar as ordens do computador, ou não dava certo. Era uma coisa muito restrita e trabalhosa”, conta. “Até tinha uns programinhas, mas esse negócio de não ter *mouse* e não ter a interatividade fazia perder a graça. Era uma ferramenta muito dura”, conclui a leitora 6, que operou a primeira máquina em 1991, aos 11 anos.

Nessa época as pessoas sequer entendiam direito para que servia o computador, e quase metade delas citam os joguinhos como seu principal uso: “Antigamente tinha um módulo que tu ligava num aparelho toca-fitas para ele carregar os programas e numa televisão, e apenas servia para jogar. Tinha joguinhos e também tinha como programar coisas, tipo desenhar formas elementares”, exemplifica o leitor 13, referindo-se ao final dos anos 1980. Mas foi com o surgimento da Internet que os leitores dizem ter passado a ver o computador como algo realmente além de um videogame ou máquina de escrever. A leitora 12 expõe sua experiência:

Não tinha muito significado até eu começar a interagir. Uma vez eu vi um filme chamado *Jogos de Guerra* e era um filme em que eles conectavam os computadores. Fiquei fascinada em saber que os computadores podiam se comunicar entre si. A primeira coisa que eu fiz quando eu ganhei um *modem* foi falar com o vizinho do edifício do lado, tentar fazer nossos computadores se conectarem e era muito legal (risos). A gente configurava errado e foi uma festa quando a gente conseguiu. E depois disso, logo veio o *BBS*, aí tinha uma pessoa que coordenava e meio que centralizava, daí os usuários ligavam para o local onde ficava esse cara, se comunicavam e tinham notícias e outras coisas. Depois do *BBS* aumentou bastante o tempo que eu ficava conectada. Mas sempre era um pouco restrito, pois gastava telefone. Depois, quando eu comecei a acessar *e-mail*, esse centralizador recebia da Internet e zipava em pacotes, daí eu conectava em determinado horário para baixar os *e-mails*, mas era muito bizarro, muito diferente.

O leitor 8, que começou a navegar em 1993, também aponta para algumas limitações: “Não tinha imagens e esses *browsers* direito ainda. Era bem engraçado. E

também a Internet tinha muito menos conteúdo, era quase só *sites* de universidades, de grupos de pesquisa e pornografia. Internet, na realidade, era uma coisa meio vaga”. O leitor 9, que ingressou na Rede em 1995, prossegue a descrição: “Eu usava para enviar ou receber *e-mail* e para visitar *sites* dos quais eu já sabia o endereço, pois não existiam buscadores. Então, a gente já vinha com a ideia pré-determinada sobre o que pesquisar na Internet, diferente de hoje que um *link* leva a outro”. A leitora 10 ri ao dizer que, na sua iniciação na *Web*, em 1997, achava a estar explorando ao máximo: “Na verdade eu não a tinha dimensão. Sabe aquela coisa ‘até onde posso chegar com isso?’”, confessa ela.

O leitor 8 pensa que ninguém, naquela época, tinha essa dimensão, e que isso dificultava até mesmo a administração do uso, seja por parte dos usuários, seja por parte das instituições. Por ser engenheiro de computação, ele auxiliou na implantação da Internet na Companhia de Processamento de Dados do Rio Grande do Sul (PROCERGS) e conta que definir a política de uso de *e-mails* foi uma grande dificuldade: “Não sabiam como é que iam fazer para taxar, se era por *e-mail* recebido, por *e-mail* enviado. Hoje isso seria inadmissível, imagina pagar 20 centavos por *e-mail*, ridículo!”, reflete ele. A leitora 10 fala que sua faculdade teve que adotar várias políticas de uso até acertar: “No começo a gente tinha disponível um tanto de horas para cada aluno, mas só podia acessar alguns *sites*; depois, liberaram o acesso para outros *sites* e depois eles disponibilizaram acesso ilimitado”, conta. Na faculdade do leitor 13, aparentemente havia mais rigor: “Só os computadores dos professores tinham acesso à Internet; o resto não”, diz ele.

Se fora de casa as pessoas tinham que respeitar essa série de restrições, em casa, às vezes, era pior. Ter Internet implicava ter um telefone, mantê-lo inutilizado para receber ligações e ainda pagar faturas elevadas. Para driblar pelo menos esse último problema, grande parte dos leitores entrevistados mencionou usar a estratégia do pulso único, que a leitora 1 explica: “Eu esperava a meia-noite de sexta, entrava, não desligava mais o computador, ia dormir e deixava ligado até domingo, para gastar um pulso só”. Ela não só ficava conectada em tempo integral, como ficava quase todo o tempo na frente do computador.

Esse mesmo comportamento se mostrou comum entre os leitores que hoje têm menos de quarenta anos. Em geral, eles relatam ter passado por uma fase inicial de

euforia, em que baixavam músicas, procuravam fotos e textos e usavam *chats* sem parar, por horas. “Inicialmente, primeiros seis meses mais ou menos, eu dormia pouquíssimo. Retomei alguns contatos com pessoas de outros países e aquilo me forçava a ficar a noite toda ali, mesmo tendo que trabalhar no dia seguinte. Hoje não faço mais dessas”, conta o leitor 13. A leitora 1 descreve mudanças similares nos seus ritos:

Meu pai reclamava que eu estava tirando umas notas vermelhas e que eu não dormia muito bem; e eu não dormia mesmo. No final de semana eu dormia muito pouco; cheguei a ir deitar 5h da manhã e às 9h ou 10h eu acordava e ia para o computador de novo. Hoje não faço mais isso; saturou! Já não tenho mais tanta necessidade de conhecer pessoas como eu tinha. Se chego e estou cansada, vou direto dormir. No máximo dou uma olhadinha no *Orkut*. Eu vejo mais como responsabilidade de estar respondendo *e-mails*, fazendo trabalhos, estar estudando do que como diversão.

A leitora 10 também reconhece com nitidez duas fases distintas: “Primeiro foi aquela coisa da descoberta. Minha prioridade, dá para se dizer, eram futilidades, mais era bate-papo. Aí, digamos, a segunda fase, essa que eu estou há uns 10 anos, é uma questão, assim, relacionamento, mas uma necessidade mais profissional”. Os usos do leitor 8 também mudaram: “Quando eu era mais guri, passava o dia no computador. Hoje, quando chego em casa, eu não tenho a mínima paciência com essas coisas de *Orkut* e responder *e-mailzinho*”, diz ele, aos 31 anos. Já o leitor 4 conta que continua usando a Internet como entretenimento, mas, hoje, com outros recursos:

Hoje em dia eu uso Internet principalmente pro meu trabalho. Sigo usando para entretenimento também, mas agora é menos tempo, até porque mudou a velocidade para baixar as coisas. Antes, quando eu tinha uma banda, para baixar música era muito mais difícil do que é hoje, era muito mais lento. Um clipe legal que tu via na MTV, por exemplo, e quisesse baixar para guardar no teu computador, tu deixava, sei lá, uma semana pra baixar. Hoje tu vai ali no *Youtube*, digita o nome, olha uma vez, e tu nem baixa pro teu computador, porque, sempre que tu quiser ver, tu vai entrar ali e olhar.

Foi nessa segunda fase, de uso mais comedido e acesso mais rápido, que as pessoas relatam ter começado a utilizar a Internet para ler notícias. “Agora eu não uso computador mais para brincar, uso para olhar notícia, para saber o que está acontecendo e para fins de trabalho também”, afirma, por exemplo, a leitora 2. A leitora 12, conforme já apresentado, é uma exceção, pois teve algumas experiências incipientes com o jornalismo digital já na primeira fase, da mesma forma que o leitor 9, que conta que seu primeiro contato com a Internet já foi com intuito de acessar breves notícias que

eram enviadas pela universidade em uma tela similar à do *MS Dos*⁵⁹. Mas, de modo geral, as pessoas só começaram acessar *sites* de notícia em meados dos anos 2000. O leitor 13 foi um pouco mais precoce:

Acho que comecei a ler jornal *on-line* lá por 98, a partir do portal Terra, que disponibilizava *links* pra outros meios de comunicação impressos: a Folha de S. Paulo, alguma coisa do Estadão, eu lia sempre, e algumas revistas como Isto É e Carta Capital. Eu lia também alguns jornais Uruguaios, El País, que não é o mesmo da Espanha. Na Argentina não tanto, acho que o Clarín, foi muito tardiamente sendo disponibilizado na Internet. E não sei se no ClicRBS tinha alguma coisa RBS, alguma coisa assim, que eu não consigo recordar. Zero Hora foi bem tardiamente que eu passei a consultar pela Internet, através do ClicRBS, que começou a disponibilizar notícias que remetiam pra dentro da versão do Zero Hora.

Assim como o leitor 13, os demais também contam que foram descobrindo os webjornais à medida que *links* de outros *sites* iam apontando para seus conteúdos. Eles dizem não ter tido grandes dificuldades para aprender a ler notícias na Internet, que foi um processo intuitivo, similar à navegação que já faziam por outros conteúdos da *Web*. O ingresso do leitor 16, de 62 anos, o único navegador errante, segundo a classificação de Santaella (2007b), foi um pouco mais complicado, pois, para ele, a introdução ao jornalismo digital se deu junto com o seu primeiro contato com o computador. Ele narra sua trajetória:

Entrei no computador, na Internet e nos webjornais tudo junto. Foi um horror! Tinha até medo de mexer, né? Mas a necessidade chegou, precisava, e acabei comprando um computador para mim. Mexi foi no meu mesmo para não ter problema de estragar, de apagar alguma coisa. Eu não sabia nem como ligar e desligar. Eu pedi para as gurias me fazerem um roteirozinho e consegui entrar. Não conseguia entrar sempre, então eu consultava elas: “o que eu faço pra sair daqui e ir para outro *site*?”. Não sabia nem como entrar em *site*. Eu sabia dos *sites* de jornalismo porque as gurias liam. Aí eu pedia por notícias, jornais, revistas. Aí fui mexendo, não fiz curso nenhum, nada. Fui errando e aprendendo. Estou aprendendo.

Esse leitor conta que passou a acessar webjornais em busca de mais atualização e de mais variedade de fontes, pois ele julga que, assim como a maioria dos jornais impressos, Zero Hora é repetitiva e viesada. Os demais leitores, ao falarem sobre os pontos que influenciam positiva e negativamente suas práticas de leitura nesse jornal, elogiaram, sobretudo, as opções de entretenimento e a variedade e profundidade dos conteúdos e criticaram o exagero de publicidade e a abordagem excessivamente regionalista e tendenciosa. O quadro a seguir resume os prós e contras levantados pelos entrevistados:

⁵⁹ *Microsoft Disk Operating System*

Quadro 2: Pontos que os leitores entrevistados gostam e não gostam nas versões digital e impressa de Zero Hora.

Leitor	O que gosta em Zero Hora	O que não gosta em Zero Hora
Leitor 1	Diagramação da versão impressa e cadernos.	Regionalismo excessivo, coluna social e diagramação do <i>site</i> .
Leitora 2	Conteúdo diversificado e completo.	---
Leitor 3	Conteúdo diversificado e completo, diagramação e entretenimento.	Versão impressa mancha as mãos.
Leitor 4	Classificados.	Diagramação do <i>site</i> .
Leitor 5	Classificados e velocidade de atualização do <i>site</i> .	Abordagem tendenciosa e falta de objetividade dos textos da versão impressa.
Leitora 6	Entretenimento e disponibilização da versão impressa no jornal <i>on-line</i> .	Conteúdo muito resumido no <i>site</i> .
Leitora 7	Entretenimento e <i>blogs</i> .	Diagramação do <i>site</i> e regionalismo excessivo.
Leitor 8	Cobertura esportiva.	Abordagem tendenciosa e regionalismo excessivo.
Leitor 9	Diversidade dos conteúdos, cobertura esportiva e entretenimento.	Conteúdo repetido, excesso de publicidade e diagramação do <i>site</i> .
Leitora 10	Regionalismo e a grande oferta de espaço para o leitor.	Coluna social.
Leitor 11	Diagramação e objetividade das notícias do <i>site</i> .	Regionalismo excessivo e qualidade das notícias do <i>site</i> .
Leitora 12	Facilidade de acesso às últimas notícias e cadernos.	Excesso de publicidade.
Leitor 13	Cobertura esportiva.	Abordagem tendenciosa.
Leitor 14	Constante modernização da empresa, imparcialidade, conteúdo diversificado e completo.	---
Leitor 15	Conteúdo diversificado e completo, diagramação, abordagem.	Excesso de publicidade.
Leitor 16	Qualidade da redação.	Conteúdo repetido e abordagem tendenciosa.

O desejo do leitor 16 em complementar as informações que tinha em meio impresso era tanto que ele considera esse o maior motivador de sua inclusão digital. Porém, para outros leitores o acesso aos webjornais ocorreu com o intuito de substituir o jornal em papel. No caso da leitora 10, por exemplo, a introdução ao jornalismo *on-line* foi um processo de substituição forçosa: “A empresa que eu trabalhava parou de assinar jornal impresso para economizar, né? Então, quem quisesse, lia *Zerohora.com*. E aí eu tive que pegar o hábito, há uns 2 anos”, fala ela, representando as razões de outros entrevistados.

Por motivos como esse, sete leitores (5, 7, 8, 10, 12, 14 e 15) passaram a ler o jornal impresso apenas nos finais de semana e um entrevistado, o leitor 11, parou de lê-lo. Em contrapartida, os outros oito (1, 2, 3, 4, 6, 9, 13 e 16) continuam fazendo uso de ambos os formatos de jornal, mesmo que nem todos leiam as duas versões diariamente. Tendo observado que, em algumas situações, os leitores do primeiro grupo agem de forma diferente dos do segundo, optou-se por dar-lhes denominações também distintas: os que utilizam quase que exclusivamente a versão *on-line* serão, ao longo das análises, chamados de *leitores substitutivos*, e os que leem tanto jornais tradicionais quanto webjornais serão aqui chamados de *leitores cumulativos*. Debater os ritos midiáticos desses leitores é o objetivo das seções a seguir.

7.1 Os espaços e tempos: do momento ao acompanhamento

As coordenadas espaço-temporais, como previamente defendido, incidem sobre questões sociais, culturais e operacionais. Nesse sentido, lugares e horários têm um importante papel na (re)configuração dos ritos de leitura. Conforme entende Tufte (2002, p.240), “se nós quisermos explorar os usos estruturais e relacionais dos meios, nós devemos começar explorando como a vida cotidiana é organizada em relação a

tempo, espaço e relações sociais”⁶⁰, e é seguindo esse conselho que se começa esta análise empírica.

Com relação a esse assunto, verificou-se que os *leitores substitutivos* e os *cumulativos* costumam fazer opções distintas. Os primeiros, que preservam hábito de ler jornal impresso apenas no final de semana, o fazem em casa. Aqueles que permanecem fazendo uso do jornal impresso também durante a semana, por outro lado, optam por lê-lo no trabalho, com exceção do leitor 16, que atua na zona rural e tem acesso a ambos os formatos de jornal apenas em sua residência. Todos os entrevistados tiveram assinatura de jornal impresso em algum momento de sua vida e relatam que, enquanto eram assinantes, liam o periódico em casa. Atualmente, dois leitores (2 e 3) seguem pagando assinatura mensal e, em consequência, apenas eles conciliam leitura em casa e no trabalho nos dias de semana. Ou seja, observa-se uma consolidação do ambiente profissional como espaço de leitura do jornal impresso, e, conforme será mostrado na sequência, também do jornal digital.

Quanto ao horário, os *leitores substitutivos* optam pela manhã, podendo, em alguns casos, extravasar para o turno da tarde, uma vez que o jornal de fim de semana é bastante extenso. No que diz respeito aos *leitores cumulativos*, optam por manhã ou meio-dia. Observou-se que, em regra, funcionários autônomos ou de cargos hierarquicamente superiores costumam ler assim que chegam em seu ambiente de trabalho, enquanto que os funcionários que não exercem funções de chefia acabam tendo que efetuar a leitura no intervalo do almoço. Entre os entrevistados, pôde-se perceber que os trabalhadores autônomos ou alocados em cargos de liderança são, geralmente, pessoas mais experientes, do sexo masculino e com melhores condições financeiras. Evidenciam-se aqui, portanto, já algumas intervenções da idade, do gênero e da classe socioeconômica na construção das ritualidades.

No quadro subsequente estão resumidas informações sobre os espaço e tempos de leitura, em ambas as versões do jornal, de cada um dos sujeitos pesquisados. Esclarece-se que as linhas em cinza referenciam os *leitores substitutivos*, enquanto que as brancas dizem respeito aos *leitores cumulativos*.

⁶⁰ Texto original: *If we want to explore the structural and relational uses of the media we must begin by exploring how everyday life is organized in relation to time, space and social relations.*

Quadro 3: Locais e horários de leitura dos entrevistados em jornal impresso e digital.

Leitor	Impresso		Digital	
	Onde	Quando	Onde	Quando
Leitora 1	Fim de semana: Casa (sala). De 2 ^a a 6 ^a : Trabalho.	Fim de semana: Ao longo do dia. De 2 ^a a 6 ^a : Meio-dia.	Trabalho; faculdade; casa.	Meio-dia; tardinha; noite.
Leitora 2	Fim de semana: Casa. De 2 ^a a 6 ^a : Casa e trabalho.	Fim de semana: Manhã. De 2 ^a a 6 ^a : Manhã e meio- dia.	Trabalho; faculdade; casa.	Meio-dia; tardinha; noite.
Leitor 3	Fim de semana: Casa (quarto). De 2 ^a a 6 ^a : Casa e trabalho.	Fim de semana: Ao longo do dia. De 2 ^a a 6 ^a : Manhã e meio- dia.	Casa; trabalho.	Manhã e permanece conectado à tarde.
Leitor 4	Trabalho.	De 2 ^a a 6 ^a : Manhã.	Trabalho.	Manhã e permanece conectado à tarde.
Leitor 5	Casa.	Fim de semana: Tarde.	Trabalho; casa.	Meio-dia; noite.
Leitora 6	Trabalho.	De 2 ^a a 6 ^a : Meio-dia.	Casa.	Noite.
Leitora 7	Casa.	Fim de semana: Manhã.	Trabalho.	Manhã e permanece conectado à tarde.
Leitor 8	Casa.	Fim de semana: Ao longo do dia.	Trabalho; casa.	Manhã e permanece conectado à tarde.
Leitor 9	Fim de semana: Casa. De 2 ^a a 6 ^a : Trabalho.	Fim de semana: Ao longo do dia. De 2 ^a a 6 ^a : Manhã e tarde.	Casa; trabalho.	Manhã e permanece conectado à tarde.
Leitora 10	Casa (sala).	Domingo: manhã.	Casa.	Manhã ou noite.
Leitor 11	---	---	Trabalho; casa.	Manhã e noite.

Leitora 12	Casa.	Fim de semana: Ao longo do dia.	Casa; faculdade.	Manhã e permanece conectado à tarde.
Leitor 13	De 2ª a 6ª: Trabalho (lancheira).	De 2ª a 6ª : Manhã, enquanto espera o lanche.	Trabalho; faculdade; casa.	Meio-dia; tardinha; noite.
Leitor 14	Casa.	Fim de semana: Ao longo do dia.	Trabalho.	Manhã e permanece conectado à tarde.
Leitor 15	Casa ou parque.	Fim de semana: Manhã.	Trabalho.	Manhã e permanece conectado à tarde.
Leitor 16	Casa (sacada).	Todos os dias pela manhã.	Casa (sacada).	Meio-dia; noite.

Ao descreverem sua leitura do jornal em papel, os depoentes, em especial os *leitores cumulativos*, foram bastante detalhistas e precisos, demonstrando que para eles trata-se de uma prática já ritualizada. Isso fica claro nas palavras e expressões pormenorizadas e categóricas que empregam em suas manifestações: “Preciso ler o impresso. Leio no intervalo do trabalho, na minha sala, sozinha. Olho a foto da capa e a legenda, viro, olho a foto da contracapa e a legenda. Depois viro de volta e começo a ler conforme as coisas estão na Zero Hora. Demoro 1 hora”, diz a leitora 1. Em outros casos, a ideia de leitura como um processo repetitivo e simbólico fica ainda mais clara: “Eu tenho que tomar meu café lendo jornal. É sempre assim”, afirma a leitora 2, demonstrando a solidez de seus hábitos. O leitor 3 também já tem seu ambiente de leitura consagrado: “Em casa leio no meu quarto. Sempre no quarto”, diz ele, referindo-se à sua primeira leitura, antes da que efetua no trabalho, ao meio-dia.

Já o leitor 4, só lê em ambiente profissional: “Tem barulho e um monte de gente sentada junto, mas já acostumei”, fala ele. A leitora 6, por sua vez, não só descreve seu local e horário de leitura do jornal impresso, como explicita o sentido que a ação que executa nesse recorte espaço-temporal tem: “É sempre na minha mesa, no meu horário de almoço, para relaxar um pouco”, esclarece ela. O leitor 9, advogado, não lê para relaxar, mas para evitar gafes diante de seus clientes e colegas de profissão. Por isso ele acredita que tem que fazer uma leitura quase que exaustiva: “Assino o Jornal do Comércio e compro o Correio do Povo ou Zero Hora. O Sul eu também leio no café

aqui do prédio [no emprego]. Leio todos no trabalho; começo quando chego e vou lendo ao longo do dia. Jornal é no trabalho”, afirma ele. Para o leitor 13, contudo, *jornal impresso* é sinônimo de *lanchonete do emprego*: “Faço o pedido na lanchonete, de manhã, e fico folheando o jornal enquanto espero”, conta. Para o leitor 16, diferentemente, a leitura ocorre em sua residência: “Leio o impresso sempre aqui na sacada, bem cedinho”, descreve ele.

No caso dos *leitores substitutivos*, não se constatou tamanha fidelização pelos ambientes e tempos. Eles, em geral, detiveram-se em detalhar os conteúdos que costumam ler, mas, nos seus discursos, identificam-se indícios de que suas práticas também têm caráter repetitivo: “Primeiro vem o caderno *Donna*, quadrinhos, coisinhas assim, mais frescuras. Depois, coisas do mundo. Nunca olho a página de esportes”, especifica a leitora 7, por exemplo. “Olho só as dez primeiras páginas e os esporte, no final”, diz o leitor 8, que, apesar de atualmente só ler jornal impresso nos finais de semana, demonstra dominar a estrutura do meio e preservar os ritos que tinha no passado. A leitora 10 que, lembrando, indiscutivelmente prefere o jornal em papel e só o lê aos domingos por não tê-lo à disposição durante a semana, foi a única *leitora cumulativa* que expressou a valorização do lugar e do horário de leitura: “Meu ‘habitat’ do jornal impresso é em casa, na sala. Eu sou bem ‘velha’, sento e leio. Leio domingo de manhã, domingo de tarde não. Na segunda-feira, eu coloco o caderno *Empregos*, o *Donna* e o *Imóveis* separadinhos na minha bolsa e, se eu puder, eu leio”, conta ela.

Maior flexibilidade, e até complexidade, pode-se evidenciar na descrição dos tempos e espaços de leitura do jornal *on-line*. Nesse caso, a maioria dos leitores disse ler sempre que tem tempo e onde há um computador⁶¹, conforme esclarece o leitor 13:

Leio no trabalho, aí à tardinha eu vou pra casa ou, durante o ano letivo, vou pra aula direto. Lá eventualmente vou no laboratório de informática e acompanho algum fato que esteja acontecendo. Depois, à noite, volto pra minha casa e, se tiver algum fato relevante, eu ainda dou uma olhadinha de noite. Não tem um horário definido. É quando aparece uma folga, né? Entre uma demanda e outra acabo abrindo. Tenho horário mais ou menos definido para o resto: o rádio no carro, o telejornal é de manhã... Mas a Internet é mais em qualquer horário.

⁶¹ Segundo Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2005/2008, realizada pelo IBGE, os três locais mais utilizados para acesso à Internet no Brasil são, respectivamente, o domicílio (55,1%), o local de trabalho (32,6%) e o estabelecimento de ensino (18,3%), sendo que a Região Sul é onde as pessoas mais acessam no trabalho (37%). A pesquisa mostra também que 46,5% dos brasileiros que acessam a Internet no trabalho têm de 25 a 39 anos (idade média de 34 anos) e que 86,8% deles possuem uma carga de estudo de pelos menos 11 anos (número médio de anos de estudo de 12,4).

Da mesma forma que o leitor acima mencionado, outros 13 distribuem sua leitura do webjornal ao longo do dia, sendo que para 12 entrevistados, pelo menos um acesso é realizado no trabalho, até porque, salvo as leitoras 10 e 12, que são estudantes, todos os sujeitos da pesquisa passam suas manhãs e tardes em ambiente profissional. Entre esses 14 leitores que entram em *sites* de notícias mais de uma vez por dia, seis (1, 2, 5, 6, 11 e 13) atuam em empresas que possuem políticas de restrição, tendo, portanto, que fazer suas leituras em momentos de intervalos formais. Os demais, geralmente realizam uma leitura mais aprofundada na primeira hora da manhã e seguem conectados até o final do expediente. Detectou-se também que o jornal *on-line* vem inserindo um novo rito na vida das pessoas: a leitura noturna, em casa. 12 leitores já efetuam essa leitura com frequência. Outro padrão identificado foi entre os entrevistados que estão cursando graduação (a primeira ou a segunda): das cinco pessoas com esse perfil (1, 2, 3, 12 e 13), quatro delas têm por hábito ler o jornal digital na faculdade, à tardinha, enquanto esperam a aula começar.

Outro traço que se tornou saliente na descrição das práticas de leitura *on-line* foi a necessidade de muito cedo do dia conectar-se às notícias. Frases como “A primeira coisa que faço no trabalho é abrir a janela e a segunda é ligar o computador para ler”, do leitor 15 e “Eu acordo e já vou pra Internet ver as notícias do dia em vários *sites*”, do leitor 3, comumente perpassaram as falas dos informantes, sejam eles *leitores substitutivos* ou *cumulativos*. O diferencial percebido, no entanto, está nas intenções que cada tipo de leitor tem com a primeira leitura do dia: enquanto aqueles que vêm o jornal digital como um substituto do impresso geralmente param para buscar uma visão geral dos acontecimentos, aqueles que enxergam os meios como complementares apenas dão uma olhada nos destaques, pois uma leitura mais ampla já foi ou será feita na versão em papel.

Esses dois propósitos podem ser ilustrados pelas falas dos leitores 14 e 3: “Às vezes estou esperando um *e-mail*, um documento, uma ligação ou alguma outra coisa para continuar a trabalhar e tenho uns cinco, dez minutos para dar uma ladinha, mas geralmente, eu paro para ler e dou uma lida geral no jornal”, diz o leitor que, durante a semana, só lê a versão *on-line* de Zero Hora. Um discurso praticamente oposto tem o leitor que realiza a leitura combinatória dos dois meios: “Eu não tenho esse momento de “agora eu vou sentar, vou abrir o *site* da Zero e vou ler tudo, né? No computador a rotina é diferente do jornal”, diz ele, querendo enfatizar que, aquela pausa para uma

leitura mais generalista, rito que o leitor 14 pratica na *Web*, ela costuma realizar diante do formato impresso.

Se uma parte dessas distinções de rotina a que se refere o leitor 3 é resultado das características intrínsecas aos meios, conforme melhor se esclarecerá nas próximas seções, outra está relacionada ao contexto em que esse meios são utilizados. Os tempos e os lugares de uso interferem na quantidade de notícias lidas, na atenção dedicada a cada notícia, na ordem de leitura e em outras ritualidades de uso do jornal. A leitora 1, por exemplo, diz que basta haver a possibilidade de ser interrompida para que ela transforme a sua estratégia de leitura:

O que determina o jeito que eu leio é mesmo o tempo e, em segundo, viria o que está ao meu redor, as pessoas. Na aula, por exemplo, talvez eu clique em poucas coisas para ler porque é muito provável que o professor entre, comece a chamada, venha um colega, comece a conversar... e eu não gosto, eu gosto de ler, entendeu? Por isso que eu prefiro ler em casa, lá controlo melhor a pressão de tempo e consigo ficar sozinha. Se tem alguém na sala, eu sei que no meu quarto não tem ninguém e vou lá. No trabalho, eu acho bem tranquila a sala no intervalo, mas pode vir alguém conversar comigo, sei que dali a pouco eu tenho que voltar a trabalhar. Isso vai fazendo com que a leitura fique diferente em questão da atenção que eu posso prestar.

O leitor 13 também considera o lar o melhor ambiente para ler notícias. Ele compara a leitura que faz em sua casa na versão *on-line*, com a leitura que faz diariamente do jornal impresso disponibilizado na lanchonete situada junto ao seu local de trabalho:

Leituras em casa são um pouco mais profundas, né? Mais cuidadosas e um pouco mais cansativas pelo fato de eu ter que ler no computador. E as leituras aqui, por força desse sistema de eu ler enquanto meu pedido fica pronto, realmente é uma leitura muito mais rápida. Simplesmente não consigo ver alguma coisa ali em cima da mesa e tenho que olhar, é tipo um instinto, aí fico folheando o jornal enquanto espero, em pé, com o jornal em cima da mesa. Dou uma olhada nas manchetes, nos editoriais e ai vai o que dá tempo de ler, né? Normalmente eu levo as coisas pra comer na minha sala, então é um período muito curto entre, enfim, o café e o suco ficar pronto. Às vezes fica dez minutos a coisa esquentando ou esfriando, conforme for o item que eu pedi na lancheria, enquanto eu termino de ler aquelas reportagens.

Outros leitores sublinharam alterações que os ritos de leitura sofrem à medida que se dão, de acordo com o já exposto, predominantemente no espaço de trabalho. Eles comentam que a leitura acaba sendo balizada pelas tarefas profissionais que precisam desenvolver. “Alterno com *sites* do serviço: com o Tribunal de Justiça, com o STJ, caixa de *e-mail* aberta, aí abro a Zero Hora, fecho um, abro outro...”, descreve o leitor 14, advogado. O leitor 15 também fala das muitas tarefas que realiza em concomitância:

“Quase sempre vai chegando colega, supervisor, aí tu minimiza aquela janela; toca o telefone, responde *e-mail* e dá uma lida... Tudo meio junto”. Para organizar-se em meio a situações tumultuadas como essa, o leitor 8, engenheiro de computação, utiliza a seguinte estratégia: “Tenho um *browser* para trabalho e um *browser* para diversão, digamos assim. Então, naquele *browser* de diversão eu sempre deixo alguma coisa que eu quero ver, sabe? Quando eu tenho tempo, eu dou uma lida”, explica.

O leitor 3 conta que em função de algumas pressões inerentes ao ambiente de trabalho acaba alterado também a ordem de folhear o jornal impresso. Quando lê em casa, costuma dar duas “passadas” em uma mesma edição, começando pela contracapa; quando lê no trabalho, lê apenas uma vez, começando pela capa.

Em casa, normalmente eu começo pela parte de trás do jornal, que é do esporte... E venho vindo. Já no serviço, eu faço o contrário, começo do início do jornal. Eu tenho um tempo menor, eu acho, aí como sei que demoro vendo os esportes e entretenimento, deixo isso para ler em casa e vou na parte mais de notícias mesmo. Também pode ser porque normalmente em casa leio jornal quando está dando esporte na televisão. Talvez isso me influencie a ler os esportes também no jornal, né? Não sei te dizer por quê.

Outro ponto trazido pelos depoentes é o fato de no trabalho os meios precisarem ser compartilhados. A leitora 2 afirma ter um acordo com seu colega: “Enquanto um lê a Zero Hora impressa, o outro lê a *on-line*; depois trocam”, conta ela. O leitor 4, por sua vez, diz muitas vezes optar por ver a versão impressa postada no *Zerohora.com* em vez de ler a versão em papel para poder executar seu ritual de leitura de forma mais livre:

Aqui na agência o jornal impresso é pra várias pessoas, daí eu me sinto mal de ficar com o jornal o dia inteiro em cima da minha mesa. Eu pego, leio rapidinho e devolvo. Mas como a Internet é só pra mim, ali eu abro, vou vendo os anúncios com calma e lendo tudo o que eu achar interessante. Provavelmente se o jornal fosse meu, e não do meu trabalho, eu ia levar mais tempo pra ler, pois ninguém estaria esperando eu liberar.

Situação similar acontece no local de trabalho do leitor 5, porém com os computadores. Segundo o entrevistado, na sua seção apenas dois computadores, situados próximos à mesa do gerente, têm acesso à Internet. Ele relata que isso faz com que as pessoas, pressionadas pelo tempo e pela chefia, leiam “meio escondido”. O leitor completa dizendo que no caso do impresso é ainda pior. Ele conta que mesmo no horário de almoço as pessoas são informalmente cobradas a bater o ponto antes de efetuar a leitura e que em horário de expediente é praticamente impossível: “No meu contexto de trabalho ia pegar mal se eu lesse o jornal impresso; se eu tivesse com o jornal em cima da mesa. Acham que é vadiagem! Se quiser olhar alguma coisa, tem que

misturar no meio dos papéis ali”, conta ele, revelando um *rito ludibriante* que edificou para transgredir as ordens tácitas de sua empresa.

Em alguns casos, essas restrições são menos veladas. É o caso das empresas onde trabalham os leitores 1 e 11, que só libera o acesso a periódicos noticiosos na Internet até as 9h da manhã e das 12h às 13h30min. A leitora 1 conta que isso vem gerando um autopolicimento: “Meu hábito de ler a Zero em casa é sem muito limite de tempo, mas no trabalho tem aquela hora e naquilo ali que eu TENHO que ler”, explica. Já o leitor 11, assim como o 5, também desenvolveu um *rito ludibriante*. Ele expõe sua manobra para ser menos prejudicado pelas imposições institucionais:

Antes de proibirem de ler jornal aqui, eu olhava ao longo do dia. Agora é só de manhã e ainda tenho que fazer assim: logo que chego, eu abro um monte de janelas com coisas que quero olhar, aí, ao longo da manhã, faço uma atividade do trabalho e vou lá dar uma olhada. E vou fechando o que já li.

A consagração do ambiente de trabalho como principal local de acesso a ambos os formatos jornalísticos não só promoveu essas transformações nos rituais de leitura, como também desritualizou alguns momentos de confraternização alimentados pela leitura domiciliar do jornal impresso, isto é, os leitores contam, agora, raramente ler em um mesmo espaço que seus familiares e, assim, pouco compartilhar as informações com eles. É, acima de tudo, uma ocasião simbólica, de convívio social, que se dissolve, ou que tem seu sentido esvaziado. Enquanto a televisão, conforme os sujeitos analisados, continua figurando como célula integradora nos lares, o jornal perdeu parte de sua influência no fortalecimento das relações familiares e conjugais.

Conforme menciona Martín-Barbero (2004, p. 269), “o lugar significa nossa ancoragem primordial: a corporeidade do cotidiano e a materialidade da ação, as quais são a base da heterogeneidade humana e da reciprocidade, forma primordial da comunicação”. É por isso que muitas pessoas lamentam ter reduzido as trocas comunicacionais por não mais compartilharem o mesmo espaço físico com a família durante a leitura. É o caso da leitora 1, que reclama ter perdido a companhia de seu namorado: “Ele era uma das únicas pessoas que eu conversava mais sobre a leitura, talvez porque ele estava ali do meu lado”, diz ela. Já a leitora 6 fala com nostalgia da época em que toda a sua família lia o jornal impresso em sua residência: “Lá em casa, quando eu morava com os meus pais, a hora do almoço era a hora da gente comentar. Eu até sinto falta hoje em dia. Considerava bem informativo!”, comenta ela. A leitora

10 diz tentar preservar circunstâncias de diálogo pelo menos em sua leitura de final de semana:

Demoro mais ou menos uma hora e meia lendo Zero Hora dominical e leio com o namorado junto. Fracionamos por cadernos e cada um fica com as suas partes. Jack Estripador (risos). Por exemplo, um caderno que nós gostamos é o *Gestão*. “Ah, tem uma reportagem legal aqui”, aí entra nossos interesses comuns. “Ah, amor, tu viu aqui que saiu uma matéria legal sobre tal assunto?”, “Tu viu que vai ter um concurso legal?”. Depois dessas leituras, começa o momento diálogo. A gente faz uma troca generalizada. E o interessante é que assim ó: é só no momento; hoje a gente não vai conversar sobre ontem. Não, Zero Hora é domingo, morreu no domingo.

O contrário acontece com o leitor 16 que, conforme anteriormente mencionado, lê jornais *on-line* apenas em casa. Para ele, ao invés de desritualizar alguns momentos de convívio familiar, a leitura de webjornais introduziu novos sentidos em sua rotina. Além de reforçar a relação com suas filhas, que lhe ensinaram a acessar e a navegar em *sites* de notícias, a leitura criou uma nova situação de convivência em seu lar, que tanto serviu de inclusão digital para sua esposa, como modificou seu relacionamento com ela.

Quando comecei a ler jornais *on-line*, isso começou a gerar brigas aqui em casa. Minha esposa ficava reclamando que eu só pensava em ler e, quando leio, leio bastante e com atenção. Mas agora compramos um computador para ela, aí ela fica ali, lendo o jornal também. Ela gosta muito de ver o que passa na novela. Ela sempre queria mexer em computador, mas tinha dúvidas também, como eu tinha: “Ah, não! Eu vou mexer no meu computador; no dos outros não. Se der problema, não dá problema para toda a família”. Aí ela ganhou de Natal. Agora ela fica lendo numa sala e eu na outra, no mesmo horário. Um momento novo na nossa vida. Ela comenta alguma coisa que ela lê, aí eu vou lá no computador dela e dou uma olhadinha. E aí eu também comento.

Alguns leitores dizem que quando começaram a ler jornal digital abandonaram o hábito de compartilhar informações; outros, porém, vêm tentando demover o obstáculo do espaço com o uso das novas tecnologias. É o que faz a leitora 2, que relatou utilizar o celular para trocar informações de última hora com o seu namorado, como que disputando quem consegue ser o mais atualizado: “Ontem, por exemplo, mandei a do novo técnico do Inter e ele não sabia, mas ele me mandou outra e eu ‘Ah, lá vem tu com essa notícia velha’”. O leitor 5 copia o *link* de algumas notícias que julga interessante para encaminhar, via *e-mail*, para a sua namorada. A leitora 10, diz utilizar o próprio recurso do *site* quando quer enviar alguma informação para o seu marido: “A gente comenta *Zerohora.com*, mas bem menos do que comentamos a Zero Hora de domingo, até porque não lemos juntos, mas quando algo é interessante, encaminho por *e-mail*, usando o *link* ‘enviar para um amigo’”, relata ela.

Se por um lado as relações familiares e conjugais parecem sofrer um impacto negativo em função de algumas oportunidades de convívio nos lares terem sido extintas ou reduzidas, uma tendência oposta vem sendo verificada nas relações profissionais, que parecem tirar proveito do mais fácil acesso às notícias no ambiente de trabalho para desenvolverem novos ritos. Alguns exemplos disso derivam da facilidade de contato com informações de diversas localidades. Com isso, pessoas que tiveram que abandonar suas cidades de origem em função do emprego conseguem nutrir seus laços identitários e também promover trocas culturais. O leitor 15, que é gaúcho, mas trabalha em Brasília, chega a alterar suas prioridades de leitura para retomar seus vínculos com o Rio Grande do Sul e tornar seu espaço de trabalho mais descontraído:

Lá tem muitos colegas que são gaúchos e tem aquela rivalidade esportiva. Então, quando acontece um *Gre-nal*, abro a página e já vou direto ver as notícias de esporte para zoar com o colega. Normalmente, a gente lê e comenta. Liga ou manda um *e-mail* para o cara tirando uma casca (risos).

O leitor 8, por sua vez, divide sala com um francês. Ele conta que o colega costuma ler os jornais da França e que quando conversam costumam fazer comparações entre as realidades dos dois países. Nesse sentido, mostra-se insatisfeito com a maneira pela qual o jornal Zero Hora retrata seu estado. Assim como outros sete leitores entrevistados, ele considera que há na cobertura jornalística desse veículo um bairrismo exacerbado e prejudicial:

Não importa nem o que o cara é, o título dele é gaúcho: “40 mil pessoas num terremoto e, ah, o gaúcho sobrevive”. Chega a ser ofensivo! Todo mundo enxerga com maus olhos isso, sabe? Quem mora aqui acho que já nem leva a sério, já leva como piada, mas trabalho com muita gente de fora aqui do Rio Grande do Sul, a grande maioria ou é estrangeiro ou é de fora do estado e todo mundo tem essa rixa assim: “Ah, gaúcho, não sei o quê” e é um saco isso, sabe? Para mim é uma vergonha até, tenho que ficar me esquivando, me justificando por algo que eu não fiz. Não sou dessa maneira aí que todo mundo prega. É meio chato; não tem ganho nenhum. Instigar a violência é o que eles fazem, sabe? Ficam jogando um contra o outro.

11 outros leitores reconhecem Zero Hora como um jornal local e fortalecedor da identidade gaúcha, embora nem todos concordem que há apenas um lado prejudicial nisso, como expressou o leitor 8. A leitora 12, por exemplo, demonstra aceitação: “Nós gaúchos gostamos desse tipo de coisa que é diferente do resto do Brasil”, afirma ela. A leitora 6 corrobora essa afirmação: “Gosto dessa diferenciação, porque, senão, as notícias iam ser praticamente as mesmas”.

Ao estudar esse traço do veículo em sua tese de doutorado, Ângela Felippi (2006, p. 152) conclui que:

De alguma forma o que o jornal tenta impingir como leitura preferencial, a ênfase no local e na cultura gaúcha, é aceito, ao menos em parte, pelo recebedor desse discurso. (...) Com seu processo voltado para a construção identitária e seu discurso confirmando essa intencionalidade, entendemos que o jornal devolve para o social um modelo de identidade para seus leitores “gaúchos”, revitalizando, reconstruindo, reformulando e reforçando uma identidade que é hegemônica na região.

A leitora 10, nitidamente a maior defensora da postura regionalista, vê essa opção do veículo como algo natural, coerente com o que pensam e fazem as pessoas do Rio Grande do Sul. Ao comparar *Zerohora.com* com a *Folha Online*, ela afirma: “Vou fazer uma analogia com os times. Aqui, Inter e Grêmio continuam regionais e Flamengo é um time nacional, apesar de ser carioca. Então, é mais ou menos assim. Mesmo que esteja disponível para o mundo todo, *Zerohora.com* é voltado para quem é daqui”. Enquanto alguns veem nisso a vantagem da precisão, outros veem a desvantagem da incompletude, como exemplifica o leitor 9, que avalia o localismo como uma característica pertinente apenas para a mídia impressa: “Quando eu estou na Internet, eu tenho mais interesse pelas notícias internacionais pelo fato dos jornais impressos já me mostrarem as locais”, afirma ele, justificando a necessidade de recorrer a outras fontes.

Como ele, mais cinco leitores explicitaram ter no excesso de regionalismo um sentido para ritualizar a leitura de outros webjornais. O argumento dos leitores 1 e 11, por exemplo, é de que apesar de fazer uma boa cobertura local, o jornal investigado reserva pouco espaço para notícias nacionais e internacionais, além de tratá-las com menor qualidade, detendo-se em reproduzir as perspectivas publicadas pelos jornais do centro do país. A leitora 1 é a mais enfática nesse sentido:

O que eu não gosto é da regionalização, sem muita perspectiva do nacional. Parece que só aqui interessa. Estou radicalizando ao falar isso, mas, se a gente for separar em porcentagem, é 70% Rio Grande do Sul e 30% ou menos de Brasil. Quem é bairrista deve adorar. Mas eu não gosto disso, nem na Zero Hora, nem nos gaúchos que falam assim “ah, meu país”. É por isso também que procuro outros jornais *on-line*: para saber mais coisas nacionais, ou com mais aprofundamento, pelo menos.

Percebe-se, portanto, que as referências de território, sejam estas no sentido físico ou imaginário/simbólico, bem como as coordenadas temporais, são fatores altamente condicionantes dos ritos de leitura. Ao serem modificadas por questões sociais e tecnológicas, essas diretrizes acabam redesenhando algumas práticas

cotidianas. Ou seja, vê-se que as tecnicidades ajudam a dar novos sentidos aos espaços e tempos e que, assim, as ações que neles se inscrevem são reconfiguradas.

Entre essas reconfigurações, destacou-se, aqui, que o surgimento do webjornalismo parece consolidar um movimento já iniciado pelo jornalismo impresso: a migração do ambiente de leitura dos lares para os locais de trabalho. Como implicações disso, pôde-se observar que o rito da leitura matinal vem sendo estendido para os demais turnos e agregando novos sentidos; que vem sendo naturalizada a conciliação da leitura com outras atividades; que os leitores estão tendo que aprender a conviver com novas restrições de ordem institucional, como prazos mais rígidos, compartilhamento do meio e bloqueio de acesso; que a sociabilidade vem sendo alterada tanto no ambiente doméstico quanto profissional, entre outras transformações na ordem das ritualidades.

7.2 O suporte: do papel às telas

O jornal Zero Hora está disponível em quatro meios: no impresso, na Internet, no celular e, recentemente, no *kindle*, um aparelho portátil utilizado para leitura de jornais e livros em formato digital. Entre os entrevistados, nenhum deles acessa o conteúdo noticioso por celular ou pelo *Kindle* e todos acessam nos outros dois formatos, sendo o papel o suporte de preferência de dez leitores. Sobre o computador, contudo, detectou-se um consenso: o de que, apesar de acharem a leitura em tela mais cansativa do que a realizada em substrato material, os leitores vêm insistindo em um processo de familiarização e alcançando bons resultados.

O suporte de leitura favorito de cada sujeito indagado está exposto no quadro abaixo. Lembra-se que as marcações em cinza apontam os *leitores substitutivos*, e alerta-se que esse padrão será adotado em todos os quadros das seções seguintes.

Quadro 4: Suporte de preferência dos leitores entrevistados.

Leitor	Suporte de preferência
Leitora 1	Papel.
Leitora 2	Papel.
Leitor 3	Papel.
Leitor 4	Papel.
Leitor 5	Papel.
Leitora 6	Papel.
Leitora 7	Tela.
Leitor 8	Tela.
Leitor 9	Papel.
Leitora 10	Papel.
Leitor 11	Tela.
Leitora 12	Tela.
Leitor 13	Papel.
Leitor 14	Tela.
Leitor 15	Tela.
Leitor 16	Papel.

Esse esforço de adaptação à tela mostrou-se presente principalmente entre os *leitores substitutivos*: das oito pessoas que se enquadram nesse perfil, seis (7, 8, 11, 12, 14 e 15) dizem ter se acostumado de tal forma com o uso exclusivo ou quase que exclusivo do webjornal, a ponto de hoje preferirem a leitura em monitores. As outras duas (5 e 10), contudo, elegeram ler em computador por falta de opção: “Eu continuo cansando ao ler na tela, mas leio porque o meu trabalho não assina o outro, porque é de graça, está ali o tempo todo, não suja as mãos e não consome papel”, afirma o leitor 5. Já a leitora 10 atribui sua dificuldade de habituar-se aos textos em tela ao fato de, em função de sua profissão (publicitária), fazer uso do computador para atividades mais relacionadas a *design*: “Eu nunca me acostumei a ler na tela do computador. Digamos que a minha lógica, a minha leitura visual não foi educada. Tela, para mim, não foi feita

para a leitura; foi mais para a imagem”, explica a entrevistada, ratificando os resultados dos estudos de Robert Logan sobre o funcionamento cerebral na leitura digital, mencionados no capítulo 4.

É por essa predileção pelo formato em papel que a leitora admite que, ao acessar o jornal *on-line*, detém-se na versão *ZH Virtual*⁶², que simula um jornal impresso:

Dou uma olhada geral nos demais assuntos, mas quase sempre o que eu olho é aquela versão que é como a impressa. Mas não é bom; não tem aquele prazer de voltar e ler. Me sinto robotizada, como se me entregassem um quebra-cabeças e eu fosse montando e desmontando, montando e desmontando. Acho que é por isso que na tela a minha ansiedade é muito maior.

Essa versão que propõe, de certa forma, a preservação dos rituais de leitura em papel, também é a preferência dos leitores 4, 6 e 15. A leitora 6 opta pela versão *ZH Virtual* por desaprovar a escrita hipertextual: “Prefiro o papel, mas até por ler na tela, não vejo problema, mais é essa questão de na Internet tu ver tudo em pedaços. É por isso que prefiro aquela que dá para folhear a página, naquela consigo visualizar o geral”, esclarece ela. Já o leitor 4 só lê *Zerohora.com* se não puder ler o jornal tradicional e, por esse motivo, também prima pela versão impressa disponibilizada *on-line*: “Para ver anúncio é até melhor na tela”, constata. Porém, ele reclama do fato de na tela os textos não ficarem do mesmo tamanho que ficam no papel, “daí tem que ficar dando *zoom*, aí tu volta, dá *zoom* em outro lugar... Mais difícil”. O leitor 15, ao contrário, vê na possibilidade de dar *zoom* uma das principais razões para acessar a versão que simula o jornal impresso:

Acho bacana folhear virtualmente. É parecido com ler o jornal impresso e até tem mais recursos, tem o *zoom* e tal. Quando tem algo que me interessa, eu já aproximo bem e leio com praticidade. A única coisa ruim é que às vezes clico ali para folhear a página e, depois de carregar um tempão lá, é uma página de propaganda.

A lentidão ao carregar, aliada a alguns problemas técnicos que geram falhas na formatação, levou o leitor 5, formado em Informática, a desistir de tentar acessar essa versão, mesmo que, na teoria, a preferisse. O mesmo ocorreu com o leitor 11, que acabou escolhendo a outra forma que Zero Hora oferece de acesso ao conteúdo da versão material: *ZH pelo Índice*, na qual vários *links* são colocados em sequência, respeitando a ordem das seções do jornal impresso. “Eu prefiro as informações do

⁶² Lembra-se que as imagens das versões *ZH Virtual* e *ZH pelo Índice* estão expostas no capítulo 5.

jornal, que são mais completas que as da Internet, mas não tenho paciência para ler naquela versão de folhear, é muito lenta; uso aquela dos *linkzinhos*”, afirma ele.

Se, por um lado, entre os *leitores substitutivos*, a tela já é o substrato mais apreciado, por outro, os *leitores cumulativos* foram unânimes ao priorizar a leitura em papel. Em geral, os entrevistados reconheceram os benefícios agregados pela leitura no computador, mas, sobretudo aqueles que conciliam os dois formatos, não deixaram de lamentar algumas de suas desvantagens. Um exemplo disso é a questão dos sentidos acionados no momento da leitura. Conforme apresentado na seção 4.3, alguns autores (SANTAELLA, 2007a; RIBAS, 2004) destacam o potencial que a multimídia tem de fazer da leitura do webjornal um processo multissensorial. Evidentemente ninguém negou que no jornal *on-line* ocorre a exploração de novos sentidos, como a audição, mas o leitor 9 lembra que, ao mesmo tempo, outras sensações são perdidas, ou melhor, continuam presas aos ritos do jornal impresso:

O papel proporciona uma leitura mais agradável do que uma tela LCD. O papel dá uma facilidade porque não tem aquela luz emitindo na tua frente. Além dessa questão da luz da tela do computador, tem o cheiro do jornal, tem o fato de pegar o jornal, tem o fato de levar o jornal contigo para algum lugar, recortar o jornal... Tudo isso é muito mais prático. A tela do computador não substitui, na minha opinião, o jornal.

Ao referir-se aos sentidos desencadeados em sua leitura na *Web*, a leitora 2 percebe inclusive prejuízos visuais, a ponto de afirmar a seguinte frase: “Na tela não dá para tocar e ver”. E o mais interessante é que, conforme será explanado posteriormente, ela está longe de ser a única que admite não prestar tanta atenção nas imagens na versão *on-line*. Com relação ao tato, a entrevistada, estudante de Pedagogia, complementa: “Eu gosto, lá em casa, de anotar do lado, de rabiscar... Quando tem uma notícia de educação, eu anoto, vejo, tiro alguma coisa e levo pra aula. Na tela já não dá. Não imprimo para fazer isso”, conta, dando a entender que o hipertexto digital, com toda a sua complexidade, não substitui a rudimentar proposta hipertextual introduzida, ainda no século XVI, pelas marginálias, conforme exposto no tópico 4.2.

Segundo Santaella (2007a), novas habilidades motoras, sensórias e perceptivas precisam ser desenvolvidas para que se realize o que ela chama de *leitura imersiva*, mas notou-se, com a presente pesquisa, que esse é um processo demorado. Não há dúvidas de que os leitores estão caminhando nesse sentido, mas ainda há muito a que se habituar e até mesmo a que se desabituar. O leitor 16, o mais novo no mundo da Internet, relata,

por exemplo, ainda ter dificuldades no manuseio do *mouse*: “Só sei mexer no do *notebook*, naqueles outros me perco”, confessa ele. Por outro lado, o leitor 15, que substituiu a leitura do impresso pela do jornal digital, admite ter dificuldades em desfazer-se do manuseio e dos demais ritos que desempenhava na leitura do jornal em papel. Em momentos de lazer, ele não deixa dúvidas sobre sua tendência pelo suporte material.

Lendo o jornal tu fica mais à vontade, dobra a página, manuseia mais fácil do que ficar com um *notebook*, alguma coisa assim. Em outro ambiente, que não no trabalho, onde costumo ler, às vezes é difícil ler o *on-line*. Lá em casa tem *wireless*, mas mesmo assim, às vezes, dependendo a distância, não dá. E no impresso às vezes tu vai lá, no meu caso, lá na área verde, senta lá num banco, em baixo de uma árvore e lê. Mobilidade. Acho assim, nos momentos de lazer, acho mais agradável ler a versão impressa.

Além da falta de mobilidade, outra queixa, rapidamente já comentada, que perpassou os discursos foi a de que ler na tela cansa (BALDESSAR e LONGHI, 2008). Contudo, raramente se soube formular um porquê. O depoimento do leitor 13 é bastante ilustrativo dessa dificuldade de entendimento e verbalização: “Olhar na tela é muito ruim, né? Cansativo... Não sei, é diferente. Não consigo definir isso aí, não consigo pensar num motivo racional pra preferir ler no impresso do que na Internet”, diz.

Na tentativa de justificar o desconforto sentido, a perturbação da luz foi reincidentemente salientada. Entre os mais incomodados com a luminosidade, estão os leitores 3 e 16. O leitor 16, na verdade, hoje se diz acostumado, mas descreve que nem sempre foi assim: “Antes eu ficava meio tonto. Ficava cansado e ficava meio... Parecia que aquilo tremia na minha frente”. Nos rituais de leitura do leitor 3, essa sensação de tremor acaba gerando outras consequências: “Para enxergar, eu chego bem perto da tela e ponho o dedo seguindo a linha, senão tenho que colocar meus óculos e eu nunca sei onde estão meus óculos. Para ler jornal impresso eu não uso. Talvez isso também me faça não gostar de ler em tela”, conclui o entrevistado. Ele, apesar de também se considerar bem menos avesso à tela do que já foi no passado, diz continuar necessitando de silêncio e maior atenção para se concentrar na leitura efetuada no computador.

A leitora 7 afirma que, atualmente, mantém essa dificuldade de concentração mais diante de livros digitais: “Livros eu prefiro ler em papel, porque cansa [ler na tela], mas notícia, como é pouca coisa, pode ser em tela, até prefiro, eu acho. É mais prático. O jornal é desajeitado”. O leitor 9 entende que é justamente baseando-se nessa percepção que os jornalistas produzem conteúdos mais fracionados para a Internet: “O

modo de receber a informação é muito diferente na *on-line* e na impressa. Na impressa é agradável ler conteúdos mais desenvolvidos, mas conteúdo extenso se torna cansativo para a leitura *on-line*, onde se busca rapidez na informação”, compara ele. A leitora 10, que só lê em tela por falta de opção, compartilha dessa visão: “No *on-line*, quanto menor for, melhor... Já acabou aquela coisa. E no impresso, se maior, não tem problema... Vou, volto, vou, volto”, descreve.

Com o leitor 13, essa estratégia dos textos menores parece funcionar bem. Ele reclama da ausência de profundidade e dos erros grosseiros nos textos desenvolvidos para a *Web*, mas admite: “Acho que eu acabo lendo mais, embora seja mais difícil e menos agradável. Pulo menos e leio mais”. O leitor 11 endossa essa opinião: “As notícias na Internet, elas são mais curtas. É mais fácil de eu ler até o fim”, afirma, mostrando que os suportes conformam a apresentação dos conteúdos, ao passo que esta, ajuda a conformar diferentes ritos para cada meio.

A leitora 12 conta que começou a preferir a leitura em suporte digital há pouco mais de um ano, quando colocou essa questão do conforto visual em segundo plano e focou nas praticidades que o webjornal traz, entre elas a possibilidade de fazer mais de uma atividade ao mesmo tempo e de não ter que ficar procurando o jornal físico. Já os leitores 14 e 15, por terem mais de 40 anos e, portanto, terem vivenciando momentos em que o trato das informações na tela era bastante complexo, acreditam que a familiarização com o novo substrato está vinculada tanto ao uso mais intenso do computador por eles, quanto às facilidades que estão sendo agregadas aos *softwares*. O leitor 15 relembra dificuldades que vem superando:

Ler na tela é cansativo, mas sem dúvidas já foi pior. É uma coisa natural. Que nem computador: primeiro, o cara tinha que ser um especialista em computador para manusear; hoje, uma criança de três, quatro anos já brinca no computador, pela facilidade que foi se aperfeiçoando. Antes não se tinha todos esses recursos que se tem hoje: facilidade para aproximar, passar para frente, voltar a página. Uma coisa que nas primeiras versões eu tinha muita dificuldade é de poder movimentar a página verticalmente. Estar num assunto na parte superior da página e passar rápido para a base da página. Hoje, não, tem ferramentas muito práticas.

Além desses aprimoramentos, outros fatores mais tangenciais ao processo de leitura vêm contribuindo para que a resistência de ler conteúdos em tela seja vencida. Um argumento trazido pelos entrevistados como incentivo à adaptação à leitura em monitores é de ordem ambiental. Quase metade dos leitores demonstrou algum tipo de preocupação. O leitor 15, engenheiro agrônomo, ainda mais: “A gente fica consumindo

papel, água, energia para produzir aquilo e depois talvez vá para o meio ambiente sem tratamento, sem reciclagem. Então, pensando também na parte ambiental, tenho essa visão particular de que quanto menos imprimir, melhor”, afirma ele.

Outro fator diz respeito à disponibilização gratuita e permanente do jornal *on-line*: “Tu tem a possibilidade de chegar em qualquer lugar, seja na aula ou em casa ou no trabalho, e acessar virtualmente”, explica o leitor 13. “A mídia está sempre ali, à tua disposição, não tem que comprar, não tem que achar transporte para buscar, não tem que assinar”, destaca o leitor 14. Não ter que assinar é considerada, pelo leitor 15, uma das principais vantagens do jornal *on-line*, e não apenas em função do custo; há um sentido transcendente em sua escolha: lendo no trabalho, na tela, ele consegue reservar os horários em que está em casa para tratar de assuntos familiares e sabe que, sempre que quiser, pode acessar as informações sem manter vínculo com os veículos.

A leitora 2 expõe também a justificativa de que, como o processo de impressão é demorado, a atualização em papel jamais poderá concorrer com a que ocorre na tela, onde os dados estão digitalizados: “O impresso não é em tempo real, e é por isso que eu não gosto da Zero Hora dominical. É uma farsa: é de domingo e sai no sábado. Desse jeito só dá para ver os esportes; não vou ficar lendo notícia passada. Prefiro ir no *site*, onde tudo é da hora”, diz ela. Por fim, ainda sobre esse assunto da disponibilização constante das notícias em meio digital, a leitora 10 levanta um dado importante: “No computador a Zero não molha, não estraga, está sempre na minha companhia, ou seja, eu só não tenho quando não tenho Internet. Digamos que é uma responsabilidade que eu tenho que assumir com a informação. Não tem porque não ler”, conclui, admitindo agora cobrar-se a ler mais notícias.

A leitora 12, que quando entrevistada estava por mudar-se para o Canadá, e o leitor 15, que já mora longe de sua terra natal, veem na digitalização do jornal ainda outro ganho: conseguem manter o contato com suas origens. A leitora tem convicção de que sua ida para o Canadá acabou colaborando para que ritualizasse a leitura de *Zerohora.com*: “Eu queria saber as notícias, mas eu não sabia como. Agora, mesmo quando eu estou lá, eu gosto de ler, porque é uma maneira de me trazer para perto. Meu marido mora lá e lê todos os dias. Às vezes ele comenta uma coisa comigo que eu nem sei ainda”, afirma ela. Esse mesmo sentimento de aproximação fundamenta também a ritualização de leitura do leitor:

Eu acho que nunca vou deixar de ter interesse por coisas locais do Rio Grande do Sul e se não tivesse a versão virtual de Zero Hora, eu teria me afastado totalmente. Então tem essa parte um pouco sentimental. Dá a impressão de que a gente, mesmo estando lá fora, lendo as notícias do que está acontecendo aqui, consegue manter um vínculo, uma coisa desse tipo.

Larsen e Tufte (2000, p.77) afirmam que o ritual é “algo que se dá acerca da identidade e do sentimento de possuir um ‘eu’ no mundo social. Não apenas no nível reflexivo, mas no plano do cotidiano, no qual a participação nos rituais localiza os sujeitos dentro de uma ordem cultural”. É essa localização que parecem buscar os leitores 15 e 12 ao continuarem lendo um jornal gaúcho, e, conforme mostrado, eles contam, para isso, com a ajuda da tecnologia. A informação digitalizada e facilmente acessível a distância, permite, nesse caso, que se mantenham vivos sentidos que, do contrário, seriam excluídos das práticas cotidianas; isto é, sem a tecnicidade, a noção de pertencimento desses entrevistados ficaria na memória e não concretizada nos ritos que revivem dia a dia.

Não só neste caso foi possível perceber que as tecnicidades vêm engendrando novas ritualidades; verificou-se que há tanto por parte dos emissores quanto dos receptores um esforço para que as novas tecnologias facilitem a leitura, a partir da criação ou ressignificação de práticas. Do lado da produção, por exemplo, observou-se que as ferramentas se tornam mais amigáveis; que as interfaces trazem textos mais curtos e atrativos; que informações atualizadas estão disponíveis a qualquer momento e de forma gratuita; que edições *on-line* que simulam a leitura do jornal em papel são disponibilizadas com o intuito de auxiliar o rito de passagem de um substrato a outro; e que novos suportes tentam resgatar a mobilidade do jornal impresso e ainda resolver a questão da fadiga ocular, como já faz o *Kindle* e, futuramente, talvez façam os celulares e computadores.

Na esfera da recepção, por outro lado, notou-se um movimento dos leitores no sentido de adaptar-se aos novos suportes, de flexibilizar algumas exigências, de aventurar-se na exploração de novos recursos tecnológicos, enfim, de abrir-se para a revisão de seus ritos. Isso não significa, contudo, o abandono das ritualidades ligadas ao jornal impresso. Os leitores, especialmente os *cumulativos*, deixaram claro que querem seguir recortando o jornal impresso, fazendo anotações em suas páginas, sentindo o seu cheiro, vendo todo o conteúdo apresentados lado a lado, lendo notícias mais longas, folheando, tocando, dobrando, carregando a edição consigo. Ou seja, cada

suporte tem suas perdas e seus ganhos, e é no âmbito das ritualidades que essas vantagens e desvantagens são assimiladas, descartadas ou reajustadas, consolidando, mesmo que lentamente, transformações culturais.

7.3 O uso dos recursos tecnológicos: dos prós aos contras

Cada meio possui características intrínsecas e extrínsecas que, em negociação com as necessidades, possibilidades e preferências dos receptores, vão determinando seu uso. Tendo abordado nas duas últimas seções como as características mais contextuais ou extrínsecas da *Web* impactam os leitores de notícias *em frente à tela*, procura-se, neste espaço, debater algumas características de teor tecnológico inerentes a esse ambiente, contemplando, assim, também as práticas e ritos que ocorrem *na tela*. Tomando por base o que aqui se recortou como tecnicidades, será avaliada a apropriação que os leitores vêm fazendo dos recursos que permitem interatividade, navegação/leitura hipertextual, acesso a conteúdos multimídia e atualização instantânea.

7.3.1 Os ritos de participação

Conforme apresentado no item 4.1, as ferramentas de colaboração evoluem em direção a uma fusão que torna turvas as diferenças entre os papéis exercidos por emissores e receptores. No entanto, no caso dos sujeitos analisados, as funções de jornalista e leitor não pareceram correr o risco de serem confundidas, uma vez que o uso dos recursos de interações oferecidos no webjornal investigado mostrou-se ainda

tímido, como se pode observar no **Quadro 5**⁶³, que sintetiza algumas práticas de participação dos entrevistados:

Quadro 5: Exploração dos recursos de interação pelos leitores entrevistados.

Leitor	Comentários	Envio de materiais	Leitor-Repórter	Enquete	Acesso a blogs
Leitora 1	Lê. Comenta só em <i>blogs</i> .	Não, mas já sentiu vontade.	Lê pouco e acha negativo.	Sim.	Sim.
Leitora 2	Lê alguns. Não comenta.	Não.	Lê e acha positivo.	Sim.	Não.
Leitor 3	Lê e comenta com frequência.	Não, mas já sentiu vontade.	Não lê, mas acha positivo.	Bastante.	Sim, mas não de notícias.
Leitor 4	Lê só para rir ou os de <i>blogs</i> . Comenta só em <i>blogs</i> .	Sim, mas como assessor de comunicação.	Não lê e acha negativo.	Às vezes.	Sim. Lê e tem um.
Leitor 5	Lê raramente, porque acha “bobagem”, mas comenta.	Não, mas já sentiu vontade.	Não lê, mas acha positivo.	Não.	Sim. Só os de ZH.
Leitora 6	Lê raramente, porque acha “porcaria”. Comenta só em <i>blogs</i> .	Não.	Não lê e acha desnecessário.	Difícilmente.	Sim.
Leitora 7	Lê raramente, porque acha “ridículos”. Não comenta.	Não.	Não sabe o que é.	Às vezes.	Sim.
Leitor 8	Lê. Comenta só em <i>blogs</i> .	Não.	Não sabe o que é.	Sim.	Sim.
Leitor 9	Lê raramente, pois acha “inúteis”. Não comenta.	Não.	Não lê, mas acha positivo.	Às vezes.	Sim.
Leitor 10	Lê e comenta.	Sim. Envia textos.	Lê e acha positivo.	Sim.	Sim.

⁶³ As linhas em cinza referem-se aos *leitores substitutivos*.

Leitor 11	Lê e comenta raramente. Prefere <i>blogs</i> .	Não.	Não sabe o que é.	Raramente.	Sim.
Leitora 12	Lê e comenta.	Sim.	Lê e acha positivo.	Raramente.	Sim.
Leitor 13	Lê e comenta. Prefere <i>blogs</i> .	Não.	Não sabe o que é.	Claro!	Sim.
Leitor 14	Não lê e não comenta.	Não.	Não sabe o que é.	Não.	Sim. Só os de ZH.
Leitor 15	Lê e não comenta.	Não.	Não sabe o que é.	Muito!	Não.
Leitor 16	Lê e comenta.	Não.	Não sabe o que é.	Sim.	Sim.

Apesar de ainda incipiente, a interação no webjornal apresentou-se mais intensa que a existente em outros meios, onde apenas quatro leitores relatam ter tido experiências colaborativas esporádicas em épocas passadas. Os leitores 3 e 4 contam já ter interagido, via carta e telefone, com telejornais pertencentes ao mesmo grupo de comunicação, e as leitoras 10 e 12 já tiveram conteúdos publicados na versão impressa do mesmo jornal. Contudo, todos eles veem na Internet, novas possibilidades, conforme exemplifica a leitora 10:

Como eu não sentia a opinião de pessoas do interior do estado contemplada no jornal, eu escrevia cartas, lá por 1996, mas eles não publicavam quase nada, aí era aquela coisa: “Será que eles não querem botar porque não sou de Porto Alegre? Será que não receberam?”. Hoje o jornal impresso se tornou um espaço curto. Na Internet tu não precisa se restringir a três frases. Eles podem publicar mais coisas e se eu estou em casa às 3 da manhã e tem uma coisa que eu quero escrever, comentar, eu posso já mandar naquela hora mesmo.

Por essas e outras facilidades, a *Web* acabou despertando também nos demais entrevistados o desejo de participar, de modo que apenas um deles, o leitor 14, afirma não registrar sua opinião no portal *Zerohora.com* e sequer se interessar pela opinião dos outros:

A participação é interessante para o jornalista. Ele vai ter o sentimento de que o que ele está falando está surtindo efeito, está conseguindo comunicar ou não. Ainda não creio que essa intervenção vai ter sobre o fato em si um efeito. A participação pode mudar um pouco a postura do profissional, a

forma como ele vai conceber o trabalho dele. Para mim, não agrega nada, não me influencia. Não tenho vontade de comentar.

Ele afirma só acidentalmente ler comentários. Entre os outros 15, oito dizem lê-los pouco e sete dizem ter essa prática ritualizada. Para o leitor 13, os comentários são, inclusive, um dos maiores ganhos da versão *on-line* com relação à impressa: “Na versão impressa, não aparecendo os comentários ali, eu sei que as pessoas vão concordar, discordar e tentar acrescentar imaginariamente, mas é a partir do postar que eu posso ler essas diferentes opiniões. Isso de eu ver realmente é muito forte”, comenta ele, ao expor o porquê de a leitura de comentários, no seu caso, ter se convertido em um rito.

Justificativas similares foram trazidas por outros leitores. O leitor 3, por exemplo, sempre lê as postagens de outros usuários porque acredita que ajudam a situar a informação: “Como muitas notícias já têm comentários ali embaixo, o assunto não fica perdido”, conclui ele, mostrando que, ao deixar suas marcas na tela, os interagentes realmente acabam sendo percebidos como coautores do texto. O leitor 15, por sua vez, realça a possibilidade de, graças aos comentários, formular seu posicionamento a partir de uma maior diversidade de argumentos: “A verdade é uma questão muito polêmica, principalmente na questão jornalística. Quando você lê alguma coisa que outra pessoa, como você, leu, você enxerga diversas faces do assunto e pode se situar, então tu tem uma noção do mais virtuoso”, afirma. O fato de os comentários ajudarem a atenuar alguns vieses das webnotícias também foi destacado pelo leitor 16: “Na Internet é menos chapa branca, vamos dizer assim. Porque ali tem muita crítica do leitor. As pessoas já aliam a sua opinião na hora”, analisa ele.

O leitor 3 diz que, antes da Internet, não tinha tanta variedade de perspectivas em seu cotidiano: “Cada vez que tu posta um comentário, vem uma pessoa de outro estilo, né? As pessoas que tu conversa na rotina são sempre as mesmas, tu já sabe mais ou menos o que elas pensam sobre determinado assunto. Ali não, cada um que tu lê, tu aprende”, menciona ele. Além disso, por meio dos comentários, os leitores podem fazer aquilo que, de acordo com Träsel (2007) e Dalmonte (2005), as empresas jornalísticas, por iniciativa própria, pouco fazem: criar *links* externos, direcionando para pontos de vista de outros veículos. “Muitos comentários acabam remetendo para ‘Olha, essa notícia não é bem assim, entre nesse *link* e vai ver uma outra abordagem’. Isso acaba chamando minha atenção e despertando a necessidade de eu também colocar alguma coisinha”, conta o leitor 13, mostrando solidarizar-se com os demais usuários do *site*.

Assim, a troca de opiniões com diferentes pessoas, a busca por melhor contextualização dos conteúdos e o contato com mais consistentes e variados argumentos são, segundo os informantes, os principais sentidos que sustentam o rito de leitura de comentários, juntamente com a necessidade de confrontar suas opiniões com as dos outros leitores que acessam o portal. Nesse último aspecto, percebeu-se que os sujeitos investigados, em geral, buscam uma identificação: “Olho para ver se as pessoas estão indignadas como eu”, diz o leitor 11, por exemplo. Porém, seis dos leitores entrevistados afirmaram já ter mudado o ponto de vista sobre a notícia ao ler um comentário. O leitor 3 diz até mesmo já ter alterado o conteúdo de sua postagem após avaliar o posicionamento das outras pessoas:

Se eu não vou escrever, eu só leio os comentários para ver a opinião dos outros; se eu vou escrever, eu escrevo antes de ler. Não leio antes para não influenciar o que eu penso. Aí, antes de publicar, eu leio o dos outros. Às vezes tem algum inteligente que faz um comentário, daí eu leio e eu “bah, mas eu falei besteira”, aí vou lá e apago e até nem coloco nada ou, às vezes, reflito sobre aquilo ali e escrevo com as minhas palavras.

Essa mudança de posição não é típica para o leitor 16, mas ele explica que muitas vezes os comentários o ajudaram a perceber que a sua opinião é bem menos consensual do que podia imaginar: “Os comentários não modificam o meu ponto de vista sobre a notícia, mas ao menos tenho uma ideia de como o pessoal recebe. É bem estranho até! Porque muitos elogiam, assim, e outros descem a ripa!”, observa ele.

O leitor 8 aborda ainda outra função dos comentários. Ele conta usá-los para localizar as notícias mais polêmicas e interessantes:

Quando eu tenho tempo, ler comentários é padrão para mim. Sempre quando eu vejo que tem bastante comentário eu olho, para ver o que estão falando. Geralmente, quando tem bastante comentário é porque a notícia é bombástica, mais polêmica. Só que aí tu vê coisas absurdas, erros de português incríveis... Sem falar nas brigas.

Ele está distante de ser o único a reclamar da qualidade dos comentários. Essa crítica foi comum entre os leitores mais jovens e o principal argumento de todos aqueles que disseram lê-los pouco ou raramente: “Gosto quando os comentários geram uma discussão bacana, com prós e contras, mas normalmente é porcaria. É só para dizer que participou”, lamenta a leitora 6. Para o leitor 9, os comentários perdem a credibilidade não só pelo conteúdo ruim, mas por ter obscura sua procedência: “Raramente leio comentários, porque são sempre comentários inúteis. Quero uma opinião responsável e ali não se tem nenhuma preocupação sobre quem está escrevendo”, reclama.

Os leitores 4 e 5, ambos homens, com menos de 30 anos, vão ainda além; para eles os comentários são mais humorísticos do que construtivos: “Raramente leio comentários. Só quando eu passei o olho ali e achei engraçado, aí eu começo a olhar. 10% é sério; o resto é bobagem. Quando eu leio, é para rir”, confessa o leitor 5. A resistência do leitor 4 é, sem dúvida, maior. Ele conta ter conhecimento do conteúdo dos comentários somente através de seus colegas de trabalho que, segundo ele, vêm aproveitando-se da não-seriedade das postagens do *site* para ritualizar um momento de descontração no ambiente profissional:

Ah, leio pra rir só, porque, bah... É muito, muito, muito difícil ter algo que preste. Tem muito comentário religioso que tudo é do demônio, nas matérias de futebol sempre tem umas besteiras escritas... Até tem um cara lá no trabalho que ele curte ler os comentários, curte de rir, né? Ele lê todos só para sacanear. A galera lá faz bastante isso de comentar [entre colegas] os mais bizarros. Acho engraçado, mas... Ler comentário, assim, muito perda de tempo. Não consigo, não consigo.

Contraditoriamente (ou não), esse leitor possui um *blog* com média de 2.000 acessos ao mês. Ele conta que recebeu um convite de um portal de notícias e aproveitou a oportunidade para divulgar o esporte que pratica (*hockey*), mas admite: “Mesmo lá a maioria [dos comentários] é só ‘ah, que legal’. Isso me irrita! Se tu gostou, o mundo não precisa saber disso! É difícil ter um comentário mais relevante, que mostra alguma divergência ou que dá alguma ideia de solução pra algum problema”. Para ele, esse tipo de comentário só mostra que a pessoa leu; não é colaboração, e como as pessoas são desconhecidas, o impacto torna-se ainda menor: “Uma coisa é, por exemplo, o Paulo Santana, que todo mundo sabe quem é, dizer ‘bah, muito bom/ruim’; outra é qualquer um dizer, aí tem a mesma utilidade que escrever ‘xxx’”, avalia. O leitor 4, em resumo, vê a participação como algo importante, mas critica o modo como as pessoas fazem uso dessa possibilidade.

Quase todos os entrevistados compartilham dessa opinião, e é por isso que boa parte diz ter estratégias para tornar suas intervenções interessantes: “Eu só escrevo quando eu não leio nenhum comentário com a minha opinião, sabe? Se eu não for acrescentar, nem comento. Ah, e só comento a notícia, não fico xingando os outros”, conta o leitor 8, por exemplo. O leitor 13 também não faz referência aos demais comentários e só escreve quando não vê seu posicionamento contemplado nas repercussões: “Se eu vejo que a opinião dos comentários vai mais ou menos na direção do que eu tenho como certo, eu acabo não mandando. E, se eu achar que devo me

contrapor, deixo meu argumento estampado lá. Em 90% dos casos é para discordar”, analisa, sinalizando que, em sua rotina, essa ação, repetida e simbólica, vem se convertendo ou já se converteu em um ritual.

Apenas as leitoras 1 e 10 não têm a necessidade de contrariar como principal motivação para postar comentários. A leitora 1 diz que suas poucas intervenções em *Zerohora.com* foram para elogiar alguns jornalistas. Já a leitora 10 vê sua opinião como independente das demais já publicadas e procura manter como diferencial a produção de um conteúdo impessoal: “Poxa, eu quero falar o que eu penso, eu também li e eu quero dizer alguma coisa! Se alguém já disse algo parecido, não tem problema, falo em outras palavras. Mas eu procuro escrever coisas menos pessoais, que sirvam para todo mundo”, esclarece ela.

Constatou-se também que a maioria dos comentários são gerados no impulso, naquele que Wolton (2004), conforme comentado na seção 4.4, reconhece como o primeiro tempo da comunicação. As falas dos entrevistados mostraram que comentar é um ato quase que instintivo para alguns deles: “Quando a notícia é absurda, já vem aquela vontade de escrever”, diz o leitor 11; “Tem que ser na hora; se eu pensar muito, eu já não comento”, confessa o leitor 8; “Me irrita fácil com aquelas bobagens, aí já quero comentar”, conta o leitor 5; “Quando é alguma coisa meio polêmica, daí eu leio os comentários, fico braba e acabo comentando!”, descreve a leitora 12. E assim outros exemplos poderiam ser citados para mostrar que com a interação instantânea a opinião tende a ser menos refletida antes de ser lançada ao público.

A situação piora quando algumas opiniões impensadas começam a ser debatidas entre os leitores-comentaristas, configurando o que alguns entrevistados chamaram de “debate” e outros de “briga”. No caso da leitora 7, o tom agressivo de algumas trocas acaba desmotivando sua leitura. Mesmo desânimo apresenta o leitor 8 diante dessas situações: “Quando começam a escrever em caixa alta, eu já nem leio”, afirma ele. O leitor 3 foi o único entre os sujeitos analisados que demonstrou ter essa prática ritualizada: “Isso acontece muito comigo. Entro pra ver se alguém refletiu sobre aquilo que eu falei ou sobre o que os outros falaram, para ver se não acharam besteira. Se alguém achou, daí eu vou lá e posto outro, claro! E aí é como se fosse um debate com aquela pessoa”, descreve ele, mostrando que, como aponta Mielniczuk (1998), no

webjornalismo os leitores podem atuar de forma multi-interativa, uma vez que interagem com a máquina, com a publicação, com os jornalistas e com outros leitores.

Assim como o leitor 3, todas as pessoas que comentam ou já comentaram em *Zerohora.com* afirmam acompanhar a repercussão de seu *post*, à exceção do leitor 16, de 62 anos, que iniciante nessas práticas, sequer sabia da possibilidade de comentar os comentários e se disse surpreso ao ver a sua opinião sendo debatida pelos leitores em um dos *blogs* do portal pesquisado:

Não fico acompanhando, mas vi por acaso. Fui para ver outra coisa e “bah, o sujeito comentou o meu comentário”. Não sabia até daquilo ali. Eu achei que o blogueiro recebia e pronto. Não, mas começa um a comentar o comentário de outro e se espicha. A pessoa concordou com meu comentário bem ácido dos deputados e senadores, né? Fiquei surpreso, não sabia dessa possibilidade. Claro, também foi ingenuidade minha, se está ali, todo mundo tem acesso, escreve o que quer. Mas nunca comentei de outros, assim.

Outro dado trazido pelos entrevistados diz respeito aos fatores que reduzem a vontade de participar, ou seja, que vão contra o processo de ritualização dessas práticas. Nesse quesito, a falta de retroalimentação na interação foi apontada: “Interagir pressupõe que sejam duas vias, aí tu de fato modifica, ainda que uma pequena parcela daquilo que é o objeto da participação. Mas, evidentemente, no momento que não ocorre isso aí, o sentimento de frustração te leva a abandonar essa participação”, comenta o leitor 13, defendendo a necessidade de incentivar o que Primo (2000) chama de *interação mútua*, em *Zerohora.com*. O leitor 8 partilha desse ponto de vista e comenta já ter parado de escrever em alguns *blogs* vinculados ao *site* de notícias por falta de reciprocidade:

O mais legal de comentário é isso de tu acompanhar a repercussão, sabe? Tipo, não me sinto atraído em comentar o que o Paulo Santana fala, por exemplo. Ele publica comentários dois ou três dias depois da notícia que ele escreveu, só. Tem que ter essa interatividade com o público, senão, não adianta nada também o cara ficar lá comentando. Tem que ser meio instantâneo. Tu comenta, tá ali e o cara responde teu comentário, tu responde o dele...

A leitora 10, ao narrar o caso de um paulista que postou uma notícia criticando os gaúchos – dizendo que eles não sabem assar carne – durante a Semana Farroupilha, também reclama da falta de *feedback* por parte de Zero Hora: “As pessoas vão lá, jogam uma opinião dessas para todo o mundo, e aí o jornal não deu mais caldo. Houve repercussão em São Borja, aqui, diante de CTGs... Mas na Zero nada”, reclama a leitora, bastante apegada às tradições gauchescas, que se sentiu insultada pelo conteúdo

e mais ainda pela ampla concordância dos demais leitores do Rio Grande do Sul que comentaram a informação publicada.

A burocracia também foi citada como um dos obstáculos à participação. A leitora 12 se dizia extremamente participativa em períodos anteriores, mas relata ter reduzido suas intervenções pelo seguinte motivo: “Hoje tu tem que preencher tanta coisinha... Daí eu penso ‘ai, todo esse trabalho não vale a pena para o que eu quero dizer’ (risos). Até quando pede meu *e-mail*, eu coloco um *e-mail* falso, eu não gosto de colocar o meu *e-mail*”. O leitor 11 se sente ainda mais desconfortável em expor os seus dados pessoais:

Geralmente eu tenho mais vontade de comentar alguma coisa do que comento. Acho que, ao mesmo tempo em que eu quero instalar lá a polêmica ou contar meu ponto de vista, eu também sinto um pouco de receio de estar me expondo muito. Às vezes até mando, mas não coloco todo o meu nome. Coloco lá um apelido. Eu acho mais fácil tu ficar anônimo. Acho que isso aí eles devem respeitar, né? O anonimato da pessoa.

Observa-se, portanto, que as políticas de controle do veículo de comunicação também influenciam nas ritualidades dos leitores. O leitor 11 segue endossando isso ao trazer a questão do “Será que vão publicar?”: “Acho que nem sempre eles vão divulgar se for um comentário muito crítico, que vá contra o pensamento deles. É ruim gerar uma expectativa que depois não acontece”, fala ele, buscando esclarecer as razões pelas quais não consegue ritualizar suas práticas de participação como gostaria. A justificativa do leitor 5 é de outra natureza: diz ter medo de cometer erros de português e também de não ser lido. Preguiça, senso crítico muito elevado, falta de tempo e simplesmente a preferência por ouvir ao invés de falar foram outros fatores levantados pelos entrevistados como empecilhos à colaboração, ou ao menos à conversão dela em rito. O parecer do leitor 9, por exemplo, contempla mais de um desses motivos:

O que eu não gosto é o fato de dar a minha opinião e depois ficar na obrigação de ler todos os *posts* para acompanhar a repercussão. Não tenho tempo para isso, por isso não comento. E também porque vou mais com o intuito de ler a opinião dos outros do que dar a minha participação, ainda mais se é para um público geral. Talvez um dia eu comente, mas aí em *blog*, que é mais segmentado.

Entre os 16 entrevistados, 14 leem *blogs*, sendo que, além do leitor 9, outros seis expressaram a opção por usar os recursos de interação nesses ambientes, sobretudo os mais jovens. Os três leitores mais velhos, por outro lado, deram deixas de que o portal de notícias é que incentivou o ingresso na blogosfera ou até mesmo, no caso do leitor 15, que promoveu o entendimento do conceito de *blog*. Do total de 12 pessoas que

postam comentários, quatro o fazem somente em *blogs* e dois, apesar de comentar também no corpo do portal, enfatizam preferir esse meio. Segundo os leitores, a razão que leva a essa preferência é o fato de os *blogs* tratarem de assuntos específicos, serem um ambiente mais privado e trazerem informações mais dinâmicas e comprometidas.

O leitor 8, ilustrativamente, se diz incentivado pela velocidade das interações: “Com certeza eu comento mais em *blog*, porque daí é uma discussão, né? Geralmente quando um cara faz um comentário, é como se ele estivesse meio que conversando contigo”, afirma. Já o leitor 4, ao comparar *blogs* e portais de notícias, sublinha uma das vantagens de o público ser mais restrito: “Em *blog* tem mais sentimento de que alguém vai ler. Parece que nesses portais maiores não vai ter a relevância que tem pra quem escreve um *blog*. Quem escreve em *blog* normalmente se preocupa mais com os comentários das pessoas”, explica. O leitor 11 inclui outro argumento: “Eu acho que como os *blogs* têm menos leitores, fica mais fácil até de o teu comentário ser lido pelo moderador”. Para a leitora 1, por fim, essa questão do público ser menor e mais segmentado é ainda mais importante e decisiva:

Eu só falo quando tenho bastante intimidade, e sobre algo que eu conheço mais. Quando o público é muito grande e genérico, penso que outro que tenha vontade vai fazer. Além disso, na Zero Hora, o Rio Grande do Sul inteiro olha, mas num *blog* ou numa comunidade do *Orkut* só quem vai ler o que eu escrevi é alguém que procura exatamente aquela coisa. Com aquelas pessoas ali que têm o mesmo gosto que eu, eu me sinto mais segura de me expressar. Ali eu me preocupo em escrever só coisas certas porque eu gosto de ajudar e ajudar certinho, para que as pessoas possam confiar em mim.

Percebe-se, assim, que as características dos *blogs*, semelhantes às que consagram uma comunidade (presencial ou virtual), criam um ambiente propício à construção e à preservação de ritos. Em um *blog*, mais do que em um portal, podem-se evidenciar traços como: senso coletivo, coesão, compartilhamento de valores, sacralização de atitudes, temas e objetos, entre outros elementos trabalhados no capítulo 3. Acredita-se que, por essa razão, os ritos de participação tenham-se mostrado mais comuns na blogosfera. Crê-se que isso justifique também o fato de nos *blogs* a motivação para participar não estar atrelada à necessidade de contrariar, como ocorre nos *sites* de grandes webjornais. A leitora 6, por exemplo, que conta que sua única participação no “corpo” de *Zerohora.com* foi para contrapor uma questão que julgou “completamente equivocada”, fala ter outras razões para participar nos *blogs* do mesmo portal: “São coisas que me interessam, então pergunto o que eu quero saber, se eu tenho alguma dúvida; tento colaborar com os outros”, contrasta ela.

No que tange às enquetes feitas por *Zerohora.com*, 14 entrevistados participam, sendo seis de forma mais esporádica, dependendo do assunto, e oito de forma ritualizada, sendo que os homens foram mais enfáticos em destacar a participação em enquetes como rito. Todos os leitores que dizem ter o costume de votar, afirmam também ter o hábito de acompanhar os resultados. “Se vejo uma enquete que me interessa, já vou lá e clico. Depois, demore quanto for, eu sigo acompanhando para saber o resultado”, conta o leitor 3. Evidenciou-se, no entanto, que apesar da grande adesão, a enquete não é levada muito a sério pelos leitores. A leitora 1, por exemplo, afirma participar “por passatempo”, e a leitora 12 tem uma postura semelhante: “Apesar de saber que a coisa não é tão séria, eu voto. É mais por bobagem assim”, fala ela.

Os leitores destacam como vantagens da enquete o fato de ser uma ferramenta rápida e de pouca exposição do participante. Os leitores 8 e 15 foram os únicos que se mostraram insatisfeitos pelo fato de a enquete só permitir uma *interação reativa* (PRIMO, 2000), isto é, em que o papel do interagente se limita a escolher entre opções pré-definidas: “A última que participei foi aquela do Grêmio entrega ou não entrega, sabe? Eu fiquei indignado com aqueles caras que queriam que o Grêmio perdesse só pro Inter não ser campeão do Brasileiro! Queria até responder, mas lá não tem espaço para comentários”, lamenta o leitor 8. No caso do leitor 15, a crítica foi mais explícita:

Eu respondo muito mesmo enquete, embora eu ache muito superficial. Eu acho que quando eles fazem enquete, poderia ser um pouquinho mais aprofundada. Até é por isso que parei um pouco de responder, porque eles fazem a pergunta e muitas vezes, ou a maioria das vezes, eles não te dão condição de tu expressar o teu pensamento. Eles dão duas, três alternativas, e nenhuma delas corresponde ao teu pensamento, aí tu vai responder por aproximação, mas normalmente não tem outra opção que você possa colocar opinião.

No que diz respeito ao envio de materiais para serem publicados no *site*, apenas três leitores afirmam ter enviado e todos eles são da área da Comunicação. O leitor 4, publicitário, é o único que já tem nessa prática uma espécie de ritual, pois exerce informalmente a função de assessor de imprensa do time de *hockey* que treina: “Sempre que tem algum evento a gente envia. Meio que faz um *releasezinho* e manda pra uma lista de *e-mails* que a gente tem”, afirma. Mas as mulheres parecem ter mais interesse em divulgar conteúdos de autoria própria: a leitora 12 já submeteu fotos e textos; a leitora 10, apenas textos; e a leitora 1, embora nunca tenha enviado nada, relata ter tido vontade. “Seguidora” de Zero Hora no *Twitter*, esta última leitora conta que numa das vezes em que os jornalistas escreveram “Você captou tal coisa? Mande sua foto”, ela

tinha a foto solicitada: “Me senti tentada a mandar, mas eu não mandei porque eu achei que ficaram com a qualidade meio ruim. Mas por eu ser chata com foto, assim, porque as pessoas mandam coisas piores”, diz ela. Para o leitor 4, é esse senso crítico que falta para as pessoas, e a Zero Hora acaba perdendo credibilidade em função disso:

Dá direto, assim: “enchente na capital: mande suas fotos”. Ah, não quero ficar vendo fotos de qualquer pessoa! Tipo, vai tirar a foto da janela da casa dela ali, que entrou uma aguinha no pátio. Não, não! Eu quero, eu busco um negócio que seja profissional, né? E na *Zerohora.com* estão batendo muito forte nisso, ah, “faça sua reportagem”... Pra mim está perdendo credibilidade assim, sabe?

Por fim, no que diz respeito à seção *Leitor-Repórter*, sete dos entrevistados, todos com mais de 30 anos, disseram sequer saber do que se trata; cinco já ouviram falar, mas não leem e quatro, todas mulheres, leem, mesmo que sem assiduidade. Ou seja, ninguém tem o hábito de acessar esse canal de comunicação e, muito menos, de publicar informações nele. Contudo, entre os conhecedores da proposta, a maioria é favorável: “Não olho, mas penso que é bom, que é saudável pro leitor. Amplia a base de notícias de determinados fatos, que antes não poderiam ser acessados de imediato pelos jornalistas e agora podem ser enviados pelo leitor”, avalia, no caso, o leitor 9. O parecer da leitora 6 é bem representativo da opinião do grupo analisado: “Eu acho até bacana, mas nada ‘Ai, meus Deus! Mudou a vida!’ Acho meio, meio... Desnecessário, sei lá!”.

No entanto, alguns leitores levantaram aspectos negativos. A leitora 12 diz já ter lido nessa seção e nos *blogs* de Zero Hora conteúdos tão bons quanto os redigidos por jornalistas e, por isso, acha injusto que essas pessoas não sejam remuneradas. Ela mesma afirma ter abandonado um processo seletivo de blogueiros, coordenado pelo Grupo RBS, por não se dispor a trabalhar de graça. “Eu acho até meio desrespeitoso, pois as pessoas estão fazendo notícia, estão gerando conteúdo e não estão recebendo por isso”, expõe ela, acreditando que o ideal seria o leitor apenas sugerir pauta. A leitora 1 também acha que a função do leitor deveria parar na sugestão de pauta ou no acompanhamento da produção da notícia: “Até acho interessante essa coisa de ‘participe, fale’, mas não é uma coisa que eu concorde muito disso de ‘se achem repórteres’, sabe? Não pode ser ‘Faz a *bangu* que a gente publica!’. Se começar uma criatura a mandar e postar, postar, ele já vai se achar no direito”, critica ela, admitindo estar condicionada pela faculdade de Jornalismo e pelo temor corporativista de extinção de sua profissão, já abordado na seção 4.1. Outra sugestão da leitora é a de que esse canal de webjornalismo participativo fosse direcionado a dar pareceres técnicos sobre a

produção do texto, concordando com Primo e Träsel (2006), que veem na orientação ao leitor-colaborador um novo campo de atuação para os jornalistas.

Se essas leitoras (12 e 1), provavelmente por serem da área de Jornalismo, abordaram mais a esfera da produção (os leitores enquanto repórteres), os demais entrevistados, ao falarem da seção *Leitor-Repórter*, se detiveram no âmbito da recepção; em opinar sobre a leitura do canal. Buscando justificar a não-ritualização da procura por textos amadores em seu cotidiano, eles trouxeram o tópico *parcialidade*: “Eu acho interessante, só que eu penso que quando tu faz uma notícia, tem que ter os dois lados, né? E o leitor é parcial, eu acho, ele vê mais o lado dele, ele não consegue ter uma visão mais ampla”, diz o leitor 3 que, apesar de achar uma iniciativa válida, vê contratempos na produção textual feita exclusivamente pelo público. Ler comentários, para ele, é um ritual, pois ele gosta de ampliar seu ponto de vista, mas a redação amadora, segundo defende, vai na direção oposta (traz uma visão restrita), e, por isso, ele não a consegue apreciar. O leitor 13, assim como o 3, não lê a seção *Leitor-Repórter*, mas vê a parcialidade como uma possível ameaça e, nesse sentido, destaca a importância do papel do moderador:

Eu acho um risco, né? Isso depende dos encarregados de fazer o filtro, de colocarem versões equilibradas, ponderadas. Acompanhando comentários, acho que as pessoas estão caminhando para uma polarização das suas posições. Então, acho que essa questão do *Leitor-Repórter* é perigosa, no sentido que se não tiver uma sensibilidade um pouco maior, pode até potencializar essa bipolarização das pessoas. Para mim, o resultado não parece muito bom. Eu acho o filtro fundamental e menos ruim, digamos assim.

Sobre as demais possibilidades de interação oferecidas por *Zerohora.com*, sabe-se que nenhum entrevistado realizou compras no *site*, que nenhum sugeriu pauta e que ninguém pertence a comunidades do *Orkut* ou *Facebook* relacionadas a esse veículo. Outras ferramentas, descritas no capítulo 5, não foram nem mencionadas pelos sujeitos investigados.

Se por um lado, em linhas gerais, percebem-se ainda poucos ritos de participação consolidados, por outro lado, é nítida uma evolução na utilização dos recursos colaborativos. A leitora 1 diz não ter o hábito de participar, mas confessa: “Se eles tirassem a participação, eu ficaria indignada! Talvez aí eu me expressaria assim: ‘Tiraram? Tem que voltar!’. E se dissessem ‘Tiramos por falta de material enviado’, aí eu acho que eu enviaria”. O leitor 16, novato nessas práticas, reconhece seus próprios

avanços: “Eu já tinha essa vontade de comentar antes, mas eu não sabia como, aí eu fui tentando e saiu! Agora faço mais”, diz ele. O mesmo percebe o leitor 11, porém sem deixar de olhar para suas limitações: “Não comento tudo o que queria, mas com certeza progredi”, afirma. Já leitor 13 admite ter a tentação de afirmar que seria mais participativo se tivesse oportunidade, mas revela nem mesmo aproveitar as ferramentas que tem a seu dispor: “Gosto de ter aquilo à minha disposição, mas eu ainda não faço muito uso. Minha participação, por enquanto, está leve, levíssima, mas crescente”, avalia. A leitora 10, conclusivamente, faz uma comparação com o seu desempenho em outros meios:

No impresso parece que tem mais credibilidade e que eu ficava mais orgulhosa de ver a publicação: o tamanho foi diagramado por eles, não por mim... Gosto do aval deles. Mas a Internet me deu mais *status*, me deu mais facilidade, dá para mandar o *link* para os amigos, tudo é mais rápido e mais público. Justamente por isso que eu poderia estar fazendo muito mais.

A partir dessas falas, fica evidente o movimento-chave defendido por este trabalho: as tecnicidades, à medida que ofertam essas ferramentas de participação, vão desbravando caminhos e os leitores, a partir de suas práticas, em passos mais lentos, vão ritualizando seus usos; adentrando e lapidando essas trilhas. Geralmente impulsionado pela pressa do mercado, o movimento das tecnicidades tem curto tempo de planejamento, e isso impede que, na maioria das vezes, as repercussões de ordem social sejam antevistas. Acelerado e pouco profundo, esse movimento “atropela” algumas questões, com foco no futuro. Essas questões são, então, retomadas pelo movimento das ritualidades, que, por gerar uma repetição em torno de um sentido, é circular, mais denso, vagaroso e atento ao cenário presente.

Fica dado, assim, “o choque entre duas escalas de tempo, aquela da mudança técnica (uns vinte anos) e aquela dos comportamentos sociais, muito mais lentos para se constituir” (WOLTON, 2003, p.93). Daí a importância de atentar para a defasagem entre tecnologia e usos sociais e de se considerar tanto as tecnicidades quanto as ritualidades quando se pretende estudar períodos de transformação cultural, como este em que o webjornalismo se assenta.

7.3.2 Os ritos de percurso

No ciberespaço o leitor tem acesso potencial a tudo, e é função do hipertexto viabilizar esse acesso, na medida em que permite a organização das informações em camadas e proporciona escolhas. Se, por um lado, o hipertexto, em função dessas e de outras características abordadas na seção 4.2, permite uma navegação ampla e livre pelas redes, por outro, conforme pôde-se inferir do discurso de alguns leitores, ele não deixa de remeter a sensações de enclausuramento e incompletude. Ao falar “eu acho que as notícias do jornal têm que ser maiores, porque lá tem espaço, e na Internet não”, por exemplo, a leitora 2 parece ignorar o fato de as informações na *Web* serem expostas em três dimensões. Já a leitora 6, mostra-se mais consciente disso, mas se diz incomodada, por preferir ler em estruturas textuais planas, onde consegue enxergar o conteúdo na íntegra, sem trechos “ocultos”.

Acho meio chato ter que ficar procurando. Às vezes não é muito direto, assim. Não tenho dificuldade de encontrar as coisas, mas eu acho um pouco mais demorado. No jornal impresso, tu consegue ver, visualizar o todo. E na Internet não tem essa... Não sei, é uma coisa bastante visual para mim, por causa do meu trabalho na arquitetura, na verdade. Hoje em dia tu não consegue visualizar no computador as coisas, tu tem que imprimir para poder enxergar em tamanho real.

A leitora 1 entende que a disposição das informações em tela possui uma face negativa e outra positiva. Ao comparar o webjornal com o jornal impresso, ela diz no *on-line* perder em variedade de informações, mas destaca como vantagem a possibilidade de desviar dos conteúdos que não gosta: “Na Internet eu nem passo perto da coluna social; eu não quero ler isso. Na *Web* seleciono mais aquilo que eu quero e tenho tempo para ler. Talvez eu passe o olho pelo espaço que está ali, mas não clico. O clique me dá poder de escolha”. O leitor 11, que não costuma ler jornal impresso, mas assiste ao telejornal todas as noites, usa a televisão para fazer comparação similar: “Pela questão do tempo, o telejornal não dá todas as notícias e também não tem como eu selecionar a notícia que eu quero. Sou obrigado a assistir tudo o que eles estão passando lá. E desligar é pior, porque aí eu não vou ficar sabendo nem do que eu gostaria”, afirma ele, destacando que o webjornalismo colaborou para a ritualização de práticas mais personalizadas em sua rotina midiática.

É exatamente essa questão do poder de decisão que faz com que também a leitora 12 mantenha ritualidades bastante distintas diante desses dois meios:

Quando eu acordo, eu ligo a TV pra ver o Bom Dia Rio Grande, mas é, em geral, uma coisa que eu não presto muita a atenção; eu só ligo mais pra ver o tempo. Quando eu quero ler notícias eu vou no *site*, quando eu quero uma coisa mais para ficar ligada ali, daí eu ligo a TV. Mas não dá pra dizer exatamente que eu vejo, pois eu não sento, eu fico fazendo outras coisas e deixo a TV ligada.

Segundo Larsen e Tufte (2000, p.75), “a regularidade dos usos dos meios poderia ser explicada por uma segurança ontológica, por uma constante reconstrução da realidade, enquanto “lugar para se estar”, um que seja seguro e estável”. No caso da televisão, a leitora 12 parece alcançar essa segurança já ao ligar o aparelho, enquanto que no computador não; aí seu uso, para que se configure enquanto tal, implica obrigatoriamente uma ação: o clique. Pode-se afirmar, portanto, que o webjornalismo desperta para rituais mais “ativos”. Os leitores contam que muitas vezes o sentido do ouvir rádio, do ver/escutar televisão e até mesmo do folhear o jornal não está no conteúdo, mas na busca por uma companhia, por alguma coisa para fazer. Diante do jornal digital, por outro lado, ninguém disse ficar sentado, clicando aleatoriamente como um passatempo: “Quando vou, é para ler, mesmo que não seja AQUELA leitura”, diz a leitora 1.

O leitor 3 diz inclusive ter reduzido a quantidade de horas que dedica à televisão depois que começou a utilizar o computador, e a sua justificativa é também relacionada a esse jogo de inércia e ação: “Não tinha muitas opções. Até programas bem bobos eu ficava vendo. Mas na Internet é mais específico o que eu quero ver. Eu procuro!”, enfatiza ele, ao descrever suas novas ritualidades. O leitor 4, contudo, reclama que apesar de ter maior poder para selecionar os conteúdos, ele não consegue num webjornal atingir a segmentação que possibilita a televisão por assinatura, por exemplo, pois os conteúdos ofertados seguem sendo massivos: “Eu acho a parte de esportes muito focada em futebol, e não é só porque, ah, quero que tenha *hockey* na Zero Hora; sei que é um esporte diferente e não vai ter. Mas eu queria ler sobre futsal, basquete, vôlei e eles também não têm espaço”, ilustra o jogador e treinador de *hockey*, justificando sua necessidade de visitar *blogs* ou *sites* mais específicos para atender às suas necessidades.

Esse leitor que lamenta, no jornal digital, não achar o que procura, lamenta também não procurar por tudo. Mesma queixa faz o leitor 9, que explora a busca pela

informação para contrastar seus antigos e recentes ritos e para destacar a importante complementaridade entre ambos:

No impresso, eu tenho o hábito de ler todo ou folhear todo ele, então, mesmo sem querer, eu acabo passando por todas as informações, por todas as seções do jornal. Vejo uma diversidade de notícias que supre toda a minha necessidade de informação. No *on-line* eu clico só naquilo que eu tenho vontade naquele momento e só vou abrir o texto daquilo que realmente me interessa, então só absorvo aquele conteúdo que vou atrás. Se eu fosse olhar só na Internet, eu ia só saber notícia do meu clube, do meu time.

É para não correr esse risco que o leitor 3 destaca: “Eu gosto de procurar a informação que eu quero. Mas também gosto, por outro lado, do jornal, que me mostra as coisas, aí eu não esqueço, né?”. Como ele, os demais *leitores cumulativos* dizem que a hipertextualidade faz com que alguns assuntos passem despercebidos. A leitora 1 faz uma comparação com a forma de exposição das notícias em papel: “Na *Web* tem um lugar que está sempre ali. No impresso, tem a sua página, mas muda de lugar, muda a diagramação. Enquanto estou folheando, ela vem na minha cara”. A leitora 2 também comenta que, conforme destaca Ribeiro (2006a), a diagramação é suficiente para romper a linearidade textual: “No jornal, cada página tem diversas notícias, aí chama mais atenção. Então, a pessoa lê aquilo, depois lê outra que está do lado, vai passando pelas manchetes de outros lugares do jornal. Enquanto que, no *site*, a pessoa clica, fecha e acaba nem olhando para o restante”, afirma ela.

A leitora 1 explica que essa diferença no modo de apresentar os conteúdos influencia os rituais que desenvolve em cada meio na hora de selecionar os conteúdos a serem lidos: “No impresso eu escolho o que vou ler sem essa coisa assim de ‘Ah, vou lá ver o Segundo Caderno’ ou ‘Vou lá ver o Global Tech’... Eu olho tudo, leio um pouco de tudo”. Da mesma forma, o leitor 13 conta que no impresso não tem um interesse *a priori*, mas que no *on-line* costuma ter uma motivação prévia: “Na versão papel, o interesse acaba surgindo justamente nessa leitura superficial pelas manchetes. No *on-line*, eu vou direto ao que interessa; no impresso é uma coisa mais diversificada”, conclui. Assim, a personalização pode ser algo positivo para as pessoas que efetuam a leitura de ambos os formatos de jornal, mas traz perdas para os *leitores substitutivos*, uma vez que colabora para o afastamento de assuntos coletivos, que tecem as noções de cidadania e cultura (Prado e Brito [s.d]). A leitora 12 demonstra perceber esse prejuízo somente no momento da entrevista:

O que eu não gosto é que às vezes tem muita coisa escondida, eu estava pensando nisso, pois como eu quase não tenho lido jornal em papel, tem coisas que eu acho que eu acabo perdendo, porque não me chama a atenção no *site*. Agora falando contigo é que eu me dei conta que talvez eu perca algumas coisas. Tem assuntos que às vezes não me interessam tanto e nem sei onde ficam no *on-line*. No jornal impresso eu acabo olhando, porque eu estou folheando e, quer queira quer não, eu passo por esses lugares. Acredita que agora é que eu vi que na Internet é só as últimas notícias que eu leio?

Outros leitores relatam perder no aprofundamento dos conteúdos, uma vez que a *Web* traz notícias bastante resumidas e, em função do hipertexto, desmembradas. Entre os informantes, todos já clicaram em *links* correlatos à notícia em busca de desdobramentos, ou, nos termos de Canavilhas (2008), exploraram os níveis de leitura, mas apenas para o leitor 4 isso é um rito: “A Internet é um pouco menos profunda, mas acho que isso melhorou bastante nos últimos anos. Agora tem um *link* para uma notícia maior; clicando ali sempre consigo um aprofundamento” explica. A leitora 6 não expressa a mesma satisfação: “Odeio notícias-aviso! É um negócio muito resumido. Até tem aquele ‘saiba mais’, mas é uma coisa meio geral. Tu está esperando uma informação e vem algo limitado”, reclama ela. O leitor 11 também pensa assim: “Às vezes tem um negócio que nem é tão interessante e que tu vai acabar abrindo e perdendo tempo”.

Seja por essa decepção com o conteúdo dos *links*, seja por outros motivos, constatou-se que, ao invés de deslumbrarem-se nos labirintos hipertextuais, os entrevistados, ao menos no que diz respeito aos webjornais, consideram-se sempre conscientes de seu tempo e de seus objetivos de navegação. A situação de “perder-se” mostrou-se mais comum em *sites* de entretenimento e *blogs*, mas mesmo nessas situações os leitores disseram tentar manter uma ordem de leitura. O leitor 8 explica como é seu rito de navegação em *blogs* de tecnologia: “Estou lendo, até que aparece algo que me faz pensar ‘Peraí, como é que é isso?’. Tu vai procurando, sabe? Mas geralmente volto para aquela tela inicial, penso ‘Ah tá, é assim’ e continuo lendo. Mas às vezes nem lembro: ‘Bah, como é que eu vim parar aqui?’”. A leitora 12 tenta formular uma justificativa para o fato de ter mais controle sobre seus cliques quando está em *sites* jornalísticos:

Na Zero Hora eu quero saber o que está acontecendo aqui por perto, mas eu sei que eu não vou morrer se não olhar, mas tem outros *sites* que eu acho que prendem mais pelo conteúdo. “Ah, mas que legal isso aqui” e daí tu mergulha naquilo. A Zero Hora parece uma coisa não sei se mais superficial ou talvez menos urgente, pra mim. Na verdade, o que faz eu me perder quando eu estou fazendo alguma coisa é quando eu estou aprendendo, descobrindo coisas novas. Ali não deixa de ser um passatempo. Em *site* jornalístico eu até

poderia me envolver, mas mais se eu estivesse lendo um *blog* de tecnologia ou um assunto mais específico.

Isso não significa, contudo, que os leitores façam uma navegação ordenada. Enquanto apenas dois leitores, ambos do sexo masculino, não leem ou não liam o jornal tradicional na sequência proposta pelo meio, somente dois, também homens, que optam pela versão *ZH Virtual* de *Zerohora.com*, fazem uma leitura sequencial na Internet. No caso do impresso, os entrevistados relataram ir folheando a edição na íntegra, sendo que oito optam por deslocar-se do começo para o fim e seis optam por seguir a ordem inversa, como conta o leitor 9: “Eu leio um jornal como se lê um processo: de trás pra frente”, comenta o advogado, mostrando que os ritos de leitura têm sentidos diferentes para cada pessoa. O quadro a seguir⁶⁴ compara os ritos de percurso dos entrevistados nas duas versões de Zero Hora:

Quadro 6: Comparativo dos ritos de percurso dos leitores entrevistados em jornal impresso e digital.

Leitor	Impresso			Digital		
	Segue a ordem do jornal?	Olha todo o jornal?	Lê as notícias até o fim?	Segue a ordem do jornal?	Olha todo o jornal?	Lê as notícias até o fim?
Leitora 1	Sim.	Sim.	Sim.	Não.	+ Capa e blogs.	Sim.
Leitora 2	Sim, porém inversa.	Sim.	Sim.	Não.	+ Capa.	Sim.
Leitor 3	Casa: inversa. Trabalho: normal.	Sim, duas vezes seguidas.	Sim.	Não.	+ Capa.	Sim.
Leitor 4	Sim.	Sim, duas vezes seguidas.	Sim.	Sim (versão impressa).	Sim (versão impressa).	Sim.
Leitor 5	Sim, porém inversa.	Sim.	Sim.	Não.	Não.	Nem sempre.
Leitora 6	Sim.	Sim.	Sim.	Não.	Não.	Sim.

⁶⁴ As linhas em cinza referem-se aos *leitores substitutivos*.

Leitora 7	Sim.	Sim.	Nem sempre.	Não.	+ Capa e <i>blogs</i> .	Nem sempre.
Leitor 8	Não.	Não.	Nem sempre.	Não.	+ Capa e <i>blogs</i> .	Nem sempre.
Leitor 9	Sim, porém inversa.	Sim.	Sim.	Não.	+ Capa.	Não.
Leitora 10	Sim.	Sim.	Sim.	Não.	Não.	Sim.
Leitor 11	Sim.	Não.	Nem sempre.	Sim (versão impressa).	Alguns assuntos fixos.	Não.
Leitora 12	Sim, porém inversa.	Sim.	Sim.	Não.	+ Capa e <i>blogs</i> .	Nem sempre.
Leitor 13	Não.	Não.	Sim, mas pulando.	Não.	Não.	Sim.
Leitor 14	Sim-normal e inversa.	Sim	Sim	Não	Sim	Sim
Leitor 15	Sim.	Sim.	Nem sempre.	Não.	Alguns assuntos fixos.	Nem sempre.
Leitor 16	Sim.	Sim.	Sim.	Sim	Sim.	Sim.

Nesse grupo, enquanto as mulheres costumam passar por todo o jornal impresso, em ordem, indo até final em cada notícia que escolhem ler, os homens, mesmo que em geral tenham comportamento semelhante, mostraram-se um pouco mais apressados: as três pessoas que não olham o jornal tradicional na íntegra são do sexo masculino, bem como quatro dos cinco depoentes que confessam nem sempre ler as notícias completamente. Sobre a ordem, sete entrevistados do gênero masculino disseram, no caso de uma notícia muito extraordinária estar destacada na capa, ir direto para a página em que as informações estão expostas, mas esse uso da capa como hipertexto é ritualizado apenas na leitura efetuada pelos leitores 8 e 13, que dificilmente leem o jornal em ordem por falta de tempo, e do leitor 4, que gosta de garantir que lerá as coisas mais relevantes, antes de partir para as demais: “Primeiro eu leio toda a capa e

daí vejo se tem alguma coisa que me interessa; se tem, eu já vou direto; se não tem nada, eu começo a olhar os anúncios. Depois que olho todos os anúncios, volto para o início e começo a leitura das outras notícias”, explica o publicitário. O leitor 13 faz sua leitura na lancheria do trabalho, enquanto espera seu pedido ficar pronto: “Aí é uma leitura dinâmica, é um olhar rápido. Se alguma coisa acata a minha atenção nas manchetes eu leio o texto. Evidentemente que, se tem uma manchete com um fato relevante na capa, eu vou direto pro fato”, descreve ele.

Já no que diz respeito aos dois leitores que mesmo na *Web* mantêm uma ordem de leitura, são, como já mencionado, os que fazem quase exclusivamente leitura da versão impressa disponibilizada *on-line*. O leitor 4 conta que só lê o jornal *on-line* de manhã se não pode ler o impresso e que, por isso, opta sempre por aquela versão que simula o movimento de folhear. Ele afirma que a diferença é que nessa versão digitalizada ele não lê tudo de uma vez só, mas que o ritual de percurso permanece o mesmo: “Quando eu pego na Internet, deixo ali aberto e vou lendo aos poucos, sabe? Eu faço a mesma coisa: olho todos os anúncios primeiro, daí volto pro início, daí começo a olhar de novo. Só que tenho mais liberdade, porque não tem ninguém na fila”, conta o leitor, que costuma compartilhar a edição em papel com os demais funcionários de seu andar. O leitor 11 só lê webjornal, mas praticamente sempre no espaço que oferece o conteúdo da versão impressa estruturado em *links*. Como esses *links* estão vinculados às seções do jornal tradicional, ele acaba seguindo uma sequência também na tela. O leitor 13, quando conectado, raramente acessa qualquer tipo de “versão impressa”, mas faz uma diferenciação entre a leitura dessa versão mais transpositiva para a leitura dos conteúdos construídos exclusivamente para a versão digital:

Quando entro no Zero Hora e vejo aquele simulacro de uma capa, só que na tela do computador, a dinâmica é a mesma da leitura rápida do jornal durante a manhã. Mas quando olho a *on-line* mesmo, uma coisa te leva à outra, que te leva à outra e tu acaba, fatalmente, saindo da notícia que tu estava. Mas quando esgotam as possibilidades, eu retorno. Esgota ou cansa, né? Ou tu precisa sair, ou dormir, alguma coisa assim.

Sobre a completude da leitura no webjornal, percebeu-se que apenas os leitores com mais de 40 anos almejam uma leitura integral do portal, possivelmente por terem maior dificuldade de desritualizar essa prática da versão impressa que cultivam há décadas. Ao menos esse é o caso do leitor 16, que pareceu ser o que faz a leitura mais completa, tanto na versão impressa quanto na *on-line*. Referindo-se ao impresso, ele comenta “Vou página a página e leio todo o jornal; todas as notícias em ordem até o

fim. Eu não pulo nada, nada. Eu gosto de ler notícia, mesmo que não goste do que está escrito”. No *on-line*, por sua vez, ele diz olhar primeiro a capa e depois ir para os botões do *menu*, procurando manter a mesma disciplina que tem na versão em papel, mas confessa nem sempre conseguir: “Eu procuro manter aquela ordem, mas eles vão redirecionando a gente. Tu vai clicando, clicando e quando tu vê “Ih, já estou longe do que eu queria”, né? Aí eu volto... Sempre volto. Mas, como gosto de ler, acho até positivo isso aí”, reflete.

Assim como o leitor 16, muitos outros relatam, após desviar do foco, voltar ao ponto de origem para retomar sua estrutura de leitura, comumente, inclusive, de acordo com o já mostrado, em função das condições espaço-temporais. A leitora 1, por exemplo, que lê *Zerohora.com* no intervalo do trabalho, diz navegar livremente pelos assuntos, mas com um prazo a cumprir e, por isso, já consegue identificar padrões em seu comportamento: “Quando penso ‘tá, agora eu terminei’ e olho pro relógio é mais ou menos o horário que eu achei que eu ia terminar mesmo”, conta, dando indícios de que seus ritos de leitura jornalística na *Web* já estão bastante consolidados.

Mesmo que aparentemente mais controlada que a leitura de outros conteúdos da Internet, a leitura de webjornais mostra-se mais flexível, com relação ao ordenamento, que a leitura de jornais tradicionais. Enquanto no impresso viu-se que as pessoas vão escolhendo suas prioridades de leitura ao longo das seções, respeitando, pois, um agrupamento por assuntos, no *on-line* a leitura de uma notícia é bem menos contextualizada, conforme comenta a leitora 1:

Leio na *Web* quando sei que não vou ter tempo de olhar muito bem o jornal impresso. Entro e olho primeiro o “miolo” de manchetes. Eu não tenho uma linha de assuntos que leio primeiro. É o que está no “miolo”; o que eles julgam que tem que estar ali, eu olho; se alguma coisa interessa, eu leio e depois volto para a *home*, olho o que está em baixo e ao redor, que são coisas fixas. Gosto bastante é dos *blogs*, mas não tenho seção preferida na *Web*, talvez porque é tudo mais misturado.

O que ela chama de misturado, a leitora 6 chama de bagunçado: “Na Internet não tenho uma ordem, leio o que está ali. É o que me chama atenção mesmo. Decido na hora. A ordem do jornal eu acho mais definida. Comparando, eu acho o *on-line* um pouco mais bagunçado”. O mesmo procedimento é efetuado pelo leitor 3: “Leio primeiramente as notícias que me atraem: não importa se é de política, se é de entretenimento, se é de futebol, outro assunto. O que mais se destacou ali, eu vou ler”, explica ele, levando a que se perceba que a diagramação, ainda mais decisivamente do

que no impresso, ajuda a selecionar os conteúdos a serem lidos no jornal digital. “Cada dia a leitura é de uma forma. Não tem um espaço específico que eu olhe antes. Se a notícia me chama atenção, eu posso olhar antes que as outras”, afirma o leitor 14, também reforçando a ideia de que os ritos de percurso são mais versáteis no formato digital.

O *layout* apareceu, portanto, como um elemento-chave na hora de priorizar a leitura. E, nesse sentido, a Zero Hora foi avaliada positivamente na versão impressa, mas bastante criticada na versão *on-line*. Mesmo quem abandonou o hábito de ler o jornal tradicional, acabou comentando as melhorias implantadas em seu visual, em 2009: “A impressa eu sei que mudou bastante. Não tem como falar muito agora porque não tenho lido. Mas só olhando já parece que ficou mais visual, parece que tem mais imagens e menos texto”, afirma o leitor 11. A leitora 1, que segue lendo o jornal em papel, dá um parecer um pouco mais detalhado:

Eu gostei da diagramação, achei bonita e leve. Tem mais branco e gosto de branco no sentido de dar mais ordem, mais espaço; fica mais *clean*. Isso ajuda a leitura a fluir, porque não fica tudo junto, misturado, acumulado. Gosto dos cadernos também, porque gosto de cada coisa no seu lugar.

Em compensação, a versão digital ficou afastada de uma unânime aceitação. Três pessoas elogiaram o lugar em que se situam as notícias de última hora, mas foi grande a reclamação de que os conteúdos da capa poderiam estar mais bem organizados. A opinião da leitora 1, ao comparar a Zero Hora com outros *sites* de notícias é bastante representativa da opinião dos demais entrevistados: “Os outros são bons porque separam em assuntos e a Zero entende melhor onde o olhar vai”, diz ela, ao elogiar a posição (centro superior da página) e criticar a forma (embaralhada) como a Zero Hora dispõe as informações na tela. A leitora 12 também considera muito boa a localização das notícias, sobretudo das de última hora, mas, enxerga desvantagens nisso: “Se tu tem pouco tempo e quer achar uma coisa, é bom, mas, às vezes, evita de tu se abrir mais e olhar outras coisas. Que nem eu falei: política não me interessa e eu acabo não vendo, mas será que eu não teria que ver, né?!”.

Já as pessoas que leem os dois formatos de jornal, por esperarem do *on-line* justamente acesso rápido, só veem a boa localização como um ganho, mas não a consideram suficiente para garantir satisfação na leitura. Cinco dos oito *leitores cumulativos*, a título de ilustração, pensam que a Zero Hora deveria trazer as informações de forma menos confusa. O leitor 9 explica:

Eu acho que no *on-line* tu precisa das informações em tempo real, então eu não vejo uma facilidade no acesso às informações em Zero Hora. O *layout* é meio tradicional e mal diagramado. É um *site* em que as manchetes não estão bem destacadas. É a cor que não favorece, a cor é a mesma para todos os títulos. Além disso, aquele *menu* rouba muito espaço horizontal da tela e tem muita informação na *home*, isso também dificulta para escolher um assunto. Tem muitas letras pequenas na *home* também, acho desnecessário.

O leitor 3 compara a versão digital com a versão impressa do mesmo jornal: “Eu gosto mais da impressa. Cada parte dela é específica, não mistura uma notícia de TV aqui e outra de política. Eu acho ela mais separada; eu mais ou menos sei onde está aquela notícia se eu vou procurar”, afirma ele, demonstrando que a estrutura mais maleável e mista do webjornal dificulta que se estabilizem na tela os mesmos ritos fundados na leitura em papel. A leitora 1, por sua vez, parece tratar a desorganização como um descuido: “No Estadão, por exemplo, em vez de um miolão com tudo ali dentro jogado, já é todo separado em assuntos. A Zero Hora junta e joga no miolo”, reclama ela. Já o leitor 4 faz um paralelo com o ClicRBS, um portal pertencente ao mesmo grupo de comunicação. Diretor de arte em uma agência de publicidade, ele elogia o modo como o ClicRBS utiliza as cores para marcar divisões no *site* e lamenta que a Zero Hora não faça o mesmo: “No *Zerohora.com* é tudo mais ou menos a mesma cor, assim, parece que é tudo um bloco de texto com os *links*. Não tem uma divisão de hierarquia da informação tão clara”, compara.

Alguns entrevistados também reclamaram do uso que a Zero Hora faz do hipertexto para fins de publicidade. A leitora 12, sem dúvidas, foi a que demonstrou mais indignação:

Nunca comprei alguma coisa pelo *site* da Zero Hora e também não pretendo, só de raiva daqueles anúncios que se colocam entre ti e a notícia. Eu estou ali por outro motivo: quero ler. ODEIO aqueles que às vezes sem querer tu passa o *mouse* e já abre tapando toda a notícia. Teve uma vez que eu fechei o *site* só de raiva!

O leitor 5 também se diz bastante incomodado: “Salta aquele anúncio e às vezes o ‘x’ para fechar não está visível. Aquilo não precisa, é invasivo e ruim para a marca, até. Tipo, chega a dar uma irritação, assim”. No caso do leitor 16, o mais inexperiente, o *pop-up* se torna ainda mais inoportuno: “Às vezes aparece coisas ali na frente que não interessa, né? Tiro, tiro. Às vezes volta, tem horas que insiste em voltar e tiro de novo. Quando eu estava começando a navegar eu não conseguia tirar, né?, dizia pras gurias ‘Como é que eu faço para tirar esse negócio aqui da frente?’”, comenta ele. O leitor 13 foi um pouco mais comedido: “Não é por todo desapropriado, o problema é o exagero.

O que me tira a paciência é uma publicidade grotesca que aparece obstruindo praticamente toda a tela”, explica. Por fim, o leitor 3 faz uma diferenciação entre *banners* e *pop-ups*: “Até os fixos, sim. Mas não as janelinhas que abrem e aquele que tu encosta o *mouse* e já baixa uma baita página na frente. Às vezes eu clico errado e ela redireciona o *site* para aquilo. Odeio!”, desabafa ele, dando a entender que, por mais que as empresas insistam em anunciar seus produtos e serviços nos portais de notícias, práticas comerciais e ritos de leitura jornalística, no caso dos entrevistados, definitivamente não convergem sem gerar inconveniências.

Outro assunto levantado pelos sujeitos analisados foi a possibilidade de, enquanto se navega, fazer várias coisas ao mesmo tempo. Todos os leitores contaram ter mais de uma página aberta no momento da leitura, à exceção da leitora 10, que afirma: “Não sou dessas que abre mil janelas. Eu fecho o resto e entro no *site*. Lá eu leio e fecho, leio e fecho”. Os demais costumam ter de dois a dez endereços abertos, sendo que dez pessoas disseram olhar um *site* por vez e seis, na maioria homens, disseram ficar alternando entre os *sites* sem parar. O leitor 4 se enquadra nesse último grupo e observa uma nítida diferença entre seus ritos com o jornal digital e o impresso:

No computador eu abro muita coisa. É totalmente caótico: Eu leio uma reportagem, daí vou ver o *Twitter*. Leio outra reportagem, daí, sei lá, leio o *e-mail* do trabalho. Depois leio outra coisa e assim vou... Já no impresso eu paro tudo. Com o jornal na mão é mais difícil de eu ir no computador ao mesmo tempo, não tem como.

O leitor 15 chega à mesma conclusão: “Na Internet dá para diversificar, ficar correndo de uma janela para outra, mas o formato impresso praticamente te leva a ficar segurando o jornal, e aí tu já fica indisposto para fazer outras coisas”, comenta. O leitor 16, que, segundo já comentado, procura ler ambas as versões, impressa e digital, na íntegra, em sua casa, diz demorar cerca de duas horas na leitura do jornal em papel, mas ainda mais na Internet, justamente por fazer diversas outras atividades concomitantes em outros *sites*, como responder a *e-mails*, verificar cotações e solicitar orçamentos. O leitor 9, que lê o *on-line* no ambiente de trabalho, diz a todo momento interromper sua leitura para atender ao telefone, atender a clientes, ler *e-mails*, ir a alguma reunião. Como se não bastasse, ele fragmenta ainda mais a leitura por já ter ritualizado o acesso a vários webjornais ao mesmo tempo:

Pulo entre os *sites*; posso abrir dois, três *sites* de notícias ao mesmo tempo, e leio um, depois paro e leio o outro. Busco a mesma notícia em quatro jornais ou portais de notícias diferentes no mesmo momento pra ver diferentes

pontos de vista e pra ver se um está mais atualizado ou menos, pra ver se tem novidade sobre aquele assunto.

Assim como ele, 11 outros leitores costumam aproveitar a hipertextualidade das redes para olhar mais de uma fonte. Nesse sentido, os leitores 11 e 13 destacam também a questão dos *blogs* que, segundo eles, acabam agregando novas perspectivas ao jornalismo na Internet: “Eles trazem visões diferentes para eu poder formar a minha. Não vou ficar só com uma versão lá, digamos, de um dos lados. Eu tenho mais possibilidades de enriquecer minha opinião, de ter argumentos”, explica o leitor 11. O leitor 13 afirma inclusive pautar-se no conteúdo dos *blogs* para ler os webjornais, como forma de despertar um olhar mais crítico:

Normalmente eu faço uma leitura dos *blogs* independentes, *blogs* até de jornalistas, mas autônomos em relação aos jornais, aí vejo como essas abordagens alternativas estão sendo tratadas nos outros meios de comunicação. Às vezes fico com eles lado a lado na tela para fazer as comparações cabíveis entre os enfoques.

Na medida em que se torna importante consultar mais fontes de informação, torna-se necessário também que os leitores aprendam a gerenciar melhor o seu tempo. Nesse quesito, cinco leitores afirmam sair-se muito bem: eles dizem abrir várias janelas e deixar carregando para ganhar tempo. O leitor 5, por exemplo, fala abertamente que é a ordem de carregamento que determina o *site* de notícias que lerá: “Vou abrindo vários *sites* e várias notícias para ser mais rápido e vou indo, vou trocando entre eles. Decido o que vou ler na hora, não tenho uma ordem. Conforme vai carregando, eu vou trocando”. Um ritual parecido firmou o leitor 8: “Eu entro na Zero Hora, por exemplo, daí eu clico *Ctrl* ali e abre uma abinha... Aí fica lá carregando aquela página e eu fico ‘Ah, vou carregar essa daqui também, essa também...’ Quando vejo, tem um monte, aí vou lendo e fechando”, descreve.

O leitor 3 diz que o hipertexto facilitou sua vida, pois se considera obcecado por informação e vê o hipertexto como forma de acessar várias coisas ao mesmo tempo, replicando no computador a *overdose* midiática que relata ter em seu dia-a-dia:

Quando fico em casa, eu acordo umas 9h da manhã, né? Daí eu ouço um pouco de rádio. Ligo a TV do meu quarto, deixo sempre ligado o computador e a TV. Não sei nem como eu consigo prestar atenção. Daí eu vou na área, onde meu pai já está ouvindo rádio, daí eu ouço um pouco. Daí vou cozinhar e fico vendo TV com minha mãe na cozinha. Nisso a TV da sala também está ligada. Aí quando dá um intervalo, eu vou pra sala e assim fico, sempre revezando, né? Quando alguma coisa me interessa, presto atenção e desligo do resto. Faço isso porque quero estar bem informado, em vários setores diferentes. Por exemplo, o rádio está ligado no esporte, a televisão está ligada

no jornal, no computador estou lendo um jornal, estou vendo coisas de entretenimento, estou conversando com alguém. Eu acho que é uma forma de tu estar a par da situação, estar sempre atualizado. Aí tu pode conversar com alguém sobre tudo aquilo.

Já o leitor 11 reconhece algumas desvantagens desse acúmulo de tarefas: “Tu fica atucanado demais depois que tu acostuma a fazer mais coisas ao mesmo tempo. Então tu nem sempre faz direito o que tem que fazer, né?”, comenta. Isso porque ler webjornais exige que os leitores estejam presentes em dois ou mais contextos ao mesmo tempo: no(s) contexto(s) que está(ão) dentro da tela e no contexto fora da tela, e nem todos os leitores relataram se sair muito bem diante desse desafio da ubiquidade. O leitor 3, diz conciliar perfeitamente a televisão e o rádio enquanto lê no computador; só afirma desconcentrar-se quando é chamado por alguém: “Eu consigo usar as três coisas ao mesmo tempo e ainda saber, claro que não perfeitamente, um pouco daquilo que está dando em cada um, mas me perco na leitura se alguém vem falar comigo”, conta. Já o leitor 14 diz não ter problema em ressituá-lo-se cada vez que clica e entra em um ambiente novo na tela, mas não relata a mesma destreza com relação ao ambiente externo: “Pode passar, sei lá, o Henrique V na minha frente, com toda a sua corte, que eu não vou perceber. É impressionante! Brigas conjugais têm acontecido justamente pela minha concentração”, conta rindo.

Se para ele as consequências de suas mais recentes ritualidades midiáticas são sentidas no relacionamento com a esposa, para leitora 1 tem sido no relacionamento com o professor. Ela descreve sua preocupação e dificuldade em gerenciar seus estados de presença e ausência quando, em classes ministradas no laboratório de informática de sua faculdade, se vê obrigada a prestar *atenção parcial contínua* (SANTAELLA, 2007a):

Eu já me peguei assim na aula: “Hã? Que que foi?” Perder porque eu estava lendo. Eu me sinto “incomodante”! Tipo, eu deveria estar, na real, prestando atenção no que a pessoa está falando comigo. Se é no trabalho ou em casa e a pessoa me chama eu posso “Ah, desculpa, fala de novo”, mas se é o professor que fala meu nome é porque “Ô, te liga!”. Mesmo que seja numa faculdade de Jornalismo eu acho que eu devia estar ali prestando atenção no que está acontecendo. Eu não consigo prestar atenção em duas coisas.

Fica evidente, assim, que os leitores ainda estão em fase de adaptação com alguns aspectos da navegação, mas que, de modo geral, já desenvolveram nítidos ritos de percurso na *Web*, ritos, aliás, bastante diferentes daqueles que vivenciam na leitura do jornal impresso. Detectou-se que, no papel, a diagramação faz com que dentro de uma mesma página as pessoas leiam as notícias sem linearidade, mas a ordem das

páginas é, em regra, mantida, dado que poucas vezes frases indiciais da capa são usadas como atalho para alguma informação. Na tela, por outro lado, não só o movimento dos olhos rompe a sequencialidade da leitura, mas principalmente o clique, que faz com que os dados troquem continuamente de cenário. Tensionando essas peculiaridades de cada meio verificou-se, por fim, que a leitura do jornal tradicional, na opinião dos leitores entrevistados, traz vantagens como diversidade e profundidade, enquanto que os benefícios da leitura do webjornal estão relacionados à personalização e à versatilidade.

7.3.3 Os ritos multimidiáticos

Sobre o uso de recursos multimídia, os informantes pouco falaram, sendo que esse silêncio já esboçou uma das primeiras constatações sobre o tema: a exploração ainda restrita dessas possibilidades. Entre os 16 entrevistados, por exemplo, nove afirmam às vezes clicar em vídeos, mas apenas o leitor 4, que tem 27 anos, relata acessá-los com frequência, de modo a apontar para a futura configuração de um rito. O uso de áudios é ainda mais limitado: apenas um leitor, também do sexo masculino, tem por hábito acioná-los e dois, com menos de 30 anos, dizem clicar esporadicamente, apesar de ambos confessarem ser o áudio o recurso de que menos usufruem. Há, portanto, uma sinalização de que os ritos multimidiáticos tendem a ser estruturados, principalmente, no cotidiano de homens jovens. Entre as mulheres, a utilização dos recursos de áudio e vídeo se mostrou quase nula, dado que somente uma escuta áudios e duas assistem a vídeos, sem que haja assiduidade em nenhum dos formatos de linguagem. O quadro abaixo⁶⁵ sintetiza as informações que conduziram a tais conclusões:

⁶⁵ As linhas em cinza referem-se aos *leitores substitutivos*.

Quadro 7: Exploração dos recursos de áudio e vídeo pelos leitores entrevistados.

Leitor	Trabalho permite?	Acessa áudios?	Acessa vídeos?
Leitora 1	Não	Às vezes	Às vezes
Leitora 2	Não	Não	Às vezes
Leitor 3	Sim	Não	Às vezes
Leitor 4	Sim	Às vezes	Sim, bastante
Leitor 5	Não	Não	Às vezes
Leitora 6	Não	Não	Não
Leitora 7	Não	Não	Não
Leitor 8	Não	Sim, em casa.	Às vezes
Leitor 9	Sim	Não	Não
Leitora 10	----	Não	Não
Leitor 11	Não	Não	Às vezes
Leitora 12	----	Não	Não. Desistiu de tentar.
Leitor 13	Não	Não	Às vezes
Leitor 14	Sim	Não	Às vezes
Leitor 15	Não	Não	Não
Leitor16	----	Não	Às vezes

Nem mesmo as fotos costumam ser muito acessadas no webjornal. O leitor 3 foi o único a enfatizar a necessidade de vê-las: “Como no ônibus para o trabalho vou escutando notícias no rádio, quando chego, busco na Internet aquilo que fica no inconsciente de ver imagens. Sou muito de querer ver imagem”, diz ele. Entre os demais, seis inclusive fizeram questão de deixar clara sua preferência por olhar fotos na versão material: “No impresso, às vezes o que chama a atenção para a gente ler a notícia é justamente a foto e na Internet não tem muito isso. É mais pelo título das notícias”, analisa a leitora 12.

A principal explicação que os entrevistados trouxeram para isso é o fato de no papel a foto já vir exposta: “No *site* geralmente eu clico com mais rapidez até chegar na

notícia que me interessa e acabo não prestando muita atenção, mas na impressa eu sou obrigado a ver a foto quando estou folheando”, justifica o leitor 9. “Aí é mais fácil. É só olhar, não tem o passo a mais de ter que clicar para baixar ou abrir a janela”, fala o leitor 11, também endossando a suposição trazida por Canavilhas (2008) de que o esforço suplementar demandado na leitura multilinear pode ser visto como um entrave para a ritualização de algumas práticas.

A leitora 6 pensa que além de tornar o processo mais trabalhoso, essa necessidade de clicar prejudica a integridade da notícia: “Com esse negócio de ter que ficar abrindo fotinho e outras coisas, a matéria perde o todo. Se tu quer entrar na notícia tem que pegar tudo separado e ir meio que compondo. Ah, não gosto de tudo quebrado!”, reclama a entrevistada. O leitor 14, por sua vez, contrariando a ideia de que no webjornal fragmentos de imagens, som e textos atuam em equilíbrio, defendida, entre outros, por Mielniczuk (2002), acredita que ter essas células multimídia “escondidas atrás dos *links*” dá na mesma que não as ter:

Eu acho que a transmissão da imagem na reportagem impressa te cativa mais, te apresenta mais, tu já tem diversos tipos de linguagem juntas ali, agregadas na folha do jornal. Isso é uma coisa que tu está acostumado a vida inteira. E na outra tu só tem palavras escritas e algumas propagandas na volta. Não te passa uma informação mais completa, tá acabando num texto.

Observa-se que em vez de reconhecer mais formatos de linguagem atuando conjuntamente na construção das webnotícias, esse leitor percebe o oposto: o texto como elemento ainda mais preponderante que na versão impressa, uma vez que é por meio dele que geralmente se faz o encaminhamento para os componentes multimidiáticos do conteúdo noticioso. Isso indica que, para agradar os leitores, ao menos os aqui analisados, a integração das linguagens precisa ser aprimorada; os recursos multimídia precisam ser expostos em um mesmo nível de informação, como parece ser a proposta do infográfico.

A leitora 1 diz clicar em imagens na Internet só quando são infográficos. Ela detalha não gostar dos que trazem o passo-a-passo de algum fato e apreciar os que dão de linha de tempo. A entrevistada considera que, enquanto as fotos, apesar da melhor definição, são bastante prejudicadas em sua aplicação na *Web*, os infográficos não mudam muito de uma versão para outra. Ela comenta:

No impresso a foto tem um peso maior. Na *Web* a foto geralmente está minúscula na chamada, tu vai no texto e não tem. No impresso, quando eles põem a foto é para ser importante; na *Web* não é tanto, seria mais um chamariz. É por isso que ali eu só olho quando é infográfico. Acho que a diferença entre infográfico na *Web* ou no jornal impresso está só na questão do tamanho ou de informação para cada “pedacinho”. Quando eu vejo infográfico no jornal, eu vejo grande, com um textinho para cada ponto.

O leitor 11 também só olha fotos quando expostas, mas diz clicar em tabelas e gráficos de notícias econômicas que julga relevantes. Contudo, ele relata comumente frustrar-se, ou por não ver nos gráficos nenhum conteúdo adicional ao já expresso no texto ou por perceber que o que está óbvio no gráfico, os jornalistas despendem diversas linhas para escrever e ainda o fazem sem criatividade e isenção. Enquanto autores como Ribas (2004) acham que há uma tendência para que o texto torne-se complementar ao modelo infográfico multimídia na produção webjornalística, depoimentos como o do leitor 11 demonstram que esse processo ainda deve demorar: “Às vezes me parece que fazem um gráfico lá para pessoas que não querem ler, só querem olhar o gráfico... O título da notícia e o gráfico. Ou, às vezes, até para preencher espaço, talvez, não sei. Tem que ter o gráfico e uma boa análise”, afirma ele, demonstrando não concordar, ao menos por enquanto, com a proposta mais visual e menos textual da *Web*.

No que diz respeito a áudios e vídeos, os leitores, embora pouco os explorem, acham que crescem mais conteúdo. A posição do leitor 4, o mais assíduo usuário dos vídeos, é a de que os audiovisuais ampliam sua compreensão: “Vídeos eu sempre vejo, porque me ajudam a entender a notícia”, argumenta ele. O leitor 16 destaca também a importância do vídeo para reforçar ideias e agregar veracidade aos fatos: “Lembro quando vi aquele vídeo em que o presidente falou palavrão naquela inauguração, com autoridades. Tive que ver para acreditar”, exemplifica ele. Já o leitor 14 levanta a importância do vídeo para contextualizar melhor a notícia: “Numa entrevista transcrita, tu não vai ter a percepção da expressão da pessoa quando ela fala, e isso pode mudar o sentido de uma frase”. O leitor 3 lembra de uma experiência em que o vídeo foi decisivo para tornar preciso o sentido da notícia:

Normalmente eu acho que pelo vídeo tu vê a mesma coisa que já estava escrito na notícia. Não chega a trazer algo novo. É bom só para ilustrar a imagem, marcar na tua cabeça que tu viu a situação. Mas já aconteceu de eu ver um pouco diferente. Nessa última enchente, por exemplo, o vídeo era um pouco mais pesado. Na notícia dizia como é que estava a situação, só que, vendo no vídeo, eu achei que estava mais grave.

Os leitores 8, 9 e 14, todos do gênero masculino, quando acessam materiais multimídia, geralmente são sobre esporte: “Não costumo clicar em vídeos e áudios. No

site eu tenho interesse em reportagens mais curtas, rápidas e atualizadas. Dificilmente vou procurar me aprofundar. Só uso para ver gols, porque o gol, mesmo descrito, ele não é a mesma coisa que ver”, afirma o leitor 9. A utilização do leitor 14 também se esgota nos gols. Ele destaca a possibilidade de fazer essas consultas em horários variados: “Antes passava a rodada do campeonato e, ou tu via no Jornal do Almoço, ou tu via no Jornal da Globo, de noite, e depois tu não via mais, acabou. Agora, se tu quer, vai lá e está à disposição”, comenta.

Já o leitor 8, além de ver cenas dos jogos, conta também acessar muitas entrevistas esportivas, pois entende que os jornalistas, ao analisarem-nas, acabam escolhendo algumas faces a serem mostradas e produzindo notícias tendenciosas. Ir para a referência original e ouvir na íntegra é, para ele, uma forma de ampliar a credibilidade: “Geralmente na leitura ali eles passam uns pedacinhos só, então, eu vou ver no áudio e ‘Ah, o cara falou outra coisa’. Tiram às vezes do contexto, assim, e eu acho estranho. A entrevista ali deixa mais completo”, constata o entrevistado.

A leitora 1, no entanto, acredita que a Zero Hora ainda tenha muito a melhorar na elaboração desse tipo de material. De acordo com Becker e Lima (2007), os webjornais são deficientes na produção de audiovisuais porque estes têm um custo de produção elevado. A leitura 1 compreende esse fato, mas destaca que o esforço dos leitores para acessá-los também não é nulo e que, por isso, deveria haver, por parte dos veículos, uma preocupação maior em compensar a dedicação empreendida por eles. Ela dá seu parecer:

Acho que *Web* e TV usam a imagem mais só por só ser imagem. Como um vídeo de um ônibus desgovernado: quando vi não era tão expressivo, mas era só para dizer “Olhem, nós tivemos acesso a essas imagens e botamos aqui o vídeo para você”. Posso estar esquecendo de algum que eles fizeram em especial, mas é mais assim: “Fulano captou isso na rua”. Se fosse uma foto, talvez nem usariam, porque inclusive a imagem era ruim. O vídeo, para mim, – a maioria, não todos – é mais a questão de se exibir.

Foi por concordar com ela, que a leitora 12 diz, depois de diversas tentativas fracassadas, ter perdido a vontade de acessar os áudios e vídeos. Ela também alerta para um descompasso na relação “custo-benefício”: “Eu nunca conseguia ver porque tinha que instalar o *plug-in*. Instalei e não funcionou. Depois de tantas vezes clicar e não ter sucesso, eu acho que desanimei em relação a isso. É muito trabalhoso, demora muito pra baixar e não vale a pena”. Todos os outros entrevistados que pelo menos às vezes acessam recursos multimídia também reclamaram das dificuldades técnicas. A lentidão

no carregamento foi um dos argumentos mais citados como justificativa para a subutilização de tais recursos, lado a lado com as restrições impostas nos locais de trabalho: “Eu até gostaria algumas vezes de acessar um vídeo, alguma coisa, mas a empresa bloqueia. Então, é uma ferramenta que eu acho interessante, mas no meu caso é difícil”, afirma o leitor 15, representando a opinião de outros oito entrevistados que são proibidos de acessar áudios e vídeos em ambiente profissional.

De acordo com o exposto na seção 4.3, os recursos multimídia apresentam grande desalinhamento entre o potencial que armazenam e os usos que efetivamente implementam nos webjornais (CANAVILHAS, 1999; BUITONI, 2007). O cenário encontrado em *Zerohora.com* foi condizente com essa informação, dado que, dos quesitos técnicos analisados, esse pareceu ser o menos inserido nas rotinas produtivas do jornal e, por consequência, o menos explorado por seus leitores. Os sujeitos da pesquisa não demonstraram ver nos materiais multimídia oferecidos pela empresa de comunicação um diferencial capaz de motivá-los a ritualizar o acesso. No caso das imagens, eles salientaram negativamente seu emprego muito discreto e a redundância com relação ao texto. Já no que diz respeito aos áudios e vídeos, foram criticados o amadorismo das produções, a baixa relevância dos conteúdos e os obstáculos de ordem técnica. Aliadas aos bloqueios de acesso impostos pelas instituições onde trabalham e à escassez de tempo e paciência dos entrevistados, essas questões acabam fazendo com que a multimídia ainda pouco influencie nas práticas e ritos cotidianos dos leitores.

7.3.4 Os ritos de atualização

A questão da atualização mostrou-se bastante polêmica, uma vez que foi o quesito em que mais claramente se pôde observar diferenças entre o perfil dos *leitores substitutivos* e *cumulativos*: enquanto o que estes buscam na *Web* é especialmente atualização instantânea, aqueles parecem inconformados com a consequente perda de profundidade das notícias. O leitor 8, que lê apenas a versão *on-line*, por exemplo, ao comparar o webjornalismo com o radiojornalismo, realça a instantaneidade de ambos,

mas destaca que na Internet, ao contrário do que acontece no rádio, isso desqualifica a informação:

Na Internet não tem muita reportagem mesmo, aquela coisa investigativa, sabe? Que os caras começam do básico, aí explicam o que é, porque aquilo ali pode acontecer. Vão atrás mesmo. Para que os caras vão fazer uma reportagem cara desse nível se fazendo uma pior vende igual? Hoje em dia, as pessoas estão muito atrás de notícias instantâneas, mas acho isso artificial. Fica meia dúzia de notícias girando ali e tu lê vinte vezes a mesma coisa. Ah, “Yeda se defendeu”... Tá, mas se defendeu do quê? Onde? Por quê? Tu nunca consegue saber exatamente o que tá acontecendo, sabe? No rádio os caras sabem do que estão falando e te contextualizam melhor.

Por outro lado, os entrevistados que esperam encontrar na *Web* apenas conteúdos complementares ao lidos no jornal em papel não veem como algo tão prejudicial essa questão da falta de profundidade: “Se eu achar que aquela notícia do *Zerohora.com* é curta, eu tenho a opção de pesquisar a mesma notícia em outro *site*, o problema seria ser curta no impresso, porque aí não tenho várias opções a mão e fico só com aquilo ali”, compara a leitora 2. O argumento do leitor 9 é outro; como ele costuma efetuar uma leitura densa e variada nos jornais tradicionais, nos webjornais o sentido de seus ritos está exatamente nas notícias resumidas:

No *site* eu não tenho interesse em ler as notícias maiores. Quando eu acesso a página, eu busco informações mais rápidas e mais atualizadas. Já aconteceu de ler uma notícia inteira no *site*, mas é mais raro, porque como eu leio já dois jornais durante o dia, às vezes três jornais, dificilmente sinto essa necessidade de me aprofundar no *on-line*.

A leitora 1 não tem dúvidas de que as notícias são mais superficiais na Internet e, por essa razão, assume: “Eu fico com a consciência mais limpa se eu leio impresso”. No entanto, ela, até por estudar Jornalismo, entende que se trata de uma característica do meio:

A Internet tem um leque maior, mas um conteúdo menor, porque a *Web* é mesmo pensada para quem talvez disponha de menos tempo. No impresso tu pode consultar depois, mas na *Web* não faz sentido colocar texto grande, porque é mais para circular rápido. Entendo isso e vejo como coisas complementares, mas quando acesso só a *Web* eu me culpo, fico com aquela coisa “eu li, mas eu ainda deveria ter lido o impresso”. Se eu só leio o impresso, eu não penso “putz, não li a *Web*”.

O leitor 11, apesar de ser do grupo dos *substitutivos*, enquadra-se nessa categoria dos que dispõem de pouco tempo para ler na *Web*, mencionada pela leitora 1. Em função disso, ele demonstra uma opinião a respeito do tamanho das notícias ora condizente com um perfil de leitor, ora com outro: “Se é um assunto que me interessa bastante, é ruim só dispor de notícias enxutas; acabo tendo que buscar detalhes em

outras fontes. Mas se eu não estou muito interessado, é o suficiente, porque eu só quero saber de uma forma resumida mesmo”, esclarece. Para o leitor 13, o que realmente vai definir a compactação da notícia como algo positivo ou negativo é capacidade de síntese do jornalista: “Se o encarregado de unir a notícia consegue sintetizar para aquilo que realmente interessa, isso é bom, né? Agora, não saberia te dizer se acontece 100% das vezes, né? Muitas vezes eu lembro de, realmente, o resumo, não passar os dados essenciais”, afirma ele.

Entre os oito *leitores cumulativos*, apenas a leitora 6 acessa o jornal *on-line* uma só vez ao dia, à noite. Por esse motivo, seu intuito ao ler a versão digital, diferentemente do que explicitam os demais, não é o de manter-se atualizada segundo a segundo, mas sim de acessar conteúdos novos, que ainda não estavam presentes no jornal impresso que leu ao meio-dia. Dessa forma, ela deposita, algumas vezes, uma expectativa de aprofundamento nas webnotícias e comumente acaba se frustrando. Ela descreve:

Eu acho que a Internet tem uma variedade maior, mas que a informação da Internet é um pouco mais vazia. Mais chamativos, títulos, digamos, e menos conteúdo, no caso das notícias. Eu acho que no jornal eles têm um cuidado maior de publicar com mais, tipo, início, meio e fim ou mais conteúdo. Já na Internet, às vezes tem uma manchete ali, tu vai esperando uma notícia e é só uma informação geral. Por exemplo, “Desabamento em Angra mata 58 pessoas”, aí tu clica na notícia e a notícia é “Houve um desabamento em Angra que matou 58 pessoas”, sabe? É a mesma coisa! Isso que me irrita. Se é uma coisa que me interessa, procuro em outros lugares.

Mostraram-se amplamente satisfeitos, portanto, apenas aqueles leitores que têm o impresso como “o jornal do dia” e o digital como fonte para informações de última hora. É a situação do leitor 9, que tem essa distinção bem marcada em seus ritos: “De forma alguma o *on-line* substitui o impresso. No impresso, eu procuro diversidade, profundidade nos assuntos que são interessantes, que merecem ter profundidade. E no *on-line* eu procuro informação rápida e atualizada, BEM atualizada”. No outro extremo, o leitor 8 representa o ponto de vista daqueles que buscam atualização e aprofundamento em um mesmo meio:

O que importa para mim não é a velocidade da publicação, até porque como eu tenho pouco tempo para ler jornal, eu não vou ficar a cada 15 minutos ali dando F5 para atualizar a página. O que importa é tu pegar uma reportagem boa e digerir ela com o tempo, entender ela, se aprofundar, poder fazer tuas pesquisas também. Poder ter a tua opinião sobre o assunto, sabe? Os caras vão largando à pinga-gotas para tu ficar sempre acessando a página deles e eu acho um saco isso. Esses dias gravaram uma entrevista com um cara e foram publicando partezinha por partezinha da entrevista, para sempre ter algo ali, sabe? Não dá! Além disso, em trechos pequenos é muito fácil mascarar várias coisas.

Sobre essa fragmentação e rápida renovação das informações, os leitores 1 e 4, os únicos entrevistados que utilizam o *Twitter*, têm uma postura que diverge da do leitor 8. Tendo instituído o rito de acompanhar informações bem mais imediatas, eles avaliam a atualização dos dados de *Zerohora.com* como lenta, mesmo no *Twitter*, onde costumam “seguir-la”. “Eles são meio atrasados. Naquele dia do temporal, que não ia ter aula, eles anunciaram, mas não fiquei sabendo por eles, outros já tinham postado. Eles só fazem o funcional, mais é trânsito e tempo, sem ajudar nem atrapalhar. Nada que o *site* já não fazia”, exemplifica a leitora 1. O leitor 4 também relata ficar sabendo das informações com mais antecipação por outras pessoas e até elabora uma sugestão de melhoria para o posicionamento do veículo:

Eles fazem um negócio errado: em vez de colocar ali, sei lá, “Laçador foi derrubado por manifestantes”, eles demoram para postar para já botar junto um *link* de “leia mais”, aí tu clica e entra uma reportagem mais completa, mas eu acho que antes disso eles deviam colocar o que aconteceu, sabe, pra serem os primeiros a dar a notícia. Porque senão, tipo, é normal, assim, pessoas comuns que dão a notícia antes da Zero Hora.

As duas únicas leitoras que afirmam nem mesmo superficialmente acompanhar o desenrolar das notícias ao longo do dia, por seu turno, pensam que a Zero Hora peca um pouco pelo excesso. Segundo a leitora 10, a infinitude dos conteúdos gera estresse: “Se eu não fico atualizando a cada minuto, parece que nunca estou informada; tenho a sensação de que é muita notícia”, explica ela. A leitora 6 julga ótima a Internet para quem fica 100% do tempo conectado, mas esse não é o seu caso. Sendo assim, afirma que as modificações muito frequentes acabam atrapalhando, uma vez que dificultam a compreensão integral do fato. Do mesmo modo que Wolton (2004), ela acredita que a instantaneidade pode levar à falta de referenciais, conforme exemplifica:

Isso da ponte [sobre o Rio Jacuí -RS]: ela caiu de manhã, mas só vi de noite, aí já não era mais a notícia de capa que a ponte tinha caído, já era o resgate [das pessoas que estavam sobre ela durante o desabamento]. Então, acho que muda muito rápido. Às vezes perde o foco principal e já começa a ficar muito em detalhe. Entendo que é uma necessidade que foi sendo gerada pelo próprio meio. É por isso que eu gosto de ler a Zero no outro dia, porque aí tem desde o início, conta tudo, já tem uma coisa mais completa, assim, mais um resumo. Gosto de voltar no tempo para ler tudo que eu acho que falta.

Esse rápido deslocamento do foco da notícia para acontecimentos mais periféricos é um dos motivos que leva a leitora 1 a não se satisfazer com a versão *online*: “Na capa eles colocam mais coisas partindo da coisa do ‘agora’; atribuem mais importância ao tempo, ao último, do que talvez ao que é importante mesmo. Acho que também por isso que eu vou dormir mais tranquila quando eu li o impresso”, constata,

demonstrando grande apego aos ritos relativos ao jornal tradicional. Esse dilema entre urgente e importante está implícito também na fala do leitor 13, que ficou um pouco confuso ao descrever as consequências de, nos últimos tempos, vir ritualizando a prática de acompanhar um número maior de fatos diariamente: “Evidentemente que hoje é uma leitura mais rápida, mais superficial, mas tu acaba, em termos absolutos, acompanhando mais de perto as coisas. Então, acaba mais, mais... Ah, difícil! Não sei se mais informado, mas mais em contato com a informação”, reflete ele.

Essa diferença entre “sentir-se informado” e “em contato com a informação” ficou bastante clara pela quantidade de falas relatando que a memorização das informações costuma ser mais difícil no webjornal. Conforme mencionado no capítulo 4, pesquisas afirmam que quase 80% das pessoas não leem os textos palavra a palavra na *Web* e foi a essa superficialidade na leitura que a grande maioria dos entrevistados atribuiu o rápido esquecimento dos fatos: “Não lembro de quase nada que li hoje de manhã. É que faço uma leitura que meu professor costumava chamar de *leitura Z*, aquela que tu vai olhando assim, meio por cima”, admite o leitor 11. O leitor 15 diz que sentiu o esquecimento aumentar juntamente com o aumento da quantidade de informações lidas: “Acredito que eu lembrava de mais coisa quando eu lia o impresso, porque agora, embora de forma superficial, eu leio mais”. Na percepção do leitor 9, as notícias lidas no computador são pior absorvidas, “porque no *on-line*, o leitor procura notícias mais breves, clica só naquilo que realmente interessa e tem menos tempo para ler aquela notícia; enquanto que o leitor de jornal impresso, geralmente, ele fica mais tempo com o jornal em mãos”. Essa aceleração no tempo de leitura, bem como no tempo de atualização, são as razões apontadas pelo leitor 5 para que os dados mais rapidamente se esvaíam de sua mente:

Várias vezes eu tenho que voltar, porque li muito rápido, aí já estou em outra e “Bah, o que era aquilo?”, aí eu volto. A última vez que eu acessei *Zerohora.com* foi hoje à tarde, mas eu não lembro muito bem do que li. Eu só li as manchetes. Eu acho que grava mais no impresso. No impresso é mais normal, porque tu costuma lembrar da posição, tu nunca troca, mas no *on-line* às vezes tu começou a olhar, aí tu entrou, saiu e já trocou.

O leitor 4, no entanto, que também disse ter dificuldade para guardar as informações, pondera que não lembrar não é o mesmo que não ter lido: “Se tu me perguntar ‘tu lembra do que tu leu?’, ‘bah, não lembro’. Mas, tipo, se uma pessoa comentar ‘aconteceu isso e aquilo’, daí eu ‘ah, tá, eu li’, daí eu lembro que eu li, sabe, lembro do resto”.

Dois leitores, 1 e 3, disseram lembrar-se da mesma forma do conteúdo consultado *on-line* ou no impresso: “Gravo da mesma forma o que eu leio, porque leio com a mesma intensidade; o que determina o que vai ficar não é o meio, mas o conteúdo”, diz a leitora 1. O leitor 3, que também afirma ler ambas as versões em profundidade, relata inclusive uma tendência a absorver melhor as informações lidas no computador: “No jornal impresso eu leio mais, mas acho que no computador, quando eu pego uma notícia para ler, eu me concentro mais. Daí eu leio e já vou pensando sobre aquilo ali”, conta. A leitora 12, por fim, demonstra um posicionamento similar: “Eu acho que eu lembro mais da tela, porque eu leio com mais atenção. O jornal é um pouco que nem a TV... Às vezes está a TV ligada e eu estou só folheando o jornal. E a Internet não, a Internet já é uma coisa que eu vou mais para aquilo”, afirma ela, reforçando que cada meio sugere ritualidades distintas.

Como afirma Franciscato (2004), o produto jornalístico é fruto tanto do ritmo da vida cotidiana quanto da organização jornalística e, nesse sentido, não só os leitores vêm tendendo a se tornar mais relapsos diante das notícias, como também os jornalistas. Os dados levantados evidenciaram que para saciar as expectativas cada vez maiores de informação em tempo real, os jornalistas parecem estar tratando com negligência alguns valores essenciais de sua profissão, entre eles a qualidade textual, a precisão e a veracidade da informação. Os entrevistados disseram encontrar esses problemas tanto na versão impressa quanto na digital, mas foram unânimes em destacar que nesta última os encontram com mais frequência. Em contrapartida, pôde-se inferir que com o jornal *on-line* eles são mais tolerantes. Todos explicitaram, de uma forma ou de outra, estarem conscientes de que a pressa, conforme defende Soster (2003), é uma das principais causas do descuido. O leitor 11 explica:

Parece que, por uma questão de mercado, eles querem sempre sair na frente, ser os primeiros a divulgar e acabam pecando, na qualidade ou no geral: repetem o que os outros estão dizendo sem checar, divulgam coisas que não estão bem certas ainda, dão destaque exagerado para algo que nem é tão relevante. Eu acho que os jornais estão se tornando muito irresponsáveis.

No ponto de vista do leitor 16 essa falta de crítica na hora da produção da notícia acaba responsabilizando ainda mais o leitor. Ele faz questão de salientar que o seu senso crítico está sempre alerta: “Eles pegam aquilo ali e parece que não se debruçam para analisar se aquilo corresponde ou não corresponde à verdade. Parece que a Zero Hora ficou meio oficial. Ah, eu leio igual, mas claro que não vou engolir aquilo daquela

maneira”, expressa. O leitor 13 também relata fazer uma leitura bastante crítica, mas foi mais enfático ao separar a função do leitor e a do jornalista: “Minha primeira reação quando acho aqueles erros brutais é botar a culpa no estagiário (risos). Eu não tenho moral pra dar aulas de português pra ninguém, evidentemente, mas não gosto. Eu espero que eles saibam, afinal é a área deles”, afirma ele.

A leitora 12 vê os erros como desleixo, pois entende que poderiam facilmente ser evitados: “Até fico meio chateada, porque, para publicar rápido, a pessoa descuida certas coisas... Acho isso meio bobo, porque se tu vai demorar cinco minutos a mais pra publicar a notícia, tu podia corrigir esses erros, acho que isso dá até mais credibilidade pro jornal”. Outros leitores, entre eles a 6, também pensam assim, e, por isso, dizem confiar mais na versão impressa: “Quando tu vê um erro não te dá aquele tesão de ler, né? Porque já começa muito mal. Nesse sentido, eu acho que a Internet é menos confiável. Acho que o jornal, ele tem uma revisão, um refinamento da notícia, ele tem um acabamento melhor”, explica ela, que, assim como os demais acima citados, concebe essas falhas como um obstáculo à ritualização da leitura *on-line*.

O leitor 11 acrescenta que na Internet o “estrago” tende a ter maiores proporções, na medida em que rapidamente os equívocos se reproduzem. Ele traz o exemplo das denúncias, que em segundos, antes mesmo de serem provadas, já estão em todos os webjornais. Em função dessa inconsequência com o conteúdo, o entrevistado conta já ter deixado de ler temporariamente alguns jornais digitais: “Quando acho que a coisa está andando num caminho de desrespeito com o leitor, com a inteligência do leitor, prefiro ficar um tempo sem ler”, afirma ele, mais uma vez deixando patente que a qualidade textual influencia na (des)construção de rituais midiáticos.

Um dado interessante foi a quantidade de leitores que costuma compartilhar os erros encontrados. Em geral, as pessoas mostraram-se razoavelmente tolerantes com erros de digitação, mas diante dos demais disseram sentir-se provocadas a comentar: “Quando vejo um erro normalmente eu mostro pra alguém. ‘Bah, olha isso aqui, tá loco, muito burro’. Normalmente afeta a credibilidade”, conta o leitor 4. O depoimento do leitor 13 manifesta que as críticas andam mais rápido que as boas intenções: “Pra Zero Hora jamais mandei correção, mas para os amigos e contatos mando direto, para avacalhar ainda mais!”. A imagem do veículo fica mais prejudicada quando ocorre alguma exposição pública, como esta relatada pela leitora 1:

Tipo, “Metallica” esses dias estava com dois “T” e um “L” só. Eles só trocaram. Talvez só os fãs tenham percebido, mas, igual, perceberam, entendeu? E depois corrigiram. Algum fã deve ter ligado ou algum jornalista de lá mesmo percebeu. Eu não tive vontade de ligar e tal, mas eu emputeci; xinguei no *Orkut* assim: “Olha ali!”, porque acho que quando a mídia erra tem que ser “chineleada” mesmo.

Reações mais brandas foram evidenciadas no caso dos leitores 14, 15 e 16. Os três disseram que diante de erros apenas criam a expectativa de que uma errata logo resolverá o problema. Essa postura possivelmente justifica-se pelo fato de serem eles os entrevistados de mais idade e, portanto, estarem acostumados com uma cultura de atos mais formais de correção. Quando encontra um equívoco na versão impressa, o leitor 16 diz esperar ansioso pela correção no dia seguinte: “Vejo na próxima edição se já corrigiram. E, geralmente, corrigem”, afirma ele. “Eu tenho a confiança de que a Zero Hora coloca errata quando erra. Sempre quando eu assinei Zero Hora, foi assim. Já no *site* é difícil, pois as notícias vão passando. Mas eu acredito que seja colocado e é importante se colocar uma errata”, diz o leitor 14.

Ainda no que diz respeito às correções, cinco leitores disseram já ter postado alguma retificação em *blog*, mas apenas um efetuou correção em *Zerohora.com*. Ao tentarem explicar por que às vezes enviam correções a *blogs* e não o fazem no webjornal, os leitores afirmaram que não costumam corrigir em grandes *sites* porque sabem que alguém fará: “Até me passava pela cabeça mandar alguma coisa, mas não tive a atitude de mandar porque ‘ah, acho que eles já perceberam’”, explica a leitora 10. O leitor 5, que trabalha com informática, não percebe muitos erros de português, mas reclama dos erros de servidor. Diz já ter tido vontade de mandar um *e-mail* com o currículo anexado: “Me contratem que isso não acontece mais”.

No que tange aos assuntos sobre os quais as pessoas buscam estar atualizadas, são, na maioria das vezes, aqueles que a empresa de comunicação julga que devem estar na capa. Apenas o leitor 3 disse utilizar com razoável frequência a ferramenta de busca para ir atrás de temas específicos, para além dos em destaque. Isso, em parte, se justifica pela própria lógica das notícias na Internet, que, de acordo com o exposto na seção 4.4, favorece o encurtamento da periodicidade e da “validade” do presente, mas também pela limitação que as ferramentas de busca e a estruturação das bases de dados ainda apresentam. “Esse lance de bancos de dados inteligentes seria muito bom, facilitaria para coisas muito específicas, mais para pesquisas, trabalhos mesmo. Mas funcionando... Só vejo em filmes”, diz a leitora 1, alertando para o distanciamento ainda

existente entre teoria e prática quando o assunto é o webjornalismo de quarta geração (FIDALGO, 2003; SCHWINGEL, 2005; BARBOSA, 2006).

A busca é vista pelos entrevistados mais como uma forma de recuperar assuntos antigos (nas escassas vezes em que isso se faz necessário) do que como uma maneira de reorganizar os dados. E mesmo assim, ela é pouca utilizada. Palacios (2002) exalta a memória múltipla, instantânea e cumulativa dos webjornais, mas se evidenciou que, quando o tema é memória, os leitores acabam apelando mesmo é ainda para as rígidas possibilidades da versão impressa: “Às vezes tu está procurando por um assunto específico que tu quer saber ou que tu sabe que já saiu lá, mas não está mais na capa, aí não é fácil de achar. Às vezes é mais fácil tu achar no impresso do que na *Web*”, constata a leitora 7. O leitor 3 contrasta essa limitação com suas expectativas: “Quando é uma notícia passada, se eu souber o dia, já vou direto naquela versão impressa, mas, se não sei, é complicado. A busca ideal seria aquela que eu bote ali a palavra-chave e entre já na notícia ou em uma lista de *links* relacionados”. Sem ter em Zero Hora essa busca ideal à disposição, o leitor 9 confessa optar pelo *Google*: “Para achar uma notícia em *Zerohora.com* sem perder muito tempo, eu uso o *Google*. Escrevo o assunto e a palavra ‘Zero Hora’ para que caia especificamente no *site*, no *link* que me interessa”. A leitora 12, por fim, reitera todas essas dificuldades:

Já aconteceu de eu querer recuperar uma coisa passada. Isso é meio ruim, porque eu tento fazer busca e nunca deu certo. Daí eu tenho que olhar pelo histórico e às vezes é meio difícil, pois são tantas notícias. Quando eu quero uma coisa mais específica, eu vou nas edições impressas. Uso aquela versão escaneada, pois ali eu me situo melhor no tempo. Sinto falta de uma busca mais organizada.

Observam-se, nesse caso, aprimoramentos técnicos sendo buscados para solucionar necessidades criadas pelo próprio emprego da tecnologia. As possibilidades técnicas encurtam os tempos, e as pessoas, na tentativa de incorporar as novas noções temporais em seus ritos, acabam retroalimentando um constante processo de aceleração do mundo e das ações que nele habitam. “O rito impõe o próprio ritmo ao tempo e muda a progressão prefixada dos números com que nós costumamos marcar o nosso devir” (TERRIN, 2004, p. 249). Assim, as ritualidades, influenciadas pelas tecnicidades, parecem estar levando ao encolhimento das unidades de medida do tempo humano e, imersa nesse contexto, a leitura, conforme se pôde perceber, acaba sendo reconfigurada: enquanto a redação de notícias tende a tornar-se mais resumida e repleta de inconsistências, a leitura parece tornar-se fugaz e menos aprofundada. Em contrapartida,

nunca se pode ler tantas notícias, sobre tantos assuntos, em tão pouco tempo. Esses prós e contras mais uma vez apontam para a necessária complementaridade entre os meios e entre as práticas dos leitores.

8 SUBSTITUIÇÕES E COMPLEMENTARIDADES DOS MEIOS

Como confluência dessas práticas e ritos referentes aos tempos, espaços, suportes de leitura e aos usos dos recursos tecnológicos, delinearam-se três tipos de leitura: a *leitura de contextualização*, a *leitura de atualização* e a *leitura de projeção*. É importante destacar que essas modalidades não se excluem e que, por outro lado, nem todos os leitores realizam todas essas modalidades. Apresentar as peculiaridades de cada uma delas e mostrar como os ambos os meios aqui abordados, jornal impresso e webjornal, convivem e constituem a leitura jornalística contemporânea é o intento deste capítulo.

8.1 A *leitura de contextualização*

A *leitura de contextualização* é aquela em que o leitor estabelece seu primeiro contato com as notícias do dia. É uma leitura de base, em que as pessoas buscam um panorama dos cenários local e global para que possam inserir-se e situar-se na realidade. “É quando me inteiro do que está acontecendo, quando entro no mundo externo”, define

o leitor 15. Geralmente essa leitura abrange grande diversidade de assuntos e é efetuada com atenção e profundidade, em momento reservado exclusivamente para esse fim. Para todos os entrevistados essa leitura é um rito, sendo que os *leitores cumulativos* optam por realizá-la no formato impresso, migrando para o webjornal apenas nos dias em que, por alguma razão, não têm acesso ao jornal em papel.

Em cada um dos formatos, a *leitura de contextualização* acaba agregando particularidades, mas é possível que se detectem traços comuns. A começar pelo local de leitura: 13 leitores dos 16 entrevistados executam essa leitura em ambiente profissional, sendo que os únicos três (10,12, 16) que leem em casa são aqueles que não possuem vínculo empregatício formalizado. No que diz respeito ao horário, o padrão é a primeira hora da manhã. Cinco leitores, no entanto, por trabalharem em empresas em que o acesso a *sites* de notícia só é liberado ao meio-dia, se veem obrigados a ler no intervalo do almoço. Ainda sobre o horário, percebeu-se uma diferença entre os *leitores cumulativos* e os *substitutivos*: enquanto os primeiros costumam ler todo o jornal impresso de uma só vez, os segundos abrem o *site* logo que chegam a seus locais de trabalho, dão uma olhada geral e seguem lendo ao longo da manhã.

Conforme já mencionado, essa leitura matinal costuma ser ampla, aliás, a mais ampla entre as demais modalidades que serão apresentadas a seguir: “Nessa primeira leitura eu tento ler um pouco mais, né? Nem sempre eu leio a notícia inteira, mas dou pelo menos uma olhada em quase todas as notícias”, conta o leitor 11. O leitor 4 explica que além de ter um caráter mais genérico, a *leitura de contextualização* é mais intensa: “Quando chego, dou uma lida mais forte para ter uma noção do dia. Nessa tenho mais concentração”. A leitora 1 faz essa leitura introdutória sempre ao meio-dia e classifica-a como “obrigatória”. Ela detalha:

A leitura que eu faço meio-dia é como se substituísse a leitura do jornal impresso, com tempo menor, só que como se fosse obrigatória; em relação à noturna, é mais profunda. A leitura na hora do meio-dia para a noite está como o impresso para a do meio-dia, um pouco mais aprofundado.

Em termos de tempo, essa é a leitura mais extensa, durando de 15 minutos a 2 horas. A leitura do jornal impresso tende a demorar mais que a leitura do webjornal: “Vamos dizer, assim, que eu gaste uns 20 minutos olhando a Zero Hora virtual. Mas quando eu acessava o impresso, era o dobro desse tempo”, ilustra o leitor 15. Na versão em papel as pessoas relatam despender pelo menos 30 minutos, enquanto que na tela leem no máximo meia hora ininterrupta, seguida de acessos mais curtos. Em razão de

ser mais prolongada, a *leitura de contextualização* foi eleita a que melhor é armazenada na memória.

Talvez seja também por ser mais longa que essa leitura apresentou-se como a mais imbuída de funções sociais extras, isto é, o que as pessoas buscam nela vai além do “conhecer determinados assuntos”. Em geral, o sentido desse rito não está só no conteúdo lido, mas no sentimento de estar em dia com os deveres de cidadão, de estar informado e apto a compreender o mundo, de não passar por alienado diante dos outros, de ter assuntos para conversar com as pessoas, entre outros. O exemplo trazido pela leitora 1 expressa um dos sentidos transcendentais de sua leitura:

Uma coisa que eu admiro no meu pai é não ter rua que ele não conheça, então eu quero dizer assim: “Ó, pai, estou sabendo de alguma coisa”. Com a minha mãe é mais artesanato. Se eu vejo que terá feira em algum lugar, eu leio para contar pra ela. Aproveito essa hora também para agradecer meu namorado: se aparece alguma coisa de *games*, que ele ama, eu leio.

No que diz respeito à utilização de ferramentas de participação, esse momento apresentou-se favorável para a leitura e publicação de comentários e para a votação em enquetes. Já para o uso de recursos multimídia, esse período mostrou-se pouco apropriado, uma vez que acessar vídeos, por exemplo, é uma ação que os entrevistados vinculam a uma concepção de lazer, de diversão, sendo, pois, uma prática incoerente com as demais tarefas efetuadas em ambiente profissional. Nesse caso, observou-se o agravante das próprias empresas bloquearem o acesso, mesmo fora do horário de expediente.

Com relação ao uso do hipertexto, observou-se raro no caso da leitura em papel e, evidentemente, bastante explorado na leitura em monitores. No jornal impresso, como anteriormente exposto, somente três leitores utilizam com frequência o índice da capa como atalho para as notícias que julgam interessantes. Os demais costumam ter um comportamento que se aproxima ao da leitora 6: “Vou na ordem, dando uma olhada geral nas matérias, nos títulos, e lendo o que acho importante. O que começo a ler leio até o fim. Eu acho que eu leio tudo, não tem alguma coisa que eu pule e também não tem nenhuma que eu vá direto”, descreve ela. Da mesma forma, outros 11 entrevistados consideram padrão ler até o fim aquilo que começam, e mais 12 afirmam passar os olhos por toda a edição.

Alguns leitores, no entanto, costumam não se deter em uma ou duas seções específicas, como é o caso da leitora 7, que expressa seu desconforto diante da seção policial: “Quando eu olhava o jornal, olhava inteiro, desde o início, mas às vezes talvez eu não chegasse até o fim, porque no final tem umas coisas fortes”. No caso do leitor 15, a única seção “pulada” era a social: “É uma coisa que eu vejo que é muito local, só tem gente de Porto Alegre. Não tenho interesse nenhum naquilo ali, não conheço aquelas pessoas, não vivo naquele ambiente”, justifica o morador de Brasília. E assim vários leitores apresentaram motivos pessoais para não ler alguns temas, porém sempre salientando tratar-se de exceções.

Já no caso da leitura *on-line*, apenas três procuram passar por todo o conteúdo publicado. Entre os restantes, sete chegam a confessar que olham quase que exclusivamente as notícias de capa, induzindo que se conclua que a *leitura de contextualização* feita *on-line* abrange uma gama menor de assuntos. Sobre o ordenamento e a completude, apenas três leem em sequência, e nove leem até o fim. Desses nove, um ainda admite não efetuar uma leitura contínua: “Às vezes, vou pulando parágrafo por parágrafo, pegando alguma frase central dentro daquele parágrafo e vou mais ou menos tentando assimilar o conteúdo da reportagem, mas vou até o fim”, conta o leitor 13. No caso dos outros sete, os que não leem até o fim, a justificativa tende a estar atrelada ao hipertexto, como explica o leitor 5: “No *on-line* nem sempre vou até o fim. Troco mais rápido para outra, porque geralmente já tem outro *link* aberto. Sei lá, talvez por ansiedade, assim. E aí tem que ser rápido para a gente sempre ver outras coisas, né?”.

Se a leitura *on-line* é aparentemente mais rápida e superficial, por outro lado, mostrou-se também mais multifacetada, uma vez que 12 dos 16 entrevistados contam ter, com a Internet, consolidado o rito de ler mais de uma fonte. O leitor 3 faz uma comparação com a leitura do jornal em papel: “Lendo o jornal *on-line* tu tem várias fontes com opiniões diferentes, né? Aí sim tu consegue ver o posicionamento de cada uma de forma mais clara. No impresso tu até te identifica com o posicionamento, mas tu não tem tão fácil um referencial de outro local para comparar”, analisa. O leitor 16, por exemplo, diz usar uma única fonte na leitura impressa, mas reclama que, com o tempo, os conteúdos se tornam repetitivos e previsíveis. Por essa razão, ele costuma cada ano assinar um jornal diferente. Já na leitura digital, ele acessa em média quatro fontes, com o intuito de tornar a sua leitura ainda mais completa: “Se eu já vi mais de uma vez

aquela notícia, passo para outro jornal e olho alguma coisa nova. Eu vou pegando parêntese, e aí o que me interessa, eu abro. Tem que ver outra opinião, não é aquela coisa de sempre”, argumenta ele.

Pode-se observar, portanto, que, segundo resume o **Quadro 8**, fazer uma *leitura de contextualização* no meio impresso e fazer uma *leitura de contextualização* no meio digital são processos distintos. Reservadas as nuances de cada suporte, pode-se, enfim, caracterizar essa modalidade de leitura como sendo uma leitura matinal, que se dá tanto em papel quanto em tela, geralmente em ambiente profissional, com duração de 15 a 30 minutos na *Web* e de 30 minutos a 2 horas na versão impressa. Quando efetuada em versão *on-line*, explora escassamente as possibilidades multimídia, mas faz uso constante dos recursos de interação e do hipertexto. O hipertexto é utilizado principalmente com as finalidades de promover uma leitura mais profunda e desordenada e de facilitar a seleção dos conteúdos e a consulta a outras fontes. É uma leitura profunda, que demanda concentração, tendo, portanto, bom grau de absorção e memorização. Foca assuntos genéricos, sendo que na leitura em papel consultam-se mais dados em menos fontes e na leitura digital consultam-se assuntos menos variados, mas sob um número maior de perspectivas. Por fim, como sugere sua denominação, essa leitura tem como objetivo primordial situar o leitor na micro e macro realidade que o envolve.

Quadro 8: Resumo das características da *leitura de contextualização*.

Categoria analítica	<i>Leitores cumulativos</i>	<i>Leitores substitutivos</i>
Suporte	Papel.	Tela.
Horário	Cedo da manhã ou ao meio-dia.	Ao longo da manhã.
Local	Predominantemente no trabalho. Duas pessoas leem também em casa e uma lê sempre casa.	Predominantemente no trabalho. Duas pessoas, que não possuem vínculo empregatício, leem em casa.
Uso dos recursos de interação	Limita-se à leitura da página do leitor.	Leitura e publicação de comentários e votação em enquetes.
Uso do hipertexto	Para se deslocar diretamente da capa para certas notícias ou, por meio da diagramação, de prover a leitura alinear das notícias dentro de uma mesma página.	Para promover uma leitura mais profunda e desordenada e facilitar a seleção dos conteúdos e a consulta a outras fontes.

Uso dos recursos multimídia	Consulta a textos e imagens.	Escasso e focado predominantemente em infográficos.
Duração	Pelos menos 30 minutos.	No máximo 30 minutos.
Profundidade	Alta.	Média.
Memorização	Alta e ampla.	Média e restrita.
Amplitude de assuntos	Grande quantidade de assuntos genéricos em poucas fontes.	Quantidade razoável de assuntos genéricos em diversas fontes.

8.2 A leitura de atualização

A *leitura de atualização* é aquela em que o leitor costuma informar-se sobre os novos acontecimentos que irrompem no decorrer do dia ou sobre a evolução de fatos que venha acompanhando. É uma leitura rápida e fragmentada, em que as pessoas buscam o sentimento de controle sobre o cenário em que estão inseridas. “Mais é olhar as manchetes do que está acontecendo no momento, para não ficar perdido”, explica o leitor 14. Nessa leitura, a instantaneidade tem mais peso que o conteúdo, isto é, o que importa são as últimas notícias e não as notícias mais importantes. Trata-se do acompanhamento constante e superficial de uma quantidade geralmente restrita de assuntos. Costuma ser efetuada em concomitância com outras atividades, envolvendo, portanto, atenção parcial. Conforme menciona o leitor 4, é uma leitura que veio a reboque das novas possibilidades ofertadas pelo webjornalismo: “Quando é aquela coisa que aconteceu naquele dia mesmo, aí só tem como ler notícias na Internet, né?”.

Na verdade, como lembra o leitor 3, essas notícias que vão surgindo ao longo do dia já podiam ser acessadas através do tele e do radiojornalismo: “Antes o *Jornal do Almoço* é que atualizava as notícias que eu via de manhã. Muitas notícias eu ouvia no rádio e esperava o telejornal começar para ver aquela notícia ali, né? Daí sim, com imagem”, conta ele. Mas, com a *Web*, o entrevistado comemora a liberdade de horários que tem para fazer isso e a maior velocidade com que as novidades são apresentadas, bem como a leitora 2: “Antes eu esperava a televisão, mas agora não tenho mais paciência de esperar”, admite ela. Ou seja, o novo não está em querer acompanhar o

desenrolar dos fatos jornalísticos, mas na forma como esse rito vem se estabelecendo, segundo descreve o leitor 9:

A partir do momento que os *sites* começaram a atualizar notícias de forma rápida, foi gerando essa necessidade. Em todos eu procuro a mesma coisa: notícias atualizadas minuto a minuto, notícias de última hora. Ou notícias que estão em evidência na mídia e que eu busque mais informações. Me irrita quando um *site* não traz nenhuma coisa nova, furos de reportagem.

A *leitura de atualização* é efetuada por 11 dos 16 leitores entrevistados e costuma acontecer no local de trabalho, ao longo da tarde. Das cinco pessoas que não a fazem, apenas uma, a leitora 10, não a faz por opção. O leitor 16 não lê durante à tarde por não ter acesso a computador e os três demais (5, 6 e 11), em função de suas empresas bloquearem os *sites* de notícia em horário de trabalho. Os leitores 5 e 11 comentam que tinham essa modalidade de leitura ritualizada em épocas anteriores, quando a política empresarial era mais flexível. A leitora 6 não teve a mesma oportunidade e desabafa: “É ruim, porque quando eu sei que está acontecendo alguma coisa que eu gostaria de estar mais conectada, digamos assim, eu sinto mais vontade de acessar e não posso”. As empresas onde trabalham outros quatro leitores (1, 2, 10 e 13) também não permitem a leitura de webjornais ao longo do dia, mas esses, por serem estudantes, encontraram na faculdade uma válvula de escape. Eles costumam ler as atualizações à tardinha, antes de suas aulas começarem. A leitora 2 demonstra a força de seu ritual ao relatar seu mal-estar no dia em que não pôde cumpri-lo:

Criei o hábito de ler antes da aula pra saber se não mudou alguma coisa desde o meio-dia. Esses dias eu não tive a oportunidade de ler e foi horrível: quando eu cheguei, já tinha um monte de notícias e eu “Bah, ninguém me contou nada, fiquei por fora!”. Até o Lombardi tinha falecido e eu “O quê? Morreu? E eu não sei!” Fiquei irritada, sabe? Porque eu gosto de estar por dentro do que está acontecendo.

Ao contrário, os leitores que podem ficar constantemente conectados à Rede em seus empregos efetuam a *leitura de atualização* várias vezes ao dia, em pequenas pausas identificadas entre uma atividade e outra. Esses intervalos não são previamente planejados; acabam sendo ritmados pelo próprio fluir das tarefas profissionais, conforme explica o leitor 8: “No meu trabalho tem algumas coisas que demoram algum tempo para fazer, sabe? Aí tu manda fazer e, enquanto espera, já abre uma página, depois tu fecha e continua fazendo o que estava fazendo. Não que eu goste disso, mas é mais nesse contexto que eu leio”, esclarece. Nada garante, portanto, que haja uma regularidade entre as leituras: nem sempre os horários eleitos, o número de acessos e a duração de cada acesso são os mesmos. Porém, em geral, as pessoas, no turno

vespertino, efetuam pelo menos três “doses” de leitura de cinco minutos cada, um procedimento que, no caso atípico dos estudantes, acaba sendo substituído por um único acesso de aproximadamente 15 minutos no final da tarde. O leitor 3 realiza a *leitura de atualização* de forma mais intensa:

Olho o *site* umas 15 vezes mais ou menos. Entre dez e 20 vezes. Entro, vejo a notícia, fecho para não perder o foco, lembro de alguma coisa, abro de novo... Eu uso a página mais ou menos de meia em meia hora. Se a página está aberta, eu atualizo para ver se já chegou alguma notícia nova. Se não chegou, eu já fecho e espero mais alguns minutos. Agora sempre fico esperando.

Como ele, outros sujeitos investigados apontam o acompanhamento permanente como uma característica da *leitura de atualização* e descrevem mudanças perceptíveis que esse traço implantou em seus comportamentos. O leitor 11, por exemplo, diz que no período em que podia acompanhar as informações em tempo integral, no local trabalho, tornou-se um “dependente da notícia”. Ao justificar-se, ele faz uma comparação com o rito que mantinha no jornal em papel: “No impresso, dificilmente tu vai folhear mais de uma vez no dia. Talvez, ah, tu não teve tempo de ler, aí deixa para ler inteira mais tarde, mas geralmente tu vai ler na hora tudo o que tu quer; dificilmente tu vai ao longo do dia ficar reutilizando aquela mídia”, comenta. Enquanto ele relata um acompanhamento mais intenso, o leitor 13 destaca ter hoje um acompanhamento também mais amplo: “Acho que estou cotidianamente com um volume maior de informações ou de temáticas que eu acompanho. Eu notei que eu acompanho um número maior de eventos, fatos, processos do que acompanhava durante a época da versão impressa”, analisa ele. O leitor 9 também enxerga-se rodeado por uma carga maior de informações e conta que isso vem alterando seus ritos até mesmo na mídia impressa:

Depois que eu passei a navegar pelos portais de informação *on-line*, eu passei a ficar mais atualizado durante o dia. Antes eu me atualizava só pela manhã, só quando eu lia o jornal, e depois não lia nenhuma notícia. Atualmente, eu leio as notícias até a hora de dormir. Da mesma forma, eu continuo comprando os jornais que eu comprava antes e até mais... Porque quanto mais informações a gente lê, mais surge a necessidade de ler sobre os desdobramentos dessa informação.

Para dar conta dessa quantidade grande e crescente de informações que passam a cruzar suas rotinas, as pessoas confessam abrir mão da profundidade. A *leitura de atualização* é, na verdade, como descrevem os entrevistados, uma leitura de manchetes. A proposta é dar uma olhada assumidamente superficial em um número restrito de assuntos que percorrem a esfera pública naquele exato momento. “Nessas outras entradas ao longo do dia é um acesso rápido. Olho só uma parte do *site* que é um

panorama das coisas novas. É só uma passadinha, não entro no jornal”, reconhece o leitor 14. O leitor 11 diz o mesmo em outras palavras, reforçando ainda mais o fato de a *leitura de atualização* não abranger outros assuntos que não os mais recentes: “Essa leitura que eu fazia no meio da tarde era meio superficial, né? Dificilmente eu procurava uma notícia específica lá ou lia a notícia inteira”, conta ele. A leitora 1 faz questão de contrastar a profundidade de sua *leitura de contextualização* com a sua rasa *leitura de atualização*:

Se eu pudesse escolher, eu ficaria com o papel e daria uma rapidinha na *Web*. Não dou rapidinha no papel, prefiro nem pegar. Senão fica aquela coisa: “estava na minha mão e eu não li!”. Mas na Internet não tenho essa culpa. Tem vezes que nem clico na notícia, me contento em saber só o que está ali no título; nem é ler, é só ver mesmo.

Percebe-se, a partir dessas falas, que o hipertexto é um recurso pouco utilizado, uma vez que as pessoas afirmam, nesse tipo de leitura, observar a(s) página(s) estaticamente, sem clicar, só vendo, dando uma “passadinha”, sem procurar por assuntos. De acordo com o já apresentado, sete pessoas relatam, de modo geral, se deter na capa do *site* quando leem *on-line*, mas, quando o assunto é especificamente a *leitura de atualização*, todos os entrevistados que a efetuam dizem fazer isso. Logo, trata-se de uma “leitura plana”, em que o mais comum é utilizar a barra de rolagem para deslocar-se para os lados e na vertical do que o hipertexto para adentrar os níveis do portal. A justificativa? A falta de tempo, que, aliás, é a mesma para o uso também reduzido dos recursos multimídia, somada à previamente comentada restrição de acesso imposta pelo ambiente profissional. Vídeos e áudios, para que sejam acessados, precisam, em regra, atender às mesmas condições dos demais conteúdos: estarem vinculados a fatos de última hora, preferencialmente polêmicos.

No que tange às ferramentas de interatividade, observou-se que na *leitura de atualização* a redação de comentários torna-se menos intensa, ao passo que ganham peso outras ferramentas com foco na interação mais imediata, como *chats* e envio de materiais em tempo real. Na verdade, nenhum entrevistado disse ter enviado materiais nessa situação, mas alguns admitiram já ter tido vontade, e outros relataram o prazer sentido ao acessar conteúdos enviados por outros leitores. O leitor 5 exemplifica: “Uma vez teve um incêndio lá do lado do serviço; eu enxergava, aí eu acessei o *Zerohora.com* e em seguida tinha fotos do pessoal que trabalha lá no prédio. Achei legal”, conta ele. Já a experiência narrada pela leitora 12 foi vivenciada em um *chat*:

Na semana que teve aquele temporal feio em Porto Alegre eu estava em casa e até pensei “não vou sair agora, porque ficou super escuro”. Então eu comecei a acompanhar pelo *site*, e foi muito legal. Tinha uma espécie de *chat* ao vivo com um editor e as pessoas enviando coisas, “ó, aqui em tal lugar aconteceu tal coisa”. Aquele momento foi muito bacana, eu achei super Internet. Eu senti que realmente estava tendo as informações em tempo real.

Com relação à memorização, evidentemente os conteúdos lidos nessa modalidade de leitura têm baixa fixação, uma vez que o leitor direciona pouco tempo e atenção parcial ao que está lendo. O leitor 4 não vê problemas em admitir que não costuma gravar os conteúdos: “Essa ao longo do dia é leitura rápida. Tipo, provavelmente eu leio o negócio e cinco minutos depois, se tu me perguntar, talvez eu não lembre”. A leitora 12 compara a concentração empreendida na *leitura de contextualização* e na *de atualização*: “Em casa fico bem concentrada na tela, mas na faculdade e nos outros lugares eu leio meio por cima; só dou uma olhada, daí depois eu me lembro ‘Ah, aquele assunto eu quero ler de novo’”, conta ela.

O benefício que os leitores esperam ter com essa leitura é de curto prazo. Muitas vezes o assunto sequer é relevante, e talvez no outro dia ninguém mais fale sobre aquilo, mas, no momento em que tal fato está ocorrendo, ele é o centro da esfera pública, e todos buscam tomar conhecimento, para que não sejam surpreendidos ou para que possam surpreender. É o caso do leitor 9, que conta algumas vantagens de estar *up-to-date*:

Acho que uma pessoa bem informada pode dar uma opinião mais avaliada sobre outros assuntos. Ajuda no meu próprio trabalho estar bem informado, ajuda na minha relação com os clientes, ajuda na minha relação com os outros advogados, porque quando se conversa com a pessoa, nas interações pessoais, repercutem notícias, repercutem fatos que estão acontecendo no nosso dia-a-dia. E se a gente não está bem atualizado, a gente não consegue manter a conversação. Nem dar opinião e, tampouco, discordar da pessoa.

A partir desses dados, podem-se delinear algumas conclusões, sintetizadas no quadro a seguir, acerca da *leitura de atualização*: é uma leitura que ocorre quase que exclusivamente na tela, ao longo da tarde, no local de trabalho, inserindo-se entre as tarefas profissionais. Nos casos em que a política empresarial não permite essa prática, os leitores vêm procurando ambientes alternativos, como a faculdade, para fazer ao menos um único acesso com o intuito de atualizar-se. Detectou-se, contudo, que o padrão são vários acessos (de três a 20) rápidos e superficiais, destinados a acompanhar as últimas notícias do dia a partir de seus títulos. Os conteúdos lidos não costumam ficar gravados na memória por muito tempo, pois sua importância parece esvair-se tão logo um assunto mais recente entra em pauta. Por essa razão, os recursos multimídia

costumam ser acionados especialmente quando vinculados a uma notícia nova, enquanto que as ferramentas de interação são bastante empregadas quando produzem um efeito instantâneo e dinâmico, como, por exemplo, o gerado por um *chat* ou pelo envio de textos e imagens em tempo real. O hipertexto é pobremente explorado, pois nessa leitura as pessoas tendem a absorver somente chamadas de capa, sem sequer clicar nos *links* para visualizar o conteúdo na íntegra. No que diz respeito ao objetivo dos leitores ao efetuarem-na, enfim, parece estar no acompanhamento intenso e contínuo de um número restrito de fatos que circulam como destaques do dia, com o intuito de sentirem-se inteirados sobre o agora.

Quadro 9: Resumo das características da *leitura de atualização*.

Suporte	Tela.
Horário	Tarde e anoitecer.
Local	Trabalho e faculdade.
Uso dos recursos de interação	Destaque para <i>chats</i> e envio de materiais em tempo real.
Uso do hipertexto	Escasso, pois as pessoas costumam se contentar com a leitura dos títulos da capa, sem explorar os demais níveis do <i>site</i> .
Uso dos recursos multimídia	Uso mais intenso quando vinculados às notícias de última hora.
Duração	Em geral, pelo menos três acessos de aproximadamente cinco minutos cada.
Profundidade	Baixa. A proposta da leitura é justamente ser superficial.
Memorização	Baixa e restrita.
Amplitude de assuntos	Assuntos restritos (apesar de bastante desdobrados) que circulam na esfera pública no momento presente.

8.3 A leitura de projeção

A *leitura de projeção*⁶⁶ é aquela em que o leitor consulta o desfecho dos fatos do dia vigente e, referenciando-se neles, procura antecipar-se sobre os assuntos que atravessarão sua rotina no dia seguinte. Dessa forma, é uma leitura que traz intrínsecos dois sentimentos: o de exaustão e o de precaução. “É a hora de ver tudo o que não vi durante o dia e um pouco do que verei no jornal de amanhã”, esclarece o leitor 15. Assim como na *leitura de atualização*, a prioridade da *leitura de projeção* são as novidades; a diferença está na profundidade com que as notícias são lidas, que na última costuma ser maior. Ao total, 12 dos 16 entrevistados realizam essa leitura, que, por motivos óbvios, ocorre apenas na versão digital.

Essa modalidade de leitura se dá à noite, em casa, atendendo a necessidades que historicamente costumavam ser saciadas pelo telejornal. Observou-se que sua duração varia bastante, e que um dos fatores condicionantes é a realização ou não da *leitura de atualização* em momento anterior. Para os que já acompanham as notícias ao longo do dia, essa leitura noturna ocorre como uma continuação, durando cerca de 20 minutos: “Depois eu leio o *Zerohora.com* em casa também, quando chego da faculdade, 11 e tanto. Aí eu entendo de outra maneira, eu comparo com o que li antes e vejo se aconteceu mais alguma coisa”, conta a leitora 2. Mas para os que até então só efetuaram a *leitura de contextualização*, o tempo tende a aumentar bastante, uma vez que precisam, nesse momento, retomar um número muito maior de notícias: “À noite já pego notícia que não vi no jornal ao meio-dia e um pouco do que vou ver no outro dia. Depois o impresso e os outros webjornais complementam aquilo ali”, explica o leitor 16, ao justificar o porquê dessa ser a sua leitura mais longa, entre as realizadas em meio digital.

Não é costume buscar muito detalhamento sobre os assuntos resgatados, objetiva-se apenas compreendê-los e verificar seu *status*. Já aos acontecimentos de última hora, as pessoas costumam dedicar mais atenção, pois seguirão tendo influência no seu dia-a-dia. Dessa forma, parece materializa-se na *leitura de projeção* uma transcendência espaço-temporal inerente ao rito.

⁶⁶ O termo *projetar* costuma ser empregado quase que restritamente para expressar uma ação futura, mas, nesse caso, ele é adotado mais precisamente nos sentidos de *estender*, *prolongar*.

Ao contrário do que ocorre com a *leitura de atualização*, em que o critério de seleção é quase que exclusivamente a recenticidade do acontecimento, aqui o que definirá se um conteúdo será lido ou não é também sua relevância, sendo considerados relevantes aqueles tópicos que prometem ter um impacto capaz de estender-se para o dia posterior: “Aquilo que eu perdi, se não pude ler de tarde, não é ‘Ah, nossa, que perda!’. O que for relevante vai continuar em destaque na própria *Web*, de noite, e no jornal impresso, no outro dia”, afirma a leitora 1, revelando a segurança que a *leitura de projeção* lhe proporciona, sobretudo quando complementada pela *de contextualização*.

Não só a leitora 1 julga mais importante antever o que virá do que rever o que passou: “Difícilmente vou olhar o que já vi de manhã. Só tem alguns assuntos que me deixam curioso, aí à noite vou ver se divulgaram mais alguma coisa. Claro que aí eu não vou olhar a versão impressa, eu vou olhar os últimos títulos, que vão virar notícia no outro dia”, afirma o leitor 11. O exemplo trazido pelo leitor 16, que trabalha com agricultura, deixa ainda mais clara a função social que a *leitura de projeção* tem de auxiliar no planejamento do dia subsequente:

Todos os dias eu olho a Bolsa Eletrônica e a previsão do tempo, até para poder plantar. Antes eu buscava essas informações na página do jornal, mas eram muito vagas, né? As informações podem mudar totalmente ao longo do dia. Agora quando o pessoal que trabalha lá fora me pergunta “Vamos plantar amanhã?”, eu digo “Espera, depois eu ligo. Depois que chegar em casa, eu digo como vai estar o tempo”.

Percebe-se, pois, que, enquanto a leitura vespertina ajuda a organizar o presente, as informações acessadas de manhã e à noite ajudam na organização do futuro, o que serve como justificativa para o fato de os conteúdos acionados pelas *leituras de contextualização* e *de projeção* serem mais lembrados que os evocados na *leitura de atualização*. Destaca-se, contudo, que, com relação à leitura matinal, a leitura noturna é mais superficial, até porque os conteúdos ofertados também costumam ser mais sucintos: “Às vezes não sai o comentário grande, né? No outro dia, no jornal, é que vai ter uma notícia mais completa sobre aquilo que foi divulgado de forma mais objetiva no dia anterior”, esclarece o leitor 11.

No que diz respeito ao uso do hipertexto, a *leitura de projeção* se mostrou semelhante à *leitura de contextualização on-line*, uma vez que em ambas a navegação é alinear, razoavelmente profunda e perpassa várias fontes. As ferramentas de interação também apresentaram uma utilização similar, com o diferencial de, evidentemente, à

noite as participações estarem vinculadas a assuntos que entraram em pauta há menos tempo. Com relação aos recursos multimídia, constatou-se que são bastante utilizados nessa modalidade de leitura, pois ela ocorre em casa, onde as pessoas não precisam respeitar as restrições técnicas e políticas impostas pela esfera profissional. O leitor 8 destaca, porém, que os assuntos acessados, assim como na *leitura de atualização*, são os mais recentes ou os que agregaram grande popularidade no decorrer do dia: “ Se vejo áudio e vídeo, é em casa. Mas também não vou voltar para ver uma notícia que eu não pude ver no trabalho, sabe? Só se for alguma coisa muito ‘Ó!’”, esclarece ele.

Sumaria-se, então, a *leitura de projeção* como uma leitura noturna, semiaprofundada, feita no computador residencial, com duração de 20 minutos a uma hora. Abrange tanto conteúdos específicos quanto genéricos e inspira alto grau de memorização, embora menor que o atingido com a *leitura de contextualização*. Quando a realizam, os leitores costumam fazer amplo uso do hipertexto e dos recursos interativos e multimídia, sendo que, no que tange à multimídia, esta se mostrou a modalidade de leitura que mais a explora. Essa leitura possui duplo objetivo: o de recuperar dados que não puderam ser acessados ao longo do dia e o de, a partir deles, antecipar-se diante dos acontecimentos que serão debatidos e vivenciados no próximo amanhecer. O quadro abaixo dispõe concisamente essas características:

Quadro 10: Resumo das características da *leitura de projeção*.

Suporte	Tela.
Horário	Noite.
Local	Casa.
Uso dos recursos de interação	Focada na leitura e publicação de comentários.
Uso do hipertexto	Para promover uma leitura mais profunda e desordenada e facilitar a seleção dos conteúdos e a consulta a outras fontes.
Uso dos recursos multimídia	Momento em que os áudios e vídeos são mais acessados.
Duração	De 20 minutos a uma hora.
Profundidade	Média.
Memorização	Média e restrita.
Amplitude de assuntos	Assuntos diversos que ocorreram ao longo do dia e que serão destaque no dia seguinte.

Além de apontar para esses três tipos de leitura, os dados permitiram que se identificassem algumas peculiaridades na leitura executada nos fins de semana, conforme explica a leitora 1:

Ultimamente tenho me desligado de tudo no final de semana, porque agora vejo a Internet muito mais como uma coisa que me prende a contatos e deveres do que à diversão. E aí eu me distancio de todas as mídias. Nos finais de semana eu prefiro ler o impresso e também procuro ler algo que me divirta mais. Leitura durante a semana e de final de semana é bem diferente

Do mesmo modo que ela, outros 11 leitores dizem gostar de, sobretudo nos domingos, cultivar os ritos de leitura do jornal em papel, incluindo alguns *leitores substitutivos*, como a 10: “Depois de fazer tanta coisa na semana, chega uma hora que quero dar uma descontraída, aí pego o impresso para dar uma olhada naquilo que não é obrigatório”, explica ela. Evidentemente, isso não significa que os webjornais não são acessados nos sábados e domingos. Em alguns casos, eles realmente não o são, pois os entrevistados preferem se manter distantes do computador em seus momentos de folga, mas, em geral, acontece o uso complementar. O leitor 5, por exemplo, ao mesmo tempo em que busca uma leitura de lazer, com assuntos mais leves, espaços mais confortáveis e horários mais flexíveis, diz nos finais de semana intensificar o acompanhamento que faz das notícias: “Estou sempre ligado. Fico passando na frente do computador e leio às vezes. Em uma hora devo olhar duas vezes. É, vejo de meia em meia hora para ver se aconteceu alguma coisa”, conta ele.

A leitura de Zero Hora dominical é uma leitura compenetrada, ampla, profunda e demorada, embora menos cansativa, pois as pessoas dizem ler porque querem e não porque “precisam”. A leitora 1 deleita-se pelo simples ato de ler: “No fim de semana eu passo um tempão lendo. Eu leio tudo. Adoro ficar ali folheando”, conta. A leitora 12 também manifesta ter uma leitura mais longa e prazerosa: “Final de semana eu leio o que mais gosto. Nos dias da semana, não demoro nem meia hora, 15 minutos, porque acesso mais de uma vez. Final de semana, talvez eu demore mais de uma hora, por causa dos cadernos”, compara ela.

De regra, as pessoas relatam que a primeira coisa que fazem ao ter a edição em mãos é separar os cadernos temáticos, para, depois de lerem o “jornal-base”, direcionarem-se para os cadernos de mais interesse. “Primeiro eu dou uma olhada no grandão e depois vou para os cadernos, gosto do de cultura”, descreve a leitora 7. Com essa fragmentação, um mesmo jornal pode ser utilizado por toda a família, gerando um

ambiente integrador. Isso acontece na casa de diversos leitores; na da leitora 12, por exemplo: “Quando chega o jornal a gente desmancha e divide os cadernos, aí cada um pega as coisas que interessa”, conta ela. “É bom para relaxar um pouco, a gente tem mais tempo para folhear e ali tem bastante coisas extras, de entretenimento”, diz a leitora 6, também adepta a esse rito de leitura por cadernos.

Juntamente com as *leituras de contextualização, de atualização e de projeção*, essa leitura típica do impresso de final de semana compõe o complexo cenário da leitura jornalística contemporânea. Conforme se pode observar, nem todos realizam todas essas leituras e nem todos as fazem da mesma forma e no mesmo meio, mas, de modo geral, todos os leitores afirmam estar lendo mais notícias, em mais momentos e com diferentes intensidades. O leitor 13 descreve o que vem acontecendo no seu caso: “Com o *on-line* passei a ler mais notícias, mas leio menos livros, menos revistas, ou coisas assim. Tanto é que não assino mais nada. Se é bom, se é ruim, isso aí eu não saberia ponderar. Mas é isso que acaba acontecendo”. Como ele, os leitores 8 e 16 também mencionam ler menos revistas e/ou livros. Além disso, alguns leitores (3, 11 e 16) dizem, em função da leitura de webjornais, ter reduzido as horas de exposição à televisão, e outros ainda, que aqui foram chamados de *leitores substitutivos*, contam ter praticamente abandonado a leitura em jornal impresso em dias úteis.

Se num primeiro momento essas opções parecem sinalizar perdas, defende-se aqui que elas apenas indicam modificações, adaptações em função da inclusão de novas práticas e ritos. Claramente a paisagem jornalística ainda tem muito a mudar: novos meios e recursos tecnológicos surgirão, outros já existem, mas foram aqui pouco ou nulamente contemplados, as formas de sociabilidade e as coordenadas espaço-temporais passam por mutações, enfim, trata-se de um processo, de uma constante construção. É por isso que o que se quer com essa proposta de forma alguma é enrijecer um fenômeno naturalmente dinâmico, mas mapear e ordenar alguns movimentos identificados na realidade atual, ou em fração dela, que possam trazer indícios sobre a direção que se vem adotando no decorrer dessa trajetória.

9 CONCLUSÕES

Estando esta pesquisa focada nos sentidos das práticas e não dos conteúdos, não se configura como o que se convencionou chamar *estudo de recepção*. Contudo, trata-se de um trabalho desenvolvido na esfera do receptor, o que fez com que um dos propósitos iniciais fosse apresentar a forma como ele foi tratado ao longo da história da comunicação. Chegando-se nas últimas décadas dessa breve retomada, contudo, deparou-se com um dilema instaurado pela popularização da Internet: A partir de que referenciais estudar os sujeitos que a utilizam? Está-se diante de um novo paradigma que invalida os conhecimentos acumulados em torno dos meios tradicionais?

No sentido das reflexões sobre os papéis dos sujeitos e objetos segundo a tradicional teoria da comunicação e sua transposição ao novo e pouco explorado tema da crise da epistemologia da comunicação com o advento do *cyberspace*, pesquisadores buscam uma posição de análise para a contextualização do receptor na Internet (MARTINS, 2007, p.2).

Assim, discutir essa posição de análise também se configurou como uma preocupação primordial, e acredita-se estar aqui uma dos maiores esforços do presente trabalho. Concluiu-se que o “novo receptor” habita uma lacuna situada entre os legados dos Estudos Culturais, que o “prendem” a uma fundamentação historicamente validada, e as contribuições que derivam da área da Cibercultura, que o “soltam” para desbravar as novas possibilidades trazidas pelas inovações tecnológicas. Como tentativa de respeitar o que já se construiu e de atentar para o que se vem construindo, buscou-se

criar uma ponte entre esses dois campos, servindo-se, para tanto, da maturidade e flexibilidade da *Teoria das Mediações*, de Martín-Barbero (2004).

Após apresentar o mencionado modelo, fundado sobre premissas dos Estudos Culturais, elegeu-se a mediação das tecnicidades como porta de entrada para um objeto de estudo geralmente problematizado pela perspectiva da Cibercultura: o webjornalismo. Para investigá-lo foram propostos dois eixos de análise: um diacrônico, destinado a ver o que representou para os 16 leitores pesquisados o movimento histórico, embora não-linear, do jornalismo impresso ao jornalismo digital, e um eixo sincrônico, que, de um balanço entre as novidades que ingressam pelas tecnicidades e as que ganham sentido através das ritualidades, procurou extrair as novas e velhas práticas de leitura jornalística. Os dados que alimentaram esses dois vetores de investigação foram recolhidos por meio de entrevistas etnográficas, que permitiram avaliar esses trânsitos.

Tais práticas foram estruturadas em seis categorias analíticas: coordenadas de leitura, preferências de suporte, formas de participação, percursos de leitura, usos de multimídia e modos de atualização. Sobre as coordenadas espaço-temporais, constatou-se que o ambiente em que as pessoas mais gostam de ler é em seus lares, mas que esse hábito, na maioria dos casos, só é preservado nos finais de semana, o que se reflete na redução do número de assinantes entre os entrevistados. Percebeu-se que, nos dias de semana, o local de trabalho vem se consolidando como lugar de leitura. Em seus empregos, algumas pessoas continuam lendo o jornal impresso e complementando-o com o webjornal (*leitores cumulativos*); outras, por sua vez, substituíram o primeiro pelo segundo (*leitores substitutivos*). Pela manhã, os *leitores cumulativos* costumam ler o impresso, enquanto os *leitores substitutivos* leem o *on-line*. Identificou-se que funcionários autônomos ou que ocupam cargos elevados efetuam essa leitura matinal assim que chegam ao trabalho, ao passo que os demais ficam acorrentados aos horários de intervalo, o meio-dia, nesse caso, seja por proibição formal, seja por uma espécie de repressão moral, uma vez que suas chefias entendem a leitura jornalística como lazer.

Na tarde, ambos os tipos de leitores acessam o webjornal e, aqui, observou-se outras influências das restrições institucionais: alguns leitores são impedidos de acessar portais de notícias no emprego, e os que não são acabam obrigando-se a conciliar sua leitura com tarefas profissionais. Verificou-se, ainda, que o webjornal vem ritualizando

não só a prática de leitura vespertina como também a de leitura noturna, sendo que esta última costuma ocorrer em casa, em momento destinado exclusivamente para esse fim. De um modo geral, pode-se afirmar que, se o jornal impresso é lido uma vez ao dia, em horário e lugar fixos, o jornal digital é lido várias vezes ao dia, em diversos locais, sendo que os leitores reconheceram que esses condicionamentos espaço-temporais influenciam na quantidade de informações lidas, na atenção prestada e até na ordem de leitura.

Em função de o trabalho vir sedimentando-se como principal espaço de leitura, notou-se a desestruturação de alguns ritos que eram cultivados entre familiares, dado que alguns momentos de convivência e de compartilhamento de informações tornaram-se mais escassos. Em contrapartida, os leitores relataram ter as notícias mais intensamente permeando suas relações interpessoais em ambiente profissional.

Sobre os suportes de leitura, encontrou-se o papel como favorito, mas, por outro lado, uma crescente familiarização com a leitura na tela, tanto pela insistência dos leitores, quanto pelo aprimoramento dos *sites*, que vêm adequando suas interfaces às habilidades motoras, sensórias e perceptivas dos usuários. A maioria dos *leitores substitutivos* afirmou inclusive preferir a leitura digital. Disseram que o desconforto ocular que essa prática traz acaba sendo compensado por outras vantagens do webjornal, como o fato de não sujar as mãos, de causar menos danos ambientais, de ter os conteúdos permanentemente disponíveis, de poder ser acessado de qualquer lugar e de ser gratuito. Entre os que preferem ler em suporte material, as justificativas mais apontadas estiveram relacionadas ao prazer do manuseio, à forma de exposição dos conteúdos e ao fato de ser menos cansativo.

Observou-se também que a versão impressa disponível *on-line* costuma ser bastante utilizada por pessoas que ainda estão em fase de adaptação com o webjornalismo, uma vez que mistura ritos ligados a um e a outro formato. Por fim, evidenciou-se que ingressar na era da mobilidade não pareceu ser uma prioridade para os leitores, uma vez que nenhum disse receber notícias por celular ou *Kindle*, os outros dois meios em que Zero Hora está disponível.

No que diz respeito ao que aqui se chamou de ritos de participação, detectou-se que os leitores mais celebram a possibilidade de colaboração do que realmente a exploram, apesar de quase todos relatarem um uso crescente. Os comentários, por

exemplo, mais são mais lidos do que escritos. Entre as vantagens em lê-los apareceram: que eles permitem ver materializada a opinião dos outros leitores, que eles ampliam e diversificam os argumentos sobre o assunto noticiado, que eles reduzem o viés da abordagem e que eles indicam as notícias mais polêmicas. Constatou-se que as pessoas não gostam de ler comentários que simplesmente aprovam ou desaprovam o conteúdo. Por essa mesma razão, elas costumam comentar sobretudo quando não veem seu ponto de vista contemplado nos demais comentários e querem agregar algum dado novo, mais precisamente quando esse dado contraria em tudo ou em parte as informações prestadas pelo jornalista.

Inferiu-se ainda que os comentários são escritos e postados geralmente no impulso, como reação imediata à leitura da notícia; que os comentários dos demais leitores raramente são respondidos; e que as pessoas têm o hábito de acompanhar a repercussão de sua participação. Contudo, como previamente mencionado, a intervenção dos entrevistados por meio de comentários ainda é baixa, o que, segundo eles, justifica-se pelas seguintes razões: baixa qualidade dos comentários, excesso de burocracia, interação descontínua, exposição pessoal, preguiça, falta de tempo, medo de não ser lido e senso crítico elevado. Viu-se que nos *blogs* os leitores sentem-se mais motivados para expor sua opinião, pois esse meio é mais segmentado, mais dinâmico e lá os comentários, segundo os sujeitos analisados, são mais lidos e tidos como mais relevantes.

Com relação às enquetes, percebeu-se alta adesão, mas baixa credibilidade. A alta adesão pareceu estar ligada ao fato de ser um recurso que demanda pouco esforço e que preserva a identidade do participante. A baixa credibilidade advém do fato de os leitores enxergarem as enquetes como uma “brincadeira” e também por entenderem-nas como uma possibilidade limitada de interação, visto que não permitem a inclusão de informações adicionais. Para o envio de materiais, enfim, percebeu-se que os leitores ainda não se sentem mobilizados, uma vez que raríssimos casos foram citados. Por outro lado, foi praticamente consensual a opinião de que os leitores devem ter seus espaços valorizados na mídia e de que, para isso, a jornal na Internet mostra-se mais favorável que o jornal tradicional.

No que tange aos ritos de percurso, concluiu-se que o hipertexto faz com que o modo de selecionar os conteúdos a serem lidos seja bastante diferente entre os formatos

impresso e digital. No jornal impresso, os entrevistados disseram ler inclusive o que não gostam. Eles costumam ver a edição na íntegra e na ordem sugerida pelo meio, fazendo esporádico uso da capa como hipertexto para notícias específicas. Numa mesma página, entretanto, os leitores contaram ler de forma não-linear, sendo conduzidos pela diagramação que, portando, também exerce a função de hipertexto. Quase todos os títulos são lidos e, sempre que despertam atenção, as pessoas prosseguem com a leitura da notícia, indo, geralmente até o fim. Já no jornal digital, averiguo-se que o mote principal da leitura costuma ser determinado *a priori*, estando, geralmente, focado nas notícias de capa ou em alguma seção específica. Uma vez nesses ambientes, os leitores direcionam-se àquilo que lhes chama atenção. A leitura é mais desordenada e menos variada.

Como ganho do hipertexto digital foi destacado, principalmente, o poder de escolha/personalização que ele provê. Por outro lado, os leitores lamentaram perder a visão do todo, tendo em vista que a redação hipertextual “esconde” diversos assuntos em outras camadas. Ainda dentro deste quesito, depreendeu-se que, enquanto, de praxe, apenas uma fonte é consultada na mídia impressa, na mídia digital novas fontes comumente são buscadas pelos entrevistados, especialmente com o intuito de comparar posicionamentos, alcançar informações acerca de outros territórios e acessar conteúdos mais atualizados. Nesse vaivém entre diversas janelas, os leitores disseram dificilmente afastarem-se muito de sua proposta inicial de navegação. Acabam adentrando outros níveis de informação, mas relataram quase sempre retomar sua trajetória. A situação de envolver-se e “perder-se” na rede hipertextual foi considerada mais comum quando se está consultando *sites* de entretenimento do que quando a consulta à *Web* tem finalidades jornalísticas.

Quanto aos ritos multimidiáticos, mostraram-se pouco evoluídos. Em primeiro lugar porque os entrevistados expressaram não gostar de compor as notícias ou de ter que clicar em algum *link* para tomar contato com o conteúdo; preferem ter as informações expostas em um mesmo plano. É por isso, por exemplo, que alegaram prestar mais atenção em fotos na versão impressa do que na *Web*. Sobre os vídeos e áudios, os sujeitos investigados salientaram alguns ganhos de seu uso para reforçar, contextualizar, precisar e validar informações, mas assumiram fazer uma exploração bastante restrita desses recursos. Entre os motivos para essa utilização limitada foram

citados: falta de tempo, baixa qualidade ou relevância dos materiais disponíveis, bloqueio de acesso no ambiente de trabalho e obstáculos de ordem técnica.

Finalmente sobre os ritos de atualização, evidenciou-se que eles vêm fazendo com que as pessoas leiam mais, mas de forma mais superficial, o que, em parte, justifica a opinião majoritária de que é mais difícil reter os conteúdos lidos na Internet. Concluiu-se que, por parte dos jornalistas, a rápida atualização dos dados vem incentivando uma maior objetivação das notícias e também as tornando mais propensas a erros. No polo da recepção, essa objetivação nem sempre é bem aceita. Observou-se que, enquanto para a maior parte dos *leitores cumulativos* isso agrega praticidade, para grande parcela dos *leitores substitutivos*, textos muito sucintos conduzem à insatisfação pela falta de profundidade.

Sobre os erros, identificou-se maior tolerância com os do webjornal do que com os do jornal impresso, mas em ambos os casos os leitores afirmaram que esses descuidos afetam a credibilidade da empresa e, admitiram, inclusive, geralmente compartilhar as falhas que encontram com outras pessoas. Por fim, levantou-se que apenas dois leitores seguem *Zerohoram.com* no *Twitter*. Esses e mais alguns julgaram que as atualizações desse jornal digital, tanto na *Web* quando no *Twitter*, são lentas, outros avaliaram a velocidade de atualização como boa e outros ainda, geralmente aqueles que não podem ficar conectados o dia inteiro, perceberam-na muito acelerada, o que leva à compreensão de que a concepção temporal está relacionada ao modo como tempo individual e coletivo fazem seus intercâmbios.

Fundindo essa série de constatações empíricas, foi possível estruturar uma tipologia de leitura, que mesmo não sendo uma proposição definitiva, levou à contribuição teórica desta pesquisa. Chegou-se a três modalidades de leitura: a *de contextualização*, a *de atualização* e a *de projeção*. Na *leitura de contextualização*, os leitores procuram por uma visão ampla da realidade para que possam situar-se nela; na *de atualização*, eles buscam o controle do agora, uma vez que o objetivo é o acompanhamento dos fatos que mais recentemente ingressaram na esfera pública; e na *de projeção*, eles têm duplo objetivo: retomar fatos que perpassaram o seu dia e ver como esses e outros acontecimentos tendem a afetar sua rotina no dia seguinte.

Os dados angariados levaram ao entendimento de que essas leituras não só têm intenções distintas como ocorrem de diferentes modos. Em meio à individualidade de

cada entrevistado, traçaram-se algumas convergências. Dessa forma, tornou-se viável conceber a *leitura de contextualização* como um rito de longa ou média duração, que ocorre de manhã ou ao meio-dia, no trabalho, podendo ter como “objeto sagrado” tanto o computador como o jornal impresso. Já a *leitura de atualização*, só ocorre na tela, geralmente à tarde, envolvendo uma sequência de vários acessos rápidos, intercalados entre as atividades profissionais, nos quais os leitores mais se preocupam em ler os títulos das notícias do que seu desenvolvimento. Por outro lado, a *leitura de projeção* é noturna, também tem longa ou média duração, se dá apenas no formato digital e ocorre, de regra, em ambiente domiciliar. A *leitura de contextualização*, especialmente quando realizada em suporte material, costuma ser a mais profunda e genérica, seguida da *de projeção*. A *leitura de atualização*, por sua vez, é intencionalmente mais restrita (concentrada nas notícias de última hora) fragmentada e superficial, razão que a faz ser, na opinião dos entrevistados, a de menor grau de memorização.

Sobre a exploração dos recursos tecnológicos em cada uma dessas leituras, as conclusões foram menos consensuais, o que levou a apontamentos menos específicos. O hipertexto e os recursos de interação e multimídia são utilizados nos três tipos de leitura. Pareceu, contudo, que o hipertexto é menos empregado na leitura vespertina, pois nessa os sujeitos analisados relataram deter-se na capa do *site*, não adentrando outros níveis. Da mesma forma, pôde-se inferir que os conteúdos multimídia, nos casos investigados, são mais acessados em casa, portanto, na *leitura de projeção*. O que justifica essa opção é o fato de no trabalho essas possibilidades estarem, muitas vezes, bloqueadas, as pessoas terem menos tempo livre e também por essas consultas serem concebidas pelos sujeitos como diversão, o que as torna incompatíveis com a postura profissional.

É importante lembrar que esses tipos de leitura não se excluem, mas também que os leitores não efetuam obrigatoriamente todas essas modalidades. Tampouco se quer afirmar que essas são as únicas e acabadas formas de leitura jornalística existentes. As informações levantadas conduziram a essa proposição, mas fica ainda como desafios para trabalhos futuros o detalhamento mais denso de cada categoria de leitura e sua legitimação diante de um número maior de leitores. Outra possibilidade é estender o foco de análise, de modo a inserir também o rádio e o telejornalismo nessa complexa e dinâmica malha de ritos de recepção, uso e consumo.

Acredita-se, assim, ter dado uma resposta satisfatória à pergunta que orientou este trabalho. Pôde-se ver empiricamente como, a partir de alguns aspectos mediadores das tecnicidades e ritualidades, as práticas cotidianas dos leitores vêm sendo recharacterizadas, um redesenho que, como visto, não se funda só em exclusões ou substituições, mas principalmente na inclusão de conceitos e ações, gerando uma rearticulação entre velhos e novos ritos. Mostrou-se que hoje a leitura do jornal impresso e dos webjornal convivem, complementam-se e, aos pouco, ganham significações próprias e constantemente renovadas.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Melissa Ribeiro de. **Cultura digital e a economia do tempo**. 2008. Trabalho apresentado ao II Simpósio Nacional da ABCiber, São Paulo, 2008.

ALVES, Resental Calmon. Jornalismo digital: dez anos de *web*...e a revolução continua. **Comunicação e Sociedade**, Braga, v. 9-10, p. 93-102, 2006.

ALZAMORA, Geane Carvalho. Por um modelo de comunicação hipermediática. **Razón y Palabra**, Monterrey, v. 8, n. 31, fev./mar. 2003.

ANDERSON, Cris. **A cauda longa**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2006

ANTOUN, Henrique; PECINI, André Custódio. **A Web e a parceria: projetos colaborativos e o problema da mediação na internet**. 2007. Trabalho apresentado ao XVI Encontro da Compós, Curitiba, 2007.

AQUINO, Maria Clara. Um resgate histórico do hipertexto: o desvio a escrita hipertextual provocado pela dento da web e retorno aos preceitos iniciais através de novos suportes. **404nOtFound**, Salvador, v. 1, p. 1-10, 2006.

BALDESSAR, Maria José. **Conhecendo as linguagens e os leitores: a produção de notícias no portal www.cotidiano.ufsc**. 2008. Trabalho apresentado ao II Simpósio Nacional da ABCiber, São Paulo, 2008.

BALDESSAR, Maria José; LONGUI, Raquel Ritter. Buscando uma linguagem para a cibernotícia: (re) conhecendo o leitor/usuário como fator decisivo para definições. **Revista Famecos**, Porto Alegre, v. 3, n. 37, p. 128-132, dez. 2008.

BARBOSA, Suzana. **Bases de dados e webjornalismo: em busca de novos conceitos**. 2005. Trabalho apresentado ao 4º Congresso da Sopcom, Aveiro, 2005.

____. **O que é jornalismo digital em base de dados.** 2006. Trabalho apresentado ao XV Encontro da Compós, Bauru, 2006.

BECKER, Beatriz; LIMA, Marcos Henrique. Ame ou deixe o ciberespaço. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, Florianópolis, v. IV, n. 2, p. 11-23, jul./ dez. 2007.

BELOCHIO, Vivian. **Jornalismo colaborativo em redes digitais:** Estratégia comunicacional no ciberespaço. O caso de Zero Hora.com. Santa Maria: UFSM, 2009. 214 p. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2009.

BORELLI, Viviane; FAUSTO NETO, Antonio. **Cobertura midiática de acontecimentos esportivos: uma breve reflexão,** 2006. Disponível em: <http://www.educacaofisica.com.br/biblioteca_mostra.asp?id=1039> Acesso em: 15 nov. 2009.

BRAMBILLA, Ana Maria. **Jornalismo open source:** discussão e experimentação do *OhmyNews Internacional*. Porto Alegre: UFRGS, 2006. 251 p. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

BRECHT, Bertolt. Teoria do Rádio (1927-1932). In: MEDITSCH, Eduardo (Org.). **Teorias do rádio: textos e contextos.** Florianópolis: Insular, 2005, p. 35-45.

BUITONI, Dulcília Helena Schoroeder. **Imagens semoventes: fotografia e multimídia no webjornalismo.** 2007. Trabalho apresentado ao VII Encontro dos Núcleos de Pesquisa - Intercom, 2007.

CÁCERES, Luís Jesús Galindo. *La etnografía: hacia un modelo general de método y teoría.* In: _____. **La mirada en el centro: vida urbana en movimiento.** Guadalajara: ITESO, 1990. P. 7-20

_____. *Sabor a ti: metodología cualitativa en investigación social.* Xalapa: Universidad Veracruzana, 1997.

_____. *Función y sentido de la entrevista cualitativa en la investigación social.* In: _____. **Técnicas de investigación en sociedad, cultura y comunicación.** México: Prentice Hall, 1998. P. 297-330.

CANAVILHAS, João Messias. **Webjornalismo: considerações gerais sobre jornalismo na web.** 1999. Trabalho apresentado ao I Congresso Ibérico de Comunicação, Covilhã, 1999.

_____. Hipertexto e recepção de notícias *online*. **Revista de Recensões de Comunicação e Cultura**, 2008. Disponível em: <<http://bocc.ubi.pt/pag/canavilhas-joao-hipertexto-e-recepcao-noticias-online.pdf>> Acesso em: 12 jan. 2009.

CANCLINI, Néstor. *De los medios a las mediciones: lecturas inesperadas.* In: TOSCANO, Maria Cristina; REGUILLO, Rossana. **Mapas Nocturnos: Diálogos con la obra de Jesús Martín-barbero.** Santa Fé de Bogotá: Siglo del Hombre Editores, 1998.

CASTELLS, Manuel **A sociedade em rede** - A era da informação: economia, sociedade e cultura. V.1. São Paulo: Paz & Terra, 2002.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. São Paulo: Editora UNESP/ Imprensa Oficial do Estado, 1999.

_____. **Os desafios da escrita**. Tradução de Fulvia M. L. Moretto. São Paulo: Editora UNESP/ Imprensa Oficial do Estado, 2002

CONTRERA, Malena Segura. Ontem, hoje e amanhã: sobre os rituais midiáticos. **Revista Famecos**, Porto Alegre, v. 3, n. 28, p. 115-123, dez. 2005.

COSTA, Celso Cerqueira. **Interatividade e recepção na Internet: estudo de caso com um site de ONG brasileira**. São Paulo: UNIP, 2002. Dissertação (Mestrado) - Programa de Mestrado em Comunicação, Universidade Paulista, São Paulo, 2002.

DALMONTE, Edson Fernando. **O hipertexto enquanto modalidade discursiva do Webjornalismo: entre promessas e limitações**. 2005. Trabalho apresentado ao XXVIII Congresso Brasileiro de Ciência da Comunicação, Rio de Janeiro, 2005.

_____. **O Webjornalismo enquanto bem de experiência: do receptor ao leitor participante**. 2007. Trabalho apresentado ao IX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação da Região Nordeste, Salvador, 2007.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. As relações de gênero nos estudos de recepção: notas sobre metodologias de pesquisa e suas repercussões teóricas. In: BARBALHO Alexandre; PAIVA, Raquel (Orgs). **Comunicação e cultura das minorias**. São Paulo: Paulus, 2005

FELIPPI, Ângela Cristina Trevisan. **Jornalismo e identidade cultural: construção da identidade gaúcha em Zero Hora**. Porto Alegre: PUCRS, 2006. 178 p. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

FERRAZ, Maria Cristina Franco. **Cérebro, memória e esquecimento na era das teclas save/delete**. Trabalho apresentado ao XVII Encontro da Compós, São Paulo, 2008.

FIDALGO, António. **Sintaxe e semântica das notícias on-line: para um jornalismo assente em base de dados**. Trabalho apresentado ao XII Encontro da COMPÓS, Recife, 2003.

FONSECA, Virgínia; LINDEMANN, Cristiane. Webjornalismo participativo: repensando algumas questões técnicas e teóricas. **Revista Famecos**, Porto Alegre, v.3, n.34, p. 86-94, dez. 2007.

FRANCISCATO, Carlos Eduardo. 2000. **A atualidade no jornalismo**. Trabalho apresentado ao X Encontro da COMPÓS, Porto Alegre, 2000.

_____. **O jornalismo e a reformulação da experiência do tempo nas sociedades ocidentais**. 2004. Trabalho apresentado ao XIII Encontro da Compós, São Bernardo do Campo, 2004

_____. **A participação dos leitores na construção de experiências temporais no jornalismo online**. 2007. Trabalho apresentado VII Encontro dos Núcleos de Pesquisa em Comunicação – Intercom, Santos, 2007.

GILLMOR, Dan. **Nós, os media**. Tradução de Saul Barata. Lisboa: Presença, 2005. 269 p.

GIRARDI JÚNIOR, Liráucio. Teoria das mediações e estudos culturais: convergências e perspectivas. **Revista Líbero**, São Paulo, v.12, n.23, p.117-127, jun 2009.

GOMES, Itânia. Os estudos de recepção. In: _____. **Efeito e recepção**. Rio de Janeiro: E-papers, 2005, p.171-220.

GOUVEIA, Ivana dos Santos. **Tecnologia de Comunicação em Comunidades de Baixa Renda. Rio de Janeiro: UFRJ, 2004**. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.

HALL, Stuart. Codificação/Decodificação. In: _____. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

JACKS, Nilda; CAPPARELLI, Sérgio. Etnografia, mídia e cotidiano: eixo sincrônico. In: JACKS, Nilda; CAPPARELLI, Sérgio (Orgs.). **TV, família e identidade**: Porto Alegre “Fim de Século”. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.

JACKS, Nilda; ESCOSTEGUY, Ana Carolina. **Comunicação e recepção**. São Paulo: Hacker Editores, 2005.

JACKS, Nilda; MENEZES, Daiane; PIEDRAS, Elisa. **Meios e audiências: a emergência dos estudos de recepção no Brasil**. Porto Alegre: Sulina, 2008

JACKS, Nilda; MORAGINSKI, Adriana; KNEWITZ, Anna Paula; SCHIMITZ, Daniela; SILVA, Lourdes; AQUINO, Maria Clara; PIENIZ, Mônica. Pesquisa de Recepção: empírica por natureza. In: LOPES, Maria Immacolata Vassalo de; MARTINO, Luiz Cláudio; BRAGA, José Luiz (Orgs.). **Pesquisa Empírica em Comunicação**. São Paulo: Paulus, 2010, p. 161-181.

LANGDON, Esther Jean. Rito como conceito chave para a compreensão de processos sociais. **Revista Antropologia em Primeira Mão**, Florianópolis, p.5-10, 2007.

LANDOW, George P. **Hipertexto**: La convergencia de la teoria crítica contemporánea y la tecnologia. Tradução de Patrick Ducher. Barcelona: Ediciones Paidós Ibérica, 1995. 284 p.

LARANJEIRA, Álvaro Nunes; QUADROS, Cláudia Irene de. **Assim caminha o jornalismo o século XXI: do digital ao neo-analógico**. Trabalho apresentado ao XVI Encontro da Compós, Curitiba, 2007

LARSEN, Bent Steeg; TUFTE, Thomas. Há um ritual em curso? Explorando os usos sociais dos *media*. **Revista Textos de Cultura e Comunicação**, Salvador, n. 42, p. 61-79, 2000.

LEMOS, André. **Cibercultura, tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. 3 ed. Porto Alegre: Sulina, 2007. 295 p.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. 2. ed. São Paulo: Ed. 34, 2000. 260 p.

- LINDEMANN, Cristiane. **A potencialização da interação no webjornalismo participativo: um modelo comunicacional democrático?** 2007. Trabalho apresentado ao XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Santos, 2007.
- MALLMANN, Andréia Denise. **O fluxo das informações jornalísticas no tempo-espaço das mídias digitais/online.** Porto Alegre: PUCRS, 2005. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. *De los medios a las practicas.* In: OROZCO, Guillermo (Org.) **La comunicación desde las practicas sociales:** reflexiones en torna a su investigación. Lomas de Santa Fé: Universidad Iberoamericana. 1990. P. 9-17
- _____. América Latina e os anos recentes: o estudo da recepção em comunicação social. In SOUSA, Mauro Wilton (Org.). **Sujeito, o lado oculto do receptor.** São Paulo: Brasiliense, 1995. P. 39-68.
- _____. **Dos meios às mediações:** comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.
- _____. Uma agenda para a mudança de século. In:_____. **Ofício de cartógrafo:** travessias latino-americanas da comunicação na cultura. São Paulo: Edições Loyola, 2004. P. 257-303.
- _____. Tecnicidades, identidades, alteridades: mudanças e opacidades da comunicação no novo século. In: MORAES, Dênis (Org.). **Sociedade midiaticizada.** Rio de Janeiro: Mauad, 2006. P. 51- 79.
- _____. *Pistas para entre-ver medios y mediaciones.* **Revista Anthropos**, n. 219, p. 43-48, abr./jun. 2008.
- _____. As formas mestiças das mídias. **Revista Pesquisa Fapesq**, São Paulo, n. 163, set. 2009. Entrevista concedida a Mariluce Moura.
- MARTINS, Francisco Menezes. Cyberspace e os sujeitos da interatividade. **E-Compós**, v. 9, n.2, p. 1-7, ago. 2007.
- MATHEUS, Letícia Cantarela. **Mediações jornalísticas do tempo: narrativas, periodicidade e produção e sentido histórico.** 2009. Trabalho apresentado ao XVIII Encontro da Compós, Belo Horizonte, 2009.
- MIELNICZUK, Luciana. **Interatividade no jornalismo online: o caso do Net Estado.** Porto Alegre: UFRGS, 1998. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1998.
- _____. Interatividade como dispositivo do jornalismo online. In: GOMES, Itânia; MIELNICZUK, Lucian. **Temas em Comunicação e Cultura Contemporâneas II.** Salvador: Facom/UFBA, 2000.
- _____. **Características e implicações do jornalismo na web.** 2001. Trabalho apresentado ao II Congresso da SOPCOM, Lisboa, 2001.

____. **A Pirâmide invertida na época do webjornalismo: tema para debate.** 2002. Trabalho apresentado ao XXV Congresso Brasileiro em Ciência da Comunicação, Salvador, 2002.

____. **Sistematizando alguns conhecimentos sobre jornalismo na web.** 2003. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/gtjornalismocompos/doc2003/mielniczuk2003.doc>>. Acesso em 10 jan.2009.

MIELNICZUK, Luciana; PALACIOS, Marcos. **Considerações para um estudo sobre o formato da notícia na web: o link como elemento paratextual.** 2001. Trabalho apresentado ao XI Encontro da Compós, Brasília, 2001.

MOHERDAUI, Luciana. **O usuário de notícias no jornalismo digital: um estudo sobre a função do sujeito no *Último Segundo* e no *A Tarde Online*.** Salvador: UFBA, 2005. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2005.

MORAES, Denis. A tirania do fugaz: mercantilização cultural e saturação midiática. In: _____. **Sociedade midiaticizada.** Rio de Janeiro: Mauad, 2006. P. 33- 49.

MORAES, Heloisa Juncklaus Preis. **A descoberta e a vivência do virtual por crianças de baixa renda: a esperança da comunicação.** Porto Alegre: PUCRS, 2004. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

MOURA, Catarina. **O jornalismo na era Slashdot.** 2002. Disponível em <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/texto.php3?html2=moura-catarina-jornalismo-slashdot.html>>. Acesso em 10 jan.2009.

NATANSOHN, Graciela. O que há e o que falta nos estudos sobre recepção e leitura na Web? **E-compós**, v.10, n.3, p. 1-16, dez. 2007.

NUNES, Maíra Fernandes Martins. **Tempo e linguagem no webjornalismo** Niterói: UFF, 2005. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Imagem e Informação, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2005.

OROZCO, Guillermo. *De las mediaciones a los medios: contribuciones de la obra de Martín-Barbero al estudio de los medios y sus procesos de recepción.* In: TOSCANO, Maria Cristina; REGUILLO, Rossana. **Mapas Nocturnos: Diálogos con la obra de Jesús Martín-Barbero.** Santa Fé de Bogotá: Siglo del Hombre Editores, 1998.

____. *Paradigmas de producción de conocimientos.* In: _____. **La investigación en comunicación desde la perspectiva cualitativa.** Guadalajara: Instituto Mexicano para el Desarrollo Comunitario, 2000. P.27-50.

____. Comunicação social e mudança tecnológica: um cenário de múltiplos desordenamentos. In: MORAES, Denis (Org). **Sociedade midiaticizada.** Rio de Janeiro: Mauad, 2006. P. 33- 49.

____. *La “mediación” de J. Martín Barbero.* **Revista Anthropos**, n. 219, p. 136-138, abr./jun. 2008.

ORTIZ, Renato. *Caminos de la mediación.* **Revista Anthropos**, n. 219, p. 132-136, abr./jun. 2008.

PALACIOS, Marcos. **Jornalismo online, informação e memória: apontamentos para debate**. 2002. Disponível em : <http://www.facom.ufba.br/jol/pdf/2002_palacios_informacaomemoria.pdf>. Acesso em 10 jan.2009

PALACIOS, Marcos. Ruptura, continuidade e potencialização no jornalismo *on-line*: o lugar da memória. In: PALACIOS, Marcos, MACHADO, Elias (Orgs.); **Modelos de jornalismo digital**. Salvador: Calandra, 2003.

PALACIOS, Marcos; MIELNICZUK, Luciana; BARBOSA, Suzana, RIBAS, Beatriz; NARITA, Sandra. **Um mapeamento de características e tendências no jornalismo online brasileiro**. 2002. Trabalho apresentado ao Redecom, Salvador, 2002.

PATIAS, Jaime Carlos. **O sagrado e o profano: do rito religioso ao espetáculo midiático**. 2007. Trabalho apresentado ao II Seminário Comunicação na Sociedade do Espetáculo, São Paulo, 2007.

PICCININ, Fabiana. **Acontecimentos na televisão: rituais da pós-modernidade**. 2006. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/piccinin-fabiana-acontecimentos-na-televisao.pdf>>. Acesso em: 20 nov. 2009.

PRADO, Ana Lúcia; BRITO, Rosaly Seixas. **A vez dos donos da voz (?): reflexões acerca do jornalismo on-line**. [s.d.]. Disponível em: <<http://www.ufba.br/decom/rosaly.pdf>>. Acesso em 10.01.2009.

PRESS, Andrea; LIVINGSTONE, Sonia. *Taking Audiences Research into the Age of New Media: Old Problems and New Challenges*. In: WHITE, Mini; SCHWOCH, James. **Questions of Method in Cultural Studies**. Blackwell Publishing, 2006. P. 175-200.

PRIMO, Alex. Interação mútua e interação reativa: uma proposta de estudo. **Revista Famecos**, Porto Alegre, v.2, n.12, p. 81-92, jun. 2000.

_____. Quão interativo é o hipertexto? Da interface potencial à escrita coletiva. **Fronteiras: Estudos Midiáticos**, São Leopoldo, v. 5, n. 2, p. 125-142, 2003.

_____. A terceira geração a hipertextualidade: cooperação e conflito na escrita coletiva e hipertexto com links multidirecionais. **Líbero**, v. IX, n.17, p. 83-93, jun 2006.

_____. O aspecto relacional das interações na Web 2.0. **E-Compós**, v. 9, n.2, p. 1-21, ago. 2007.

PRIMO, Alex; RECUERO, Raquel. Hipertexto cooperativo: uma análise da escrita coletiva a partir dos *blogs* e da Wikipédia. **Revista Famecos**, Porto Alegre, v.3, n.22, p.54-65, dez. 2003.

PRIMO, Alex; TRÄSEL, Marcelo. Webjornalismo participativo e a produção aberta de notícias. **Contracampo**, v. 14, p.37-56, 2006.

QUADROS, Cláudia Irene de. **A participação do público no webjornalismo**. **E-Compós**, v. 4, p.1-17, dez. 2005.

RAMOS, Daniela Osvald. **Astrologia on-line**: Um estudo da mediação tecnológica. São Paulo: USP, 2002. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, 2002.

RIBAS, Beatriz. **Infografia Multimídia**: Um modelo narrativo para o webjornalismo. 2004. Trabalho apresentado ao V Congresso Iberoamericano de Periodismo em Internet, Salvador, 2004.

RIBEIRO, Ana Elisa. Texto e leitura hipertextual: novos produtos, velhos processos. **Linguagem & Ensino**, Pelotas, v.9, n.2, p.15-32, jul/dez. 2006a.

_____. **Leituras sobre hipertexto**: Trilhas para o pesquisador. Trabalho apresentado ao XI Simpósio Nacional de Letras e Linguística, Uberlândia, 2006b.

ROCHA, Eliane Cristina de Freitas Rocha. **Caminhos da aprendizagem via Internet**: um estudo dos percursos realizados por estudantes adolescentes de contagem no ciberespaço. Belo Horizonte: UFMG, 2003. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2003.

ROSA, Ana Paula da. **Quando a mídia não deixa esquecer**. Trabalho apresentado ao 5º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, Sergipe, 2007.

ROSINI, Veneza Veloso M.; SANTI, Vilso Junior Chierentin. Uma aproximação entre pedagogia crítica da mídia e a teoria das mediações. **Alceu**, Rio de Janeiro, v. 8, n.16, p.52-69, jan./jun. 2008.

RÜDIGER, Francisco Ricardo. **Introdução às teorias da cibercultura**: perspectiva do pensamento tecnológico contemporâneo. 2 ed. Porto Alegre: Sulina, 2007. 198 p.

SAAD CORRÊA, E. Linguagens da informação digital: reflexões conceituais e uma proposta de sistematização. In: José Marques de Melo. (Org.). **Anuário Internacional de Comunicação Lusofona 2004/Lusocom**, São Paulo: Intercom, 2005.

SANTAELLA, Lúcia. **Culturas e artes do pós-humano**: a cultura das mídias à cibercultura. São Paulo: Paulus, 2003. 357 p.

_____. **Linguagens Líquidas na Era da Mobilidade**. São Paulo: Paulus, 2007a. 468 p.

_____. **Navegar no ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo**. São Paulo: Paulus, 2007b. 191 p.

_____. Mídias locativas: a internet móvel de lugares e coisas. **Revista Famecos**, Porto Alegre, v.1, n.35, p. 95-101, abr. 2008.

SARLO, Beatriz. Transformaciones. In:____. **Tiempo presente**: notas sobre el cambio de una cultura. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2001.

SCHIMITT, Valdenise; OLIVEIRA, Leonardo Gomes de e FIALHO, Francisco Antonio Pereira. Jornalismo 2.0: a cultura da colaboração. **E-compós**, v.11, n.3, p 1-18, set./dez. 2008.

SCHWINGEL, Carla. **Jornalismo digital de quarta geração**: a emergência de sistemas automatizados para o processo de produção industrial no Jornalismo Digital. 2005. Trabalho apresentado ao XIV Encontro da Compós, Niterói, 2005.

____. **Publicações generalistas x ciberjornalísticas:** a livre publicação de conteúdos e o processo de produção ciberjornalístico. 2008. Trabalho apresentado ao II Simpósio Nacional da ABCiber, São Paulo, 2008.

SCOSS, Daniela Moraes. **Navegar é preciso: pesquisa de recepção virtual através do estudo de caso do Portal Malhação.** São Paulo: USP, 2003. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, 2003.

SEGALEN, Martine. **Ritos e rituais contemporâneos.** Tradução Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002.

SILVA, Marco. **Sala de aula interativa.** Rio de Janeiro: Quartet, 2000. Capítulo 2: p.84-162.

SILVA, Sivaldo Pereira da. **Configurações empíricas da pesquisa em comunicação e cibercultura: trajetória, modelos e vetores metodológicos.** 2007. Trabalho apresentado ao XVI Encontro da Compós, Curitiba, 2007.

SILVA JR, José Afonso. **A relação das interfaces enquanto mediadoras de conteúdo do jornalismo contemporâneo: agências de notícias como estudo de caso.** 2002. Trabalho apresentado ao XI Encontro da Compós, Rio de Janeiro, 2002

SODRÉ, Muniz. **Antropológica do espelho: uma teoria da comunicação linear e em rede.** 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2006. 268 p.

SOSTER, Demétrio de Azeredo. A relação entre velocidade e precisão em webjornalismo. **Em Questão**, Porto Alegre, v.9, n.2, p.353-363, jul./dez. 2003.

SOSTER, Demétrio de Azevedo; MACHADO, Marcia Benetti. **A velocidade e a precisão em tempos de webjornalismo.** Trabalho apresentado ao XII Encontro da Compós, Recife, 2003.

SOUSA, Mauro Wilton. Recepção e comunicação: a busca do sujeito. In SOUSA, Mauro Wilton (Org.). **Sujeito, o lado oculto do receptor.** São Paulo: Brasiliense, 1995. P. 13-38.

STOCKINGER, Gottfried. Caminhos da Comunicação Contemporânea. **E-compós**, v.1, p.1-17, dez. 2004.

SUNKEL, Guillermo. La prensa sensacionalista y lo popular. In:____. **La prensa sensacionalista y los sectores populares.** Bogotá: Grupo Editorial Norma, 2002. P.53-96

TERRIN, Aldo Natale. **O rito: antropologia e fenomenologia da ritualidade.** Tradução de José Maria de Almeida. São Paulo: Paulus, 2004.

TOLDO, Cláudio José; GONÇALVES, Leila Laís. **Webjornalismo hipermidiático na web 2.0- o uso de ferramentas gratuitas para noticiar.** 2008. Trabalho apresentado ao II Simpósio Nacional da ABCiber, São Paulo, 2008.

TRÄSEL, Marcelo. **A pluralização no webjornalismo participativo: uma análise das intervenções no Wikinews e no Kuro5hin.** Porto Alegre: UFRGS, 2007. Dissertação

(Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

TUFTE, Thomas. *Ethnic minority danes between diaspora and locality: social uses of mobile fones and Internet*. In: GITTE, Stald; TUFTE, Thomas (Orgs.). **Global Encouters: media and cultural transformation**. Luton:University of Luton press. 2002. P. 235-261.

TUFTE, Thomas; JACKS, Nilda. *Local lives, global media, multiple identities: gaúcho lives between chimarrão and cable television*. In: **Anuário UNESCO/UMESP de comunicação regional**. 1998. P. 47-68

TURNER, Victor W. **O processo ritual: estrutura e anti-estrutura**. Tradução de Nancy Campi de Castro. Petrópolis: Vozes, 1974.

VENTURA, Mauro de Souza. **Hipertexto e webjornalismo: implicações da textualidade digital no fazer jornalístico**. 2007. Trabalho apresentado ao XXVIII Congresso Brasileiro de Ciência da Comunicação, Santos, 2007.

VILELA, Rosário Sánchez. Técnica, método e teoria. A entrevista em profundidade na investigação da recepção. In JACKS, Nilda; PIEDRAS, Elisa Reinhardt; VILELA, Rosário Sánchez (Orgs.). **O que sabemos sobre audiências?** Estudos latino-americanos. Porto Alegre: Ed.Armazém Digital, 2006. P. 44-59.

VILHENA, M. A. **Ritos: expressões e propriedades**. São Paulo: Paulinas, 2005. Capítulo I.

WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação**. 7ed. Lisboa: Editora Presença, 2002.

WOLTON, Dominique. **Internet, e depois?** Uma teoria crítica das novas mídias. Tradução de Isabel Crossetti. Porto Alegre: Sulina, 2003. 232 p.

_____. **Pensar a comunicação**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2004. 544

WOTTRICH, Laura Hastenpflug; SILVA, Renata Córdova da; RONSINI, Veneza V. Mayora. **A perspectiva das mediações de Jesús Martín-Barbero no estudo da recepção de telenovela**. 2009. Trabalho apresentado ao XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Curitiba, 2009.